

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



**ÉTICA E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO:
UM ESTUDO DE CASO**

Maria Isabel Lacerda

**Mestrado em Educação e Formação
Especialização em Desenvolvimento Social e Cultural**

Dissertação orientada pela Professora Doutora Ana Paula Caetano

2020

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



**ÉTICA E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO:
UM ESTUDO DE CASO**

Maria Isabel Lacerda

Dissertação orientada pela Professora Doutora Ana Paula Caetano,
especialmente elaborada para obtenção do grau de Mestre em Educação e
Formação com especialização em Desenvolvimento Social e Cultural

2020

Este estudo é dedicado à Margarida Alvim
e a todas as pessoas que continuam a dar vida à Associação Casa Velha.

*“não tenhas, pois, um só modo de ver:
nem só o que dizes está certo, e o resto não”*

Sófocles, *Antígona*

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	ix
Resumo	x
Abstract.....	xi
Índice de Tabelas	xii
Índice de Figuras	xiii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – O DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO COMO LUGAR DE REFLEXÃO ÉTICA	10
1.1. Algumas correntes da ética ocidental contemporânea	12
1.1.1. Contributos da ética das virtudes	14
1.1.2. A ética da responsabilidade.....	18
1.1.3. A ética do cuidado.....	21
1.1.4. Contributos da ecologia integral	23
1.1.5. Contributos da reflexão ética à luz da complexidade.....	27
1.2. O desenvolvimento comunitário à luz dos desafios contemporâneos.....	28
1.2.1. Desenvolvimento comunitário e intervenção comunitária: encontros e divergências	30
1.2.2. O papel da educação e formação nos desafios que a sustentabilidade traz ao desenvolvimento comunitário.....	33
CAPÍTULO 2 – CONSTRUÇÃO DO PERCURSO INVESTIGATIVO: CONTEXTO, OBJETIVOS E PROCESSOS DE INVESTIGAÇÃO	39
2.1. Associação Casa Velha – Ecologia e Espiritualidade	40
2.1.1. Projeto Aterra.....	42
2.2. Objetivos do Estudo.....	46

2.3. Opções metodológicas e estratégias adotadas	47
2.3.1. Entrevistas.....	49
2.3.2. Análise documental.....	50
2.3.3. Registos autobiográficos.....	51
2.3.4. Notas de campo.....	51
2.4. Sessões dialógicas de reflexão ética: o contributo dos círculos de leitura de Paulo Freire	52
2.4.1. Construção das sessões dialógicas de reflexão ética.....	53
2.5. Principais dificuldades e desafios ao longo do processo de investigação	56
2.6. Questões éticas e de credibilidade do estudo	56
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS	58
3.1. Processos de análise e interpretação de dados	59
3.2. Dimensões éticas do projeto Aterra: a interação entre valores, dilemas e processos de tomada de decisão ao longo do projeto	61
3.2.1. Valores em (re)encontro	63
3.2.2. Tensões éticas e a necessidade de acompanhamento da comunidade	71
3.2.3. Processos de tomada de decisão: valorização da reflexão ética	73
3.3. Transformações pessoais e comunitárias: valores, processos e frustrações .	76
3.3.1. A valorização da relação entre dimensão pessoal, comunitária e global e sua influência na mudança de estilos de vida.....	77
3.3.2. Processos de transformação comunitária: da promoção do encontro à participação ativa	82
3.3.3. Atravessar as frustrações num projeto de desenvolvimento comunitário: desafios para a continuidade do projeto.....	87
3.4. Análise do processo de reflexão ética ao longo das sessões dialógicas: um percurso coletivo	94
3.4.1. Primeira sessão dialógica: Memórias d’Aterra	96

3.4.2. Segunda sessão dialógica: Aterra que (nos) transforma	101
3.4.3. Terceira sessão dialógica: Dificuldades e desafios dentro d’Aterra	105
3.4.4. Quarta sessão dialógica: Aterra fala hoje de ecologia integral	108
CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
4.2. O papel das práticas artísticas na reflexão sobre o desenvolvimento comunitário.....	116
4.3. Limitações e continuidade do estudo	117
4.4. Perspetivas e linhas de investigação no horizonte.....	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120
ANEXOS	127
ANEXO 1 - GUIÃO DE ENTREVISTA.....	134
ANEXO 2 - ANÁLISE DE DOCUMENTOS.....	136
ANEXO 3 – ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	148
ANEXO 4 – NOTA DE CAMPO 1	204
ANEXO 5 - NOTA DE CAMPO 2	214
ANEXO 6 - NOTA DE CAMPO 3	218
ANEXO 7 - NOTA DE CAMPO 4	223
ANEXO 8 – Transcrição da Primeira Sessão Dialógica de Reflexão Ética Memórias d’Aterra.....	228
ANEXO 9 – Transcrição da Segunda Sessão Dialógica de Reflexão Ética “Aterra que (nos) transforma”.....	241
ANEXO 10 – Transcrição da Terceira Sessão Dialógica de Reflexão Ética “Dentro d’Aterra”	245
ANEXO 11 –Transcrição da Quarta Sessão Dialógica de Reflexão Ética “Aterra fala hoje de Ecologia Integral”	251

ANEXO 12 – Registos Autobiográficos	2677
ANEXO 13 – Excerto de Entrevista	273
ANEXO 14 - Quadro de análise das propostas de transformação em diferentes áreas do desenvolvimento comunitário.....	275

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer ao Instituto de Educação, que tem sido uma casa, onde tenho reencontrado o meu lugar profissional na sociedade, e na vontade de contribuir para o Bem Comum.

Agradeço às Professoras Isabel Freire e Paula Guimarães por me animarem a aliar a investigação à vida e, em especial à Professora Ana Paula que me acompanhou na (re)construção constante deste projeto e estudo, com um rigor, humanismo e amizade, que me ajudaram a crescer e a desejar ser melhor. Agradeço ainda aos professores Maria Teresa e Albano Estrela por me acolherem nas suas reflexões e conversas. Que o futuro continue a abrir portas e pontes de encontro.

Obrigado a todos os colegas com quem, em vários momentos, experimentei o que pode ser uma comunidade de investigação e de como isso é transformador do mundo académico.

Aos amigos, muito obrigado, pelas conversas que me ajudam a fazer perguntas e a pensar em conjunto, em especial ao Pedro, Elsa, Margarida, Luísa, Madalena, Laura e Sofia com quem aprendi tanto.

Agradeço também ao João Labareda por me animar a refletir e querer dar contributos construtivos à nossa sociedade, à tia Lina por me ter apresentado a Antígona, personagem que me acompanhou ao longo de toda esta reflexão e à Catarina, Luísa, Ana, Pedro e João, por me ajudarem a reler este trabalho.

Um obrigado especial aos meus irmãos, as primeiras pessoas a ensinar-me o que é viver em comunidade e aos meus avós e pais que me continuam a dar vida, ânimo e os valores éticos que me acompanham em cada tomada de decisão. Obrigada pelo exemplo e apoio incansável ao longo deste mestrado.

Um agradecimento especial ao João por estar ao meu lado, pela busca conjunta de valores que se cruzam com a vida do dia-a-dia e por acreditar comigo no valor do trabalho rigoroso com a marca do amor e da qualidade orientados para o Bem Comum.

Agradeço a Deus a certeza de me saber amada, condição sem a qual dificilmente se pode falar sobre Ética e Comunidade.

Resumo

Num mundo marcado pela aceleração dos processos, pelo relativismo dos valores e ainda pelo individualismo social, pensar a ética e o desenvolvimento de comunidades emerge como proposta regeneradora. Partimos do encontro entre algumas teorias éticas como a ética das virtudes de MacIntyre, a ética da responsabilidade de Hans Jonas, a ética do cuidado de Carol Gilligan e ainda a ética da compreensão de Edgar Morin. Com o objetivo de conhecer as dimensões e transformações com caráter ético a nível pessoal, comunitário e global, encontramos no projeto *Aterra: Políticas Globais e Estratégias Locais para o Desenvolvimento Sustentável*, um contexto propício à reflexão pretendida. Este projeto, promovido pela Associação Casa Velha, que foi cenário desta investigação, levou-nos a introduzir o conceito de Ecologia Integral, que se revelou basilar no diálogo entre ética e comunidade.

Com a intenção de compreender como são problematizadas as dimensões éticas e os processos de transformação identificados pelos participantes do Aterra, desenvolvemos um estudo de caso a partir da análise de conteúdo de entrevistas, documentos, registos autobiográficos e notas de campo. Complementarmente, analisamos o processo de reflexão, construído em conjunto com um grupo de seis participantes, ao longo de quatro sessões dialógicas de reflexão ética através de práticas artísticas. Enquadradas no âmbito da educação e formação, estas sessões têm o seu fundamento na proposta de Paulo Freire para os círculos de cultura, permitindo-nos considerar o papel transformador que a reflexão ética confere a projetos de intervenção comunitária a nível pessoal, comunitário e global. A tomada de consciência das dimensões éticas permite identificar aspetos inerentes aos projetos de intervenção comunitária, frequentemente alheios aos relatórios de avaliação.

As práticas artísticas permitem uma abordagem integrada de diferentes componentes de um projeto, por facilitarem uma linguagem simbólica. Quando desenvolvidas coletivamente promovem a reflexão ética sobre o desenvolvimento comunitário e o conseqüente aprofundamento deste.

Palavras-chave: Ética. Desenvolvimento Comunitário. Complexidade. Práticas Artísticas.

Abstract

In a world pronounced by the acceleration of processes, by the relativism of values and also by social individualism, thinking about ethics and the development of communities emerges as a regenerative proposal. We lead off from the encounter between some ethical theories such as MacIntyre's about virtues, Hans Jonas's focused on responsibility, the ethics of care by Carol Gilligan and the ethics of understanding by Edgar Morin. With the aim of knowing the dimensions and transformations with an ethical character at a personal, community and global level, we found in the *Aterra Project: Global Policies and Local Strategies for Sustainable Development*, a context conducive to the intended reflection. This project, promoted by Casa Velha Association, the background of this investigation, led us to introduce the concept of Integral Ecology, which proved to be fundamental in the dialogue between ethics and community.

With the intention of understanding how the ethical dimensions and the transformation processes identified by Aterra participants are problematized, we developed a case study based on the analysis of the content of interviews, documents, autobiographical records and field notes. In addition, we analyzed the reflection process, built together with a group of six participants, over four dialogical sessions of ethical reflection through artistic practices. Framed within the scope of education and formation, these sessions are based on Paulo Freire's proposal for cultural circles, allowing us to consider the transforming role that ethical reflection gives to community intervention projects at a personal, community and global level. The awareness of ethical dimensions allows us to identify aspects inherent to community intervention projects, often unrelated to evaluation reports.

Artistic practices also allow an integrated approach to different components of a project, as they facilitate a symbolic language. When developed collectively, they promote ethical reflection on community development and its consequent deepening.

Keywords: Ethics. Community Development. Complexity. Artistic Practices.

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Questão e objetivo de investigação	5
Tabela 2 - Valores da Associação Casa Velha	41
Tabela 3 - Questões de investigação e eixos de análise.....	47
Tabela 4 - Participantes nas Entrevistas e sessões Dialógicas de Reflexão Ética	48
Tabela 5 - Funções dos participantes entrevistados.....	49
Tabela 6 - Documentos analisados	51
Tabela 7 - Sessões Dialógicas de Reflexão Ética	54
Tabela 8 - Eixos de Análise de Conteúdo.....	59
Tabela 9 - Aspetos referentes à vivência da ecologia integral	111

Índice de Figuras

Figura 1 - Sistematização do contexto do estudo de caso	39
Figura 2 - Tecido Epitelial (Pele Humana).....	62
Figura 3 - Níveis de transformação com	62
Figura 4 - Interação entre diferentes níveis de transformação decorrentes do projeto Aterra	62
Figura 5 - Valores como dimensões éticas do projeto Aterra	63
Figura 6 - Valores do projeto Aterra	65
Figura 7 - Transformações pessoais com dimensão ética	79
Figura 8 - Processo de transformação comunitária	83
Figura 9 - Análise geral dos componentes destacados no eixo 3 do projeto Aterra.....	93
Figura 10 - Registo de memórias do Aterra	100
Figura 11 - Transformações com dimensão ética através de práticas artísticas	102

INTRODUÇÃO

A ética é um tema e uma disciplina que atravessa, desde a Antiguidade até aos nossos dias, várias áreas e dimensões do desenvolvimento pessoal e social. Levanta questões fundamentais como o sentido da vida, ocupando-se necessariamente das questões que implicam a relação com os outros. O respeito, responsabilidade e cuidado por um outro também pertencente a uma comunidade leva a considerar o papel que a ética tem, não só na forma como se concebe a comunidade, como na tomada de consciência dos seus valores e fundamentos. O pensamento sobre como proceder, como ser e agir em sociedade e em comunidade vai-nos trazendo, desde a Antiguidade, contributos para pensar a ética (Beckert, 2012).

Existe uma relação evidente entre Ética e Comunidade, uma vez que a vida comunitária, pelo facto de reunir pessoas com capacidade de relação entre si, nas suas diferentes modalidades, leva inevitavelmente ao encontro e desencontro de valores, ao confronto com dilemas e a processos de decisão coletiva. Distinta da moral, mas sem se poder demarcar de uma forte componente axiológica (Estrela & Caetano, 2012; Santos, Beckert, & Correia, 1992), a ética tem-se situado, desde a filosofia antiga, na esfera da filosofia prática (Beckert, 2012a), remetendo para a reflexão sobre a ação, seu sentido e fundamento. As correntes de ética ocidental contemporânea categorizam-se em muitas classificações, pelo que abordaremos duas das suas vertentes: a teleológica e a deontológica (Marques, 2000). A primeira é regida pela ordem estabelecida pela busca de um fim (*teleos*) e a segunda preocupa-se com as questões da norma e do dever (*déon*). É verdade que os dois modelos clássicos, teleológico e deontológico, parecem contraditórios, mas podem conciliar-se e dialogar entre si, “de modo a traduzirem a ação humana como um todo harmónico” e assim, nem a felicidade individual, horizonte da corrente aristotélica se atinge sozinha, sem considerar a existência do outro, “nem o dever para com esse outro constitui um obstáculo insuperável à minha felicidade” (Santos, Beckert, & Correia, 1992, p. 120).

Encontramos na tragédia grega de Sófocles (2018), *Antígona*, a referência ao dilema ético entre o *teleos* e o *déon*. *Antígona* está entre os quatro filhos do Rei Édipo, cuja morte deixou o trono vazio. Os dois filhos varões, Etéocles e Polinices entram em duelo, morrendo ambos e Creonte, tio de *Antígona* e de sua irmã Ismena sobe ao poder da cidade (*pólis*). O dilema ético vai-se construindo quando o novo Rei decreta que apenas Etéocles terá rituais fúnebres, proibindo, sob pena de morte, quem ousasse dar sepultura

a Polinices deixado a perecer “miseravelmente (...) [sem] que ninguém o recolhesse num sepulcro, nem o lamentasse” (Sófocles, 2018, p. 48). Antígona vê-se entre a obediência à lei imposta pelo Homem, representado na figura de Creonte, e a fidelidade aos princípios transcendentais, representados pelo laço afetivo a Polinices (Santos, Beckert, & Correia, 1992). Antígona pertence, por um lado, à comunidade (*pólis*) na qual se insere socialmente, mas pertence também à comunidade (família) que a leva a um princípio de fidelidade que não deve quebrar. Dispõe-se a perder a vida, para prestar os cuidados e rituais fúnebres ao irmão morto em duelo. O dilema alastra-se à *pólis*, personificado nas questões de Hémon, filho de Creonte e Ismena, irmã de Antígona. Esta obra pré-socrática continua a ser uma referência quando se fala em Ética e Comunidade, pelo que acompanhará também este estudo. Partimos assim da tragédia pré-socrática onde encontramos não só a dimensão da tomada de decisão tanto a nível pessoal, como a nível comunitário, pelas implicações que traz e efeitos que provoca nos restantes membros da comunidade.

Pretendemos refletir sobre as dimensões éticas que emergem num projeto de desenvolvimento comunitário e sobre a tomada de consciência das transformações pessoais e comunitárias através dessa mesma reflexão. Entendemos assim o desenvolvimento comunitário como lugar de reflexão ética coletiva. Considerando a capacidade de mobilização e de transformação endógena (Canário, 1999) das comunidades, concebemos desenvolvimento comunitário como o processo de organização de uma comunidade a partir da participação ativa e compromisso dos seus membros (Freire & Caetano, 2014). Marcado assim por interações fortes entre diferentes atores locais, o desenvolvimento comunitário é aqui entendido como lugar, no sentido de ser espaço de relações interpessoais, mas também contexto dinâmico que é transformado por essas relações e, simultaneamente, transformador das mesmas. Beneficia, por isso, de oportunidades de releitura e reflexão, onde possam confluír diferentes perspetivas e se privilegie o Bem Comum.

Considerada como instrumento relevante no contexto do desenvolvimento comunitário, a reflexão ética pode adotar diferentes processos, entre os quais, as práticas artísticas. Considerámos relevante o recurso às práticas artísticas como estratégia de reflexão individual e coletiva, para que os participantes, ao desvelarem como as questões éticas foram equacionadas ao longo do projeto, aprofundassem essa mesma reflexão ética e projetassem no futuro caminhos de desenvolvimento comunitário a prosseguir.

Como refere Roque Amaro (2005), o desenvolvimento comunitário pode necessitar de intervenção externa (exógena) que deve implicar uma atuação com o objetivo de animar e promover a capacitação dos seus membros. É neste sentido que surgem os projetos de intervenção comunitária (Freitas, 2015), muitos deles financiados e geridos por entidades externas. Consequentemente, vão surgindo questões éticas num tecido, já de si marcado por valores e princípios. Os projetos de intervenção e de desenvolvimento comunitário enquadram-se mais uma vez no problema de Antígona, entendido por Bultmann como “fundamento da *polis* (...) uma vez que a vida comunitária dos homens só ganha forma na polis, a da verdadeira fundamentação da vida comunitária dos homens” (citado por Pereira, 2018, p.32).

O interesse em provocar o diálogo entre os temas da Ética e Comunidade está fortemente relacionado com o meu percurso pessoal e profissional desenvolvido em contexto de apoio à gestão de projetos de desenvolvimento local e ainda de dinamização social, onde foram emergindo questões éticas ligadas ao financiamento, capacitação da comunidade e papel dos técnicos.

A Associação Casa Velha – Ecologia e Espiritualidade, onde sou voluntária, revelava-se um terreno propício a aprofundar o conceito e prática de reflexão ética, pelo seu carácter de envolvimento e participação comunitária, e ainda por ser uma associação profundamente enraizada em valores que promovem o desenvolvimento humano integral (Anexo 2). Sediada no concelho de Ourém e formada em 2012, a Associação Casa Velha foi parceira entre 2014 e 2016 do projeto Aterra: políticas globais e estratégias locais para o desenvolvimento sustentável. O Aterra foi o primeiro projeto financiado em que a Associação Casa Velha participou tornando-se num ponto importante no crescimento desta associação, e abriu caminho não só ao envolvimento e participação pública no desenvolvimento local, como a definir-se como lugar de encontro das pessoas consigo próprias e entre si. Um dos eixos de intervenção destinava-se ao fortalecimento das redes locais, através de desenvolvimento de atividades intergeracionais, interculturais, encontros entre atores locais, tempos de formação para jovens adultos, procurando a capacitação da sociedade civil. Relativamente aos outros dois eixos, um ocupava-se da ligação entre pequenos agricultores entre si e com os decisores políticos e o outro da sensibilização de alunos e professores em contexto escolar para os valores da sustentabilidade. Apesar de todos os eixos se articularem entre si e não ser possível definir claramente os seus limites de ação, pareceu-nos interessante circunscrever a nossa análise

ao eixo de fortalecimento das redes locais, pelo carácter marcadamente comunitário que apresenta.

Não podíamos deixar de destacar aqui o papel da educação e formação em contexto de desenvolvimento comunitário, por considerarmos, tal como Mónica Mesquita o faz, que a educação que tem por base a pedagogia de Paulo Freire acontece em todos os espaços de desenvolvimento humano e “enraíza a sua prática na construção de uma consciência política capaz de lutar contra a cultura do silêncio” (Mesquita, 2014, p. 24). A relação entre consciência ética e política, assente na história da humanidade desde a Antiguidade Clássica, remete neste estudo para a conscientização e capacidade crítica da realidade (Freire, 2018). Do encontro entre reflexão ética e consciência política, emerge a cidadania ativa e comprometida, pelo que optámos por aprofundar as dimensões éticas, considerando-as sempre em relação com a capacidade de transformação social que evocam. Como nos adverte Caetano (2016), “a reflexão ética é também uma reflexão política (...) da qual emerge uma consciência individual e coletiva”¹ (p. 48). Neste sentido, consideramos que todas as ações com intenção formativa e educativa capacitam a voz e a participação dos seus intervenientes.

A intenção de problematizar para desafiar e provocar uma disrupção na forma de pensar, no sentido positivo de promover um questionamento rigoroso, foi ganhando os contornos de uma busca pelo conhecimento do contexto do desenvolvimento comunitário. Fui confirmando, quer pelas conversas com outros investigadores, quer pelo diálogo entre autores e pelas entrevistas e encontros com participantes de projetos de intervenção comunitária que é necessária uma aproximação à realidade local, destacando as suas dimensões éticas.

A questão de partida foi-se centrando progressivamente na interrogação que se manteve ao longo de todo o processo de construção deste estudo, de onde emergiu o objetivo de investigação, como apresentado na tabela 1.

¹ “la reflexión ética es también una reflexión política (...) de la cual emerge una conciencia individual y colectiva” (Caetano, 2016, p. 48)

Tabela 1 - Questão e objetivo de investigação

Questão de Partida	Que reflexões sobre questões éticas e sobre processos de transformação com dimensão ética emergem nos discursos retrospectivos e prospectivos dos participantes do projeto Aterra?
Objetivo de investigação	Compreender como são problematizadas as dimensões éticas identificadas no projeto de desenvolvimento comunitário, Aterra.

O projeto Aterra pode-se enquadrar teoricamente em algumas correntes éticas contemporâneas como a ética das virtudes, a ética da responsabilidade, a ética do cuidado e a ética da compreensão, concetualizadas por autores como MacIntyre (2011), Hans Jonas (1994), Carol Gilligan (1997) e Edgar Morin (1990). Os valores que preconizava fundem-se com os valores que ainda hoje são tidos como referência na Associação Casa Velha. O reconhecimento de um processo que valoriza a participação da sociedade civil e sua capacidade de influência política e transformação social. Tal como os valores e virtudes que acompanham a trama de Antígona provocam situações de tensão ética e dilemática, a capacidade de pensar sobre a ação permite decisões conscientes a nível pessoal. Como fazê-lo a nível comunitário? Esta abordagem interrogativa revelou-se uma mais-valia para compreender os valores em contexto comunitário.

A ética das virtudes, desde Aristóteles (2004) a MacIntyre (1998) é uma proposta de pensamento que, para além da busca da excelência (*mesoté*) para atingir a felicidade (*eudemonia*), apresenta a comunidade como lugar de desenvolvimento de virtudes e, conseqüentemente de trilha para a vida boa. O percurso de recolha de dados levou-nos a encontrar nestas teorias pontos de apoio para a fundamentação das atividades desenvolvidas ao longo do projeto Aterra, assim como as propostas vigentes da Associação Casa Velha.

Propomos a entrada de Hans Jonas (1984; 1994; 2000) neste diálogo, pelo seu empenho na responsabilidade perante as gerações futuras e o planeta como um todo, com todos os seus seres e componentes. Entendida sob a designação de sustentabilidade, um dos valores mais promovidos pelo projeto Aterra, a responsabilidade atravessa a vida da Associação Casa Velha, hoje mais próxima da forma como entendemos a Ecologia Integral. No entanto, não poderíamos deixar de considerar autores que se têm dedicado a

pensar a ética do cuidado, centrada na preocupação com os outros, como é o caso de Carol Gilligan (1987; 1997).

Também Edgar Morin (1983; 2005) nos ajuda a compreender as várias dimensões do pensamento ético a partir do paradigma da complexidade e da compreensão, pela sua proposta de uma abordagem inclusiva dos fenómenos. A ecologia integral (Boff, 1996), foi-se salientando neste diálogo entre ética e comunidade pela sua articulação com os valores de sustentabilidade, comunidade, responsabilidade e cuidado.

O estudo de caso foi a metodologia escolhida para traçar as diretrizes da pesquisa, pois permitia a compreensão do contexto de forma abrangente (Amado, 2004), num processo participativo orientado pela busca comprometida de significado e desejo de transformação social. Rapidamente reencontrei na Associação Casa Velha, mais do que um cenário, o protagonista à medida deste estudo, pelo valor que é dado ao processo como metodologia de intervenção comunitária. Já mantenho relação com esta Associação através de voluntariado há cerca de dez anos, pelo que tenho acompanhado o seu crescimento na consolidação da missão e estratégia de atuar, entre muitas áreas, também na que interessa a este estudo: o desenvolvimento local sustentável. A possibilidade que encontrei aqui de uma investigação centrada no cruzamento de algumas das minhas áreas de interesse (filosofia, ética, educação e psicologia social) com uma realidade que convidava a ser compreendida (projetos de desenvolvimento da Associação Casa Velha) exigiu um constante diálogo entre estas diferentes áreas do conhecimento com o fenómeno a estudar, procurando sempre um posicionamento rigoroso, imparcial e ajustado durante a investigação (Yin, 2001).

Tal como refere Rui Canário (1999) a investigação em Ciências da Educação é sempre uma plataforma de interação entre várias disciplinas e, nisso, este estudo também encontra sentido pelo contributo que aqui se encontra de áreas distintas como a Filosofia e Ética, a Psicologia Social e Comunitária, a Antropologia, Sociologia e Ciências da Educação.

Para a metodologia escolhida recolhemos dados através de 5 entrevistas a participantes do projeto Aterra, 5 registos autobiográficos, análise documental e da dinamização de 4 sessões dialógicas de reflexão ética. A quantidade de informação recolhida exigiu uma leitura abrangente do objeto em estudo, assim como uma análise integrada no paradigma da complexidade.

Situado no quadro metodológico interpretativo-fenomenológico (Amado, 2004) o estudo de caso que aqui se apresenta conta com três partes que se complementam entre si, tal como encontramos na investigação de Macedo (2018): discussão teórica, análise e interpretação de dados e implementação de propostas de reflexão ética com um grupo de seis participantes do projeto Aterra ao longo de 4 sessões. Estes encontros beberam muito das propostas de Paulo Freire (1978) nos círculos de cultura, pelo que se deu o nome de sessões dialógicas, uma vez que não se centraram na alfabetização crítica, mas num diálogo construtivo com o objetivo de maior consciencialização e análise crítica da realidade.

Quando Edgar Morin (1983) aborda o conceito de complexidade recorre ao seu sentido etimológico, recordando que a palavra “complexus”, de origem latina, se refere a tecido. Inicialmente a imagem de um tecido que reúne diferentes linhas e redes inspirou a forma de abordar este estudo. Ao longo da investigação e da reflexão cada vez mais aprofundada sobre o modo como olhar a realidade da comunidade e seu desenvolvimento, foi o conceito de tecido orgânico aquele que parece adequar-se melhor à forma como se propõe aqui não só abordar, mas adentrar nas dinâmicas comunitárias à luz da ética. Um tecido orgânico, como é o caso da pele, é constituído por diferentes camadas e muitos elementos, onde cada um, na sua especificidade, dialoga e colabora com os restantes. São também diferentes as camadas e os níveis de reflexão que se pretende apresentar neste trabalho, identificando elementos presentes em todos eles com características específicas e influentes sobre os restantes. O paradigma da complexidade permite assim uma abordagem holística da realidade, mas traz consigo exigências metodológicas rigorosas. O pensamento complexo abre uma perspectiva “transdisciplinar integradora, caracterizada por um conjunto de pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos próprios”, cujas fronteiras conceptuais levam a considerar o conhecimento “como uma construção dialógica e recursiva, no seio de um ecossistema” (Caetano, 2007, p. 68).

Assim como Paulo Freire (1978) utiliza os círculos de cultura como forma de garantir que todos tenham voz e lugar, em igual oportunidade de participação, a partir da sua condição presente e com vista à construção de um futuro justo para todos, também os próximos capítulos têm a intenção de dispor perspectivas e abordagens diferentes num círculo de diálogo e interação que leve cada leitor a sentir-se também participante e capacitado para pensar criticamente as questões abordadas.

O primeiro capítulo é dedicado ao enquadramento teórico, onde tentaremos delinear os conceitos-chave deste estudo, relacionando-os com o contexto pretendido.

Entendendo o desenvolvimento comunitário como lugar propício à reflexão ética, começamos por apresentar, de forma breve, num primeiro ponto, quatro correntes da ética ocidental contemporânea que contribuem para o quadro teórico que orienta não só os valores e princípios desenvolvidos ao longo do projeto Aterra, como da Associação Casa Velha. Partimos da ética das virtudes de MacIntyre, passando pelas éticas da responsabilidade de Hans Jonas e do cuidado de Carol Gilligan, convergindo numa reflexão que integra estes diferentes contributos num panorama complexo de aprofundamento e encontro da Ecologia Integral com a ética de Edgar Morin. Trazemos depois, num segundo ponto, a ética para o contexto do desenvolvimento comunitário, começando por distinguir e identificar desenvolvimento e intervenção comunitária, o papel da educação e formação perante os desafios atuais que a sustentabilidade traz e ainda as questões éticas emergentes em projetos de intervenção comunitária.

O segundo capítulo é um espaço de transição entre a teoria e a investigação realizada, onde se apresenta a Associação Casa Velha, o projeto Aterra e o eixo de fortalecimento das redes locais, assim como as opções metodológicas, instrumentos de recolha de dados, processo de investigação, principais dificuldades com que nos deparamos e questões éticas e de credibilidade deste estudo.

O terceiro capítulo, recebendo os aportes teóricos dos anteriores, dedica-se à análise e interpretação de dados em torno dos três eixos definidos. Este capítulo divide-se em duas partes consoante a metodologia utilizada. Numa primeira fase é feita a interpretação de dados através da análise de conteúdo com base nos documentos, entrevistas, registos autobiográficos e notas de campo das sessões dialógicas de reflexão ética. Numa segunda fase estas sessões são apresentadas individualmente, centrando-nos no processo de reflexão através de práticas artísticas.

No quarto e último capítulo é feita uma reflexão alargada onde consideramos a pertinência da reflexão, considerando os benefícios de um percurso de reflexão ética construído coletivamente para uma ação comunitária mais integrada. Referimos ainda o papel das práticas artísticas na reflexão comunitária. Por fim, destacamos as principais limitações deste estudo, referindo ainda perspetivas de estudo e de aprofundamento que esta investigação suscita.

Os anexos, considerados uma componente fundamental do estudo de caso recolhem alguns documentos relevantes, o guião de entrevista, o exemplo de uma transcrição de entrevista, a análise de documentos e análise de conteúdo e ainda todos os

registos autobiográficos, transcrições das sessões dialógicas e notas de campo dessas mesmas sessões.

Este estudo permitiu uma análise complexa do fenómeno em estudo, uma retrospectiva sobre ações marcantes numa comunidade específica e ainda a tomada de consciência individual de transformações com carácter ético e implicações comunitárias. Limitados por algumas opções metodológicas que foram sendo reestruturadas, e ainda pela subjetividade e abrangência do caso em estudo, deixamos várias portas em aberto como possibilidades de aprofundamento e expansão do estudo.

Ao longo de toda esta investigação, unimo-nos à intenção de um desenvolvimento das comunidades que permita o trabalho conjunto, elevando assim “a sociedade ao plano ético, como uma comunidade de homens livres, cuja relação intersubjetiva seja regida pelo direito de cada um ter a sua dignidade pessoal reconhecida e de participar na construção do consenso em torno do bem comum” (Sousa, 2010 citado em Freire, 2014, 10).

CAPÍTULO 1 – O DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO COMO LUGAR DE REFLEXÃO ÉTICA

A interpelação ética sobre as questões fundamentais que permitem ao ser humano refletir sobre o percurso da sua existência, como: “Quem sou eu? Onde venho? Para onde vou? Porque existe o mal? O que existirá depois desta vida?” surgem transversalmente em todas as religiões e filosofias religiosas. As tragédias de Sófocles, como afirmava Heidegger (1970, citado por Santos, Beckert, & Correia, 1992), “albergam originariamente o *êthos* no seu dizer, mais do que as lições de Aristóteles sobre a Ética” (p. 79).

De entre as obras gregas podemos destacar *Antígona*, onde encontramos já simbolizada “a ordem ética, a harmonia entre o homem e a natureza, a ligação à terra, a sobrevalorização dos laços de sangue, o culto da família e o próprio feminino enquanto tal” (Santos, Beckert, & Correia, 1992, p. 85). Esta é uma obra que põe em confronto o poder político, a ordem da cidade representada por Creonte, que segundo Pereira (2018) representa a lei humana, com *Antígona*, que age em nome da lei divina, representada pelos laços afetivos que a ligam ao irmão. É no cerne da trama dramática que se alarga o dilema ético entre poder-ser e dever-ser, entre uma posição que tem em conta o contexto e a capacidade de optar de acordo com as características de cada situação ou uma posição que se rege por uma norma estabelecida universalmente que tem de ser seguida independentemente da variabilidade das situações. Ora, quando nos referimos às relações humanas e à relação com a natureza, no sentido holístico do termo, situamo-nos numa trama de complexidade donde emerge a necessidade de reflexão e decisão ajustada a cada situação (Morin, 2018). A comunidade reveste-se de características privilegiadas para ser este lugar de encontro e reflexão ética, pelo sentido de pertença partilhado pelos seus membros e Bem Comum que os orienta.

Cotrim (2011), na sua investigação sobre ética e comunidade, recorda a reflexão de Renaud (2004) que defende que um atributo inegável do ser humano é a sua “inteligência reflexiva, através da qual vive o tempo, o “seu” tempo, como história” (p.12). Tomaremos aqui a perspetiva de uma história comum que foi partilhada por alguns participantes do projeto Aterra e que ao ser recordada fortalece os fundamentos da comunidade. Para isso, procuraremos aprofundar os conceitos de Ética e Desenvolvimento Comunitário, numa sistematização em constante diálogo com o contexto de estudo que se pretende aprofundar.

Na primeira parte apresenta-se sumariamente uma abordagem de algumas teorias que apoiam a análise e a problematização do caso em estudo. Começaremos por percorrer os contributos de pensadores como Aristóteles (2004), Alasdair MacIntyre (1998) e Martha Nussbaum (2014) para compreender uma proposta de pensamento ético em busca das virtudes, seguindo pelas questões da responsabilidade propostas por Hans Jonas (1984; 1994) e articulando-as com a teoria da ética do cuidado de Carol Gilligan (1982; 1997). Edgar Morin (2005) apresenta-nos, através do pensamento complexo, uma proposta de ética que se concretiza na relação com os outros, em que os valores preconizados pelas teorias anteriores se integram e interligam. É por isso que propomos um diálogo entre o pensamento de Morin e o conceito de Ecologia Integral, que nos ajude a enquadrar o âmbito em que se desenvolveu este estudo de caso.

O desenvolvimento comunitário constitui a segunda parte deste capítulo. Começaremos por tentar distinguir desenvolvimento de intervenção comunitária, considerando a importância da sua complementaridade. Posteriormente, abordaremos o papel que a educação e formação têm tido perante os desafios que a preocupação com a sustentabilidade tem trazido, seguindo-se um aprofundamento sobre as questões éticas da intervenção comunitária e o papel que a reflexão ética pode ter no desenvolvimento de comunidades.

Numa terceira parte deste capítulo debruçamo-nos sobre os contributos das práticas artísticas no desenvolvimento comunitário e consideraremos, por último, alguns projetos e iniciativas que apresentam o encontro entre reflexão ética e práticas artísticas, que inspiraram a construção das sessões dialógicas deste estudo.

1.1. Algumas correntes da ética ocidental contemporânea

Segundo Cristina Beckert (2012) a Filosofia, e em especial a Ética, são as disciplinas às quais “cabe justamente, a tarefa de estabelecer qual a natureza e os fundamentos do agir humano” (p. 19). A regra de ouro conhecida e transversal a todas as religiões ‘não faças aos outros o que não gostas que te façam a ti’ exprime a dimensão relacional e comunitária de uma conduta de vida que procure não só o próprio bem-estar como o bem coletivo, ou noutras palavras, o bem que é comum àqueles que partilham uma vivência em comunidade (Magalhães & Trigueiros, 2018). Na perspectiva de Nussbaum (2014), filósofa política americana, a comunidade não se restringe a um espaço e relações

circunscritas, mas na sua visão cosmopolita, alarga-se à comunidade humana. Esta abordagem será retomada na reflexão sobre Ecologia Integral.

Segundo Bachelard (1983 citado por Santos, Beckert, & Correia, 1992) a palavra ética tem a sua origem no grego, onde encontramos os vocábulos “*êthos*” e “*éthos*”. “*Êthos*” significava inicialmente caverna, morada, local de habitação, e evoluiu depois para maneira de estar ou de ser, carácter. Segundo este autor, o próprio termo “*êthos*” provem de *éthos* que significa costume ou hábito. Em todos estes significados que foram acompanhando a evolução etimológica de ética, podemos encontrar a centralidade da relação entre o homem e o mundo em que se insere.

É frequente encontrar a ética associada, confundida ou fundida com a moral. São conceitos distintos, mas que apesar disso, não podem ser dissociados e como refere Caetano (2017), “consideramos a ética e a moral como partes de um mesmo, num vai e vem recursivo entre o concreto e o abstrato” (p. 817). A moral mais vocacionada para as questões das normas e regras, com origem latina em “*mores*”, apresenta um quadro axiológico onde o carácter de uma reflexão ética se desenvolve e fundamenta. A ética comporta em si várias teorias que se organizam em diferentes correntes.

Beckert (2012) é uma das investigadoras que distingue três correntes principais da ética contemporânea ocidental, alertando que por mais que as novas éticas se proponham a contestar os modelos clássicos, todas acabam por adotar algum deles. Para a autora, podemos organizar o pensamento ético nas vertentes: a) teleológica, orientada para a vida boa e feliz como fim ou finalidade (etimologicamente com origem em *teleos*, finalidade), na qual podemos enquadrar a ética das virtudes; b) na deontológica, centrada na obrigação e dever (com origem etimológica no grego *deón*, dever), representada pela moral kantiana; c) na utilitarista, segundo a qual o Bem Comum se define como o bem para o maior número de pessoas. Seguiremos, contudo, a proposta de Ramiro Marques (2000), que bifurca as correntes contemporâneas apenas na teleológica e deontológica.

1.1. Algumas correntes da ética ocidental contemporânea

Segundo Cristina Beckert (2012) a Filosofia, e em especial, a Ética são as disciplinas às quais “cabe justamente, a tarefa de estabelecer qual a natureza e os fundamentos do agir humano” (p. 19). A regra de ouro conhecida e transversal a todas as religiões ‘não faças aos outros o que não gostas que te façam a ti’ exprime a dimensão relacional e

comunitária de uma conduta de vida que procure não só o próprio bem-estar como o bem coletivo, ou noutras palavras, o bem que é comum àqueles que partilham uma vivência em comunidade (Magalhães & Trigueiros, 2018). Na perspetiva de Nussbaum (2014), filósofa política americana, a comunidade não se restringe a um espaço e relações circunscritas, mas na sua visão cosmopolita, alarga-se à comunidade humana. Esta abordagem será retomada na reflexão sobre Ecologia Integral.

Segundo Bachelard (1983 citado por Santos, Beckert, & Correia, 1992) a palavra ética tem a sua origem no grego, onde encontramos os vocábulos “*êthos*” e “*éthos*”. “*Êthos*” significava inicialmente caverna, morada, local de habitação, e evoluiu depois para: maneira de estar ou de ser, carácter. Segundo este autor, o próprio termo “*êthos*” provem de *éthos* que significa costume ou hábito. Em todos estes significados que foram acompanhando a evolução etimológica de ética, podemos encontrar a centralidade da relação entre o homem e o mundo em que se insere.

É frequente encontrar a ética associada, confundida ou fundida com a moral. São conceitos distintos, mas que apesar disso, não podem ser dissociados e como refere Caetano (2017), “consideramos a ética e a moral como partes de um mesmo, num vai e vem recursivo entre o concreto e o abstrato” (p. 817). A moral mais vocacionada para as questões das normas e regras, com origem latina em “*mores*”, apresenta um quadro axiológico onde o carácter de uma reflexão ética se desenvolve e fundamenta. A ética comporta em si várias teorias que se organizam em diferentes correntes.

Beckert (2012) é uma das investigadoras que distingue três correntes principais da ética contemporânea ocidental, alertando que por mais que as novas éticas se proponham a contestar os modelos clássicos, todas acabam por adotar algum deles. Para a autora, podemos organizar o pensamento ético nas vertentes: a) teleológica, orientada para a vida boa e feliz como fim ou finalidade (etimologicamente com origem em *teleos*, finalidade), na qual podemos enquadrar a ética das virtudes; b) na deontológica, centrada na obrigação e dever (com origem etimológica no grego *deón*, dever), representada pela moral kantiana; c) na utilitarista, segundo a qual o Bem Comum se define como o bem para o maior número de pessoas. Ramiro Marques (2000) bifurca as correntes contemporâneas apenas na teleológica e deontológica, pelo que seguiremos esta proposta conceptual.

1.1.1. Contributos da ética das virtudes

A ética das virtudes é uma corrente recentemente concetualizada enquanto tal, que se tem vindo a desenvolver desde o séc. XX, a partir da reação aos cânones modernos. Atribui-se a Elizabeth Anscombe (1919 - 2001), filósofa britânica, a novidade do retorno ao pensamento aristotélico, que apesar de ser classificado como ética das virtudes apenas com MacIntyre, já está originariamente inscrita no artigo de Anscombe (1958) “Modern Moral Philosophy”. Este artigo apresenta uma crítica à deontologia de Kant, ao utilitarismo de Mill e ao contratualismo de Hobbes, propondo a recuperação da proposta do modelo clássico de Aristóteles como resposta aos desafios atuais (Antunes, 2012).

O lugar central que a Ética das Virtudes tem neste trabalho deve-se ao facto de ser uma corrente de cariz teleológico, com forte componente comunitária, privilegiando os aspetos intrínsecos ao agente, como a intenção, em relação àqueles que lhe são exteriores, como o dever e obrigação moral. Para compreender melhor a Ética das Virtudes teremos de recordar as linhas principais do pensamento aristotélico.

Sabemos que Aristóteles nasceu em Estagiros e viveu entre 384 a.C e 322 a.C. Como (MacIntyre, 1998) refere, precisamos de considerar que os conceitos empregues na Antiguidade Clássica sofreram uma destruição maciça na forma de os entender. Apesar de utilizarmos as mesmas palavras, o seu sentido foi-se alterando estruturalmente. O autor de *After Virtue* (MacIntyre, 1998) começa esta sua obra com uma alegoria onde se estabelece a metáfora entre o estado da moral moderna e a situação hipotética da destruição de todos os conceitos e fórmulas das ciências naturais, restando apenas fragmentos descontextualizados. Estes continuariam a ser utilizados, embora sem a compreensão plena do seu significado. A ressalva de MacIntyre posiciona-nos numa atitude de maior rigor e cuidado ao considerar a proposta de Aristóteles. Para Aristóteles, o tema da Ética situa-se num vasto conjunto de escritos que deixou sobre os mais variados campos do conhecimento. “*Magna Moralia*”, “*Ética a Eudemo*” e “*Ética a Nicómaco*” são três das reflexões concedidas ao tema da ética. Far-se-á aqui apenas referência a esta última por ser considerada a mais completa, onde encontramos algumas definições importantes para entender o pensamento aristotélico.

Ética a Nicómaco (Aristóteles, 2004) é uma obra que parte do interesse pela busca da felicidade. Como refere Antunes (2012), há nela uma maior preocupação sobre a “natureza da vida boa e não estritamente sobre a moralidade” (p. 182). Podemos afirmar que assenta num modelo em que convergem os planos ontológico, antropológico e ético

(Beckert, 2012), distanciando-se do plano deontológico que se desliga do seu contexto, e que considera ser a razão aquela que dita “soberana e categoricamente, imperativos à natureza humana” (Aurélio, 2012, p. 18). De acordo com a investigadora Teresa Antunes (2012) a preocupação da ética das virtudes não se centra tanto na questão de “como devemos agir?” associada à deontologia, mas rege-se pela pergunta “como devemos ser?”, tomando assim como objetos da ética os agentes com capacidade transformadora de si mesmos e do seu contexto.

Considerando a sua vertente teleológica, em que consiste então o fim para Aristóteles, o “teleos”? A finalidade de uma vida, o fim último que se pretende é a felicidade (Aristóteles, 2004). De acordo com o autor clássico, esta consiste no Bem Supremo para o qual todos os outros bens se orientam, pelo que considerar algo bom é, para Aristóteles, defini-lo como “algo que é desejado e em direção ao qual as pessoas se movem” (MacIntyre, 2011, p. 56). Segundo Franco (2018), “da mesma forma que os astros têm um movimento natural, cada ser vivo tem uma função (ἔργον, ergon) a cumprir, que corresponde a um fim (τέλος, telos)” (p.31). Ora, para Aristóteles, esta função remete para uma vida ativa, que atinja a excelência pela prática das virtudes. Esta felicidade, segundo Beckert (2012) parece estar ao alcance de todos, desde que haja empenho na prática continuada da virtude, “auferindo assim, de diversos matizes, conforme o carácter de cada um” (p. 21).

Virtude, em Aristóteles (2004), define-se através dos atributos da disposição, da excelência da função e do justo meio. Ao considera-la como disposição, virtude não pode ser entendida nem como uma capacidade nem como uma emoção (MacIntyre, 1998). Pelas suas palavras, o autor da antiguidade define virtude como “disposição para a decisão acerca das ações e emoções, constituindo no meio relativamente a nós, determinado pela razão e como o determinaria o homem prudente” (Aristóteles, 2004). Tomemos o exemplo da virtude da coragem, que requer como o caso das outras virtudes, “a prática continuada de atos de coragem, de tal forma que essa virtude seja incorporada nos nossos hábitos” (Marques, 2000, p. 23), sendo nisto que consiste o ensino das virtudes. Mas como saber em que consiste a coragem? A coragem será sempre o justo meio [*mesôtês*] entre os dois extremos da cobardia e da temeridade. Diz Aristóteles: “eu entendo pelo meio de uma coisa o ponto em que se mantém a uma distância igual de cada um dos extremos, o qual é um e o mesmo para todas as coisas” (Aristóteles, 2004). Este justo meio é, no entanto, variável consoante a pessoa e o contexto variem, não se podendo

exigir de uma mesma pessoa ou situação a mesma resposta, mas sim a mesma disposição para decidir virtuosamente. Encontramos isto explícito nas palavras de Aristóteles quando afirma que “o meio relativamente a nós, contudo, é a medida que não tem nem a mais nem a menos. Uma tal medida não é uma e a mesma para todos” (Aristóteles, 2004). Isto compreende-se voltando à definição de virtude, pois se esta é uma disposição e uma disposição não é boa nem má, será então a razão que se exerce sobre ela que irá determinar a sua qualidade boa ou má (Beckert, 2012). Recordando ainda que o termo virtude (*areté*) pode ser traduzido por excelência, este é um atributo que distingue, por exemplo um pianista de um *bom* pianista, pela excelência com que exerce a sua função. Aristóteles (2004) apresenta ainda virtude como um hábito [*éthos*], definindo que há dois tipos de virtude: “virtude ética (um carácter individual) e virtude dianoética (pensamento teórico)” (Franco, 2018), intrinsecamente ligadas entre si.

Aristóteles fala ainda do “florescimento humano relacionado com a atividade prática, no seio de comunidades (pólis), fundada nas relações que se estabelecem entre seres humanos, de que a amizade constitui o arquétipo” (Antunes, 2012, p. 186).

A par com outros pensadores como Elizabeth Anscombe (1958), Phillipa Foot (2001) e Martha Nussbaum (1999; 2014), Alasdair MacIntyre, filósofo escocês nascido em 1929, tem sido reconhecido desde o final do século passado como um pensador de referência na Ética das Virtudes, de grande importância na conjuntura atual. Com uma vida marcada por fortes preocupações sociais e ligação ao luteranismo, foi filiado do Partido Comunista, pertencendo posteriormente a um grupo trotskista, definindo-se, a partir da última metade da sua vida, católico e defensor do neoaristotelismo (Aurélio, 2012). Estes dados biográficos, para além de facilitarem o enquadramento do atual professor emérito da Universidade de Notre Dame em Paris, permitem compreender a facilidade de diálogo que MacIntyre estabelece em âmbitos tão diferentes e ideologicamente opostos. O autor partilha admiração por Marx, Tomás de Aquino e Aristóteles apoiando nestes a sua crítica à modernidade, aliada a uma proposta de reformulação ética. Serão aqui consideradas duas das suas obras principais e que neste contexto trazem contributos relevantes: *After Virtue* (MacIntyre, 1998) e *Ethics in the Conflicts of Modernity* (MacIntyre, 2016).

Antunes (2012) apresenta a ética das virtudes de MacIntyre, afirmando que “o traço distintivo de uma ética das virtudes é tomar como objeto da ética não as ações, mas

os agentes; não os princípios orientadores da ação, mas os traços de carácter de quem age; não o correto, mas o bom” (p. 178).

Para MacIntyre, a crise da modernidade tem origem nas primícias do iluminismo que conduziu ao liberalismo e conseqüentemente ao expressivismo:

“se a gênese da catástrofe se encontra no falhanço do projeto iluminista de fundar racionalmente a ética, através de princípios universalizáveis, então o caminho apontado será o do assumido retorno à tradição teleológica grega de encontrar uma finalidade ou um bem para o homem, o qual só poderá ser compreendido se devidamente enquadrado pelos seus contextos sociais” (Antunes, 2012, p. 181).

O autor acaba por acusar a anulação de um passado ético, cuja perda de sentido e fundamento fez com que as pessoas vivessem atualmente marcadas pelo individualismo. Assiste-se progressivamente não só à desestruturação das comunidades, como ao desaparecimento progressivo de raízes e, por isso, da finalidade (*teleos*), desvanecendo-se a perspectiva teleológica. De acordo com Gonçalves (2007), “aparentemente, a modernidade pretende, com isso, radicar no absoluto da liberdade humana a origem de todos os valores”, o que fará com que “sem um horizonte fora de si mesmo, cada homem passe a orientar a sua vida, apenas, com recurso a critérios subjetivistas e pragmáticos, assentes apenas na experiência pessoal e na técnica” (p. 2).

Em MacIntyre os princípios morais têm de ser enquadrados numa perspectiva de tradição, considerando, para isso, fundamental a vivência comunitária. Segundo Aurélio (2012), para MacIntyre “todas as certezas e todas as práticas mergulham, portanto, as suas raízes numa tradição” (p. 21), sendo o “comum” imanente, por essência à natureza da polis para os gregos (Nussbaum, 2014). Este aspeto prende-se à vida comunitária, na medida em que implica uma reflexão conjunta que parte do diálogo e da escuta, de partilha de testemunhos e de histórias de vida. Tal como refere MacIntyre (2016):

“Geralmente, ficamos conscientes da estrutura narrativa das nossas vidas, não muito frequentemente, e de uma de duas maneiras: quando refletimos sobre como tornar as nossas vidas inteligíveis para os outros, ao contar-lhes as partes relevantes da nossa história, ou quando temos alguma razão particular para

*perguntar “Como tem corrido a minha vida até agora?” e “Como é que devo agir de maneira a que corra bem no futuro?”*² (p. 62)

A vivência comunitária parte assim de uma valorização de cada vida, de cada história, reconhecendo assim a interação dinâmica entre a vida pessoal e a vida comunitária. Expandindo sucessivamente o espectro desta reflexão somos levados ao nível global, onde se inclui o extra-humano (Jonas, 1994). Entendemos assim que as consequências das ações tanto individuais como comunitárias terão impacto a nível planetário (Morin, 2005).

O desenvolvimento da técnica, a aceleração do ritmo de vida, o carácter das sociedades marcadas pelo instantâneo, mutável e descartável trazem novos desafios para a sustentabilidade, nomeadamente o cuidado com as gerações futuras. Tomemos a responsabilidade e o cuidado como atitudes éticas emergentes no mundo globalizado em que vivemos. Entendidas por algumas correntes como obrigações ou deveres morais, podem ser também consideradas na sua vertente ontológica e política, no sentido em que são formas de viver em sociedade.

Tal como refere Caetano (2017), este é o tempo propício a “uma esperança, um cuidado e uma responsabilidade que implicam uma análise não ingénua das relações de poder e das lógicas dos sistemas, das opressões e contradições em que vivemos imersos” (p. 808), pelo que procuraremos manter uma articulação entre estas diferentes correntes éticas, uma vez que todas elas trazem contributos importantes para o contexto que se pretende analisar.

1.1.2. A ética da responsabilidade

Jonas (1984), tal como MacIntyre o faz em *After Virtue* (2011) e *A Short History of Ethics* (1998) começa na sua obra *O Princípio Responsabilidade* por apresentar um cenário de caos e uma revisão dos contributos das correntes éticas deste a antiguidade até aos nossos dias. Diz o autor alemão que assistimos atualmente a uma natureza alterada pela ação humana e que os princípios defendidos por correntes éticas anteriores se ocupam pelo estabelecer de valores e princípios de ação tendo em conta a condição humana

² “We generally become aware of the narrative structure of our lives infrequently and in either of two ways, when we reflect upon how to make ourselves intelligible to others by telling them the relevant parts of our story or when we have some particular reason to ask ‘How has my life gone so far?’ and ‘How must I act if it is to go well in future?’ (MacIntyre, 2016, p. 241)

“determinada pela natureza da humanidade e pela natureza das coisas” (Jonas, 1984, p. 1). É intenção do autor perguntar-se sobre “como é que a tecnologia afeta a natureza da nossa ação, nos termos em que nos faz agir sob um domínio diferente agora do que tem sido ao longo dos últimos anos” (Jonas, 1984, p. 1). O filósofo pergunta-se sobre as alterações que se deram na ação humana que lhe permitem provocar alterações no ambiente físico e natural onde o humano se insere.

O conceito de responsabilidade é recente no dicionário, surgindo apenas em 1783 (Beckert, 2012), habitualmente de uso jurídico, tendo origem em “responsus” (resposta), que por sua vez dá origem a “spondeo” (prometer). Tomando as palavras de Cristina Beckert, “o responsável (sponsor) é, assim, aquele que dá caução, que responde por outrem ou o substitui perante a lei (Beckert, 2012a, p. 100). Reconhece-se o carácter de compromisso e a obrigação, assim como de dívida e compensação com que se reveste este conceito desde a sua origem. Consideraremos nesta reflexão, Hans Jonas, pela centralidade que confere, não só à responsabilidade perante o progresso e conceção tecnocrática da sociedade contemporânea, como à sua preocupação com as gerações futuras. Jonas viveu entre 1903 e 1993. Reconhecido como filósofo alemão judeu, desenvolveu os seus primeiros trabalhos com Heidegger e Bultmann na área da fenomenologia. Teve uma primeira parte da sua obra dedicada ao gnosticismo e uma segunda, desenvolvida essencialmente nos Estados Unidos, onde se fixou em fuga ao nazismo. É então que se dedica à filosofia da natureza e técnica. Encontramos esta segunda fase bem sistematizada na sua obra *Princípio da Responsabilidade* (1984). Funda assim as ideias de uma ética para a Era da Técnica (Cascais, 1994).

Assim como MacIntyre, Jonas também se ocupa em estudar a modernidade e criticar o rumo que está a tomar. Para este último pensador, a “radicalização do agir humano sobre a realidade” (Perez, 2012, p. 318), remonta aos apelos do coro da tragédia de Sófocles. Em *Antígona*, “já se relatam as notáveis façanhas do engenho e do poder humanos cuja única barreira intransponível parecer ser a imposta pela morte” (Perez, 2012, p. 318). No entanto, os aspetos que considera têm uma incisão muito específica nas questões da sustentabilidade, sendo que, segundo Patrão Neves (1997), a relação de proximidade que estabelecia com Heidegger levou-o “pelos caminhos de uma filosofia da natureza (sobretudo a partir da década de 40)” (p.2), ao constatar que a interação com a Natureza que existia na Antiguidade em nada prejudicava ou ameaçava a integridade ou a aparente inesgotabilidade de recursos naturais (Perez, 2012). Hans Jonas passa a

dedicar-se, a partir dos anos 60, às ameaças provocadas pela técnica e progresso desmesurado.

Heidegger, com quem partilhava amizade e pensamento, foi entrevistado pelos jornalistas do *Der Spiegel* em 1966 e o excerto seguinte ilustra a perspetiva partilhada entre os dois pensadores:

“Tudo funciona. É precisamente isso que é inquietante: tudo funciona, e o funcionar arrasta sempre consigo o continuar a funcionar, e a técnica arranca o homem da terra e desenraíza-o cada vez mais. (...) Não é preciso nenhuma bomba atómica: o desenraizamento do homem já está aí. Nós já só temos relações puramente técnicas. Já não é na Terra que o homem hoje vive” (Aurélio, 2012, p. 13).

Segundo Patrão Neves (1997), para Jonas, a responsabilidade tem um carácter normativo, definindo uma diretriz para a ação no sentido em que o agir humano tem de prever as consequências não só em termos imediatos como futuros. O princípio da responsabilidade funda-se assim “na conceção da existência, do ser como um valor, noção através da qual o filósofo passará do “dever-ser” ao “dever-fazer”, da metafísica à ética” (p. 4). Tal como MacIntyre (2011) propõe uma mudança de paradigma ético, também Jonas (1984) proclama a necessidade de uma renovação ética que passe por uma transformação do agir humano.

Alguns conceitos que se destacam do pensamento jonasiano são então a “heurística do medo” e o “vazio ético”. Jonas refere-se ao “vazio ético” como resultado do relativismo dos valores “de uma civilização sem coordenadas fixadas na eternidade” e a “heurística do medo” como a ação a partir da “antecipação das ameaças implicadas no agir tecnológico, não só as fatais para a sobrevivência humana, como deformadoras da sua própria imagem” (Perez, 2012, p.319). Assim, o princípio da responsabilidade em Hans Jonas já não se reveste apenas de uma dívida retrospectiva, mas de um compromisso prospetivo, uma vez que já não se trata de colmatar compensações, mas de prever consequências. A responsabilidade deixa de ser unicamente uma obrigação moral isolada ou pontual, tornando-se atitude perante si próprio e os outros. Como diz Kant (1960), “age como se a máxima da tua ação se devesse tornar, pela tua vontade, em lei universal da natureza” (p. 57). Apesar de conferir à sua teoria uma forte carga normativa, Jonas aproxima-se da vertente teleológica, ao “privilegiar as pessoas responsáveis e não apenas as suas ações” (Beckert, 2012a, p.100). Tal como víamos em Aristóteles que privilegia o homem virtuoso e a sua capacidade de treino de virtudes. As duas vertentes tocam-se na

centralidade que conferem à decisão, uma vez que a responsabilidade se constitui “promessa e compromisso com o futuro pela decisão e pela ação” (Beckert, 2012, p. 100). Para Hans Jonas (1994) a máxima kantiana deverá ser entendida a partir do imperativo: age de tal maneira que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência da vida humana genuína.

Recordando a obra de Sófocles (2018) vemos como o coro exalta a capacidade técnica do ser humano e o seu poder transformador. Segundo Pereira (2018) “o primeiro estásimo [é] uma das odes mais célebres de todos os tempos, em que se exalta a capacidade do homem, um ser suscetível de pôr a Natureza ao seu serviço, de organizar a vida em sociedade” acrescentando “que precisa de saber observar simultaneamente as leis divinas e humanas” (p. 14). É a partir desta preocupação a que Carol Gilligan definiu como cuidado, que abordaremos os contributos dessa teoria, integrando-a na relação entre virtudes e responsabilidade.

1.1.3. A ética do cuidado

A par da responsabilidade, o cuidado tem despertado o interesse de pensadores contemporâneos, que reforçam o papel que a preocupação com os outros tem na tomada de decisões e nos problemas morais. É o caso de Carol Gilligan (1997), psicóloga e colaboradora nas investigações de Kohlberg, que em 1982 publica um estudo onde destaca o desenvolvimento das mulheres como uma voz diferente e complementar do desenvolvimento moral dos homens.

Carol Gilligan nasceu em 1936 e é atualmente professora de Educação na Universidade de Harvard. Proponente de uma ética marcada pelo feminino em contraste à justiça, a sua voz destaca-se no diálogo sobre o cuidado e a responsabilidade. Segundo a autora, e com base em três estudos que faz (Gilligan, 1997), as mulheres revelam um mundo interior “feito de relações e verdades psicológicas onde a consciência da conexão entre as pessoas dá origem ao reconhecimento da responsabilidade de uns perante os outros” (Gilligan, 1997, p. 55). A ética do cuidado relaciona-se com a ética da responsabilidade, na medida em que responde a obrigações, mas concretiza essa resposta numa preocupação com o bem-estar dos outros e relação de ajuda. Podemos ver isso explícito numa das entrevistas de Gilligan (1997) a uma estudante universitária, que ao ser questionada sobre o que é para si moralidade responde: “quando penso em moralidade penso em obrigações (...) moralidade é toda aquela zona onde se debate como se decidem

conflitos” (p. 105), no entanto, esta estudante quando lhe é pedido que refira o nome de uma pessoa moral, responde “penso imediatamente em Albert Schweitzer, porque deu obviamente a sua vida para ajudar os outros” (p. 106). Vemos aqui a importância dada à relação de ajuda e preocupação com o bem-estar dos outros.

A avaliação do desenvolvimento moral das mulheres, que nos estudos de Kohlberg (Gilligan, 1982) ficava sempre aquém da classificação dos homens, carece, segundo Gilligan de outros critérios de avaliação, pois as mulheres têm uma perspectiva diferente que não é inferior, como também Kant considerava, mas complementar. Segundo Macedo (2018) “as bases éticas do cuidar surgiram historicamente por parte da capacidade de ‘escuta’ humana e respaldava-se na integração entre a razão e a emoção” (p. 74), pelo que a proposta de Gilligan não requer a “disputa entre forças antagônicas (mulher x homem)”, mas uma progressiva superação do “egoísmo e interesse desenfreado por si” (Macedo, 2018, p. 74). Só assim poderemos recuperar a condição do cuidar como própria da natureza humana, pois segundo a autora, “afinal, a moralidade é uma questão de preocupação com os outros” (Gilligan, 1997, p. 230).

Martha Nussbaum (2014) numa articulação entre ética das virtudes e ética do cuidado reforça o papel deste como complemento da justiça e da responsabilidade, numa perspectiva de educação e justiça social, apresentando alguns estudos e relatos feitos com mulheres, nomeadamente em países asiáticos.

Consideramos assim que a responsabilidade e o cuidado são disposições que podem ser desenvolvidas no sentido em que os autores da *Ética das Virtudes* nos apresentam. Paulo Freire, na sua obra *Pedagogia do Oprimido* refere a liberdade como condição tanto necessária como potenciadora da responsabilidade, remetendo para o constante treino e exercício da mesma: “a liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca” (Freire, 1970, p. 34).

A importância conferida à relação com os outros aproxima esta teoria ética da proposta aristotélica, em que, segundo Oliveira (2011, citado por Macedo, 2019), a pessoa humana “não é produto de ações isoladas, mas de uma razão que supõe a existência de um ethos comunitário cuja construção se dá no processo de interação e comunicação entre os sujeitos” (p. 22). É à luz destas interações que nos propomos aprofundar o conceito de ecologia integral, que se tem vindo a construir nos últimos anos com contributos de várias áreas do conhecimento. Macedo (2018) acrescenta ainda a importância que o cuidado tem, cada vez mais, no contexto educativo, referindo que “o cuidado com o outro assinala

o interesse pelo seu mundo, seus hábitos, costumes, sua diversidade, linguagem, sua cultura, etc. (...) é o “pré-ocupar-se com o outro”.

1.1.4. Contributos da ecologia integral

A ética complexa apresentada e desenvolvida por Edgar Morin remete para a importância de integrar paradoxos, conviver com a incerteza, dialogar com princípios antagónicos e, ainda, considerar o conceito de autoformação ética, atribuindo ao sujeito a capacidade e autonomia de decisão ética (Morin, 2005). Esta corrente privilegia ainda o carácter comunitário da ética.

Etimologicamente relacionada com o cuidado da casa, a palavra ecologia deriva do grego (*oikos*: casa; *logos*: tratado, estudo, cuidado), pelo que “por ecologia entendemos a ciência (ramo da biologia) que estuda os seres vivos e suas interações com o meio ambiente onde vivem” (Neves, 2011, p. 41). Ecologia remete para o cuidado a ter com a Casa Comum, “o conhecimento da casa e a prática que a torna habitat, habitável por todos e para todos, sem descartáveis.” (Magalhães & Trigueiros, 2019, p. 11). Caetano (2017) acrescenta ainda o aspeto da responsabilidade comunitária, alertando para a importância de desenvolver o “sentido de um *êthos* democrático em que todos participam ativamente na sua transformação” (Caetano, 2017, p. 816). A palavra “cuidado” e o verbo “cuidar” têm origem latina em “*cogitare*”, que remete para “pensar com a inteligência e o coração”, que é o mesmo que dizer, pensar “refletidamente e com responsabilidade, aquilo que é bom - o que é melhor - para a Casa que, afinal são as pessoas e as suas circunstâncias” (Magalhães & Trigueiros, 2019, p. 11). Isto faz com que as questões ambientais e sociais se revistam também de questões éticas e culturais. É nesta linha que Boff (1996) refere frequentemente a expressão *ambiente inteiro* ao invés de *meio ambiente*, considerando assim que os seres desenvolvem interdependências entre si.

O conceito de ecologia, formulado pela primeira vez por Ernst Haeckel em 1868, preocupou-se à partida por escutar o grito da própria terra: elementos naturais, pessoas e animais, com especial atenção a quem sofre as opressões provocadas pela degradação ambiental. Ernst Haeckel (1834 – 1919) apresenta, segundo Boff (1996), a ecologia como “o estudo da inter-retro-relação de todos os sistemas vivos e não vivos entre si e com o seu meio ambiente” (p.15) e chega a chamar à ecologia a “economia da natureza”. Recorde-se que economia também tem a sua origem grega em “*oikos*”, associada a “*nomia*” (leis, regras), pelo que economia (*oikos* + *nomia*) remete para regras da casa.

Mais tarde, em 1890 ecologia é definida, segundo Varandas (2012), como a “ciência dos organismos e das interações que estes mantêm entre si e com o seu meio” (p.516).

O tema da ecologia é muitas vezes integrado no ramo da Bioética, por se orientar para questões relacionadas com a vida. Recorde-se que a Bioética, ramo da ética criado em 1970 pelo oncologista Van Rensselaer Potter (Moreno, 2007), ocupa-se cada vez mais do pensamento sobre as situações-limite, onde “a humanidade e a própria vida do planeta são postas em causa pela ação humana” (Beckert, 2012, p. 11). A Bioética tem permitido assim o encontro entre a ética e as ciências da vida e é neste ramo que frequentemente se desenrolam debates e reflexões sobre as questões da ecologia.

Atualmente contamos com o contributo de pensadores como Leonardo Boff, participante na redação da Carta da Terra, que tem alertado para o risco de degradação ambiental e suas consequências atuais e futuras. Boff (1996) apresenta uma perspectiva de ecologia abrangente, onde integra a ecologia ambiental, relacionada com o meio ambiente, a ecologia social, marcada pelas relações entre seres humanos e destes com a natureza, a ecologia mental, que toma os valores e diretrizes como grelhas que favorecem a relação com a natureza e a ecologia integral que situa cada pessoa como parte de um todo maior, o universo, “portador de matéria em evolução e informações com as quais se formam organizações cada vez mais complexas e vastas”³ (Boff, 1996, p. 11)

Numa perspectiva de justiça social, também o Papa Francisco (2015) no documento político “*Laudato Si*” dirigido a toda a humanidade independentemente do seu credo ou convicções político-religiosas apresenta de forma clara e objetiva o conceito de ecologia integral. Este documento expõe analiticamente que “não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise sócio ambiental”, destacando que as “diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, desenvolver a dignidade dos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza” (Francisco, 2015, p. 10). É neste aspeto que assenta a ecologia integral: no reconhecimento da interligação de múltiplos fatores causais e na necessidade de uma resposta integrada que abarque a complexidade do todo de cada sistema, seja individual, comunitário, social ou planetário. Citando os autores, “é a relação do homem com a natureza, que inclui outros homens, que faz o ambiente” (Magalhães & Trigueiros, 2019,

³ “portador de materia en evolución y de informaciones con las cuales se forman órdenes más y más complejos y altos” (Boff, 1996, p. 11).

p. 10). De acordo com Jacobi (2005), a reflexão sobre a complexidade ambiental proposta por Morin “abre um estimulante espaço para compreender a formação de novos atores sociais que se mobilizam para a apropriação da natureza, para um processo educativo articulado e comprometido com a sustentabilidade e a participação, apoiado no diálogo de áreas do conhecimento” (p. 58). Neste sentido, projetos de desenvolvimento comunitário que não integrem as dimensões ecológicas na sua abordagem complexa, correm o risco de se alhearem de uma necessidade básica de todas as comunidades.

Partindo do conceito de ecologia integral, este tem sido desenvolvido por diferentes autores e empregue em contextos diversos. Para os autores Esbjörn-Hargens. & Zimmerman (2009), a ecologia integral é uma perspectiva que alarga o conceito de Ecologia, enquanto processo de análise e reflexão sobre o ambiente que rodeia os seres vivos, através de um olhar holístico e integrado numa natureza marcada pelas relações de responsabilidade e cuidado. Também Jacobi (2005) “parte de uma visão complexa das causas dos problemas socioeconômicos e ecológicos da sociedade global,” (p. 52).

Assim como MacIntyre (2016) expressa a sua preocupação com o desenraizamento das tradições e a desestruturação comunitária e Hans Jonas (1984) reflete sobre as consequências do progresso e da orientação tecnocrática factual, também num estudo de Heller (1999, citada por Freitas, 2015) se destaca a mudança de hábitos, ideias, credos, atividades e atitudes como uma “zona de conflito e tensão” (p. 18). A necessidade constante de mudar e reaprender levanta perguntas como as que a investigadora enumera: “Quanto tempo se consegue resistir? Quantas vezes podem as pessoas mudar de atitude na vida? Quantas vezes podem as pessoas mudar de profissão? Quantas vezes podem assumir novas orientações?” (Heller, 1999, citada por Freitas, 2015, p. 19).

A instabilidade inerente ao estilo de vida ocidental contemporâneo tem levado vários autores a considerar que a preocupação ética de responsabilidade com a natureza, no seu sentido lato, já não se limita a comportamentos de preservação ou conservação do existente, mas de reconstrução da forma de viver em sociedade (Boff, 1996; Magalhães & Trigueiros, 2019; Morin, 2019).

Poderemos considerar que os autores acima citados concordariam que a ética da sociedade dominante é utilitarista e antropocêntrica, razão pela qual propõem formas de uma reconstrução ética mais ecológica no seu sentido integral e comunitária. Assistimos a diversos movimentos atuais que se ocupam destas questões e que trazem para a

discussão política e social aspetos que relacionam com ecologia. Numa tentativa de distinguir diferentes linhas de pensamento e posicionamento político recorreremos aos contributos de alguns pensadores contemporâneos.

João Cardoso Rosas (2019), do Centro de Ética, Política e Sociedade da Universidade do Minho, distingue, dentro do ecologismo, ideologia política, o animalismo, o ambientalismo antropocêntrico e o ecocentrismo. Existem outras vertentes e classificações, mas restringir-nos-emos ao ambientalismo antropocêntrico e ao ecocentrismo, pelos contributos que trazem para as correntes da ética analisadas anteriormente.

O ambientalismo antropocêntrico relaciona-se com “os efeitos da industrialização da sociedade de consumo e da urbanização na degradação dos recursos dos espaços naturais” (Rosas, 2019, p. 14), preocupação que se encontra com o pensamento jonasiano, e que data, segundo o investigador do final do século XIX. Tal como a sua designação indica, o ambientalismo antropocêntrico tem o seu discurso centrado em aspetos como a conservação, a preservação, a responsabilidade e a sustentabilidade, entre outros, que representam a preocupação em garantir a continuidade da vida dos seres humanos, “mas não colocam em causa que são estes que têm valor intrínseco, enquanto que o ambiente tem um valor instrumental” (Rosas, 2019, p. 15).

Já o ecocentrismo é uma corrente da ética ambiental marcadamente oposta ao antropocentrismo a que assistimos nas correntes anteriores, definindo que o ser humano se constitui como parte integrante da natureza, sendo esta o “todo” que deve ser entendido como sujeito ético, “o Ser dos seres” (Varandas, 2012, p. 511). A ação ética, segundo esta perspetiva, deve então preservar o equilíbrio, a beleza e a integridade do todo que é o ecossistema, a natureza. Tal como lemos em Jonas, a previsão e não maleficência são critérios importantes nestas abordagens éticas. Esta corrente conta com alguns autores de referência tal como Aldo Leopold (1887 – 1948), que sugere uma inversão de papéis a partir da sua própria experiência com a natureza, em particular num dos seus escritos, intitulado “Pensar como uma Montanha”. Para ele, professor inglês na área da economia agrícola com forte vínculo à gestão de florestas e conservacionismo, a ação deve ser reconfigurada sendo “necessária inversão de papéis que torna o homem um cidadão da terra e vez de seu conquistador” (Varandas, 2012, p. 513).

Recuperando as palavras de Leonardo Boff (1996), o saber ecológico implica “transversalidade”, que o autor considera ser a relação estabelecida na comunidade

ecológica. Para este autor, a comunidade situa-se não só perante o futuro, como na integração do passado e responsabilização pelo presente, numa trama complexa em que se consideram “todas as experiências e todas as formas de compreensão como complementares e úteis para o nosso conhecimento do universo, a nossa funcionalidade dentro dele, e para a solidariedade cósmica que nos une a todos” (Boff, 1996, p. 16). É neste sentido que consideramos a reflexão ética em contexto comunitário como uma prática enquadrada na ecologia integral e, por isso, uma oportunidade de educação e formação que favorece o desenvolvimento comunitário.

1.1.5. Contributos da reflexão ética à luz da complexidade

Morin (2005) refere que “para os indivíduos autónomos e responsáveis, a ética é a expressão do imperativo de ligação”, e isto implica que “todo o ato ético, repetimos, é de facto um ato de ligação, ligação com o outro, ligação com os seus, ligação com a comunidade, ligação com a humanidade e, em última análise, inserção na ligação cósmica” (p.36). A tomada de consciência desta ligação implica processos reflexivos. A acompanhar todo o processo investigativo deste trabalho, Morin é uma voz integradora, num mundo contemporâneo que parece promover a dispersão e desintegração dos fenómenos.

Nascido em 1921 é um reconhecido antropólogo, sociólogo e pensador francês, atualmente investigador emérito do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique). A sua teoria ética da compreensão dispõe a ação não num centro, mas numa interação desde a auto-ética à ética planetária. É pela relevância que confere à ligação que o trazemos para um ponto de aprofundamento da reflexão, considerando-a instrumento facilitador do sentido de pertença ao global, de responsabilidade local e de cuidado inter e extra-humano.

Segundo Beckert (2012), “o ser humano possui uma cultura de desenvolvimento cada vez mais acelerado”, mas sem deixar de ser também “detentor de uma capacidade reflexiva” (p. 30), o que lhe permite discernir, treinar virtudes, desenvolver atitudes e comportamentos de responsabilidade e cuidado. É esta capacidade reflexiva que permite a cada pessoa e comunidade situar-se perante as “grandes contradições que o homem descobre em si” como refere Fernandes (2002) na sua reflexão sobre ética e intervenção comunitária. Para este investigador destacam-se algumas dicotomias como “liberdade / necessidade, autonomia / dependência, eu / mundo, relação / isolamento, criatividade /

mortalidade” (p.13), que pela reflexão encontram na tensão que encerram em si, equilíbrio e oportunidade de desenvolvimento (Pereira & Piccolo, 2013).

Jacobi (2005) apresenta a reflexão como forma que “nos permite abordar a complexa temática das relações entre meio ambiente e educação a partir de alguns parâmetros presentes nas práticas sociais centradas na “educação para a sustentabilidade” (Jacobi, 2005, p. 56). A reflexão ética traz consigo um processo geralmente desconfortável, ao situar os seus intervenientes perante dilemas éticos que levarão a optar entre várias alternativas (Caetano, 2017).

Como refere Caetano (2017) num dos seus trabalhos reflexivos, “aprofundar a complexidade significa simultaneamente alargar, integrar e reconstruir numa ordem nova que reorganiza e inclui novas dimensões, ao mesmo tempo que se mantém em aberto e se aprofunda” (p. 817).

Numa investigação enquadrada no projeto Fronteiras Urbanas, Caetano e Afonso (2014) debruçam-se sobre o papel que as práticas artísticas, neste caso a poesia têm na mediação intercultural, considerando que se trata de “um multi que se faz inter quando se abre o espaço do diálogo e as subjetividades se encontram” (p. 61). Na linha do que já afirmava Fiori (1967), “a consciência é essa misteriosa e contraditória capacidade que tem o homem de distanciar-se das coisas para fazê-las presentes” (p. 17), pelo que a forma de exercitar essa consciência é dando-lhe oportunidades de distanciamento, que é o mesmo do que dizer, de reflexão. Neste sentido, unimo-nos à consideração de Caetano (2017) ao considerar que este processo, apesar de implicar um desenvolvimento pessoal, só pode ser plenamente conseguido em comunidade: “um processo de individuação e emergência de uma nova ordem, mas que não fazemos sozinhos” (Caetano, 2017, p. 801), pelo que abordaremos, de seguida, o tema do desenvolvimento comunitário.

1.2. O desenvolvimento comunitário à luz dos desafios contemporâneos

O conceito de comunidade, apesar de ter sido intensamente descrito por pensadores iluministas, como Voltaire, Diderot e Rousseau, numa tentativa de compreender a transição de uma sociedade tradicional para a sociedade moderna, já era utilizada por Aristóteles “como expressão da totalidade de indivíduos ligados por laços sociais” (Maia, 2002, p. 72). Encontramos, posteriormente, na literatura contemporânea diferentes conceções de comunidade que entram em consenso ao considerarem que este é um

conceito que implica sempre a partilha de aspetos comuns entre os seus membros, sejam estes axiológicos, como um quadro de valores comum, geopolíticos, como a partilha de um local e sistema legal, ou ainda culturais, como a língua, vivências, crenças, entre outros (Fernandez, 2009; Freire, 2014; Gadotti & Gutierrez, 1999).

Interessa-nos, desde já, distinguir alguns limites conceptuais entre comunidade (Gemeinschaft) e sociedade (Gesellschaft) (Maia, 2002). Se por um lado o agregado social confere um quadro constitucional através do qual se estabelece um modo de funcionamento aceite pelos seus membros, a comunidade constrói-se numa trama de laços afetivos, que vão para além dos aspetos espaço-temporais, promovendo o desenvolvimento da responsabilidade, da participação cívica, do bem comum e da justiça (Freire & Caetano, 2014, p. 2).

Uma outra conceptualização de comunidade, desta vez apresentada por Lawson e Garrod (2001), reforça que o sentido de identidade entre os seus membros pode ser atribuído ao local onde se insere, ao tipo de organização social, ou ainda às relações afetivas estabelecidas. Para estes autores, são os objetivos comuns identificados e partilhados pelos membros de uma comunidade que definem uma ação comunitária. Fernandez (2009) acrescenta que ao caracterizar uma comunidade é importante combinar e articular a tradição comunitária, como propunham MacIntyre e Nussbaum, com novas realidades sociais, resultantes do contacto intercultural.

Consideramos neste estudo a perspetiva de Freire (2014) que considera a experiência comunitária como a concretização de um processo de construção do coletivo assente na comunicação e na “expressão de intersubjetividades entre seres humanos” (p. 6). É aí onde se assiste a um “movimento que entrelaça individualidades e coletividades e que se desloca do Eu-Outro para o Eu-Nós, ou seja, de processos de sociabilidade para a convivência comum” (Freire, 2014, p. 6). Neste sentido, o desenvolvimento comunitário será aqui entendido como processo de construção conjunta que conta tanto com fatores e forças endógenas (Canário, 1999) como influências e intervenção exógena (Roque Amaro, 2005).

1.2.1. Desenvolvimento comunitário e intervenção comunitária: encontros e divergências

Os conceitos de desenvolvimento comunitário e intervenção comunitária surgem frequentemente em associação ou oposição, pelo que procuraremos neste ponto contributos para um enquadramento teórico que nos permita contextualizar o caso em estudo. Ao considerarmos a comunidade como um grupo de pessoas que estabelecem relações entre si fundamentadas em aspetos comuns, consideraremos também os aspectos que permitem o bem-estar comunitário, mais especificamente o seu desenvolvimento. Tomemos aqui o conceito de desenvolvimento relacionado com a possibilidade de potenciar e aprofundar os aspetos intrínsecos e positivos da comunidade.

A palavra desenvolvimento resulta da composição des + envolver (etimologicamente do latim *involvĕre* (fazer rolar a cair, enrolar, envolver), o que faz com que o seu sentido etimológico remeta para um processo dinâmico por um lado de “desenrolar, esclarecer, destapar, descobrir, mas também de “alterar um movimento de propensão depressora ou até aniquiladora” (Moreno, 2007, p. 17). Quando se fala em desenvolvimento comunitário ou desenvolvimento local, concordamos, com a expressão de Rui Canário ao afirmar que esta “é uma palavra de que alguns de nós não gostam e da qual, ao mesmo tempo, não conseguem prescindir” (Canário, 2012, p. 36), sabendo também que o conceito de desenvolvimento é daqueles com maior capacidade de alimentar diálogo e confusões interdisciplinares, assim como “pontes ou ruturas entre a teoria e a prática” (Roque Amaro, 2003, p. 2). Atualmente, é inegável que o conceito de desenvolvimento remete frequentemente para uma utilização de senso comum de uma ideia de crescimento economicista assim como para uma conotação etnocentrista onde a cultura ocidental se sobrevaloriza relativamente a outras culturas.

O desenvolvimento pode ser, ao invés, encarado na sua multidimensionalidade económica, política, educacional, tecnológica e social, pela importância que começa a ser conferida ao bem-estar dos membros da comunidade (Abdi & Guo, 2008, p.3). Os desastres ambientais que marcaram os anos 70 e 80, começam por um lado a despertar para uma maior consciência de pertença à comunidade global, a humanidade, como da responsabilidade e compromisso por uma ação local. O desenvolvimento local, afirmado cientificamente a partir dos finais dos anos 70, passa a ter reconhecimento político-institucional a partir dos anos 90. Autores como John Friedmann e Clyde Weaver, Walter Stohr e David Taylor, entre outros, têm enriquecido a discussão sobre esta temática. No

Dicionário Internacional da Outra Economia, o professor Roque Amaro (2009) define desenvolvimento local como “uma outra perspectiva metodológica de abordagem dos processos de desenvolvimento, centrando-os na comunidade local e no seu território, com as consequências em termos teóricos e práticos daí resultantes” (p. 111).

Canário (2012) não deixa de fazer notar uma certa incongruência que adjetivos do desenvolvimento despertam, uma vez que a noção ocidental de desenvolvimento continua intrinsecamente associada ao desejo de crescimento massificado e tecnocrático, pelo que isso é incompatível com adjetivos como sustentável, integrado, afirmando que “a adjetivação da palavra “desenvolvimento” não só não muda a sua natureza como se constitui como um obstáculo para, com lucidez, compreender os limites da nossa ação e libertar o nosso imaginário social para construir realidades novas” (p.37). Também Fragoso (2009) refere como a consciência social vai despertando para a crítica da modernidade perante o esgotamento dos recursos naturais e ataques que o ser humano provoca na natureza. É perante a consciência cada vez mais crítica das populações ao desenvolvimento marcado pela “cegueira do progresso” (Morin, 1990) e partilhada por muitos teóricos, que a “ilusão do desenvolvimento”, concebido até então, começa a decair findos os “anos gloriosos” do pós-guerra.

Na sua investigação, Moreno (2007) explora o conceito de desenvolvimento, encarando-o sempre na tensão entre a comunidade e as organizações com o meio envolvente. Refere-se ao “ecodesenvolvimento”, que surge nos anos 70 como reação às agressões ambientais e ao “desenvolvimento autocentrado”, que nos anos 80 se define como um “desenvolvimento em que as decisões para a condução do respetivo processo emanam como prioridades sentidas pela comunidade onde ele tem lugar, por oposição às do meio envolvente” (Moreno 2007, p. 105). O autor refere-se ainda ao carácter “algo restritivo” (p.104) do desenvolvimento endógeno.

Ivan Illich (1926-2002) está entre os críticos da sociedade industrializada. No seu pensamento destacou que a competitividade se foi constituindo como uma estratégia de sobrevivência numa lógica marcada pelo “ter”. Para Illich (2005) “podemos atribuir o emprego da expressão «ciência para o homem» a uma ambição despropositada” (p. 176). O pensador contemporâneo, cujos conhecimentos de teologia e filosofia o levaram a constituir o CIDOC (Centro Intercultural de Documentação) em Cuernavaca no México, constrói uma proposta assente em 3 áreas da sociedade: Escola, Transportes e Saúde, propondo uma cultura de convivialidade (Illich, 1976), que privilegie a interação humana

ao individualismo e a austeridade ao consumismo desenfreado. Rui Canário tem-se debruçado sobre o pensamento crítico de Illich, destacando a sua pertinência e contributo para a atualidade. Segundo Canário (2005), quando as nossas escolhas privilegiam o “ter”, isso fará com que se reduza “de modo drástico o nosso campo de autonomia e as liberdades de aprender, curar-se ou deslocar-se” (p.188), que serão convertidas em produtos comerciáveis. O autor torna evidentes os “efeitos contraprodutivos” da industrialização, definindo-os como o resultado prejudicial que se obtém quando um bem ou serviço ultrapassa determinado limiar até onde tinha efeitos benéficos. Illich partilha com outros pensadores a “desilusão do progresso” ao reconhecer que o conceito de bem-estar proposto e procurado pelas sociedades industriais diminui a autonomia e aumenta a insatisfação. A reflexão de Raymond Aaron (1971 citado por Canário, 2005) a partir do pensamento de Ivan Illich clarifica as consequências que a produtividade tem em termos de desigualdades sociais ao afirmar que “a pobreza moderna, resultado perverso do desenvolvimento e apresentada por Illich como mais destrutiva do que a pobreza tradicional, é aquela em que ‘os cidadãos aprenderam a pensar como os ricos, vivendo, contudo, como pobres’” (p. 190). Trazemos Ivan Illich para esta reflexão porque as respostas que apresenta para os problemas sociais identificados por si, revestem-se de carácter comunitário e ecológico, nos sentidos apresentados anteriormente.

Numa perspetiva de ação exógena, temos a intervenção comunitária que mobiliza equipas técnicas e organizadas, que atuam num determinado terreno e comunidade. Sabemos que a intervenção comunitária implica uma ação mais direcionada para objetivos, atividades planeadas e enquadradas num planeamento, posteriormente implementado e avaliado (Canário, 1999; Freitas, 2005; Cavaco, 2009). Sendo uma ação exógena considera-se o seu carácter facilitador e promotor do desenvolvimento comunitário (Melo, 2002). Roque Amaro (2009) dá-nos um importante contributo teórico e orientador para a construção, implementação e avaliação de programas de “promoção do desenvolvimento”, que devem respeitar as seguintes fases: “diagnóstico de necessidades das comunidades locais com a participação destas; resposta a partir dos recursos da comunidade; abordagem integrada dos problemas e soluções, conjugando componentes e áreas de intervenção” (p. 109).

Segundo Fernandez (2009), a intervenção comunitária tem dois objetivos: a cidadania e a qualidade de vida das comunidades. Este autor destaca ainda que “não se trata, como já foi referido, só de responder às necessidades de sobrevivência, senão assentar o

desenvolvimento nos valores comunitários: cooperação, co-gestão, co-participação, comunicação, contestação do consumismo, solidariedade, participação...” (Fernandez, 2009, p.2). Desta forma, uma presença externa à comunidade atua em ordem a desenvolver mecanismos trabalho em conjunto, aspeto indicado pelo prefixo “co”. Acrescentamos ainda, como refere Caetano (2016) que “o conceito de complexidade é o primeiro que nos vem à mente quando pensamos no prefixo ‘co’” (p. 44). Daremos, por isso destaque ao papel que a educação e formação têm no desenvolvimento social e cultural das comunidades. No seu estudo, Cavaco (2009) demonstra que as entidades que privilegiam uma lógica de formação integrada na comunidade local, associam a formação a projetos de vida e comunitários, o que vai promover um desenvolvimento social mais integrado, capaz de despoletar transformações individuais e coletivas. Assim, a ação técnica externa complementa-se à ação interna das comunidades.

1.2.2. O papel da educação e formação nos desafios que a sustentabilidade traz ao desenvolvimento comunitário

Consideremos o papel que a educação e formação têm no desenvolvimento comunitário. Educação tem origem latina “edutio”, forma do verbo “ducere”, que se relaciona com “algo a conduzir alguém para além, numa integração e adaptação à sociedade em que se vai viver, conviver, produzir, para continuidade da espécie, criando e recriando” (Santos, 2008, p. 48), e é, sem dúvida, um conceito com forte aplicabilidade em contexto social e comunitário. De mãos dadas com a formação estes movimentos de desenvolvimento integram-se e potenciam-se.

A formação pode ser vista como um processo tripolar (Pineau, 1983, 1991) em que a dimensão auto desempenha o papel articulador fundamental entre os “três mestres” da educação e cada um de nós: o “eu” (autoformação), os outros (heteroformação), as coisas (ecoformação). A abordagem de Pineau é bio-epistemológica, segundo Galvani (1991 citado por Canário, 1999), porque “encara a formação como o processo vital que define a “forma” de todo o ser vivo” e epistemológica porque a ação auto formadora é sempre reflexiva. (p. 116). Qual o papel da educação e formação num contexto de desenvolvimento comunitário?

Vimos como as preocupações com a sustentabilidade surgem na sequência de desastres ambientais para “novos desafios conceptuais às ciências sociais e humanas em geral” (Rego, 2005, p. 11). O conceito de “cidadania ecológica” no sentido de uma

participação ativa não só em termos de sustentabilidade como de educação para estilos de vida saudáveis e que equilibrem as várias dimensões da vida tanto pessoal como comunitária (Jacobi, 2005), tem ganho cada vez mais expressividade no debate social e político contemporâneo. Como refere Canário (2005), a educação e formação já não se pode alhear da necessidade de “problematizar o futuro”, numa perspetiva “não fatalista” (p. 188), onde o cerne da questão seja a capacidade e a possibilidade de fazer escolhas. Para Illich (2005), escolher significaria “colocar na balança”, o que nos remete para uma lógica não só aristotélica como de complexidade.

Quando se pensa em cidadania dentro de um paradigma de desenvolvimento comunitário, teremos necessariamente de considerar os contributos que Maria da Glória Gohn, pensadora sobre as questões da educação social, tem dado sobre este tema. A autora brasileira remete para a relação dos movimentos sociais e educação para a cidadania. A noção de cidadania tem sofrido uma evolução desde a antiguidade até aos tempos atuais. Vinculada a um grupo restrito da sociedade manteve durante muito tempo a forte ligação à propriedade, fosse esta intelectual e legislativa (Greco-Romano), fosse de terras e bens materiais (medieval), fosse do controlo sobre a sociedade (Estado a partir do Iluminismo). Gohn apresenta uma noção de cidadania coletiva vinculada a movimentos sociais de grupos que se organizam na reivindicação de direitos. Para Gohn (1992), o carácter educativo dos movimentos sociais está entre outros aspetos, relacionado com a capacidade de fazer memória do passado sem ressentimento, mas como forma de pensar e construir o futuro. Também Caetano (2016) reflete como o paradigma da complexidade contextualizado na ação, como foi o caso do projeto Fronteiras Urbanas, compromete os seus membros na construção de uma “cidadania ativa e crítica, apoiada em valores de solidariedade, cuidado, responsabilidade”, acrescentando ainda dinâmicas como a cooperação e convergência que confluem nas “várias esferas nas quais nos movemos, esferas que se alargam e incluem outras mais amplas” (Caetano, 2016, p. 45). Um outro modelo educativo interessante de considerar no contexto comunitário é a educação popular que, segundo Cavaco (2009) remete sempre para uma lógica de endogeneidade, onde os processos que se propõem partem dos recursos existentes, com os quais se pretende que o grupo se mobilize para a identificação e resolução de problemas. Segundo Lima (2005 citado por Cavaco, 2009), os processos de educação popular orientam-se por uma “lógica em que as dinâmicas de desenvolvimento comunitário surgem de baixo (da comunidade) para cima (para o Estado e a administração), e associa-se frequentemente a

movimentos reivindicativos, associações e projetos culturais” (p.163). Este tipo de desenvolvimento comunitário distingue-se notoriamente da intervenção comunitária que conta com a intervenção de agentes externos à comunidade. No entanto as práticas formativas que se pretendem propor ou desenvolver numa lógica de intervenção comunitária devem conservar uma “perspetiva integrada, endógena e ecológica” (Cavaco, 2009, p. 751).

Já na Carta de Ottawa (2006) se via a importância de reforçar a ação comunitária na transformação de estilos de vida saudáveis e que o desenvolvimento das comunidades teria necessariamente de partir dos recursos humanos e materiais já existentes. Nos documentos da UNESCO, apresentados no âmbito da adoção da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, foram definidos a 25 de setembro de 2015 os Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável, onde podemos encontrar a seguinte afirmação de Irina Bokova, diretora-geral da ONU: “agora, mais do que nunca, a educação tem a responsabilidade de se alinhar com os desafios e aspirações do século XXI, e promover os tipos certos de valores e habilidades que irão permitir um crescimento sustentável e inclusivo, e uma convivência pacífica” (2015, p. 7). Ainda na sua nota de abertura, Bokova acrescenta que nem todos os tipos de educação favorecem a sustentabilidade, pois “a educação que promove o crescimento econômico por si só pode também levar a um aumento de padrões de consumo insustentáveis” (2015, p. 7).

Em alternativa, e segundo Manuela Mesa (2011) a Educação para o Desenvolvimento é um “processo dinâmico, que gera reflexão, análise e pensamento crítico sobre o desenvolvimento”, centrando-se sobretudo na combinação de “capacidades cognitivas com a aquisição de valores e atitudes, que visem a construção de um mundo mais justo” (p. 6). Mais uma vez Jacobi (2005) recorda como a Agenda 21 Global se constitui um plano abrangente de ação, realçando a “complexa relação entre o desenvolvimento e o meio ambiente e, [que] a partir de um tripé, combina eficiência económica com justiça social e prudência ecológica, como premissas para a construção de uma sociedade solidária e justa” (p. 53).

Também Paulo Freire introduz no campo das Ciências da Educação uma pedagogia problematizadora onde a consciência e o espírito crítico se tornam capacidades essenciais a desenvolver. Com nacionalidade brasileira, viveu entre 1921 e 1997. Destacou-se pela sua dedicação à educação e pedagogia, tendo desenvolvido a pedagogia crítica, um movimento educativo reconhecido mundialmente. Segundo Freire a educação

acontece na relação entre as pessoas, pelo que considera que o educador se torna educando e o contexto de aprendizagem a realidade em que vivem os educandos. Para o pedagogo sul americano, “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo não se esgotando, portanto na relação eu-tu” (Freire, 1970, p. 78). Com isto o autor chama a atenção para a necessidade de dar capacidade de diálogo a todos os intervenientes, pois não é possível uma relação dialógica entre duas partes, se uma não tiver ainda desenvolvido a capacidade de pronunciar o mundo. Este deve ser um diálogo assente “no pensar crítico” e para isso “a tarefa do educador dialógico é, trabalhando em equipe interdisciplinar este universo temático recolhido na investigação, devolvê-lo como problema, não como dissertação, aos homens de quem recebeu” (Freire, 1970, p. 102).

Tal como afirma Jacobi (2005) a sociedade tem de se tornar reflexiva, pelo que a educação e formação devem ter esta preocupação quando constroem os seus programas educativos, assumam eles carácter formal ou não formal. Segundo o autor, é esta a capacidade que permite que se crie e recree a partir da realidade que existe e da qual se toma consciência, seja ela positiva ou negativa. Acrescentamos a isto que, quando esta reflexão é confrontada com outros e assume um carácter comunitário, através do diálogo, orienta-se para a lógica da transformação social proposta por Paulo Freire. Destacamos, por isso, a metodologia dos círculos de cultura de Paulo Freire, fundamentada nas suas obras *Pedagogia do Oprimido* (1970), *Pedagogia da Esperança* (2000) e *Cartas à Guiné* (1978). Segundo o seu autor, a pedagogia do oprimido não pretende instaurar uma lógica de luta contra os opressores, mas libertar e exercitar a consciência de que tanto oprimidos como opressores são alvos de desumanização, numa lógica que “distorce a vocação do ser mais”, pelo que este movimento apenas tem sentido se oprimidos e opressores assumirem o seu papel de “restauradores da humanidade de ambos” (Freire, 1970, p. 30). Em linha de acordo com MacIntyre e Jonas, Freire defende “a co-laboração, como característica da ação dialógica” (Freire, 1970, p. 166), e que por isso mesmo se concretiza na comunicação.

A educação, numa perspetiva da educação para o desenvolvimento (Abdi & Guo, 2008) ou num enquadramento cosmopolita (Nussbaum, 2014) tem de alargar as opções individuais numa preocupação global, não apenas por obrigação moral, como nos propõe Hans Jonas, mas por um forte sentido de pertença à humanidade, comunidade global.

Se por um lado é necessário aproximar a educação da vida das pessoas, por outro é fundamental aproximar a vida das pessoas da educação. No seu estudo, Cavaco (2009)

demonstra que as entidades que privilegiam uma lógica de formação integrada na comunidade local associam a formação a projetos de vida e comunitários, o que vai promover um desenvolvimento social mais integrado. Também Irene Santos (2014) conclui com o seu estudo no Moinho da Juventude na Cova da Moura, como se aprende numa associação de bairro que articula processos formativos formais e não formais, com impacto individual e coletivo e ainda numa relação vertical com o Estado e entidades administrativas e relação horizontal com a comunidade e associação. Canário (1999) também dá o exemplo do projeto Fareginhas, numa pequena aldeia do distrito de Viseu, onde a partir da porta de entrada da educação para a saúde relacionada com o planeamento familiar, se criou uma alavanca ao desenvolvimento comunitário, onde a otimização de recursos endógenos e a metodologia de educação não formal participativa, a partir de histórias de vida, permitiu a participação comunitária num grupo desportivo, recreativo e cultural, entre outras iniciativas. Segundo o autor, “este projeto exemplifica como, a partir de um “ponto de entrada” particular (neste caso o planeamento familiar) é possível conduzir uma ação educativa globalizada que se confunde com um processo de desenvolvimento local e em que a formação de adulto tem um carácter estruturante (p. 69). Na mesma linha de atuação, Fragoso (2009) apresenta o projeto “Radial” da Associação In Loco, levado a cabo na serra do Algarve onde se considerou que sendo a tecelagem uma atividade tradicional da zona, seria possível “desenhar uma formação que se centrasse nos produtos tradicionais (neste caso, mantas de lã e trapos), procurando-se um nicho de mercado correspondente” (p. 67). Estes projetos de intervenção comunitária, numa lógica de Desenvolvimento Local, integrado e sustentado, confirmam que “situar culturalmente uma ação educativa no desenvolvimento local significa, em primeiro lugar, que essa ação está enquadrada num esquema global de intervenção” (Fragoso, 2009, p. 67).

Outro exemplo é o do projeto Fronteiras Urbanas, que pelo encontro entre três comunidades diferentes (comunidade académica, comunidade piscatória da Costa da Caparica e comunidade do bairro), permitiu, entre outros, um estudo integrado dos aspetos do desenvolvimento comunitário, da interculturalidade e da educação social em contexto de intervenção comunitária (Freire & Caetano, 2014). De acordo com Freire (2014), uma das investigadoras vinculadas a este projeto, o conceito de comunidade revela-se “cada vez mais relevante para a compreensão do desenvolvimento das sociedades humanas e, conseqüentemente ele deve ser central na educação atual” (p.5).

A educação comunitária apresenta-se como base fundamental para o reconhecimento não só da individualidade como do coletivo, onde “a pessoa se reconhece como «ser-com-os-outros»”. (Sousa, 2010, p. 20, citado por Freire, 2014). Outra reflexão relevante enquadra-se no debate entre ética e complexidades na mediação comunitária desenvolvido por Caetano (2016). Pensar a forma como a ética atravessa os projetos de desenvolvimento comunitário permite-nos considerá-la como Caetano (2016) numa perspetiva contextualista, porque situada num determinado contexto ético e político. No seu estudo, a investigadora assume “as dimensões ética e política da mediação comunitária, uma ética contextualista, situada e comprometida com os princípios da responsabilidade, equidade, reconhecimento, reconexão e cuidado” (Caetano, 2016, p. 43). Emerge cada vez mais uma necessidade ética para a forma de intervir comunitariamente, capaz de reconhecer as características e recursos da comunidade e com ela promover um desenvolvimento integrado. Acima de tudo não se pode abafar as “potencialidades endógenas” perante “os impulsos exógenos, embora estes pudessem ser importantes para dinamizar e fecundar aquelas, sobretudo quando as comunidades locais tivessem perdido a capacidade de iniciativa e a vontade de mudança” (Roque Amaro, 2009, p. 110).

CAPÍTULO 2 – CONSTRUÇÃO DO PERCURSO INVESTIGATIVO: CONTEXTO, OBJETIVOS E PROCESSOS DE INVESTIGAÇÃO

O caso de estudo foi-se definindo progressivamente. Inicialmente, havia a intenção de aprofundar os conceitos de Ética e de Comunidade, pelo que foi a busca de um contexto já nosso conhecido e pertinente a este estudo que nos conduziu, antes de mais, à Associação Casa Velha e, posteriormente, ao projeto Aterra, o primeiro a ser implementado com apoio de financiamento externo nesta Associação. Sendo um projeto de intervenção e desenvolvimento comunitário foi planeado e implementado tendo em conta diferentes eixos de ação. Analisaremos neste estudo o eixo orientado para o fortalecimento de redes locais. A figura 1 apresenta de forma esquemática a sistematização do contexto em estudo.



Figura 1 - Sistematização do contexto do estudo de caso

O estudo de caso atravessa assim a interação entre estes diferentes sistemas (Associação Casa Velha, projeto Aterra e Eixo de Fortalecimento das Redes Locais). A interação entre estes três componentes de investigação permite manter o diálogo entre si, considerando como se influenciam mutuamente. Estando o estudo de caso direcionado para apenas um dos eixos do projeto, a abordagem que os participantes fazem do projeto confunde-se frequentemente com a própria Associação Casa Velha, onde decorreram muitas das atividades desenvolvidas, e cujos valores, da Associação e do Projeto, foram confluindo em encontro e transformação mútua.

Este capítulo divide-se em três partes. Numa primeira parte, começamos por apresentar o contexto do estudo, com o enquadramento da Associação Casa Velha, a partir da sua história e valores e projeto Aterra, definindo o eixo de fortalecimento das redes locais. Numa segunda parte definimos os objetivos e as opções metodológicas desta investigação, enquadrada no paradigma da complexidade (Amado, 2014), destacando

ainda o modo de utilizar os diferentes instrumentos de recolha de dados, nomeadamente, entrevistas, documentos, registos autobiográficos e notas de campo. Na terceira parte traçamos o percurso deste estudo e enquadrámos teoricamente as sessões dialógicas de reflexão ética a partir da contribuição dos círculos de cultura de Paulo Freire (2018), descrevendo como se foi desenrolando o processo.

Por fim, consideramos as principais dificuldades e desafios com que nos deparámos ao longo deste estudo, destacando as questões éticas que foram emergindo e as estratégias adotadas para manter as exigências não só da Carta de Ética do Instituto (2017) de Educação, como da Carta de Ética das Ciências de Educação (2014) e ainda os cuidados de credibilidade.

2.1. Associação Casa Velha – Ecologia e Espiritualidade

A Associação Casa Velha – Ecologia e Espiritualidade foi constituída em 2012. Localizada e enraizada no concelho de Ourém, tem como missão “contribuir para o Desenvolvimento Humano Integral em espaço rural, através da hospitalidade, da experiência de vida simples, do contato com a natureza, do trabalho comunitário e da meditação” (Documento 4 (D4), Categoria B3, Anexo 2). A associação nasceu da vivência familiar na Quinta da Casa Velha, localizada no Vale Travesso, aldeia pertencente à Freguesia de Nossa Senhora da Piedade, em Ourém, e da sua expressividade no desenvolvimento local nas últimas décadas.

Antes de se constituir Associação foi promovendo, a partir de 2008, atividades “sempre com uma forte componente de ligação à natureza e ao trabalho no campo” (D4, B2, Anexo 2). A crescente procura e reedição destas atividades foi deixando as “marcas [que] foram apontando um caminho e reforçando as dimensões a que a Associação Casa Velha, constituída em 2012, se sente hoje chamada a trabalhar” (D4, B2, Anexo 2).

O quadro 3 apresenta de uma forma organizada os principais valores desta associação, retirado da Candidatura ao Prémio *Green Awards* em 2016 (D4, Anexo 2):

Tabela 2 - Valores da Associação Casa Velha

Experiência de um estilo de vida simples e mais sustentável;	SIMPLICIDADE/ SUSTENTABILIDADE
Experiência de uma vida quotidiana partilhada;	PARTILHA/ RELAÇÃO
Contacto com a natureza e a possibilidade de intervir em trabalhos rurais, próprios de cada estação;	RESPONSABILIDADE
Possibilidade de participar e colaborar num projeto comum;	PARTICIPAÇÃO
Experiência de se sentir em casa;	PERTENÇA

Associada ao desenvolvimento humano integral, a Associação Casa Velha tem-se dedicado, através de atividades e projetos de educação não formal (Cavaco, 2018) à educação para a Ecologia Integral (Boff, 1996), numa interação dinâmica entre os valores discriminados no quadro 2. Ao longo dos últimos 8 anos, a Associação Casa Velha tem vindo a demonstrar como o seu espaço e atividades contribuem “para o Desenvolvimento Humano Integral, nas suas diferentes dimensões: pessoal, comunitária, local, em comunhão com toda a Terra e com a Humanidade” (D5, B2, Anexo 2).

Em linha com os autores referidos anteriormente, a Associação Casa Velha insere-se num território, com a qual pretende promover uma cidadania responsável que nasça do cuidado e da compreensão. Torna-se assim um sinal para o futuro assente na “fraternidade, simplicidade e solidariedade na sociedade onde se insere”, valores defendidos por Morin (2005) como portas para uma nova ética.

A Associação Casa Velha tem-se enraizado axiologicamente na linguagem e no contexto em que se insere. Partindo de oito intuições para a Ecologia Humana, que se têm tornado cada vez mais transversais a todas as atividades que desenvolve (D4, B2, Anexo 2), centra-se na Vida como oportunidade de reencontrar estilos mais sustentáveis de partilhar a cidadania global, numa era ameaçada pelas alterações climáticas. As intuições que se vão tornando, cada vez mais, pilares estruturantes desta Associação em crescimento são: viver com pouca tralha; viver abertos e disponíveis; viver agradecidos; viver com verdade; viver com alegria; viver a universalidade; viver em discernimento; viver em coerência; viver sabendo esperar. (D4, B2, Anexo 2).

Segundo os seus estatutos, a Associação Casa Velha,

“tem por objeto a promoção da cultura, defesa do património histórico, rural, regional e do ambiente através da realização de atividades de formação, de reflexão, e acompanhamento espiritual, de conhecimento e integração na natureza, ecologia, animação cultural e de encontro para crianças, jovens e adultos de forma individual ou em grupo” (D5, B3, Anexo 2).

A pertinência de uma visão orientada para a educação e formação vai ao encontro das necessidades locais. Note-se pelos Censos de 2011, próximos da constituição da Associação, o panorama geral que em termos de escolaridade se apresentava: “19% da população da freguesia de Nossa Senhora da Piedade não possuem qualquer grau de escolaridade, 15% são analfabetos, entre os quais 60% são mulheres; 15% da população possui o ensino secundário; 13% possuem uma formação pós-secundária ou universitária” (Documento 4, Eixo de Análise A1, Anexo 2).

Acrescentado a isto em termos sociais, assiste-se a um aumento do desemprego e de uma geração jovem adulta desligada do contexto rural, da terra, pois “a geração dos mais novos cresceu num contexto laboral de serviços e pequenas indústria, muito marcada por fortes vagas de emigração nos anos 70 e 80, que ainda hoje a caracterizam. (Documento 4, B1, Anexo 2).

Foi perante este cenário de fragilidade social e reconhecendo a sua capacidade interventiva, que a Associação Casa Velha em parceria com a FEC – Fé e Cooperação, Câmara Municipal de Ourém e a Organização Não Governamental ACTUAR se candidatou ao programa Cidadania Activa promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian, com o projeto Aterra: Políticas Globais e Estratégias Locais para o Desenvolvimento Sustentável (Anexo 2).

2.1.1. Projeto Aterra

Numa época em que assistimos a “políticas e comunicação marcadas pela palavra Sustentabilidade” as desigualdades sociais e disparidades entre o rural e urbano, o centro e a periferia lançam um “desafio de fundo: como articular de maneira efetiva e transformadora políticas globais e estratégias locais para o desenvolvimento sustentável?” (Alvim, Neves, Martins, & Pereira, 2016, p. 7). Foi a partir desta interrogação que foi nascendo o projeto Aterra Políticas Globais e Estratégias Locais para

o Desenvolvimento Sustentável, “desenvolvido no concelho de Ourém entre fevereiro de 2014 e fevereiro de 2016 no âmbito do programa Cidadania Ativa, cofinanciado pelo Mecanismo Financeiro *EEA Grants*” (D2, A3, Anexo 2). Contou com o financiamento de fundos europeus e com a parceria entre diferentes organizações. Orientado para o “combate contra desigualdades sociais, pobreza e exclusão, especialmente em zonas rurais”, o projeto dispôs-se a contribuir para a “boa governação” através da “aproximação dos cidadãos aos órgãos de soberania, potenciando políticas públicas mais aderentes e participadas” e ainda do “desenvolvimento sustentável” pela intervenção “ao nível da sustentabilidade rural, refletindo e promovendo uma visão integrada do desenvolvimento” (D1, A2, Anexo 2).

Como principais estratégias o Aterra pretendia promover o “diálogo (...) e a compreensão entre diferentes paradigmas da sociedade” (D1, A2, Anexo 2), através de três eixos de ação:

1. Capacitação de pequenos produtores e valorização da sustentabilidade rural;
2. Sensibilização de alunos e professores para os temas relativos à sustentabilidade;
3. Fortalecimento das redes locais.

Relativamente ao primeiro eixo foram desenvolvidas atividades que facilitaram o levantamento dos pequenos produtores existentes em 9 juntas de freguesia do concelho de Ourém. Sendo um concelho muito disperso, o Aterra promoveu o encontro não só entre produtores para que partilhassem dificuldades e redescobrissem novos caminhos de desenvolvimento, como o encontro entre produtores e decisores políticos. O tema da alimentação sustentável (Anexo 2), transversal a todos os eixos do projeto, foi amplamente discutida e desenvolvida nesta componente do projeto. Pelo fortalecimento das redes locais, foi possível aproximar as escolas dos produtores, incentivando o contacto direto entre produtor e consumidor, assim como foi também possível desenvolver ações de formação sobre produção sustentável (Anexo 2).

Em articulação com outros projetos, o Aterra potenciou a ação dos cabazes PROVE, uma iniciativa nacional que pretende facilitar a compra direta aos produtores que constituem quinzenalmente cabazes de produtos hortícolas que são entregues, mediante inscrição prévia. Estas iniciativas fortalecem os laços comunitários ao mesmo tempo que mobilizam a economia local.

No segundo eixo do projeto Aterra, com enfoque na sensibilização de três comunidades escolares: agrupamento de escolas de Ourém, um colégio privado e uma escola profissional, trabalharam-se diferentes aspetos decorrentes do tema da Sustentabilidade, com vista à criação de um instrumento de recursos pedagógicos. Contando com a colaboração de um dinamizador de atividades socioculturais, foram realizadas várias sessões formativas alternadamente nas escolas e na Associação Casa Velha (Anexo 2). Os alunos aderiram aos temas propostos e construíram projetos ao longo do tempo do Aterra que se prolongaram depois que este terminou o seu tempo de financiamento. Temas como Desperdício Alimentar, Alimentação Sustentável, Consumo Responsável, Sementeira, Colheita e Conservação de produtos, foram trabalhados em conjunto com alunos e professores. Deste percurso formativo surgiu um livro de recursos pedagógicos (Anexo 2), que pretende ser um mapa para que cada grupo escolar ou formativo possa traçar o seu próprio rumo pedagógico na descoberta de formas transformadoras de abordar e influenciar comunitariamente o tema da sustentabilidade. Da interligação entre os vários eixos, foram nascendo atividades como encontro entre produtores locais e alunos, encontro entre alunos e utentes do lar e ainda alunos e decisores políticos. Estas atividades superaram os objetivos iniciais do projeto (Anexo 2), revelando a capacidade mobilizadora de uma comunidade quando se facilita o encontro entre diferentes atores locais e se facilita a mediação comunitária.

Dada a envergadura deste projeto, impacto positivo e alargado que teve na comunidade que o constituiu e da comunidade local em que se inseriu, optámos por analisar especificamente o terceiro eixo dedicado ao fortalecimento das redes locais. Como referem as autoras de uma das obras decorrentes do Aterra, “a transição para uma vida mais sustentável implica a mudança do comportamento das pessoas. E mudar os comportamentos está no domínio das políticas. É por isso necessário agir como cidadãos (e não apenas consumidores)” (Alvim, Neves, Martins, & Pereira, 2016, p. 10).

Foi a isso que se dedicou o eixo de fortalecimento das redes locais através de atividades orientadas para o encontro:

- **intergeracional:** entre utentes do lar e crianças da escola primária e jovens voluntários da Associação Casa Velha;
- **Intercultural:** com atividades como os “Almoços do Mundo”, onde se promoveu o debate e a partilha de hábitos culturais, através de receitas

confeccionadas por participantes de África (Moçambique, Cabo Verde e Guiné), do Médio Oriente e Portugal.

- **entre estudantes, decisores e investigadores:** com atividades como a “Escola de Verão” em regime residencial, onde ao longo de uma semana se uniu a prática agrícola à reflexão sobre as questões da agricultura e alimentação sustentável e consumo responsável, terminando com um encontro com o secretário de estado da agricultura (Anexo – Escola de Verão).
- e ainda **entre diferentes atores locais** como os “Encontros à mesa com...” onde em diferentes lugares do Concelho, como museus, escolas e associações se promoveram debates sobre os temas do Aterra.

A atividade “Almoço do Mundo” que se repetiu ao longo do projeto pretendia promover o encontro intercultural. Sendo uma região com aumento do fluxo migratório, nos últimos dez anos, considerou-se pertinente fortalecer a ligação entre diferentes culturas a partir da gastronomia (Anexo 2). Como se pode consultar no anexo (Anexo 2), o Almoço do Mundo consistia numa refeição partilhada em que cada elemento trazia alimentos confeccionados conforme a sua cultura e apresentavam aos restantes participantes, enquadrando histórica e culturalmente. Outro aspeto sempre presente nestes encontros era um debate em torno de um tema de caráter global, como a questão da alimentação (in)sustentável em várias regiões africanas e ainda dificuldade de subsistência de pequenos produtores. Pretendia-se com estas atividades incentivar um consumo mais responsável e uma maior ligação entre a ação comunitária e seu impacto global.

A atividade “Escola de Verão” foi uma iniciativa de formação residencial, que se repetiu por duas vezes ao longo dos dois anos do projeto. Com um regime que pretendia equilibrar tempos de formação orientados por professores e formadores especialistas, com tempos de reflexão individual, de debates em pequenos grupos e ainda de trabalho de campo, construiu-se uma proposta de influência política. Na primeira Escola de Verão (2014) o documento construído coletivamente ao longo de 5 dias, que destacava as principais preocupações relativamente à produção e alimentação sustentável, foi apresentado ao Secretário de Estado da Agricultura num encontro que o Aterra promoveu entre diferentes atores sociais (Anexo 2). Para além de estabelecer a aproximação entre políticas globais e estratégias de intervenção e de transformação local, as Escolas de

Verão permitiram também a partilha de boas práticas, o incentivo à mudança de estilo de vida e ainda o encontro entre membros de gerações e culturas diferentes.

Os encontros “à mesa com...” eram realizados regularmente em espaços do concelho de Ourém, promovendo o debate, a reflexão e a apresentação de iniciativas da comunidade. Com forte componente cultural, estes encontros atravessaram os temas que temos vindo a expor e permitiram também dar a conhecer a evolução e progresso do Aterra.

A rede de voluntariado que o Aterra gerou, potenciou ainda outras atividades como um campo de férias para as crianças da região de Vale Travesso, uma das aldeias do concelho. Foi ainda surgindo a possibilidade de integrar diferentes grupos da comunidade em atividades comuns como foi o caso dos encontros intergeracionais entre crianças da escola primária e utentes do lar de idosos.

A intenção de estudar o processo participativo promovido não só pelo projeto Aterra como vivenciado no dia-a-dia da Associação Casa Velha levou-nos a traçar um percurso metodológico, começando por definir os objetivos e a delinear os passos deste processo investigativo. Reconhecemos que assim como os vários eixos do projeto se interligam e influenciam mutuamente, o mesmo acontece entre o projeto Aterra e a Associação Casa Velha. Com identidades distintas, confluem em objetivos comuns. Tal como refere Caetano (2016) “entendemos que a realidade é conjunta e que acontece com uma repercussão em todos os outros”, acrescentando assim que “humanizando-nos, espiritualizamos o humano”⁴ (p. 56). É neste paradigma de pensamento que enquadrámos as várias linhas que aqui fomos traçando, aprofundando melhor os objetivos do estudo e respetivo percurso investigativo.

2.2. Objetivos do Estudo

A questão de partida apresentava-se, como já vimos como porta ao encontro de uma maior compreensão dos fenómenos em estudo e da sua interação. Mantivemos a dialogicidade entre as duas partes do estudo, como se pode ver na tabela 3 sendo que a

⁴ “*entendamos que la realidad es conjunta y que acontece con una repercusión en todos los otros. Humanizándonos, espiritualizamos lo humano*” (Caetano, 2016, p. 56)

primeira dá resposta aos eixos de análise 1 e 2 e a segunda parte, centrada no processo de análise das sessões dialógicas de reflexão ética.

Tabela 3 - Questões de investigação e eixos de análise

<p>Questão de Partida: que reflexões sobre questões éticas e sobre processos de transformação com dimensão ética emergem nos discursos retrospectivos e prospetivos dos participantes do projeto Aterra?</p>		
<p>Objetivo de investigação: compreender como são problematizadas as dimensões éticas identificadas pelo projeto de desenvolvimento comunitário: Aterra.</p>		
Questões de investigação	Objetivos de investigação	Eixos de Análise
<p>A) Que questões éticas e transformações com dimensão ética são identificadas num processo de retrospectiva sobre o eixo de fortalecimento das redes locais do projeto Aterra?</p>	<p>1. Identificar as questões éticas (tensões, dilemas, dificuldades e expectativas) emergentes durante e após o desenvolvimento do eixo de fortalecimento das redes locais do projeto Aterra;</p>	<p>I. Dimensões Éticas emergentes da reflexão sobre o eixo de fortalecimento das redes locais do projeto Aterra</p>
	<p>2. Conhecer as transformações com dimensão ética identificadas pelos participantes tanto a nível pessoal como comunitário;</p>	<p>II. Transformações pessoais e comunitárias com dimensão ética decorrentes do projeto Aterra</p>
<p>B) Que processos de reflexão ética, centrados no eixo de fortalecimento das redes locais do projeto Aterra, se desenvolvem através de práticas artísticas por um grupo de participantes do projeto?</p>	<p>3. Promover e compreender os processos de reflexão ética que se desenvolvem em sessões dialógicas através de práticas artísticas centradas no eixo de fortalecimento das redes locais do projeto Aterra.</p>	<p>III. Processo de reflexão ética através de sessões dialógicas com um grupo de participantes do projeto Aterra</p>

2.3. Opções metodológicas e estratégias adotadas

Consideramos tratar-se de um estudo de caso etnográfico, uma vez que esta metodologia permite ao investigador, como refere o professor João Amado, situar-se no paradigma da complexidade, preservando as características holísticas dos sistemas que, entre si, se articulam e inter-relacionam (Amado, 2014).

Mais do que um estudo exploratório ou explicativo, o trabalho desenvolvido com os participantes do projeto Aterra, que integra este estudo, situa-se numa perspetiva fenomenológica, como estudo interpretativo. Apoiámo-nos em instrumentos de recolha de dados de cariz etnográfico: observação participante, entrevista e análise documental.

Os motivos para optar por um estudo de caso etnográfico relacionam-se com a intenção de preservar ao máximo os processos (Yin, 2001), assim como “as interpretações e significados que estes [os atores] atribuem aos contextos em que participam”, através de um processo de reflexão ética coletiva, promovendo com isso “um motor de desenvolvimento” (Stenhouse citado por Amado, 2014, p. 132).

Este estudo de caso foi sendo constantemente reestruturado pelo contacto com a contexto que se pretendia estudar, exigências que se evidenciavam e desafios que se propunham. Foi um processo marcado pela colaboração e construção conjunta, onde todos os participantes não só tiveram voz como manifestaram intenção de dar continuidade a alguns aspetos que se apresentam como positivos e construtivos para a comunidade. As técnicas para recolher dados foram entrevistas semidiretivas, análise de documentos, registos autobiográficos e notas de campo das sessões dialógicas de reflexão ética.

Relativamente aos participantes, este estudo contou com a participação de 8 pessoas, sendo 7 do género feminino e 1 do género masculino, que participaram nas entrevistas e nas sessões dialógicas de reflexão ética, sendo que 3 participantes colaboraram simultaneamente nas entrevistas e nas sessões dialógicas, como se pode ver na tabela 4:

Tabela 4 - Participantes nas Entrevistas e sessões Dialógicas de Reflexão Ética

Entrevistas	Sessões Dialógicas de Reflexão Ética
Participante A	
Participante B	
Participante C	
Participante D	
Participante E	
	Participante F
	Participante G
	Participante H

2.3.1. Entrevistas

As entrevistas constituíram um importante instrumento de recolha de dados para este estudo qualitativo (Amado, 2004), porque permitiram um tempo entre 2 a 3 horas com cada participante, onde foi possível acompanhar um processo de reflexão pessoal e de reconstrução da memória (Santos, 2014).

O guião das entrevistas foi construído com base nos eixos de análise (tabela 2). Fizemos seis entrevistas a participantes que revelavam um grau elevado de compromisso com o projeto, tal como Quivy e Campenhout (1992) defendem. É de referir ainda que, pelas características do grupo disponível a ser entrevistado, todos os participantes são do género feminino, conforme podemos ver na tabela 4. Por motivos de anonimato as funções dos participantes não são relacionadas com os mesmos.

Tabela 5 - Funções dos participantes entrevistados

Papel desempenhado no Aterra
Gestão do projeto
Dinamização de atividades do projeto
Participação em atividades
Voluntariado no âmbito do projeto
Dinamização de projeto consequente do Aterra

O guião da entrevista (Anexo 1) seguiu a estrutura delineada nos objetivos de investigação, tendo como objetivos:

- Compreender os processos de tomada de decisão e a sua relação com as motivações dos participantes;
- Compreender a importância atribuída à reflexão ética e avaliação ao longo do projeto;
- Identificar os momentos relevantes e as principais dúvidas, dilemas e tensões do projeto Aterra;
- Compreender as transformações decorrentes da reflexão ética a nível pessoal e comunitário.

Cada entrevista seguiu uma condução semidiretiva, procurando agrupar-se os temas em 5 blocos: a) Legitimação da entrevista; b) Caracterização pessoal, comunitária e papel no projeto Aterra; c) Processos de reflexão, tomada de decisão e trabalho em rede; d) transformações pessoais e comunitárias; e) finalização da entrevista e agradecimentos.

Cada entrevista foi conduzida com flexibilidade, mantendo-se uma escuta ativa e inclusiva dos contributos que iam surgindo de forma aleatória implicou um tratamento de dados mais abrangente. O documento *word* utilizado para a análise de conteúdo congrega os recortes feitos das diferentes entrevistas categorizando-os de forma extensiva (Anexo 3), sendo possível fazer o cruzamento entre o participante e o indicador em análise. As entrevistas não são apresentadas na íntegra, mas no anexo da análise de conteúdo, na tentativa de preservar ao máximo a confidencialidade dos participantes.

2.3.2. Análise documental

A análise de documentos foi um instrumento de recolha de dados muito importante para compreender o projeto Aterra e a Associação Casa Velha e, estabelecendo comparações, identificar os seus aspetos comuns. Inicialmente, o estudo confinava-se apenas ao projeto Aterra, sem aparente necessidade de apresentar e analisar os valores e características da Associação Casa Velha. No entanto, a análise de documentos (Anexo 2) potenciou uma alteração ao plano inicial, uma vez que há uma forte sinergia entre estes dois componentes do eixo em estudo.

Tal como Irene Santos (2014) refere na sua investigação sobre a Associação Moinho da Juventude, a experiência de leitura e análise de documentos revelou-se uma oportunidade de maior enraizamento no contexto em estudo, neste caso, na Associação Casa Velha. Os documentos analisados foram a totalidade dos dispensados pela Associação e permitem uma abordagem geral e completa dos projetos: Aterra e Casa Velha.

Analisámos 7 documentos, como descrito na tabela 6, que assim como as entrevistas são apresentados a partir dos recortes feitos para análise, de modo a garantir a confidencialidade de dados sensíveis:

Tabela 6 - Documentos analisados

Documento	Identificação do Documento
D1	Formulário de Candidatura do Projeto Aterra
D2	Recursos Pedagógicos para o Desenvolvimento Rural Sustentável numa perspetiva de Cidadania Global
D3	Memória da Escola de Verão Aterra 1ª Edição
D4	Candidatura ao <i>Green Awards</i> 2016
D5	Estatutos da Associação Casa Velha
D6	Folheto Casa Velha
D7	Folheto Projeto Aterra

2.3.3. Registos autobiográficos

Os registos autobiográficos, realizados pela investigadora enquanto participante surgiram como um instrumento necessário para garantir a distância que o investigador deve ter durante um estudo de cariz etnográfico (Yin, 2001), permitindo a distinção das diferentes vozes neste processo retrospectivo. Seguiram 5 temas específicos, em linha com os eixos de análise e temas das sessões dialógicas

Distinta da auto-etnografia (Ellis, 2004) consideramos que estes registos se enquadram numa metodologia autobiográfica, uma vez que se pretende uma reflexão não sobre uma prática presente e seu impacto social (auto-etnografia) mas sobre acontecimentos que se aproximam de uma narrativa de vida (Hamilton, Smith, & Worthington, 2008), com um enfoque mais direccionado para o *self* (Coia & Taylor, 2005, citados por Hamilton, Smith, & Worthington, 2008).

Foram feitos cinco registos autobiográficos (Anexo 12), também integrados na análise de conteúdo.

2.3.4. Notas de campo

Segundo Bogdan & Biklen (1994) as notas de campo são um instrumento fundamental para a observação participante e como método complementar importante a outros instrumentos de recolha de dados. As notas de campo foram utilizadas para registar o processo decorrido nas sessões dialógicas de reflexão ética, de acordo com a intenção destes autores, como “relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha” (p. 150).

As sessões dialógicas foram sendo agendadas com o grupo de 6 participantes que se manteve estável entre Outubro de 2018 e Maio de 2019. Cada sessão foi gravada via áudio, depois de pedido o consentimento aos participantes. As sessões foram transcritas (Anexos 8,9,10,11) e enviadas aos participantes que validaram a informação registada. Às notas de campo registadas ao longo do processo, pela investigadora, foram acrescentadas transcrições das reflexões dos participantes ao longo das sessões (Anexos 4,5,6,7). Também as notas de campo foram enviadas aos participantes, a fim de preservar não só a sua colaboração neste estudo, como a sua permissão e validação do tratamento da informação. Posteriormente, procedeu-se da mesma forma com a análise de conteúdo e interpretação de dados.

2.4. Sessões dialógicas de reflexão ética: o contributo dos círculos de leitura de Paulo Freire

O pensamento de Paulo Freire tem alguns eixos estruturantes, entre os quais se destaca o diálogo. Para o pedagogo brasileiro, o princípio dialógico é “constituidor da existência humana” (Marinho, 2009, p. 16), sendo a partir da linguagem que é possível desenvolver a consciência e o espírito crítico. A crítica que Paulo Freire faz aos processos culturais alienantes tem a sua resposta na comunicação (Freire, 2018; Marinho, 2009). Tal como referem Santos, Beckert e Correia (1992), “pensar não é um ato solitário, mas um ato de comunhão, de comunicação com o mundo e com os outros. Supõe a comunidade e gera a comunidade” (p. 6).

Os círculos de cultura, proposta metodológica de alfabetização crítica desenvolvida por Paulo Freire baseiam-se na dialogicidade como “prática do diálogo verdadeiro, que mantém viva a relação entre a ação e a reflexão” (Marinho, 2009, p. 28). Freire aponta sempre a educação como alavanca para a liberdade, como podemos encontrar nas páginas da sua tão conhecida obra, *Pedagogia do Oprimido* (2018).

O seu método apoia-se na alfabetização como meio de conscientização, na medida em que através da palavra se faz cultura. A palavra lida e expressa é um meio de consciência crítica e participação na sociedade em que se vive. Os círculos de cultura são uma proposta de organização de aprendizagem e de desenvolvimento da conscientização, onde os participantes ocupam lugar num círculo que em si evoca a oportunidade de participação de todos, em contexto não formal. A partir de uma palavra geradora desenvolvem-se diálogos e atribuem-se significados, o que posteriormente permitem aos

formandos utilizar a palavra para expressar uma intenção e um significado (Freire, 1967). Os princípios que regem os círculos de cultura são a “reciprocidade de consciências” (Fiori, 1967), na medida em que se considera que tanto educadores como educandos aprendem e ensinam, pelo que o coordenador deve reduzir o mais possível o seu grau de intervenção direta no curso do diálogo. Outro aspeto central é sem dúvida o princípio dialógico definido por Caetano (2007), apoiada no pensamento de Morin, como “a possibilidade e necessidade de coexistirem e dialogarem diferentes lógicas e dimensões na organização dos fenómenos complexos” (p. 68).

Neste estudo, os círculos de cultura não são utilizados como metodologia de alfabetização, mas como estratégia de reflexão conjunta a partir de quatro temas definidos em conjunto. Alguns estudos recentes, como é o caso da investigação-ação de Monteiro e Vieira (2009) realizada com um grupo de dez enfermeiras da área de Saúde Comunitária e Familiar revela como esta metodologia pode ser implementada para promover a reflexão crítica e, no seu caso, a “reconstrução de ações de educação para a saúde na comunidade” (p. 398). Mais uma vez, as investigadoras destacam o papel do diálogo nesta metodologia como “campo profícuo para a reflexão-ação na elaboração de uma proposta sistematizada” (Monteiro & Vieira, 2009, p. 398), destacando que o conceito de círculo remete para a participação de todos em torno de um tema e o de cultura faz extrapolar as conceções individuais para modos de pensar coletivos.

O conteúdo recolhido e construído ao longo das sessões dialógicas de reflexão ética deu resposta aos dois primeiros objetivos deste estudo de caso, integrando as notas de campo na análise de conteúdo e ainda ao terceiro objetivo, uma vez que é feita a análise dos processos de reflexão ética a partir das transcrições e notas de campo das sessões, emergindo para além de um movimento retrospectivo, um movimento prospetivo, que beneficiou do primeiro. Assim, estas propostas formativas não se restringiram a olhar sobre o passado, mas a perspetivar o futuro.

2.4.1. Construção das sessões dialógicas de reflexão ética

Segundo a professora Maria Manuela da Silva (1963) “em favor do desenvolvimento comunitário diz-se ainda que, se o desenvolvimento opera sempre uma transformação profunda dos indivíduos e dos grupos humanos, devem ser estes os autores dessa transformação - tomando consciência dela, escolhendo-a, assumindo-a, realizando-a” (p.8). É este sentido de iniciativa, participação e responsabilidade que reveste o

desenvolvimento comunitário. Foi também com esta intenção de promover uma maior tomada de consciência através da memória, que nos propusemos a ir percorrendo um caminho, onde se foi desenvolvendo uma metodologia de reflexão ética em comunidade a que demos o nome de sessões dialógicas de reflexão ética. Em vez de nos envolvermos em torno de uma palavra geradora, centrámo-nos em cada sessão em redor de um conceito ou aspeto com dimensão ética.

Orientados pelos objetivos do estudo, fomos construindo com o grupo um percurso de reflexão (tabela 7). Os temas foram identificados depois de se realizar a primeira sessão, dinamizada de forma semidiretiva, onde foi entregue ao grupo a autonomia de decidir o rumo a seguir. A nossa proposta inicial foi a construção de um livro de memórias. No entanto, a necessidade de abordar questões mais transversais aos diferentes níveis a que este estudo se dedicava, levou o grupo a valorizar o processo de reflexão como produto das sessões, em vez da construção de um livro de memórias.

Em cada sessão utilizámos perguntas geradoras de reflexão e propostas de comunicação da reflexão individual através de práticas artísticas que eram posteriormente integradas numa reflexão conjunta, como se pode ver na tabela 7.

Tabela 7 - Sessões Dialógicas de Reflexão Ética

Tema da sessão	Perguntas geradoras de reflexão	Proposta de prática artística para reflexão individual	Proposta de prática artística para reflexão coletiva
Memórias d'Aterra	Qual o meu lugar no projeto Aterra? Quais as pessoas, situações, atividades mais marcantes?	Representação do lugar no projeto a partir de uma rodela de papel	Ligações e registos numa mesa que pusemos a rodar
Aterra que (nos) transforma	Quais as transformações com dimensão ética que o Aterra provocou na comunidade? E na minha vida pessoal?	Representação através de objetos da natureza das transformações provocadas pelo Aterra	Exposição e partilha
Dificuldades dentro d'Aterra	Que tensões e dificuldades foram emergindo ao longo do projeto Aterra? Que dificuldades foram encaradas como oportunidade?	De olhos vendados e em silêncio, sentir emaranhado de fios e recordar dificuldades, registando em pedaços de pano presos aos pios	Ligação dos diferentes fios individuais a um pano comum representativo das oportunidades

<p>Aterra fala hoje de Ecologia Integral</p>	<p>Que áreas do desenvolvimento comunitário precisam do contributo do Aterra?</p> <p>Como é que a minha vida “fala” hoje de ecologia integral?</p>	<p>Construção do próprio logotipo “Aterra” em círculo de pano com elementos da natureza.</p>	<p>Construção de um painel de 4 áreas de intervenção para o desenvolvimento comunitário</p>
--	--	--	---

As práticas artísticas, concretizaram-se neste estudo como a utilização livre de formas de conceptualizar ou expressar a reflexão individual e coletiva. Foram uma estratégia adotada para comunicar aspetos subjetivos como as transformações pessoais e comunitárias, os valores e as tensões, de uma forma complementar à palavra falada.

Algumas leituras sobre investigação baseada nas artes revelaram as práticas artísticas como uma possível estratégia a utilizar nestes encontros, de forma a representar pela arte, não só os processos de reflexão ética, como os valores, as transformações pessoais, tensões e dilemas éticos e ainda possível construção ou reconstrução futura do projeto. Ao longo do processo, foi-se clarificando o papel que as práticas artísticas teriam nesta investigação, definindo-se finalmente que seriam meio e estratégia de reflexão ética, tal como encontramos nos projetos de Caetano e Afonso (2014) e ainda de Morgado (2019).

Baseando-se no pensamento de Weisberg, Bahia (2007) afirma na sua investigação que “não se pode estimular a criatividade se não se acreditar que qualquer pessoa é capaz de gerar um produto criativo” (p.60). Com base nesta premissa, fomos desenvolvendo um padrão ao longo das sessões dialógicas marcado por tempos de reflexão individual, tempos de debate coletivo, tempos de produção artística e tempos de sistematização.

Uma breve nota às questões da educação pela arte prende-se à linha de pensamento de Arquimedes Santos que reflete que a proposta de acoplar educação e arte levará sempre a um processo de distinção para definir cada um destes conceitos, de maneira a que possam ser relacionados. Mas tal como refere Santos (2008), “a dificuldade acresce-se ao aproximá-las [palavras educação e arte], conjugando-as, ao pretender integrá-las, se ambas possuem autonomia própria” e que “cada uma delas tem que se cruzar com a sua complexa problemática própria” (p. 37).

2.5. Principais dificuldades e desafios ao longo do processo de investigação

Tal como refere Huybrechts (2014) os projetos participativos envolvem sempre incertezas e riscos, uma vez que o controle é entregue aos participantes e apenas orientado pelo investigador. Esta dificuldade situou-nos no paradigma da complexidade, que nos manteve sempre em zonas de tensão e em situações de permanente tomada de decisão. Isto aconteceu na tensão entre a exigência de rigor a que qualquer investigação se propõe aliada à intenção de uma compreensão holística que remete para a busca de estratégias menos convencionais do ponto de vista académico, mas validadas previamente por outros investigadores.

Outro aspeto que foi desafiante neste estudo foi a tensão entre a proximidade e distância necessária para garantir a objetividade da investigação. Para isso, recorreu-se à triangulação de dados, apoio teórico e confrontação do material recolhido e analisado com os colaboradores e outros investigadores.

Um desafio deste estudo prende-se à dificuldade de delimitar o objeto de estudo, uma vez que a interação entre diferentes componentes, se por um lado se pretendia manter para compreender o fenómeno, por outro tornou os limites pouco claros entre o que era aspeto proposto no âmbito da Associação Casa Velha, do projeto Aterra ou ainda do eixo de fortalecimento das redes locais.

Por fim, destaca-se ainda a dificuldade sentida em abordar as questões de investigação sem recorrer a metodologias quantitativas que pudessem completar a análise de dados (Quivy & Campenhout, 1992) No entanto, mais uma vez se considerou a importância de delimitar este estudo a uma abordagem fenomenológica e interpretativa, pelo que as práticas artísticas utilizadas como estratégia de reflexão ética possibilitaram um tratamento de informação integrado e não fragmentado (Morin, 1990).

2.6. Questões éticas e de credibilidade do estudo

Amado (2014) refere que a “práxis ética” comum a todas as investigações qualitativas assenta numa relação de confiança, assente na sinceridade, procurando conservar ao longo de todo o processo a confidencialidade dos dados e a privacidade dos participantes. Todas as entrevistas guardadas foram destruídas depois de transcritas e as notas de campo preservam os contributos dos autores com omissão do nome.

O respeito pela participação de todos os intervenientes deste estudo pauta-se pela valorização das suas sugestões e reflexões, tanto na reformulação do texto das entrevistas, transcrições e notas de campo, como na construção do processo formativo das próprias sessões dialógicas de reflexão ética.

Apesar do nome do projeto em estudo ser público, assim como as entidades parceiras envolvidas na sua implementação, procurámos manter o anonimato dos participantes. As transcrições das sessões foram devolvidas para que as pudessem alterar, assim como, posteriormente, as notas de campo e análise e interpretação de dados para que pudessem validar. Ambos os envios de documentação foram devolvidos com propostas de alteração dos participantes que feitas, conforme indicação dos mesmos.

A exigência ética deste estudo relaciona-se ainda com o carácter de transformação social que se pretendia, pelo que a revelação de alguns aspetos como identidade da Associação Casa velha e Aterra é intencional. É nosso objetivo dar a conhecer este estudo aos membros da comunidade, para que se possam sentir valorizados e capazes de processos de desenvolvimento local cada vez mais eficientes.

Outra questão ética que foi emergindo foi a pertinência de um estudo retrospectivo, perante a existência de projetos atualmente em curso e que se poderiam estudar no âmbito de uma investigação-ação. A opção pelo estudo retrospectivo liga-se ao interesse de valorizar não só os aspetos que se revelaram de desenvolvimento social, como o processo de reflexão e avaliação ao nível dos significados e das transformações pessoais e sociais que possa ser agente de mudança positiva não só no presente como no futuro.

A questão do rigor ético exigido pela tensão entre proximidade e distanciamento vai ao encontro da reflexão de Freitas (2015) que apresenta o grau de coerência de uma investigação relacionado com a forma de olhar para a realidade em estudo, e nessa forma, o investigador tomará consciência dos princípios ontológicos que o guiam, para que, perante a maneira “como vê”, possa definir a maneira “como age”, adotando recursos epistemológicos adequados. Foi esta questão que norteou a constante reformulação de percurso metodológico, mas que igualmente foi conferindo a esta investigação uma abordagem tão aprofundada quanto abrangente.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Este capítulo organiza-se de acordo com os eixos de análise deste estudo de caso: 1) dimensões éticas; 2) transformações a nível pessoal e comunitário; 3) processo de reflexão ética, pelo que começaremos por discutir as dimensões éticas do projeto Aterra, através da triangulação de dados recolhidos nas entrevistas, nos registos autobiográficos, nos documentos do projeto Aterra e ainda das notas de campo das sessões dialógicas de reflexão ética. Numa segunda parte faremos a análise do processo de reflexão ética desenvolvido ao longo de quatro sessões formativas.

Num primeiro ponto destacaremos a interação identificada pelos participantes entre os valores que consideram mais importantes no projeto, os dilemas e tensões éticas que foram emergindo e ainda os processos de tomada de decisão ao longo do projeto. Neste ponto evidenciamos ainda o papel que a reflexão ética tem na tomada de consciência das dimensões éticas de um projeto de desenvolvimento comunitário como é o Aterra.

Num segundo ponto, procurámos compreender as transformações decorrentes da participação no projeto Aterra tanto a nível pessoal como comunitário, pelo que nos centrámos nos aspetos que permitissem essa análise. Por um lado, destacámos os processos de transformação individual, desde a valorização da relação entre dimensão pessoal, comunitária e global à mudança de estilo de vida, através da preocupação com a mudança de atitudes ou comportamentos especificados pelos participantes. Por outro lado, procurámos compreender como é que o processo de transformação comunitária decorrente do Aterra se desenrolou, destacando diferentes aspetos que, pelas entrevistas, se revelaram influenciar e potenciar outros. Deste modo, começámos por identificar a promoção do encontro entre atores locais como alavanca para a construção de processos de confiança, que permitiu a partilha de experiências, que por sua vez conduziu ao desenvolvimento de redes locais de colaboração, o que promoveu a participação mais ativa no desenvolvimento das atividades do Aterra. Não seria honesto desenvolver o tema das transformações pessoais e comunitárias sem abordar a questão das frustrações identificadas pelos participantes ao longo do projeto e subentendidas em alguns documentos do Aterra. Deste modo, debruçámo-nos sobre as expressões e ideias mais referidas no conteúdo recolhido como o tempo de implementação do projeto, referente à curta duração do financiamento, a dificuldade de envolvimento dos participantes, que nem sempre foi constante e necessitaria de mais tempo de investimento em relações

interpessoais, a cidadania ativa e por fim as questões e preocupações relacionadas com a continuidade do projeto.

3.1. Processos de análise e interpretação de dados

Os objetivos desta investigação abriram diferentes caminhos e permitiram cruzamentos entre os vários dados e reflexões que foram emergindo ao longo deste processo. A recolha, análise e interpretação de dados foi um processo moroso em que recorremos à análise de conteúdo (Bardin, 2011), como estratégia orientadora na definição de categorias e indicadores.

O paradigma da complexidade (Morin, 1990; Amado, 2004; Caetano, 2008) sob o qual nos propusemos analisar e interpretar os dados recolhidos ao longo deste estudo retrospectivo. Com a intenção de preservar não só a integridade dos contributos e reflexões dos participantes, como de os compreender de uma forma holística, tivemos o cuidado de não segmentar nem fragmentar o conteúdo em análise, mas de articular as diferentes perspetivas com as categorias e indicadores definidos. Apoiámo-nos em investigações recentes (Caetano & Afonso, 2014; Rocha, 2019) onde é feito um recorte do conteúdo recolhido de forma a mapear os diferentes aspetos considerados relevantes para o estudo entre si.

Depois de definidas as categorias que se pretendia estudar (tabela 4), foi feita uma leitura sistematizada que permitisse determinar diferentes indicadores, de acordo com o material recolhido.

Tabela 8 - Eixos de Análise de Conteúdo

Eixos de análise	Categorias
Dimensões éticas	Valores Dilemas e tensões éticas Processos de reflexão ao longo do projeto
Transformações pessoais e comunitárias	Transformações valorizadas individualmente Processos de transformação comunitária Frustrações identificadas Processos relacionais

Os indicadores foram codificados de acordo com o Anexo 3, onde se estabelece para cada um a identificação I+nº de indicador. Ao longo do texto identificaremos o indicador em análise, assim como a fonte de onde se extrai o conteúdo, remetendo para o Anexo da Análise de Conteúdo ou para o Anexo da Análise de Documentos. No que diz respeito à análise documental, utilizamos ainda na sua referência, a distinção se é um documento referente ao projeto Aterra (A) ou à Associação Casa Velha (B).

Tabela 5 - Categorias e Indicadores

ANÁLISE DE CONTEÚDO			
EIXO DE ANÁLISE	CATEGORIAS	INDICADORES	
Dimensões éticas	Valores	Diálogo	I1
		Cuidado	I2
		Responsabilidade	I3
		Sustentabilidade	I4
	Dilemas e Tensões éticas	Dependência de financiamento	I5
		Descrença da comunidade local por experiências anteriores negativas	I6
		Tempo para execução do projeto	I7
	Processo de reflexão	Momentos coletivos de reflexão ética ao longo do projeto	I8
		Avaliação das atividades sem dimensão ética	I9
		Processos de tomada de decisão coletiva	I10
Transformações pessoais e comunitárias	Transformações valorizadas individualmente	Valorização da relação entre dimensão pessoal, comunitária e global	I11
		Mudança de estilos de vida	I12
	Processos de transformação comunitária	Promoção do encontro entre atores locais	I13
		Construção de processos de confiança	I14
		Partilha de experiências	I15
		Desenvolvimento de redes locais de colaboração	I16
		Participação ativa no desenvolvimento das atividades	I17
	Frustrações identificadas	Tempo de implementação do projeto	I18
		Envolvimento dos participantes	I19
		Cidadania ativa	I20
		Continuidade do projeto	I21

A análise e interpretação de dados foi estruturada em duas etapas diferentes, correspondentes às duas últimas fases desta investigação: análise de dados através de entrevistas, análise documental e registos autobiográficos e uma segunda fase onde se realizaram 4 sessões dialógicas de reflexão ética na Associação Casa Velha. A fase das entrevistas deu voz a 5 participantes do projeto Aterra através de um guião de entrevista semiestruturada (Anexo 1), onde os participantes entrevistados individualmente puderam recordar e refletir sobre a sua experiência no Aterra e o impacto global deste tipo de projetos. As entrevistas tiveram uma duração entre 2 a 3 horas, tendo sido gravadas em áudio e transcritas posteriormente. As transcrições foram enviadas e validadas pelos

participantes, assim como a interpretação dos dados. Os dados recolhidos nas entrevistas foram organizados nas categorias definidas previamente e que orientaram a construção do guião de entrevista e triangulados com a análise de documentos, notas de campo das sessões dialógicas e ainda registos autobiográficos. Numa segunda parte da investigação, consequência do desejo conjunto de promover o encontro e a reflexão coletiva, organizaram-se 4 sessões dialógicas, cujo conteúdo foi integrado nos dois eixos de análise: dimensões éticas e transformações pessoais e comunitárias, mas que constituiu por si só o conteúdo a ser analisado no terceiro eixo de análise que corresponde também à terceira parte deste projeto: processos de reflexão ética conjunta.

3.2. Dimensões éticas do projeto Aterra: a interação entre valores, dilemas e processos de tomada de decisão ao longo do projeto

Como afirma Maria Teresa Estrela (2010), “as escolhas teóricas, no que se refere à ética, são cada vez mais difíceis de fazer, dada a complexidade do pensamento ético dos nossos dias, onde, para além das construções do pensamento ético da modernidade e da pós-modernidade, persistem as mais variadas heranças, algumas vindas das Antiguidades clássicas” (p. 10). Apesar de ainda haver lacunas de investigação em ciências da educação sobre a intervenção comunitária na área da ética, encontrámo-nos com diversos projetos de investigação e intervenção em que a preocupação com dimensões éticas se destaca, seja de um modo mais evidente ou mais subentendido. Foi o caso do projeto centrado na formação ética de professores (Estrela, 2010). Em todos estes projetos há de alguma forma um enfoque na interação que se dá entre diferentes valores com dilemas que vão surgindo e ainda com os processos de tomada de decisão ao longo do projeto. Esta interação entre dimensões éticas recorda-nos o paradigma da complexidade de Edgar Morin (1983), integrada neste estudo pela imagem do tecido epitelial (pele humana), onde os seus diferentes componentes também interagem, como se pode ver na comparação entre as figuras 4 e 5.

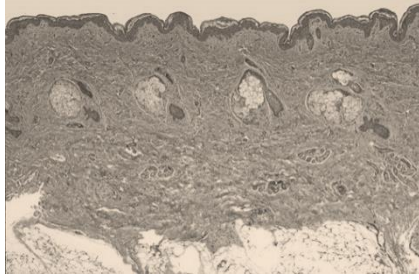


Figura 2 - Tecido Epitelial (Pele Humana)



Figura 3 - Níveis de transformação com caráter ético

Veremos como as dimensões éticas e transformações a nível pessoal, comunitário e global atravessam toda a restante análise e interpretação de dados e entram constantemente em diálogo com os diferentes componentes deste projeto. Só assim manteríamos o nosso propósito de um estudo de caso à luz da complexidade, que preserve não só a integridade das relações entre componentes, como dê ênfase a cada uma das partes que constituem o todo. Como refere uma participante deste estudo na segunda sessão dialógica de reflexão ética, “esta coisa do pequeno” referindo-se ao “coração do Aterra é uma pequena semente é uma pequena roda que se mexe e que gera e que tem um processo (...) [que] vai gerando processos a outros níveis” (Nota de Campo (NC)2, I2, Anexo 3).



Figura 4 - Interação entre diferentes níveis de transformação decorrentes do projeto Aterra

Conscientes de que há muito para além do que aqui será descrito e interpretado, reconhecemos desde já que qualquer interpretação é sempre um ponto de vista de uma perspetiva que será útil às restantes na medida em que promover o encontro e a reconstrução do próprio contexto. Por este motivo, e para que se reserve a participação de todas as pessoas que ativamente contribuíram para este estudo, foi-lhes dado a conhecer todo o conteúdo antes e depois da sua interpretação para que o pudessem validar

e sugerir alterações. Todas as alterações sugeridas pelos participantes foram consideradas e integradas neste estudo.

3.2.1. Valores em (re)encontro

No que diz respeito à primeira categoria do eixo de análise referente às dimensões éticas (Tabela 4) consideramos os valores como aspeto central quando se fala de ética. Destacaram-se o diálogo, o cuidado, a responsabilidade e a sustentabilidade. Somos conscientes de que nem Aristóteles, nem, provavelmente, MacIntyre os considerariam a todos virtudes, como será o caso do diálogo, cuidado e sustentabilidade. Rrecorrendo aos subsídios deixados pelo pensamento de Hans Jonas, consideramos aqui responsabilidade como a preocupação que antecede as ações, de forma a optar sempre por aquilo que mais favoreça a qualidade de vida humana e extra-humana no presente e no futuro (Jonas, 1984). Porquê escolher então valores e não virtudes? Apesar dos documentos da Associação Casa Velha apresentarem um conjunto de virtudes como a “alma” do projeto, consideramos os valores no seu âmbito mais abrangente, referindo-se a horizontes orientadores da ação, com possibilidade de serem desenvolvidos como as virtudes.



Figura 5 - Valores como dimensões éticas do projeto Aterra

Vejamos como o circuito interativo de valores atravessa desde o nível pessoal ao global. No entanto, o facto de se concentrar mais no nível comunitário leva-nos a considerar os objetivos do Aterra, que pretendia fortalecer a capacitação da comunidade na participação e transformação social. Como o ADN presente nas células, também os valores conferem identidade a uma comunidade que os reconhece e se reconhece neles.

Foi por este motivo que enquadrámos visual e conceptualmente os valores no cerne da comunidade, sabendo, no entanto, que são transversais aos restantes níveis de transformação e ação.

Ao considerarem o valor do diálogo como central no projeto Aterra, a sua relação estabeleceu-se de forma bastante direta com o encontro, na medida em que o encontro entre participantes promoveu o diálogo numa lógica construtiva e reconstrutiva da comunidade. O conceito de processo dialógico como interação construtiva entre partes diferentes que, ao complementarem-se se transformam é utilizado tanto em Freire (2018), que considera como “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo* não se esgotando, portanto na relação eu-tu” (p. 78), como na proposta de complexidade de Morin (2005).

O diálogo está ainda fortemente ligado ao cuidado e isso compreende-se pela lógica de um encontro dialógico centrado no bem comum, como era o caso dos encontros promovidos pelo Aterra, onde “todos estes atores foram envolvidos num processo participativo e de proximidade que procurou representar toda a comunidade (...)” (D2, Categoria A2 Anexo 2). Como refere a participante A, “o diálogo e a reflexão promoveram a tomada de consciência coletiva” (I1, Anexo 3).

As virtudes e valores precisam de um contexto, um cenário onde atuar, desenvolver-se e promover-se mutuamente. O Aterra foi esse lugar, ao estabelecer como principais valores, onde se reconhecem também as transformações identificadas no estudo, “o pensamento crítico, a participação, a ligação à realidade e a disposição para agir”, como “dimensões incontornáveis na capacitação em prol de um desenvolvimento rural sustentável numa perspetiva de cidadania global” (Documento 2, Categoria A12, Anexo 2). Os objetivos do projeto situavam-se, como já vimos, em torno de aspetos como o diagnóstico da realidade, a definição de estratégias que aproximassem as políticas públicas da comunidade local e vice-versa, promoção de partilha de boas práticas e experiências pelo encontro entre diferentes participantes através de atividades intergeracionais, interculturais, com políticos e produtores, com escolas e políticos, com produtores e escolas (Anexo 3).

O Diálogo, registado em todas as entrevistas, é entendido como valor promotor não só do encontro e proximidade dos diferentes atores, como de oportunidade de construção da própria comunidade: “O diálogo diria que é dos valores mais importantes

também. Abertura a que outras pessoas entrem e pertençam à comunidade” (Participante B, II, Anexo 3). E muitas vezes o diálogo é tido como valor base a todos os outros, como encontramos subentendido na consideração da participante A:

“Em cada uma das pequenas ações e das grandes decisões do projeto, imperaram sempre a honestidade e a transparência, os objetivos preconizados pelo Aterra, o respeito pelos ideais políticos, socioculturais e outros dos participantes e o fortalecimento de valores importantes para todos, o que facilitou a comunicação e proporcionou uma excelente cooperação entre os diversos atores” (Participante A, II, Anexo 3)

Consideramos, por outro lado, que o diálogo é também promovido pelo desenvolvimento de outros valores. Na linha da ética das virtudes que defende o exercício de valores hierarquicamente, consideraríamos que poderíamos partir do diálogo em direção aos restantes valores identificados como mais importantes: cuidado, responsabilidade e sustentabilidade. No entanto, não poderíamos adotar aqui uma ordenação hierárquica, mas circular e complexa, pelo que o diálogo não só potencia o desenvolvimento dos restantes valores, como é alimentado por eles, numa lógica circular e interativa. O mesmo se dirá dos restantes valores destacados.

Foi perante os dados recolhidos e interligados que fomos construindo a proposta esquematizada na figura 6.

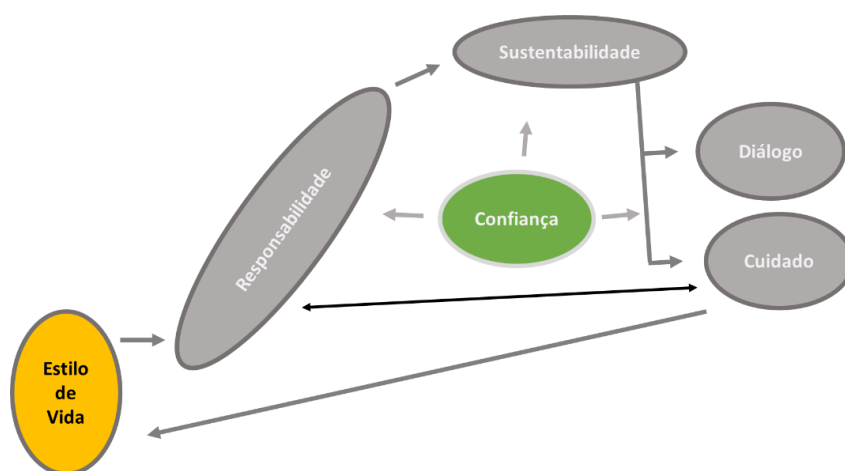


Figura 6 - Valores do projeto Aterra

Encontramos nas entrevistas referências à articulação entre diálogo e empatia: “a empatia, ao colocarmo-nos constantemente “no lugar” dos atores do Aterra (pequenos produtores, decisores locais, alunos, professores, jovens agricultores) e

percebermos os seus sonhos, as suas fragilidades” (Participante A, I1, Anexo 3). Se por um lado o valor do diálogo era apresentado maioritariamente no seu aspeto mais subjetivo como princípio orientador na prática do encontro e partilha entre participantes, o cuidado é referido pelos participantes como princípio e como prática, aqui mais próximo do que poderíamos considerar uma virtude. Uma das condições do cuidado identificadas por um dos participantes refere-se ao que Macedo (2018) refere relativamente à ética do cuidar, como “interesse e zelo continuado pelo outro” (p. 89).

Considerando a confiança no próprio processo de desenvolvimento comunitário como força motriz e condição para os restantes valores, temos a sustentabilidade como meta a atingir, decorrente da relação entre responsabilidade e cuidado, e promotora do diálogo e cuidado. O estilo de vida, relacionado com as opções individuais, remete também para as opções comunitárias, pelo que se encontra em estreita relação de dependência com a responsabilidade e cuidado. Aprofundaremos de seguida a relação entre estes conceitos, de forma integrada e circular, sem dar primazia a nenhum em específico.

Tome-se o caso do cuidado. Também este valor tem por base a relação interpessoal estabelecida entre os diferentes atores do Aterra. Tal como refere Gilligan (1982) a empatia é um aspeto condicional para o cuidado. Aqui poderíamos trazer a importância que Jonas (1984) atribuiu ao conhecimento do contexto e que Morin (2005) atribui à compreensão, considerando assim como o cuidado depende da empatia que se estabelece por meio de um conhecimento da situação e conseqüente compreensão, responsabilidade e cuidado perante isso.

A vertente orientada para a promoção da interculturalidade e intergeracionalidade leva a considerar valores como a “solidariedade e disponibilidade” (“os jovens que lá estão disponibilizam-se sempre e vê-se a atenção que eles dão à terceira idade” (Participante C, I2, Anexo 3). Destaca-se assim a relação estabelecida entre o cuidado e os valores da solidariedade e disponibilidade. Já encontrávamos esta relação anteriormente estabelecida por Edgar Morin. Segundo o autor “o sujeito sente em si a vitalidade do princípio altruísta de inclusão, sente os apelos à solidariedade pelos seus, à solidariedade para com a sua comunidade, para com as diversas formas de dever” (Morin, 2005, p. 92).

A identificação do cuidado como valor importante remete para os objetivos do projeto Aterra que foram sendo escritos e reescritos ao longo do seu desenvolvimento, associando-se assim à responsabilidade como refere a participante A: “Penso que ética não tem só a ver com responsabilidade: ela é sobretudo cuidado” (I2, Anexo 3). Os valores da responsabilidade e cuidado estão frequentemente associados, como já temos vindo a analisar, pelo que consideramos que esta relação é naturalmente uma consequência daquilo a que se propõem cada um destes princípios ou valores. Tal como refere uma das participantes do projeto:

“O Homem só é verdadeiramente Homem quando integrado em comunidade, vivendo, não fechado em si, mas procurando, com atitudes concretas e coerentes, contribuir para o bem comum, para a justiça global, para a responsabilidade ecológica, para a liberdade e igualdade” (Participante A, I3, Anexo 3)

Numa das conversas que se foi desenrolando durante uma entrevista, ao ser questionada sobre o que era a ética para ela, uma das participantes entrevistadas respondeu: “Acho que nunca ninguém me pôs essa questão” tendo respondido depois de algum tempo de reflexão: “diria que é a maneira como nós desempenhamos as funções da nossa responsabilidade. A ética é saber o que quero, para onde vou e como vou” (Participante C, I3, Anexo 3).

A responsabilidade na linha de pensamento de autores como Jonas (1994) e no nosso contexto português de Maria de Lurdes Pintassilgo (Pintassilgo, 2005) está frequentemente associada ao dever e às normas numa corrente mais deontológica. É interessante, por isso, compreender as diferentes perceções dos participantes relativamente à responsabilidade em estreita ligação ao cuidado e como a relacionam não só com os estilos de vida como com a sustentabilidade:

“Acho que me senti muito responsável por uma coisa maior que eu e, lá está, da qual não fiz parte diretamente - o projeto Aterra - portanto, ser-me confiado uma coisa tão especial foi assustador, mas depois lá fomos construindo em conjunto” (NC 2, I3, Anexo 3)

“Uma imagem que me fala muito deste lugar é que não temos de ser ‘xpto’, mas à medida que me fui sentindo em casa, também percebi a minha responsabilidade. Por isso, a minha preocupação de tentar perceber o meu lugar no mundo, nesta terra, em todas as suas vertentes e dimensões, parece que é mais fácil integrar o

mundo, a história e o espaço (...) E ser parte é muito giro, porque aqui há vários papéis, porque se pode ser muito ativo e presente, ou ter uma presença mais discreta” (NC 2, I3, Anexo 3)

Em todos os excertos categorizados nos valores e, concretamente, naqueles que apresentavam a sua ideia fundamental na responsabilidade, encontramos-a ainda associada em todas as entrevistas à comunidade e ao papel que cada membro desempenha na comunidade. Numa reflexão feita por uma das participantes, encontramos destacados não só o aspeto da comunidade como da interação entre os diferentes níveis de participação comunitária. Na linha do desenvolvimento com base comunitária (Mesquita, 2014; Cavaco, 2009) podemos dizer que o Aterra procura o diálogo e participação circular entre os diferentes atores, numa comunidade onde cada um, ainda que ocupando funções diferentes tem o mesmo grau de envolvimento e participação, por outras palavras, o mesmo nível e sentido de responsabilidade (Silva M. M., 1963). Tal como Macedo (2018) aponta, a partir da perspetiva kantiana, “o dever não deveria ser tomado com um fardo “pesaroso”, mas como uma inclinação natural ao bem, a um princípio de honra” (p. 32). É neste sentido que Jonas (1984) defende o princípio da responsabilidade.

Este foi um aspeto que transpareceu na segunda sessão dialógica, em termos do papel desempenhado na comunidade ao longo do projeto:

“os lugares pareciam das pessoas, porque a tendência é saírem (...) a Casa Velha também é um sitio onde fica muito claro que é responsabilidade, mas é uma responsabilidade boa, não levada com peso e custo desmedido, mas que se faz com gosto. A terra de facto é onde começa tudo e tudo o que nos chega vem da terra. E para mim, que sou da cidade, percebo agora, como era ignorante.” (NC 2, I3. Anexo 3)

Morin (2005) aponta como a ecologia nos alerta para a autodestruição planetária provocada pelo desenvolvimento técnico-económico. O autor utiliza o termo de Félix Guattari, eco sofia, que considera ser “uma sabedoria coletiva e individual que exige de nós a salvaguarda da nossa relação com a Natureza viva” (p. 143). Também Jonas (1994) o faz ao referir a “envergadura de bola de neve” (p.55) que os efeitos da tecnologia têm provocado na destruição planetária. Este alerta referido pelos autores entra em diálogo com as reflexões dos participantes, surgindo reforçado o sentido de compreensão e responsabilidade no primeiro registo autobiográfico:

“No entanto, a [participante D] foi-me fazendo ver mais uma vez como tudo está ligado, e que quando integramos um projeto, quando nos responsabilizamos não com um papel mas com uma comunidade, quando nos relacionamos com pessoas e nos ligamos a elas, então o nosso papel entra em diálogo com outros papéis” (R1, I3, Anexo 3)

A responsabilidade é aqui descrita não apenas como resposta esperada de quem desempenha um determinado papel, mas como consequência natural da pertença ou compromisso de cuidado com a comunidade. E é deste encontro da responsabilidade com o cuidado que emerge a sustentabilidade (Figura 6).

A sustentabilidade, indicador identificado na categoria dos valores, é recente no quadro axiológico contemporâneo. Já era, no entanto previsto que se destacasse nesta investigação, uma vez que o projeto Aterra teve em toda a sua ação, desde o planeamento, à implementação e sequelas que nasceram deste projeto, a sustentabilidade como valor e princípio orientador central: “Promover uma forma ecológica de vida, com vista ao desenvolvimento sustentável a nível pessoal, comunitário, local e global numa lógica de alterar mentalidades e estilos de vida” (D4, A12, Anexo 2). Também Jonas (1994) recordava como depois dos tempos modernos a permanência da natureza e do mundo deixa de ser uma certeza, pois apesar das variações a natureza sempre transmitiu uma noção de estabilidade e, quase, eternidade, que atualmente é questionada pela ameaça das alterações climáticas e pela incerteza que atravessa todas as sociedades contemporâneas.

Procurámos compreender como é que esta dimensão ética era entendida e vivida pelos participantes e deparámo-nos com diferentes formas de a conceber. Por um lado, a sustentabilidade surge intimamente relacionada com a justiça. Consideramos a justiça intergeracional que tem sido bandeira de tantos projetos e outras iniciativas como por exemplo o trabalho de Bordalo II, que surge numa investigação realizada por Freire e Cavaco (2019) sobre street art e graffiti, onde as autoras consideram que o movimento que é desenvolvido em grupo “desenvolve a própria identidade, com valores e aspetos relevantes que vão ao encontro dos interesses comuns, traduzindo-se num processo de construção de cidadania coletiva” (p.193). A sustentabilidade surge também como apelo à justiça global, tema sobre o qual se têm debruçado os autores que aqui se apresentam, em linha com a ética jonasiana e com a consideração de uma participante deste estudo ao afirmar a importância do conhecimento como fator de responsabilidade (*respondere*):

“conhecer melhor a identidade [no sentido de contexto] para poder responder aos dias de hoje” (Participante D, I4, Anexo 3).

Nas entrevistas encontramos ainda a sustentabilidade relacionada com os estilos de vida. Numa das entrevistas este aspeto surgiu na reflexão de uma das participantes: “já que o que se quer promover estilos de vida sustentáveis (...) [é] importante perceber, de facto, a importância do nosso papel como indivíduos depois para este papel como comunidade e como coletivo também a nível político” (Participante E, I4, Anexo 3). Neste sentido e recuperando a interação entre os três níveis de transformação (pessoal, comunitária e global) vemos como na última sessão dialógica de reflexão ética o valor da sustentabilidade surgiu fortemente ligado e por vezes confundido com a ecologia. Dessa forma a sustentabilidade foi indicada como valor orientador para a prática tanto do desenvolvimento local, como para as opções na área da educação, como ainda na promoção não só de estilos de vida sustentáveis como de comunidades sustentáveis. Esta centralidade da sustentabilidade está representada na figura 6, ilustrando não só a complexidade destas relações como a importância que a sustentabilidade tem no âmbito de projetos de desenvolvimento comunitário, remetendo para a “importância da responsabilização das pessoas com a sua própria área circundante” e como isso implica “planear bem e acompanhar as pessoas e investimentos que são feitos no território, passar pelas Juntas de freguesia, mas também ir muito mais além e que cada um vá desenvolvendo esta cultura de cuidado e responsabilidade” (NC 4, I4, Anexo 3)

Isto vai ao encontro não só das intuições iniciais do projeto (Anexo 2) como da missão da Associação Casa Velha:

“Atenta às necessidades e desafios do nosso tempo, marcado por uma crise de múltiplas dimensões - ambiental, alimentar, financeira, que tem na sua raiz uma crise de valores - a Casa Velha sente-se convocada a contribuir para a procura de caminhos alternativos de sustentabilidade, através do despertar para a Ecologia como experiência interior, motor de ações coerentes e responsáveis no cuidado dos outros, do Planeta, de cada um” (D4, B3, Anexo 2).

Em termos de expressividade nos diferentes níveis destacados (pessoal, comunitário e global), a forma como a sustentabilidade é concebida pelos participantes neste estudo remete, respetivamente, para os estilos de vida, para a vida em comunidade e para o desenvolvimento cultural. Relativamente aos estilos de vida, uma participante

salienta a importância de “educar para o respeito de ritmos diferentes, abrandar, promover a criatividade para uma lógica diferente da lógica economicista” (NC 4, I4, Anexo 3). A vida em comunidade implica entre outros aspetos “reinventar os projetos, encontrar formas de partilhar em pequenas comunidades, recursos que eu tenha em casa e já não preciso dentro do meu bairro poder haver muito mais partilha” (NC 4, I4, Anexo 3). O desenvolvimento cultural surge associado não só à arte como à interculturalidade:

“olhar para a diferença dum forma integrada e agradecida, dar espaço e tempo ao aparentemente inútil, ajudar as pessoas a auto encontrarem-se pela arte e promover uma cultura de profunda reconciliação através da expressão artística” (NC 4, I4, Anexo 3).

3.2.2. Tensões éticas e a necessidade de acompanhamento da comunidade

A par e em interação com os valores destacamos os dilemas e tensões éticas como dimensões com relevância para serem aqui analisadas. Uma das principais tensões referidas por quatro dos entrevistados foi a dependência de financiamento e candidaturas. Os projetos de intervenção comunitária contam geralmente com financiamento externo e em Portugal, este financiamento tem a sua fonte em fundos europeus que são distribuídos por organizações que os gerem, emitindo critérios de candidaturas, fazendo a sua seleção, acompanhando o seu desenvolvimento e avaliação. Também o Aterra beneficiou destes programas (Anexo 2). Como encontramos numa das entrevistas: “O financiamento é crucial para o desenvolvimento de projetos como o Aterra. No entanto, a curta duração deste apoio pode limitar transformações significativas a nível do desenvolvimento sustentável. A mudança requer tempo” (Participante A, I5, Anexo 3).

Referente à questão da dependência de financiamento e candidaturas temos a questão do acesso desigual a estes programas, no meio rural, como era o caso do Aterra: “se por um lado a política é boa, mais uma vez, quando há distribuição do orçamento a fatia destinada a atividades deste género é pouca” e isso deve-se ao facto de que “as pessoas não conseguem aceder. É como haver um prato cheio onde é impossível chegar” (Participante D, I5, Anexo 3). As consequências disso remetem para o facto de que “isto alimenta muito pouco a coesão territorial, muito enfraquecida no nosso país. Quem consegue aceder aos recursos e apoios é quem naturalmente já está uma etapa à frente” (Participante D, I5, Anexo 3).

Um outro facto importante de análise é a “questão temporal”, como refere a participante A, e que em 3 entrevistas é tida como potenciador de dilemas éticos. Os prazos estabelecidos para a realização dos projetos podem forçar os objetivos adulterando possivelmente o rumo de desenvolvimento comunitário, ou até mesmo o protagonismo da comunidade na sua autoconstrução. A necessidade de tempo remete para a reflexão de Freire e Caetano (2014) sobre o projeto Fronteiras Urbanas, em que as investigadoras consideram que estes “são processos complexos que exigem tempo de consolidação, para que o fortalecimento individual e a coesão social sejam mais profundos” (p. 9).

Consideramos também importante destacar o que em duas entrevistas surgiu como aspeto importante: a descrença da comunidade local por experiências anteriores negativas. Por um lado, esta descrença pode ser associada à resistência dos membros da comunidade à mudança, como se lê no testemunho de um dos participantes do Aterra:

“As consequências das políticas europeias revelaram-se num progressivo deixar para trás uma série de territórios que se tornaram difíceis de suportar por comunidades e famílias, por isso tem aumentado um êxodo para cidades e é todo um campo que tem vindo a ser abandonado nas últimas décadas. Isso teve um resultado concreto, como vemos com esta questão dos incêndios” (Participante D, I6, Anexo 3)

Por outro lado, esta descrença parece ter as suas raízes precisamente no que o indicador descreve: experiências anteriores negativas que desmotivaram o espírito associativo e corporativo da comunidade. Esta é uma condição muito específica desta comunidade, pelo que poderá encontrar semelhanças ou divergências noutras comunidades com características parecidas.

A análise de tensões e contradições enquadra-se no paradigma da complexidade, que Caetano (2016) considera ao refletir sobre ética e mediação comunitária. Para a autora, “somos também tensão, conflito, negociação. Assumir as complexidades é também assumir o paradoxo do conflito como caminho criativo e a possibilidade de divergência”⁵ (Caetano, 2016, p. 45). Assumir as complexidades implica reconhecê-las e

⁵ “somos también tensión, conflicto, negociación. Asumir las complejidades es también asumir la paradoja del conflicto como camino creativo y la posibilidad de divergencia” (Caetano, 2016, p. 45)

para isso, é necessário refletir, pelo que dedicaremos a discussão que se segue aos processos de tomada de decisão ao longo do projeto.

3.2.3. Processos de tomada de decisão: valorização da reflexão ética

A terceira dimensão ética que destacamos decorrente da análise de dados é o processo de reflexão, onde identificamos três indicadores principais: os momentos coletivos de reflexão ética ao longo do projeto, os momentos de avaliação das atividades e por fim os processos de tomada de decisão coletiva. Optámos por incluir a avaliação das atividades nesta categoria pelo facto de a participação no projeto permitir conhecer o modo como as avaliações decorrem. De acordo com os participantes, a principal estratégia utilizada na avaliação das atividades consistia na reflexão a partir de algumas perguntas (Anexo 2). Consideramos que este tipo de avaliação favorece a reflexão individual que se transforma sempre em momento de partilha de ideias e de diálogo em grupo, tomando frequentemente contornos de reflexão ética ao debater-se valores e princípios e serem levantadas questões éticas, como veremos na discussão que se segue.

Tendo em conta o processo de reflexão como um dos aspetos que foram cuidados em todas as atividades do projeto, foram “utilizadas metodologias de aprendizagem contínua, com a dinâmica conhecer/ refletir/ agir” (...), permitindo reflexão crítica e partilha de resultados” (D1, A7, Anexo 2).

Nos processos de avaliação e de reflexão encontramos espontaneidade e informalidade associada a momentos formais como nos encontros e outras atividades do projeto: “proporcionaram-se profundas e interessantes reflexões, que, por sua vez, resultaram em diretrizes substanciais com espaço para a sua efetiva concretização” (Participante A, I8, Anexo 3). Os temas do projeto eram, sem dúvida propícios à reflexão, que conduziu, como veremos no segundo eixo de análise, a transformações tanto a nível pessoal como comunitário. Por isso, consideramos que o processo de reflexão foi transversal ao próprio desenrolar do projeto Aterra: “uma coisa boa do aterra acho que foi todos sentirmos que podíamos ajudar a pensar o projeto e isso foi uma coisa que me entusiasmou muito” (Participante B, I 8, Anexo 3)

“Ajudar a pensar” foi uma das ações tidas como relevantes para um dos participantes, o que nos ajuda também a nós a considerar não só o papel da reflexão neste tipo de projetos, mas também a importância da tomada de consciência do próprio processo

de reflexão. Isto torna-se possível através do feedback e de ações dialógicas que permitem, como diz Morin (2005) receber e acolher a perspectiva do outro, não só sobre nós próprios, mas sobre a nossa circunstância, que aqui acrescentaríamos ser a comunidade e o seu desenvolvimento. Para tal, é “importante escrever e sistematizar para que isto possa contribuir e que possamos ler juntos o que está aqui a acontecer e que possa influenciar processos educativos com mais tempo e espaço para este outro tipo de indicadores e valores” (Participante D, I 8, Anexo 3).

Ainda relativamente aos momentos coletivos de reflexão ética ao longo do projeto, destacamos a importância de conhecer a circunstância das pessoas e do próprio território para poder refletir sobre ele e “porque de sustentabilidade se tratava, assumiu-se também como essencial “religar” à Terra as novas gerações (por vezes já demasiado urbanizadas, mesmo quando vivem em meios rurais)” e ainda “sensibilizar e mobilizar os jovens para uma maior participação cívica e reflexão crítica sobre a sua comunidade” (D2, A7, Anexo 2). Esta foi-se tornando uma linha basilar de todo o projeto que permitiu um diagnóstico da realidade local que desse conta dos aspetos mais frágeis e escondidos, especialmente no âmbito da produção agrícola local, da ligação débil dos jovens à sua terra e mundo rural e ainda da distância entre grupos de gerações e culturas diferentes. Estes momentos de reflexão conjunta ao longo do projeto, para além de acontecerem no seio de grupos mais restritos, também aconteceram entre esses grupos: “E foi por isso que o Aterra ajudou na reflexão porque pegou em 3 grupos concretos da comunidade: a) produtores e decisores locais; b) escolas; c) redes locais e membros da comunidade” (Participante D, I8, Anexo 3).

A avaliação associada à reflexão ao longo do projeto é em si também um processo de releitura contínua e reestruturação constante. Como refere a participante D “é importante ajudar a ler o que está a acontecer e não desistir quando a primeira coisa corre mal. O lado fatalista que vem logo ao de cima com facilidade nestes projetos é o que mata qualquer processo” por isso considera que “seria muito importante um trabalho de assistência comunitária que faria toda a diferença” (Participante D, I9, Anexo 3).

A valorização da reflexão como releitura da experiência vivida faz emergir aspetos que as estatísticas não registam, pelo que “o projeto Aterra tinha intenção de fazer uma leitura representativa da realidade (...) olhando com olhos de ver para o que já sabemos que existe e, que sabendo que existe, não aparece em dados estatísticos” (Participante D, I8, Anexo 3)

Relacionando-se já com a transformação a nível pessoal, a experiência de reflexão permite enfrentar também as dificuldades e tensões:

“(...) sinto que exige muita coragem, pessoalmente acho que parece sempre mais bonito e mais fácil ficar por uma ideia romântica destes projetos, e escutar a realidade é ousado, porque a realidade tem muitas tensões e muitas dificuldades. Por isso é esse não ter medo de atravessar a realidade e ir avançando mesmo que não se saiba tudo e não se tenham os planos todos, ir avançando, falando com as pessoas, pedir ajuda. Isto aprendi com o Aterra e com a Casa Velha” (NC 2, I10, Anexo 3).

Encontramos ainda a reflexão sobre os valores e sentido do projeto, os seus princípios e fundamentos no primeiro registo autobiográfico relativo ao momento de construção conjunta do logotipo do projeto:

“lembro-me de olhar para aquele círculo de onde saía como que uma planta com quatro folhas e de lhe dar diferentes interpretações (um fruto, o mundo, a ligação em rede com os 4 continentes, os 4 grandes eixos do projeto) e de hoje reconhecer isso na expressão que tem acompanhado os últimos tempos da casa velha: tudo está ligado. Este percurso de reflexão, terminou com uma explicação da X sobre o sentido do projeto. Na verdade, o que se pretendia durante 2 anos era aterrar as políticas globais no local de Ourém e em conjunto com os diferentes atores locais, encontrar estratégias locais orientadas para o desenvolvimento rural sustentável. No entanto, tenho a certeza de que estas reflexões e viagens através de um lápis embalado por uma conversa no fim de dia cheias de pontos de interrogação sobre sustentável, políticas, atores, entre outros, foi o que permitiu uma reflexão sobre os valores que acompanhariam todas as atividades do projeto. E isto foi feito de forma informal, no cenário de uma lareira na Casa Velha.” (Registo autobiográfico (R)1, I10, Anexo 3)

Reconhecer no processo o valor da sustentabilidade é uma das marcas da Associação Casa Velha, um dos cenários privilegiados do Aterra. Este reconhecimento torna-se facilitador de transformações tanto pessoais como comunitárias que analisaremos de seguida.

3.3. Transformações pessoais e comunitárias: valores, processos e frustrações

Relativamente a Sócrates e à sua máxima “conhece-te a ti mesmo”, Macedo (2018) refere que este aspeto deve conduzir ao “caminho do autoconhecimento pelas vias da racionalidade, (...) [com vista a] chegar à sua essência” (p. 18). Ao longo de todo o processo de recolha de dados fomos nos apercebendo da comunicação entre diferentes níveis de transformação com carácter ético, não só pelos próprios objetivos do projeto que pretendia “contribuir para uma maior interligação entre as políticas para o desenvolvimento sustentável e a realidade das pessoas e dos territórios” (D1, A3, Anexo 2), mas também pela forma como os participantes expressam a articulação da mudança que reconhecem não só a nível pessoal, como também comunitário e global. Como refere a participante D:

“É complexo, logo, o facto de termos alguma responsabilidade juntos ajuda-nos a ser comunidade e a mudar coisas que sozinhos não mudaríamos, tais como ser mais simples, porque a comunidade traz muito esta experiência de partilha: partilha de saberes, partilha de experiências, partilha de tempo, de tarefas e o poder experimentar isso, realmente leva-me a poder aproveitar mais um bem comum e tornar-me a mim menos cheia dos meus próprios bens. Por isso acho que a comunidade é isto: um tempo e um espaço de relação entre pessoas e entre pessoas com o território, com a história, com a cultura. E é muito importante que haja tempo e acompanhamento para ler essa história e cultura” (Participante D, I9, Anexo 3)

A complexidade (Caetano, 2017) leva-nos mais uma vez a procurar estas ligações para além de um único movimento de “ação-consequência”, mas na lógica da influência mútua e cujo dinamismo se potencia reciprocamente. Queremos com isto dizer, que as mudanças de estilo de vida ao nível pessoal são influenciadas pelas transformações axiológicas ao nível comunitário, mas por sua vez, estas transformações voltam a ser influenciadas pelas mudanças de estilo de vida individual, que se pretendem promotoras de mudança de estilo de vida comunitário. Não nos foi possível uma análise ao nível das transformações globais, mas optámos por mantê-las representadas nos gráficos de análise que se seguem, por considerarmos a sua relevância neste processo. Assim, seria interessante uma análise futura à interação que se dá nestes três níveis de ação ética.

Começaremos a nossa análise das transformações com dimensão ética precisamente pela relação que os participantes identificam entre as dimensões pessoal,

comunitária e global e de que forma é que esta interação influencia a mudança individual para estilos de vida mais sustentáveis. Seguidamente procuramos analisar os processos de transformação comunitária, num percurso ao longo dos vários indicadores que descrevem o que consideramos ser um movimento circular desde a promoção do encontro entre atores locais até à participação ativa no desenvolvimento comunitário. Por fim, tentaremos trazer para a discussão de dados as frustrações identificadas pelos participantes ao longo do projeto e como, na lógica da complexidade, coexistem com as oportunidades e desafios (Morin, 2005).

3.3.1. A valorização da relação entre dimensão pessoal, comunitária e global e sua influência na mudança de estilos de vida

Como diz uma das participantes entrevistadas “o Aterra valorizou a comunidade começando por conhecer e valorizar cada uma das pessoas e grupos que dela fazem parte, neste caso, que fazem parte do concelho de Ourém” (Participante A, I11, Anexo 3). A valorização da comunidade partiu não só da valorização de cada participante, mas também dos grupos que constituem a comunidade, tal como refere a mesma participante mais adiante na sua entrevista:

“criaram-se e reforçaram-se redes entre pessoas de diferentes gerações, culturas, áreas e sensibilidades, alavancando sinergias que edificaram, cremos, pilares de bem-estar e felicidade, e promoveram, a nível local, uma maior integração dos atores locais na roda da sustentabilidade do concelho de Ourém” (Participante A, I11, Anexo 3).

Assim, não se considera a comunidade como conjunto de indivíduos, mas como sistema integrador de outros sistemas (Le Moigne, 1977). O valor que é dado a cada pessoa, reflete-se assim no seu compromisso com os grupos a que pertence e permite a inter-relação destes diferentes grupos, construindo socialmente um tecido de redes de colaboração. Em termos de transformações valorizadas individualmente estas relacionam-se com a articulação entre os vários níveis de atuação do projeto: pessoal, local e global e podemos ver isso espelhado nas reflexões de duas participantes:

“percebi o que é de facto estar inserida numa comunidade. Na verdade, sabia muito pouco das dinâmicas do meu concelho, bem como das suas potencialidades. Conheci diversas pessoas que mostram como territórios mais desfavorecidos

poderão deixar de sê-lo se trabalharmos em comunidade, se partilharmos as nossas fragilidades e as nossas qualidades e, juntos, procurarmos fazer do nosso lugar o melhor lugar do mundo para se viver” (Participante A, I11, Anexo 3)

“No geral, na minha vida, a comunidade começa pela minha família, mas a vivência de comunidade continua na minha experiência de voluntariado e de vários projetos dos quais fiz parte. Para mim é um fator muito importante e participar no aterra foi muito importante para o meu autoconhecimento das minhas capacidades e como posso contribuir para o mundo. Por isso a vivência em comunidade fora da família foi sempre importante para descobrir outras facetas minhas que não se desenvolvem na família.” (Participante B, I11, Anexo 3)

Tal como Freire (1978) elucida nas cartas que escreve a um grupo de trabalho na Guiné Bissau que está a implementar a metodologia dos círculos de cultura, há uma relação muito próxima entre a tomada de consciência da circunstância em que vivemos e a capacidade que daí decorre de intervenção social e mudança. O Aterra, inspirado nos valores da Associação Casa Velha procurou inspirar a mudança a nível pessoal a par com a mudança social e vice-versa.

A mudança de estilos de vida foi um dos indicadores considerados dentro da categoria das transformações valorizadas individualmente. A figura 7 procura demonstrar a relação complexa que se estabeleceu entre os dois níveis de transformações com dimensão ética, considerando que os valores e princípios que orientam a ação individual repercutem na tomada de decisão ética a nível comunitário.

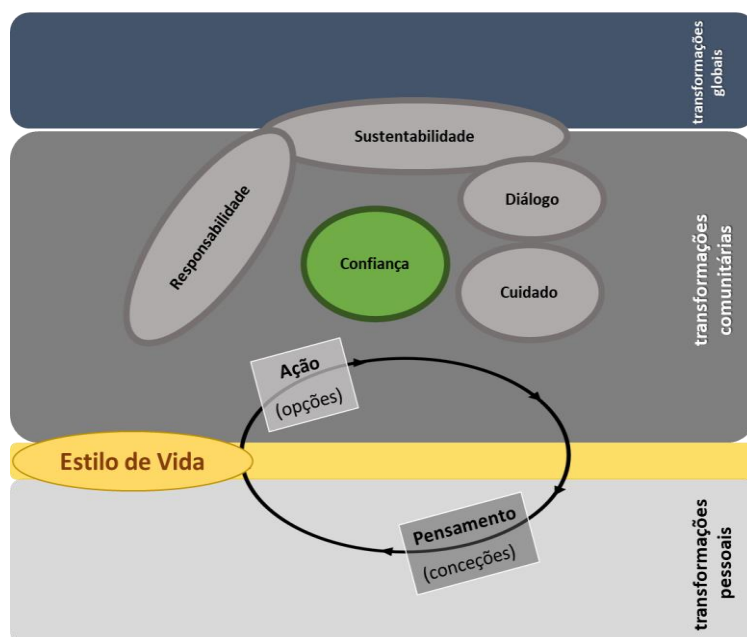


Figura 7 - Transformações pessoais com dimensão ética

Trazendo a mudança de estilo de vida para o centro da discussão, por ter sido referida em todas as entrevistas, consideramos que o estilo de vida entra em diálogo tanto com as transformações pessoais como comunitárias e assenta na confiança e simplicidade como é referido por alguns participantes logo na primeira sessão dialógica reflexão ética:

“eu sou uma pessoa complicada, nota-se aqui nesta representação. Mas estou melhor graças à Casa Velha. A simplicidade! A lógica é a simplicidade [risos]”
(...) E foi isso que aconteceu também aqui no Aterra. Fomos pouco a pouco, fomos passo a passo” (NC, I12, Anexo 3)

A simplicidade aqui não é entendida como contrária à complexidade, mas contrária à complicação. Simplicidade, no sentido aqui expresso não parece ser a simplificação, mas uma maior abertura à integração de diferentes aspetos (Morin, 1990), como aqui é descrito: as expectativas profissionais, os objetivos traçados, as frustrações e dificuldades que emergem a par com a *con-centração* no essencial. Consideramos que a simplicidade tem a sua raiz na focagem do essencial e que essa orientação fará propagar a mudança aos vários níveis (“comunidade”, “família”, “cidade”, “concelho”). O pensamento complexo remete ainda para a importância da concentração. Segundo Morin (2005), a compreensão tem origem etimológica em *cum-prehendere*, que significa aprender conjuntamente. O autor considera a inter-relação entre diferentes formas de compreensão a partir do prefixo com-, referente a «complexidade» e «compreensão»:

“com-preender, apreender juntamente, abranger; a explicação abrange objetivamente, a compreensão subjetiva abrange subjetivamente, a compreensão complexa abrange subjectiva e objectivamente” (p. 115).

O outro aspeto destacado como facilitador da interação entre transformações pessoais e comunitárias foi a confiança. Na mesma sessão dialógica de reflexão ética encontramos com uma outra reflexão que reflete a importância da confiança, entendida como reforço do sentido de pertença à comunidade, como eixo condutor da mudança de estilos de vida:

“na linha do que estava a ser dito, a mim também o Aterra me ajudou a aterrar. Não numa lógica de me instalar, mas de ter um lugar. Ter um lugar no mundo, porque foi numa altura da minha vida em que estava mesmo à procura do meu lugar não só no mundo, mas na vida. E o Aterra ajudou-me a perceber que o meu lugar no mundo se concretiza num projeto concreto, e através de bases sólidas. Foi isso que tentei representar neste desenho, em que estas 4 pernas da cadeira lembram a comunidade que é estrutura e base na minha transformação pessoal”
(NC, I12, Anexo 3)

Depois de uma leitura sistemática do conteúdo agrupámos as mudanças referidas e destacadas na figura 7 em dois blocos principais:

- A. **Pensamento:** refere-se a expressões que envolvem a mudança de formas de conceber determinados valores ou princípios ou ainda a expressões que remetem para novas formas de pensar a comunidade e a mudança;
- B. **Ação:** refere-se a expressões que descrevem mudança nas opções quotidianas em termos de comportamento e atitudes, em prol da sustentabilidade.

Ao nível do pensamento, encontramos espelhada no segundo registo autobiográfico o processo de descoberta dos valores do Aterra:

“(...) e foi entrando no meu dicionário pessoal uma nova palavra “integral” que mais tarde se encontrou com a “ecologia”. Discutíamos muitas vezes que não bastava falar de separação de lixo ou reciclagem, mas que teríamos sempre de abordar estes conceitos numa perspetiva integral e integrada, para que as ações de reciclagem fossem consequentes com uma atitude de reciclagem e um estilo de vida de reciclagem. E com isto falávamos sobre a reutilização de oportunidades,

a renovação de capacidades pessoais, a reconciliação de relações interpessoais, a revalorização do nosso local de origem. (...) Pensar se somos pessoas de reciclagem vai mais além de cumprir regras dos “R” (reciclar, reutilizar, reduzir, renovar), mas de integrá-los como princípios que orientam as nossas ações, opções e forma de conceber a vida e o mundo. Passará então por reciclar capacidades, por nos renovarmos diariamente, por reduzir o consumo e o individualismo com gestos de humanização e solidariedade, de reutilizar recursos e experiências, fazendo memória viva de tudo o que vai sendo a nossa história, contrariando a cultura do descartável, do temporário e da inovação desenfreada tão presente nos projetos de intervenção comunitária. Lembro-me que tudo isto ia surgindo como reflexões tanto espontâneas quanto ponderadas” (R2, I12, Anexo 3)

Ao nível da ação e das mudanças concretas de comportamento encontramos alguns exemplos descritos nas entrevistas em termos de atitude: “eu de natureza sou introvertida e aqui estou mais com as pessoas. Tenho estado mais, brinco, salto, digo uns disparates e sinto que estou mais aberta às pessoas” (Participante C, I12, Anexo 3). Temos ainda as mudanças em termos de opções, nomeadamente respeitantes ao consumo: “(...) não é uma questão de utilizar ou reaproveitar acho que a situação de evitar o desperdício usar da melhor forma os bens que temos à nossa disposição” (NC, I12, Anexo 3)

E por fim, consideramos as mudanças que se repercutem na vivência em outras comunidades, transformando assim a forma de estar e de ser em comunidade:

“Tenho de dizer que o meu doutoramento ganhou muito com a experiência do Aterra: que antes de partir para um estudo é importante é ir lá, ouvir as pessoas, e fazer sempre uma ponte de equilíbrio entre aquilo que é o ideal e aquilo que existe. Para a minha vida também me trouxe muito isso.” (Participante B, I12, Anexo 3)

Conforme se procurou demonstrar na figura 7, assistimos a uma influência recíproca que foi estabelecida ao longo do projeto entre as transformações com dimensão ética a nível individual e comunitária. Por um lado, temos a mudança para estilos de vida mais sustentáveis através de opções por atitudes e comportamentos conscientes da responsabilidade pela qualidade de vida humana e extra-humana no presente e no futuro como sugere Jonas (1984), e por outro temos essa mudança motivada pelo cuidado

(Gilligan, 1997). Estas mudanças individuais implicam o exercício pessoal de aperfeiçoamento, como Aristóteles (2004) nos apresenta. No entanto, teremos de analisar como influenciam também as opções comunitárias, pelo que, ao longo do projeto, pudemos identificar um processo circular de atitudes que foram reforçando cada vez mais o compromisso e participação no desenvolvimento comunitário.

3.3.2. Processos de transformação comunitária: da promoção do encontro à participação ativa

O termo desenvolvimento comunitário entrou na linguagem internacional para designar “o conjunto dos processos pelos quais uma população une os seus esforços aos dos poderes públicos com o fim de melhorar a sua situação económica, cultural e social e bem assim integrar-se na vida da nação e contribuir para o progresso nacional geral” (Silva M. M., 1963, p. 7). Datado dos anos 60 esta consideração continua presente no contexto em estudo. No entanto, procuraremos aqui relacionar os processos de transformação comunitária, não em termos de progresso, mas como fomos referindo, em termos de relações interpessoais e desenvolvimento social. Como referem os autores abordados, a Comunidade refere-se ao espaço que o homem, desde a Antiguidade tinha definido entre normas e papéis sociais e que por intermédio dela um novo equilíbrio se estabelecia no interior do mais vasto equilíbrio do todo (Jonas, 1994, p. 31).

Ao longo da investigação fomos nos questionando relativamente aos próprios processos de transformação comunitária resultantes da implementação do eixo de fortalecimento das redes locais. Fomos identificando vários indicadores decorrentes da recolha de dados que nos permitiram traçar uma proposta de processo a partir do encontro entre atores locais até à participação ativa na transformação da comunidade, como se vê na figura 8. Segundo Paulo Freire (2018) “talvez se pense que ao fazermos a defesa deste encontro dos homens no mundo para transformá-lo, que é o diálogo” ao que acrescenta que “não há nada, contudo, de mais concreto e real do que os homens no mundo e com o mundo. Os homens com os homens” (Freire, 1970, p. 126).

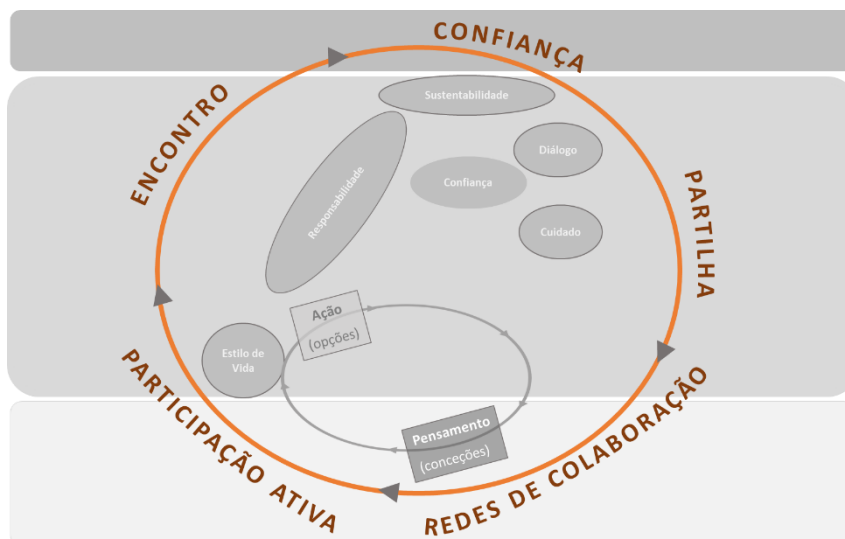


Figura 8 - Processo de transformação comunitária

O Aterra teve como foco a comunidade como um todo, numa perspetiva holística, tal como refere uma participante: “o foco não está somente na resolução de um ou determinados problemas, inerentes a um determinado grupo, mas no bem-estar de toda a comunidade/concelho” (Participante A, I13, Anexo 3), aspeto que segundo a mesma participante levou a que o Aterra tenha tido como principais estratégias de intervenção “ouvir os diversos atores locais para entender melhor as suas dificuldades e, assim, com mais segurança e ética promover a transformação (...) e, por isso, perseverou e ainda foi além, mesmo depois do término do financiamento” (Participante A, I13, Anexo 3). O conceito de encontro entre atores locais surge em todas as entrevistas, destacando-se aqui os participantes A, B e C que se referiram especificamente à interação entre diferentes grupos tanto numa lógica intergeracional como foram as atividades que envolveram os utentes do lar e as crianças ou jovens de Vale Travesso, como as jornadas do território que juntou políticos e habitantes locais, como os almoços do mundo ou encontros “à mesa com”.

O encontro estabelecido e promovido pelas atividades do Aterra tinha como principais objetivos não só uma auscultação da realidade local, mas a construção conjunta de um diagnóstico, onde a voz fosse partilhada e escutada entre diferentes atores. A “solidariedade” que Morin (2005) destaca é referida três vezes na entrevista à participante A como aspeto importante na construção de processos de confiança na comunidade. Segundo esta participante, entre os vários atores locais “refletiu-se, tomaram-se decisões

concretas sobre a realidade da produção local e o papel dos consumidores, e uniram-se esforços para o desenvolvimento local sustentável” (Participante A, I13, Anexo 3). No entanto, para além de promover o desenvolvimento da solidariedade em ambiente comunitário, o encontro precisa de um outro valor, atualmente entendido em tensão com a lógica economicista (Freitas, 2015): o valor do tempo. Tal como refere a Participante D, o tempo é importante para que se possam escutar os dados que emergem de parâmetros que os indicadores não contemplam, mas que existem e não são valorizados:

“não é nada fácil, mas é o caminho. Não há outra forma, porque é preciso tempo e espaço porque é uma coisa que não existe hoje em dia, porque a nossa vida não está formatada para isso, porque estamos sempre a ter de corresponder, apresentar resultados, ter de ser eficientes com determinados parâmetros que não valorizam o que nos parece importante valorizar: este outro valor que não é da agricultura produtiva intensiva, mas de conservar a paisagem, de conservar a cultura local, de ser ambientalmente mais eficiente. Nada disto é contabilizado, mas mais uma vez, há que reconhecer os movimentos contrários que vão tornando que vá sendo pouco a pouco. Quando isso não é contabilizado nem valorizado e quando a grande contabilização é feita pela via económica e financeira tudo o que não é eficiente a esse nível fica para trás e, por isso, é complexo andar a trabalhar em redes que querem valorizar outro tipo de parâmetros. O grande desafio é o de acreditar que vale a pena dar esse tempo e esse espaço, sem querer ter logo as soluções, mas criar oportunidades das pessoas se encontrarem e pensarem juntas” (Participante D, I14, Anexo 3).

Se por um lado, a preocupação com o valor do tempo foi uma das preocupações e lutas do Aterra, principalmente em termos de elaboração de relatórios e cumprimento de objetivos, por outro, foi necessário encontrar um espaço. Segundo Rocha (2019) o lugar é, em Aristóteles uma “dimensão da relação entre a pessoa e o ambiente físico, desenvolvendo sentimentos de pertença do indivíduo, colocando-o no eixo do presente em relação ao passado e futuro” (p. 165). Consideramos pelo aporte trazido na recolha de dados que a Associação Casa Velha, apresentando-se como espaço neutro, no sentido de lugar de acolhimento sem fação política ou religiosa, tornou-se para todos e com naturalidade, mais do que um espaço, um lugar, onde cada um se pode (re)encontrar no tempo presente. Recordamos isto logo no primeiro registo autobiográfico:

“Mas voltando aos recursos educativos e sua construção, sob a capa da sustentabilidade, lembro-me com muita alegria de vários almoços que fomos tendo, com pessoas diferentes e em torno de variados assuntos, na varanda da Casa Velha. Este foi um lugar de encontro, que pela sua fragilidade positiva, de uma neutralidade fecunda, como a tem a terra, que apenas acolhe, se revelou lugar de aprofundamento, e enraizamento de uma nova noção de sustentabilidade” (R1, I14, Anexo 3)

Parece-nos ainda interessante analisar a questão do tempo e do ritmo que emergiu durante o projeto Aterra e se foi alastrando positivamente para outros projetos da Associação Casa Velha. Associada não só à questão da construção de processos de confiança, o respeito pelo ritmo e tempos, não só individuais, como comunitários e globais, leva também a um maior respeito e integração nos ritmos e ciclos da natureza. Por isso, associamos a construção dos processos de confiança à sustentabilidade que pede “outro ritmo, que sem descurar a qualidade e o rigor, inclua o tempo de criar e recriar” sem ter de ser avaliado “em quantidade, mas em transformação positiva nos outros e nas relações que têm entre si e com a sociedade em que vivem” (R5, I14, Anexo 3). Uma vez que o investimento que é feito em projetos de desenvolvimento comunitário na construção de relações de confiança, no restabelecimento da confiança da própria comunidade no seu valor intrínseco e ainda a confiança num futuro construtivo e positivo garante a sustentabilidade no seu sentido alargado (“Foi nessas conversas diferentes que nos fomos apercebendo que falar de sustentabilidade implicava todas as dimensões da pessoa” (R5, I14, Anexo 3).

A partilha de experiências foi considerada um dos aspetos promotores dos processos de transformação comunitária, não só decorrente da confiança e do encontro entre atores locais, como de reforço desse mesmo encontro e confiança, pois pela partilha de boas práticas aumenta-se a confiança comunitária, no sentido de um maior reconhecimento das suas potencialidades. Findo o projeto, é possível constatar como “a experiência do Aterra” (...) nos permite “agora sistematizar um modelo de intervenção que cruza Desenvolvimento Sustentável e sistema alimentar e que tem inspirado outras organizações e territórios” (D2, A3, Anexo 2). Esta partilha está ainda patente nos encontros interculturais como foi o caso da Escola de Verão. Aqui viu-se, segundo a participante B “a riqueza de um grupo muito diversos de pessoas de vários sítios do país e até fora do país, de áreas diferentes (...). Numa das avaliações registadas no final da

escola de verão destaca-se como a interculturalidade tem repercussões positivas a nível pessoal: “Superou as expectativas! Foi uma experiência muito enriquecedora, a nível de conhecimento e pessoal” (D3, A10, Anexo 2).

O aterra teve essa vantagem de promover o diálogo entre pessoas (...) com perspectivas distintas” (Participante B, I15, Anexo 3). No entanto, a própria região revela-se cada vez mais um contexto multicultural, pois relativamente à presença de pessoas imigrantes, a Participante D refere que “Existem de leste, muitos, de Cuba também, africanos, não tantos, mas do Brasil e Paquistão vêm bastantes. E já há casamentos de locais com imigrantes” (Participante D, I15, Anexo 3). As atividades interculturais, nomeadamente os “Almoços do Mundo” tiveram precisamente o objetivo de interligar pessoas, que sendo membros da mesma comunidade local, pudessem desenvolver laços pela partilha de experiências. Estes laços refletiram-se tanto a nível de relações humanas, na comunidade que constituiu o projeto, mas também a comunidade mais alargada onde o projeto se integrou, onde houve a articulação entre grupos diferentes, associados aos três eixos do projeto:

A partilha de experiências conduz não só ao conhecimento mútuo de boas práticas e incentivo à mudança positiva, como permite identificar e trocar também as experiências negativas, as dificuldades e as frustrações.

Segundo os participantes, a comunidade em que se inseriu o Aterra, é uma comunidade ainda muito fragmentada (“aqui há muitas “comunidadezinhas”, como costumamos dizer. Por isso, diria que não há comunidade aqui”, Participante C, I16, Anexo), o que a par com as potencialidades e processos de desenvolvimento que vai demonstrando, mantém em si fortes resistências à colaboração e interação:

“o impacto de políticas públicas no território deixou marcas difíceis, porque nestas décadas de reação à política agrícola europeia, foram-se tentando várias coisas e muitas não correram bem.” (Participante D, I15, Anexo 3)

As redes de colaboração que foram sendo desenvolvidas não foram criadas de raiz, mas como já foi referido, foram potenciadas pelo encontro e reforço de confiança comunitária. Este trabalho de interação está ainda ligado à partilha de boas práticas, considerando-se o Aterra como “modelo exemplar de que é possível integrar pessoas de áreas muito diferentes, ajudando-as a encontrar o que têm em comum, para que em conjunto, com a sua experiência, conhecimento e saber fazer, contribuam para um projeto

que enriquece a comunidade” (D2, A10. Anexo 2). Para este aspeto contribuiu, sem dúvida, a adesão dos participantes às propostas do Aterra:

“Uma das potencialidades foi o facto de haver logo ao início uma grande vontade de aderir de várias entidades, desde empresas municipais, aos executivos, e também muito graças à mobilização inicial, acho que isso foi um potencial, também com as escolas houve muita abertura para participar neste projeto, dinamizou-se atividades que já existiam, como os cabazes do PROVE que facilitou o fornecimento dos alimentos às escolas e foi um bom exemplo de como é possível trabalhar em rede” (Participante B, I16, Anexo 3).

A participação ativa no desenvolvimento de atividades está neste estudo ligada ao conceito de cidadania ativa e de educação social. Tal como Gohn (2010) consideramos que “articular a educação, em seu sentido mais amplo, com os processos de formação dos indivíduos como cidadãos, ou articular a escola com a comunidade educativa de um território (...) é uma demanda da sociedade atual”. Este foi um aspeto referido como oscilante ao longo do projeto Aterra. Uma das participantes recorda a experiência na segunda escola de verão, onde se assistiu a um decréscimo no número de participantes:

“Se calhar, o momento de mais fragilidade que senti foi na segunda escola de verão precisamente porque se sentiu muito pouco comunidade. Para além de ter havido pouca adesão, os participantes foram pouco constantes e acho que não se conseguiu muito bem esta mobilização para essa reflexão comum como se conseguiu na primeira escola” (Participante B, I17, Anexo 3)

As dificuldades aliam-se às frustrações expressas pelos participantes deste estudo e presentes em alguns documentos analisados (D2, D3, D4). Entendidas como parte do processo e enraizadas nos valores da Associação Casa Velha, analisaremos as frustrações como categoria do eixo de análise das transformações pelo seu carácter potenciador de mudança.

3.3.3. Atravessar as frustrações num projeto de desenvolvimento comunitário: desafios para a continuidade do projeto

Na obra de Sófocles, como temos vindo a referir, Creonte representa o poder da lei e da cidade. É interessante considerar aqui, quando se fala em cidadania, o diálogo

entre Creonte e o filho Hémon, em que o primeiro pergunta: “É portanto a outro, e não a mim, que compete governar este país?” ao que Hémon responde: “Não há Estado algum que seja pertença de um só homem (...) Mandarias muito bem numa terra que fosse deserta” (Sófocles, 2018, p. 83). A cidadania ativa e a participação da comunidade continuam a ser consideradas dimensões frágeis no contexto em estudo. Referimo-las aqui como aspetos integrantes das dificuldades e frustrações.

Fomos já relacionando as dificuldades e frustrações como desenvolvimento do projeto Aterra, considerando-as parte integrante e importante em todo o processo. No entanto, tal só o será, se tornado consciente, neste caso por meio da reflexão ética (Freitas, 2015). Assim é possível reestruturar o percurso estabelecido como refere uma das participantes, reconhecendo dificuldades e como isso requer “(...) humildade, quando percebemos que, por vezes, houve limitações e tivemos de reformular o que parecia à partida resultar bem” (Participante A, I18, Anexo 3).

As dificuldades começam logo na conceção do projeto pelo contexto em que se insere. É um facto que é a partir da existência destas dificuldades que nasce este projeto. No entanto, são necessariamente fatores de maiores níveis de frustração no desenvolvimento do projeto. Tal como refere a participante D,

“o Aterra trabalhou a questão da exclusão das zonas rurais, que é uma situação transversal e que acontece em todo o mundo (...) [e] desde que Portugal entrou na União Europeia (ainda bem que entrou e não é nada disso que está em causa), teve um impacto muito concreto na nossa agricultura, nomeadamente no Concelho de Ourém (...). As consequências das políticas europeias revelaram-se num progressivo deixar para trás uma série de territórios que se tornaram difíceis de suportar por comunidades e famílias, por isso tem aumentado um êxodo para cidades e é todo um campo que tem vindo a ser abandonado nas últimas décadas. Isso teve um resultado concreto, como vemos com esta questão dos incêndios” (Participante D, I20, Anexo 3)

Vemos aqui como um projeto de desenvolvimento comunitário não começa quando é lançado, mas na intuição que precede a construção de uma candidatura. Neste sentido, as expectativas cruzam-se necessariamente com as frustrações, pois “estes projetos começam sempre desta forma dolorosa de ter de pôr num papel intuições e temos de lhes dar forma com quadros lógicos muito concretos e indicadores muito concretos

que nem sabemos bem se têm realmente a ver com a realidade” (Participante D, I18, Anexo 3). Isto vai ao encontro da reflexão proposta por Mesquita (2014) quando refere, relativamente ao projeto Fronteiras Urbanas, que “na própria preparação do projeto (...) e como parte do processo contínuo de educação comunitária que ocorreu entre os participantes e as comunidades locais, discutimos o nosso papel como parte da diversidade cultural” (p. 25).

Outra das dificuldades referidas remete para o tempo e prazos que é necessário cumprir e obedecer durante um projeto. Este foi um aspeto marcante que ressaltou espontaneamente na primeira sessão dialógica, quando ainda se considerava a construção de um livro de memórias do Aterra: “Se calhar faria uma roda com a ideia do tempo e da terra” (NC 1, I18, Anexo 3). A noção de tempo e de lugar foi ganhando alguma relevância ao longo deste estudo. Como refere a participante D “é muito exigente porque é sobretudo este tempo e espaço de relação e cuidado, de dar confiança às pessoas, de trazer as pessoas, de ir ao encontro das pessoas” (Participante D, I19, Anexo 3).

Como sabemos, este processo de desenvolvimento, aparentemente estagnou em alguns aspetos. O “encravar da roda”, como foi referido pela participante D e na segunda sessão dialógica tem diferentes origens e causas. Não faremos aqui uma análise sistemática dessas causas, embora muitas tenham sido já referidas.

Na linha da análise que temos feito de interação entre componentes e dimensões diferentes entre si, considere-se como isso também afeta um dos principais objetivos do Aterra: a cidadania ativa e a cidadania global. Ao pretender aproximar as políticas globais das estratégias locais, o Aterra não pretendia apenas um conhecimento mútuo entre global e local, mas “proporcionou uma forma muito concreta de conseguir uma tomada de consciência e a mobilização dos diferentes agentes locais” (D2, A8, Anexo 2) e o estabelecimento de premissas que promovessem a influência positiva e construtiva de forma interativa e recíproca entre aqueles dois níveis de atuação. Ora, a cidadania ativa foi identificada em duas entrevistas e numa sessão dialógica de reflexão ética como frustração identificada. Para ilustrar ainda a necessidade de aproximação não só entre políticos, mas entre atores locais, é interessante considerar a afirmação da Participante A que afirma: “Durante o projeto Aterra, percebi que não é fácil sensibilizarmos o sistema político central” (Participante A, I20, Anexo 3). No entanto, a aproximação permitiu uma maior compreensão do outro (Morin, 2005), neste caso, os políticos e governantes:

“os decisores locais querem agir, mas muitas vezes veem-se restringidos pelas leis, que, na sua maioria, são resultado de um desconhecimento das realidades locais” (Participante A, I20, Anexo 3)

“O poder das autarquias tem um papel muito importante, mas muitas vezes têm poucos recursos e pouca consciência do valor que podem ter neste sentido” (Participante D, I20, Anexo 3).

Considerando as frustrações como complemento das oportunidades, encontramos em 5 excertos de testemunhos registados nas entrevistas e nas sessões dialógicas, a força anímica de superar dificuldades e de encarar as frustrações não como algo negativo a eliminar, mas como sinal que o próprio desenvolvimento transmite aos participantes de que é necessário escutar e procurar uma resposta adequada. Isso implica, no entanto, mudança das estratégias planeadas. Por um lado, “foi necessário combater estes fantasmas e experimentar partilhar, contar uns com os outros, aprender uns com os outros e isso depois abre caminho”, e por outro “ir fazendo este caminho de releitura positiva da realidade, conhecer a comunidade (...) porque só cuidamos do que conhecemos e do que gostamos” (Participante D, I20, Anexo 3).

A cidadania ativa torna-se então consequência do cuidado (Gilligan, 1997), promovendo uma maior integração na comunidade e trabalho conjunto pelo Bem Comum (Aristóteles, 2004), tornando-se os cidadãos cada vez mais responsáveis. Para isso “é necessária a atenção personalizada, o ir ter com as pessoas, a descentralização dentro da própria comunidade local” (Participante D, I20, Anexo 3). Por isso, o Aterra propunha-se a:

“Autonomizar as comunidades a nível local para que possam identificar os obstáculos com que se defrontam e as soluções que melhor lhes convêm, é um primeiro passo. Passo esse que deve ser complementado por políticas de apoio a nível nacional que garantam o sequenciamento adequado entre as várias reformas políticas que são necessárias” (D2, A2, Anexo 2).

Esta análise e reflexão que nos é oferecida permite considerar a responsabilidade e cuidado que podem emergir de um contexto onde se experimenta o desânimo e individualismo a par do desejo de mudança e da solidariedade que emerge quando se facilita o encontro e envolvimento dos membros da comunidade. Por outras palavras, tal

como foi descrito na última sessão dialógica, alguns passos apresentados para esse caminho destacaram-se numa reflexão conjunta ao longo deste estudo como:

“Trabalhar em rede e ligar as pessoas, promover o diálogo. (...) cuidar das pessoas para que possam cuidar da criação (...) a própria comunidade gerir o seu território: é ela que o conhece e que vive nele e que tem não só os recursos o conhecimento (...)” (NC 4, I20, Anexo 3)

Temos, por fim a questão da continuidade do projeto. Entre os vários aspetos já referidos, como a falta de tempo suficiente para estabelecer relações de confiança, pelos prazos impostos nas candidaturas, a dependência de financiamento e constante corrida a corresponder aos objetivos parametrizados, a apresentação de relatórios e resultados, levam, muitas vezes, a questionar a sustentabilidade e continuidade do projeto. No caso do Aterra, apesar de ter ganho o prémio “Green Awards” (Anexo 2) e ter tido uma avaliação muito favorável, tanto em termos formais como informais, ao ser feita uma segunda candidatura que pretendia dar continuidade ao projeto, esta não foi aceite (“tentámos novas candidaturas que dessem continuidade ao aterra que não foram para a frente, porque também precisavam de um esforço dos parceiros que aqui se encontraram que não foi possível” NC1, I21, Anexo 3). Como diz a participante B “uma das dependências é ter de arranjar sempre um projeto em consequência do que se fez para dar continuidade. Isso requer mais recursos humanos, mais voluntários e é preciso ter essa estrutura” (I21, Anexo 3). Coube à Associação Casa Velha e restantes parceiros a criatividade de pensar outros projetos e construir candidaturas que dessem continuidade a aspetos mais específicos do Aterra. Como diz a participante E “o projeto Juntos pela Mudança é, no fundo, a continuidade de um projeto anterior, este é o Juntos pela Mudança II” (I21, Anexo 3), que neste caso é um projeto já sequela do Juntos Pela Mudança I. Tem como principal objetivo um dos eixos que começou a ser trabalhado no Aterra: “pretende promover estilos de vida sustentáveis. O Juntos pela Mudança I focou-se muito em histórias de vida de várias pessoas envolvidas com a Casa Velha” enquanto que o Juntos Pela Mudança II tem uma intenção de maior ligação entre membros da comunidade e decisores políticos.

Apesar de já não ter financiamento é unânime em todas as entrevistas a ideia transmitida por uma das participantes, que “o projeto Aterra continua na comunidade” porque, depois de “identificar as principais dificuldades no processo de desenvolvimento local” seguiu uma linha de atuação que, conscientemente, pretendia “não inventar a roda,

mas motivar os diferentes atores locais para pôr a roda a andar, interligando-se e encontrando juntos as melhores soluções para os obstáculos diagnosticados” (Participante A, I21, Anexo 3).

Reforçamos assim a importância de integrar as frustrações e dificuldades que, sendo uma marca do Aterra, continuam hoje a ser uma das marcas da Associação Casa Velha.

“Também sinto, que pelo Aterra a Casa Velha está muito mais aberta à comunidade local porque foi de fato espaço de encontro dessas várias realidades, foi também espaço de experimentação, foi espaço de esperança, na medida em que ajudou as pessoas a acreditar que é possível mudar, e por isso, agora já sinto que o caminho é facilitado com este projeto, que se abriram muitas portas e muitos caminhos com essa possibilidade que foi o Aterra” (Participante E, I19, Anexo 3)

E tudo isto oferece não só oportunidades como desafios, principalmente em termos de continuidade e de reajustamento de expectativas. E podemos recordar agora como “o projeto foi crescendo muito para além do que estava inicialmente confinado” (...) “porque foram as pessoas que o construíram e não se pode prever a capacidade de potenciar o que existe antes de provocar o encontro, de facilitar o diálogo, de mediar discussões, de gerir tensões e de reencontrar caminhos novos” (R5, I14, Anexo 3)

Como refere a participante E,

“agora o nosso desafio é pegar nessas relações que já foram estabelecidas, com esse trabalho que já foi feito, no fundo a base já foi construída, os alicerces desta casa já estão definidos e agora é tempo de dar continuidade a este trabalho com um bom sustento” (Participante E, I19, Anexo 3)

Foi precisamente a partir das reflexões que foram emergindo não só das entrevistas, como da análise de documentos e de registos autobiográficos, que se começou a considerar a possibilidade de convocar um grupo reduzido de participantes com grau elevado de sentido de pertença que integrassem um conjunto de 4 sessões dialógicas de reflexão ética que teriam lugar na Associação Casa Velha. Por isso, entre Maio e Outubro de 2019, reuniu-se um grupo de seis participantes, a quem foram propostas questões para reflexão, utilizando as práticas artísticas como estratégia não só de reflexão como de

comunicação dessa reflexão. A reflexão não se centrou apenas na memória ou análise retrospectiva do projeto durante os anos em que se desenrolou (2014 a 2016), mas foi prolongada até à atualidade e transformações que decorrem da participação naqueles dois anos de Aterra. Recordamos os eixos principais da reflexão ética proposta na figura 8, onde podemos encontrar os níveis de transformação em relação com o tempo do projeto, não apenas confinado ao tempo de financiamento, mas aquele que se seguiu a este.

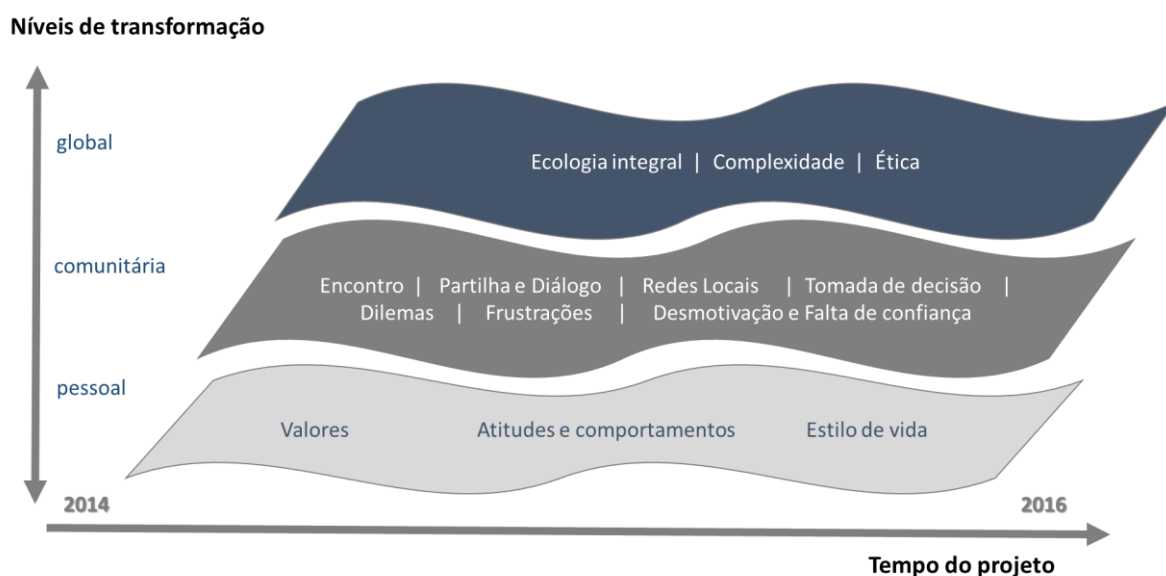


Figura 9 - Análise geral dos componentes destacados no eixo 3 do projeto Aterra

Ao considerarmos o tecido comunitário integrado nos níveis pessoal e social, como vemos na figura 9, podemos dizer que o Aterra permitiu restabelecer de alguma forma o valor da comunidade, ou como nos diz a participante D a “consciência do valor intrínseco que é ser uma comunidade” (Participante D, I11, Anexo 3). Neste sentido, um dos contributos deste projeto de desenvolvimento comunitário foi ajudar os participantes “a perceber o que é ser comunidade e que valor é que isso traz quando temos consciência disso” (Participante D, I11, Anexo 3).

Ao nível pessoal, tal como fomos descrevendo, encontramos-nos com os valores, atitudes e comportamentos que se refletem no estilo de vida que cada pessoa adota. Na relação com outros membros da comunidade temos componentes que, decorrentes dos laços e interação estabelecida, promovem ou dificultam a mesma: oportunidades de encontro, partilha e diálogo entre atores locais, estabelecimento e fortalecimento de redes locais, processos de tomada de decisão, resposta dada a dilemas, frustrações,

desmotivação e falta de confiança. Transpondo o nível comunitário, consideramos atingir o nível global, no sentido de uma maior influência e participação cívica, considerando aqui não só os contributos que recebemos da Ecologia Integral, Teoria da Complexidade e Reflexão Ética, mas os contributos que a nível pessoal e comunitário temos a dar também a estes componentes de carácter macro.

3.4. Análise do processo de reflexão ética ao longo das sessões dialógicas: um percurso coletivo

Macedo (2018), apoiada em Morin, recorda o pensamento complexo como trama basilar para o pensamento ético, que integra “todos os tipos de relação, quer seja na vida consigo, em grupo, no mundo, no planeta, ou no cosmos” (p. 42). Foi no paradigma de complexidade que optámos por desenvolver todo este estudo.

Tal como encontramos no estudo de Caetano e Afonso (2014) sobre a poesia no contexto do projeto Fronteiras Urbanas também estas sessões dialógicas de reflexão ética se propunham à “criação de momentos, unidades espaço-temporais potencialmente favorecedoras de inclusão e envolvimento num fluxo de consciência e ação, emocionalmente entusiasmantes pelo sentimento de unidade que criam e pelo movimento criativo e coletivo que geram” (Caetano & Afonso, 2014, p. 45). Também Jonas (2000) apresenta uma profunda reflexão sobre a subjetividade e como existem aspetos físicos e mensuráveis pelas ciências naturais que estão para além da objetividade. Foi nesta dimensão que procurámos uma metodologia que integrasse, de forma inclusiva a consciência e a ação num ambiente coletivo, marcada pela subjetividade através da criatividade.

Quando se desenhava o projeto desta investigação, foi surgindo a necessidade de criar um espaço e tempo que desse voz a participantes do projeto e ainda oportunidade para que também o seu pensamento fosse um meio relevante de aprofundamento deste estudo (Hernandez, 2008), nomeadamente da relação entre Ética e Comunidade numa perspetiva de Ecologia Integral. Rapidamente o encontro com Paulo Freire (2018) e a pedagogia dos círculos de cultura ia abrindo caminho para a estruturação das sessões dialógicas de reflexão ética. Tal como os círculos de cultura, vocacionados para a alfabetização a partir do desenvolvimento de um espírito crítico, pretendem ser incentivo

para uma participação cívica mais consciente e responsável (Freire, 1978), também estas sessões pretendiam promover a reflexividade e comunicação da mesma.

Apesar de pontos de partida diferentes, aquilo que se pretendia com os encontros que se começavam a projetar, ainda sem nome nem estrutura definida, assemelhava-se à finalidade dos círculos de cultura: desenvolver a conscientização, como diz Paulo Freire, envolvendo-se num espírito crítico e construtivo os participantes com igual oportunidade de participação e de credibilidade. Definiram-se alguns princípios destes encontros, e reconhecendo os valores do Encontro e do Diálogo como aspetos centrais, denominámos estes encontros como sessões dialógicas de reflexão ética. A designação “sessões dialógicas de reflexão ética” foi definida já no fim do processo, quando nos fomos apercebendo daquilo que ia acontecendo em cada encontro, especificamente a adesão e envolvimento nas várias etapas de reflexão ética propostas, fosse individualmente, a pares ou em grupo, nas suas várias formas adotadas. Por isso, “sessão” pareceu-nos um atributo adequado uma vez que ia para além do encontro, implicando-o. Seria assim, um momento que, por se orientar a partir e em direção ao encontro com outras pessoas, adquiriu o carácter de educação não formal, com a intenção de ser um “um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade” (Gohn, 2010 citado por Morais, 2010). O adjetivo “dialógica” foi o que melhor descrevia a metodologia deste grupo, numa fundamentação apoiada nas teorias de Edgar Morin e Paulo Freire, onde o diálogo integra a relação com um outro, seja dentro do próprio “eu”, seja na relação interpessoal, seja ainda na articulação entre presente e passado pela memória e olhar retrospectivo desenvolvido. “Reflexão ética” foi, rapidamente, estabelecido como propósito para estas sessões dialógicas em concordância com todo o grupo.

Consideramos as práticas artísticas como meio, pela forma como facilitaram a relação entre reflexão ética, o projeto que dava contexto a essa reflexão e ainda os próprios valores e transformações pessoais. Consideramo-las também estratégia porque através das práticas artísticas foi-se definindo um processo de reflexão, determinando-se com o grupo cada etapa, de uma forma organizada e planeada. Este processo contou com presença mediadora da nossa parte (Participante F), que facilitou o desenvolvimento de alguns processos e dinâmicas de grupo, fundamentais para criar predisposição para reflexão ética.

Pretendia-se um grupo constante e que tivesse um número reduzido de participantes, aspetos que pareciam relevantes para os objetivos traçados. A possibilidade de participação foi aberta a vários participantes, e em janeiro de 2019 definiu-se o grupo definitivo, que entre Maio e Setembro de 2019 participou em 4 sessões dialógicas de reflexão ética.

Existia em cada sessão uma estrutura planeada marcada, no entanto flexível ao rumo que o grupo quisesse tomar. Os objetivos foram definidos a partir daqueles que já estavam determinados no guião para as entrevistas. Durante a preparação da primeira sessão foi estabelecida uma proposta de percurso reflexivo que facilitasse a busca de conteúdo para as questões relativas aos valores éticos que foram esteira do projeto Aterra desde o início e aqueles que foram ganhando relevância ao longo do projeto. Inicialmente, havia a intenção de propor a construção de um livro de memórias do Aterra, objetivo que foi sendo abandonado pelo grupo, redefinindo-se assim, com os participantes, o produto final destas sessões dialógicas de reflexão ética, que acabou por ser unanimemente aceite como o próprio processo de reflexão conjunta. A partir da terceira sessão começou-se a equacionar a relevância de promover, no fim deste estudo, um encontro alargado à comunidade, onde se apresentem estes resultados e se convide os participantes a integrar uma atividade de reflexão ética através de práticas artísticas. Esta atividade não fará, contudo, parte desta investigação por sair do seu âmbito e objetivos.

Interessa revelar desde já que os três temas que deram contornos a cada uma das sessões dialógicas, que se seguiram, foram definidos com o grupo. No final da primeira sessão, houve um breve momento de avaliação que abriu espaço para que pudéssemos traçar em conjunto uma orientação para o tempo e trabalho a que nos propúnhamos.

3.4.1. Primeira sessão dialógica: Memórias d'Aterra

O grupo de seis elementos juntou pessoas de diferentes idades, do sexo feminino (5 participantes) e masculino (1 participante), que ao longo do projeto assumiram papéis distintos no projeto, desde uma participação profissional à colaboração voluntária, passando ainda por um elemento que integrou atividades do projeto que permanecem em funcionamento depois de terminado o tempo de financiamento.

A primeira sessão (Anexo 8) designou-se como: “Memórias d’aTerra”. Este título pretende ilustrar o trabalho desenvolvido. Tendo como caso de análise o projeto Aterra,

pretendia-se um processo de “aterragem” não apenas no passado, mas na memória relativa ao passado, mais especificamente, nos aspetos que se mantinham presentes na memória pela marca que a sua vivência deixou e a partir daí, escrutinando os valores que o grupo definia como valores éticos do projeto.

Partindo da dúvida entre começar por um momento de reflexão individual ou em conjunto, optou-se, em conjunto com o grupo, por iniciar a incursão ao passado em grupo, uma vez que já se passavam 4 anos e a memória precisava de ser reativada colaborativamente. A intenção de círculo deu o mote para a disposição do grupo. Como referiu a participante F “faz todo o sentido podermos estar aqui em roda à volta desta mesa quase redonda, onde todos temos voz e a voz que temos é importante” (Anexo 4). De seguida, “a cada participante foi entregue uma rodela de cartão, para que, cada um, pudesse representar como entendesse o seu papel no projeto” (Anexo 4).

Durante algum tempo, os participantes escolheram o lugar e a forma artística de o representar. Ao regressarmos à mesa, houve uma apresentação de cada participante daquilo que tinha representado. A Participante A começou referindo: “Então o que pus aqui... qual o meu lugar e também o que é que isso me transformou, porque eu não fiquei igual. Eu já fazia isto, mas passei a fazer mais: manter o foco nas pessoas” (Anexo 4). Na sua partilha, a Participante A começa por se referir à sua transformação pessoal, como marca do Aterra, em específico na atenção que passou a dar a cada pessoa, terminando com uma reflexão sobre a transformação global que isso provoca a vários níveis (“ver cada pessoa e em quê que cada pessoa foi transformada e como é que essa pessoa pode transformar outras e em conjunto então transformarmos o mundo”, Anexo 4).

A esta reflexão seguiu-se rapidamente a da Participante B que referiu poder continuar “porque me sinto muito ligada ao que disseste” (Anexo 4). É interessante como a memória não só se foi construindo em sequência do que outros participantes iam dizendo, mas a partilha do lugar e papel que cada participante tinha no projeto também se foi dando pela ligação sentida entre os vários papéis. Isso voltou a ser explícito na intervenção da Participante D, que relaciona a sua reflexão com as anteriores:

“É engraçado isto que estavam a dizer. Agora já se mistura tanta coisa. Acho que o Aterra foi muito, muito inspirador e há agora vários projetos que a partir de então são uma derivação. E eu fiz uma mesa, porque tomei mais consciência do meu papel no projeto como mesa. Não é por acaso, que tivemos vários encontros

à mesa e é bom perceber como muitas coisas do Aterra agora são identitárias da Casa Velha, quando se apresenta a Associação. (...) E para mim este projeto também me alargou como uma mesa se alarga, para perceber que é importante que haja projetos que são simplesmente - não é simples - mas simplesmente ponto de encontro e de diálogo, que deixam o processo acontecer e que o processo em si, revela, e promove e aproveita a interdependência” (Anexo 4)

O exercício de reflexão conjunta ia promovendo a consciência desta interdependência, pela ligação através de riscos que se iam fazendo na mesa.

A Participante D acrescentou ainda a imagem de “elevador” como “consciência de que não inventámos a roda quer na realidade local em que temos os pés e esta consciência que temos lugar no mundo que se concretiza numa comunidade”, que promova mais a valorização dos recursos endógenos do que exógenos, como referem Roque Amaro (2005) e Canário (2005).

Ao retomar a sua explicação do desenho que tinha feito, a Participante B já o fez de uma forma integrada, relacionando não só o seu papel no projeto, como os vários níveis de transformação que daí decorreram. Começa por referir: “então eu escrevi esta frase: a realidade é maior do que as ideias e fiz o desenho do encontro das jornadas do ordenamento do território em que aterrámos todos no meio do eucaliptal” (Anexo 4). Tratou-se de um encontro entre atores locais direcionado para o ordenamento do território e por isso integrado no primeiro eixo do projeto destinado à agricultura sustentável. Relativamente às marcas do projeto, a Participante B arriscou uma reflexão mais subjetiva, afirmando:

“o que mais me marcou do Aterra foi a parte de não ter medo de sonhar e de ter ideias e lembro-me da escola de verão da quantidade de coisas que discutimos e de ideias para o mundo (...) Mas por outro lado, foi esta lição de perceber que só a partir da realidade é que podemos construir algo” (Anexo 4)

Ao longo deste tempo de reflexão foram surgindo diferentes expressões relacionadas com a ideia de “alargamento”. Este é um sinal de crescimento e desenvolvimento que pode ser interior, como foi o caso da transformação da perspetiva (“maior foco nas pessoas”), ou no exemplo da mesa, pode ser no âmbito dos sonhos e ideia como no caso do desenho do ordenamento do território, ou ainda na memória de pessoas e relações que se mantêm.

Na sua exposição, a Participante H refere-se várias vezes às intervenções de outros que tinham falado antes de si, o que revela o fluxo de interação que se foi gerando. O facto de ser uma proposta a partir de uma prática artística fez com que, ao chegar a um momento de plenário, os participantes não estivessem circunscritos a esquemas ou texto já definido, mas que fossem reconstruindo a sua própria reflexão integrando a dos restantes. “O ambiente em torno da mesa também ajudou à reflexão, pois estávamos no exterior, ouvindo apenas os sons da natureza que habitam a Casa Velha” (Anexo 4). O resultado foi um cartaz cheio de riscos, linhas, nomes, cores e momentos que foram sendo construídos ao longo da sessão por todos.

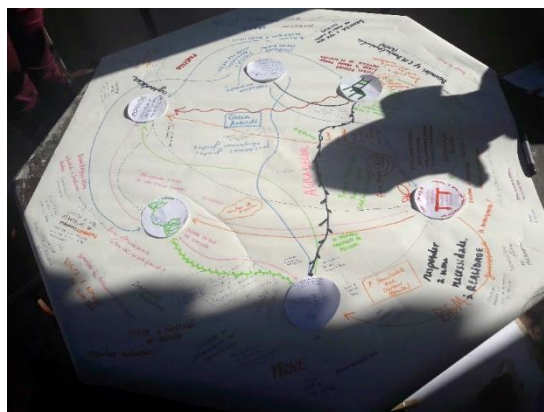
Um momento de reflexão em que se pretendia recordar o lugar que cada participante tinha não só no projeto, mas também neste percurso dialógico de reflexão ética, “levou alguns dos participantes a recordar uma que foi das principais frases repetidas neste projeto: ‘não queremos inventar a roda, mas pô-la a girar’; cada um dos participantes tinha um lugar específico não só no projeto como nesta investigação” (Anexo 4). Recordou-se assim o lugar de cada participante e como estava em articulação e colaboração com os restantes.

Partindo da frase descrita acima “pôr a roda a andar” e para dinamizar o processo de fazer memória do projeto, sugeriu-se que, em silêncio, cada participante escrevesse no papel, preso à mesa, uma memória, uma atividade ou um momento importante do projeto. De 10 em 10 segundos a mesa era rodada na direção dos ponteiros do relógio, tal como encontramos na primeira nota de campo

“Se por um lado remetíamos para a noção de tempo, por outro tornávamos presente a intenção de pôr a roda a andar a partir do lugar que cada um ocupa e da contribuição que pode dar. Espontaneamente continuaram a surgir ligações e comentários escritos e rescritos sobre aquilo que tinham sido contributos de outros.” (Anexo 4)

Os participantes foram destacando os momentos com maior relevância para si (figura 10).

Figura 10 - Registo de memórias do Aterra



Segundo registos da nota de campo, “antes de uma avaliação final desta sessão, olhámos em conjunto para a roda que tinha sido preenchida com diferentes atividades, nomes de pessoas, traços de ligação, e com esse papel de cenário como fundo da conversa que se foi desenvolvida, o grupo foi conduzido para o destaque dos principais valores éticos do projeto Aterra” (Anexo 4).

Perante aquele (papel de) cenário houve um impulso para construir algo em conjunto. Já tinha surgido, em conversas anteriores à sessão, a hipótese de criar um livro de memórias. No entanto, a discussão em grupo permitiu a construção de uma proposta ambiciosa, como descrito em jeito de conclusão da sessão:

“ficamos com estes aspetos importantes para o livro: a linha da memória, a associação entre vários aspetos: a roda, a parte sensorial e a importância disso para a memória. E depois, como é que se passa num livro de memórias isto que falávamos das linhas de fundo. Porque nos relatórios nunca se consegue transmitir essa parte, o modus operandi. É difícil passar o valor do comum. Assim até podia ter 4 dimensões: a parte do livro, a parte da roda, a parte sensorial e a parte de testemunhos” (Anexo 4)

Mais tarde, como vamos ver, abandonou-se esta ideia. No entanto, a reflexão sobre a forma artística de conceber um produto destas sessões de reflexão beneficiou de um processo que fomos construindo ao longo da sessão. Começou por ser individual, dividido em dois tempos: um primeiro dedicado à representação em desenho de uma imagem que representasse o lugar de cada participante no projeto, e um segundo onde houve tempo de exposição, que apesar de se manter centrado em cada pessoa, provocava interação com os outros, que ao ouvir, refletiam e reconstruíam as suas próprias reflexões. Seguiu-se uma proposta coletiva, também dividida em duas partes: uma primeira, onde se registaram

as memórias num papel de cenário comum e uma segunda que culminou no esboço de um projeto para um livro de memórias.

3.4.2. Segunda sessão dialógica: Aterra que (nos) transforma

A segunda sessão centrava-se já numa das propostas do grupo orientada para as transformações pessoais e comunitárias decorrentes do projeto Aterra. Uma vez que a intenção de construir um livro de memórias do projeto se mantinha como objetivo destes encontros, a segunda sessão começou pela articulação com a anterior, reavivando assim a memória dos acontecimentos passados e estabelecidos pelo grupo.

Com diferentes materiais postos à disposição no alpendre da Casa Velha, foi entregue a cada participante uma folha A4 branca, sendo convidados a “expressar através de práticas artísticas, utilizando objetos da natureza, as transformações que o Aterra permitiu e potenciou” (Anexo 4).

O tempo de construção foi de 60 minutos, pela necessidade de silêncio e reflexão. Os materiais que escolheram foram parecidos, tendo em conta a variedade de materiais disponíveis: “um participante levou consigo fios e pioneses, outros três materiais de escrita (lápiz, canetas e lápis de cera) e outras duas participantes levaram cola” (Anexo 5).

Tendo sido reativada a memória da sessão anterior no início desta, o tempo individual permitiu a dispersão dos participantes e que cada um encontrasse o seu lugar de reflexão. A reflexão coletiva parece beneficiar destas oportunidades de reflexão individual, pois tal como na primeira sessão, a reconstrução do processo reflexivo dar-se-á a partir de uma base construída pelo próprio. Estes vários níveis de reflexão podem associar-se aos diferentes componentes da “relição” apresentada por Morin (2005) Para o autor a relição implica o outro, a comunidade, a sociedade e “no limite, relição com a espécie humana” (Morin, 2005, p. 21). O confronto entre diferentes formas de raciocínio e pensamento, como refere Gilligan (1982) no estudo que faz entre uma rapariga e um rapaz do 2º ciclo, é complementar e cada processo deve ser considerado no todo. Gilligan considera ainda que existe um “tecido de relações , apagando a distinção entre o eu e o outro, representando-os como interdependentes” (Gilligan, 1997, p. 207).

No entanto, o pensamento diversificado é muitas vezes revestido de sentimentos de estranheza como foi o caso de dois participantes, que perante o desafio de utilizar

práticas artísticas, optaram pela palavra e como material a esferográfica, revelando “alguma frustração na expressão” (Anexo 5). A valorização da diferença entre expressões e comunicações através da arte é um aspeto importante de ser referido e reforçado no início de uma tarefa deste cariz. Os participantes que não tinham utilizado elementos da natureza, alteraram a sua estratégia inicial: “Foi muito interessante apreciar como os participantes que não tinham recorrido a outros recursos senão a escrita e palavra, sentiram necessidade de acrescentar algum elemento da natureza, depois de verem o resultado da reflexão dos restantes participantes” (Anexo 5). Ainda que comumente aceite como produto individual e único (“No entanto a diversidade de expressões utilizadas foi entendida por todos como muito positivo”, Anexo 5), o pensamento e a reflexão estão também sujeitos à influência dos outros.

À medida que os membros do grupo iam terminando, as diferentes folhas foram expostas à vista de todos. Seguiu-se um tempo em que cada um apresentou aos restantes participantes a intenção por detrás da sua representação.



Figura 11 - Transformações com dimensão ética através de práticas artísticas

É interessante considerar como um tempo demorado, em silêncio e contemplação, dedicado a apreciar o trabalho dos outros participantes foi despertando sentimento de satisfação associado à pertença ao grupo. O objetivo que unia as diferentes formas de expressão era comum a todos, no entanto a forma de representar transformações com carácter ético revelou-se particular, pois “através da arte não há certo ou errado, mas comunicação” (Anexo 5)

Um dos comentários da nota de campo desta sessão (Anexo 5) refere “o facto de haver uma partilha, ainda que apenas visual (...) permitiu que cada participante se aproximasse, de alguma forma, dos restantes”.

Mais uma vez circundando as folhas expostas, desta vez à volta de uma mesa retangular, houve um momento espontâneo de explicação das diferentes representações:

“é interessante como os participantes começaram a explicar e sentiram essa necessidade de descodificar, mas como, por outro lado o fizeram de formas tão breves. Se por um lado, parecia quererem dar uma chave de leitura, por outro deixavam a interpretação muito livre e para ser entendida pelos outros sem condicionalismos excessivos. Diria que foi essa reação natural que tornou esse momento de partilha próximo, mas também íntimo e profundo” (Anexo 5).

Houve algumas exposições que se centraram apenas nos aspetos transformadores do projeto, sem referir, nesse momento, as implicações provocadas a nível pessoal como foi o caso dos participantes D e G. Houve duas exposições reveladoras da intenção de articular componentes diferentes, ainda a nível comunitário, como foi o caso dos participantes B e F. Ambos referem as características do projeto, comentando as ligações entre atores locais que possibilitou:

“A aproximação ao global e a “aterragem” no concreto e quotidiano. Por isso representei com objetos da natureza estes dois movimentos que se interligam e simultaneamente se potenciam” (Participante F);

“os pionesezes representam uns pontos no mapa, uns pontos em Ourém, que simboliza as pessoas que estão no local e aquilo que já existe em termos de iniciativa, os agentes locais. Liguei os pontos com cordéis para representar o que foi o trabalho do aterra, que foi partir do local, perceber o que já existe, começar por estabelecer relações, a Associação Casa Velha e o grupo do aterra teve muito esse papel de estabelecer pontes. E depois fiz uma terceira parte que é a continuação dessas ligações, onde as próprias pessoas reproduziram essas ligações” (Participante B).

A participante H representou o seu momento de reflexão através da imagem das mãos, uma coberta de terra e outra decorada com folhas e flores:

“eu trouxe as minhas mãos, como se pode ver. Uma mão cheia de terra e com vontade de pôr as mãos na terra, de me envolver na Casa Velha e com as pessoas daqui, do lar, voluntários e quem passa por aqui. Mas tal como acontece nas fotografias, esta mão revela-se também com um outro lado onde a vida cresce, as

oportunidades aparecem. O Aterra, e para mim, até mais, a Casa Velha são oportunidades de me sentir parte e participante, com responsabilidade” (Anexo 5).

Nesta participação encontramos a transformação a nível pessoal acompanhada pelo valor da responsabilidade (“vontade de pôr as mãos na terra”) associada ao compromisso com um lugar concreto (“Casa Velha”), ligada ainda à sustentabilidade (“onde a vida cresce”). As expressões associadas ao sentido de pertença (“sentir parte”) e de compromisso (“participante”) relacionam-se com o valor do cuidado (Gilligan, 1997). Mais uma vez encontramos a articulação entre os diferentes níveis que temos vindo a analisar. Mas, neste processo de reflexão coletiva, é de referir que a esta consideração da participante H mais integrada se seguiu a explicação da participante B que partindo da sua “conversão ecológica” no sentido de mudança de estilo de vida, voltou a expandir o movimento reflexivo do pessoal, ao comunitário e do comunitário (“uns pontos em Ourém”) que se alastrou para além do local (“fiz uma terceira parte que é a continuação dessas ligações”).

Como vemos, o processo de reflexão pessoal transforma-se quando enquadrado no coletivo e o exercício de fazer memória, através de uma construção retrospectiva conjunta pretendia “fazer consciência do presente e abrir caminho do futuro” (Anexo 5). Seguiu-se então um tempo de decidir o que fazer em relação ao livro de memórias pensado inicialmente. A participante D entusiasmada com o desafio reforçou que “é como se contasse esta história que não se pode perder que está viva de muitas maneiras e que se está a espalhar (...) pôr as pessoas em ligação e que tem de ser aqui tem de ser repetível, a nível global” (Anexo 5). Nesse momento começou a construir-se a possibilidade de um encontro com os restantes participantes do Aterra, alargado ao âmbito académico e outras entidades que se foram comprometendo com o desenvolvimento local desta região, através de projetos que se seguiram ao Aterra.

Foi também no fim da segunda sessão que ficou definido o percurso como um todo, tendo em conta a sessão anterior e a presente e planeando as duas que se seguiriam, “que partiram das interrogações: quais as principais dificuldades e tensões éticas ao longo do projeto? o que é que o Aterra tem a dizer hoje às diferentes áreas de desenvolvimento integral (educação, cultura, ambiente, economia, social, ordenamento do território, ...)?” (Anexo 5).

3.4.3. Terceira sessão dialógica: Dificuldades e desafios dentro d’Aterra

As dificuldades associadas frequentemente a momentos de frustração e contrariedades, assim como os momentos de tensão entre diferentes valores éticos são aspetos que naturalmente se tornam presentes num projeto de desenvolvimento comunitário, como era o caso do projeto Aterra. Frequentemente ocultos aos relatórios, mas perceptíveis pelo rumo que os acontecimentos vão tomando, os momentos de tensão ética podem ser oportunidades importantes de auscultação do grupo, de redirecção a partir de processos difíceis, mas fecundos de tomada de decisão. Os resultados do projeto revelam um grau de participação e de multiplicação de atividades, que excederam os objetivos iniciais em muitos aspetos (Anexo 2) e que por isso, indicavam uma forte capacidade de integração das dificuldades, sem as ocultar do processo, mas encarando-as como componente essencial ao crescimento do projeto e ao desenvolvimento comunitário. Interessava por isso destacar as principais dificuldades, procurando entender a forma como foram assumidas e enfrentadas. Por ser um tema mais sensível, a estratégia foi inversa à da primeira sessão, pois neste caso, via-se vantagem em iniciar a sessão com um tempo de silêncio ao som dos ruídos e sons da natureza, num dia de chuva e vento, elementos naturais que ajudaram também a montar o cenário interior para a reflexão sobre tensões éticas (Anexo 6).

Todos os participantes aderiram à sugestão de vendar os olhos com uma faixa de tecido castanha, que ajudasse, sensorialmente, a provocar uma experiência de estar “dentro da terra, não só dentro do projeto, mas também dentro da memória” (Anexo 6). Este exercício poderia facilitar um encontro mais pessoal com as dificuldades vividas e tensões sentidas, sem condicionalismos externos.

Seguiu-se um tempo de cerca de 15 minutos em que cada participante se manteve em silêncio e permaneceu sentado no lugar. Passado este tempo e sem alterar demasiado o ambiente silencioso, procurando um tom de voz calmo e sem oscilações de volume dissemos que “muitas vezes as tensões e dificuldades são como um emaranhado de fios, são linhas e redes que se baralham e confundem” (Anexo 6). Os participantes sentiram o emaranhado dos 4 fios, cada um de uma cor, representando as 4 cores do Aterra e que lhes foram depositados nas mãos estendidas. Foram incentivados a mexer nos fios enquanto recordavam o “emaranhado” das tensões e dificuldades.

Em tempos e ritmos diferentes, cada participante ia retirando a venda dos olhos. A participante B sugeriu que se escrevesse as ideias principais, ao que a participante A referiu ser uma ajuda. Propôs-se utilizar uns quadrados de tecido, sugerindo que cada participante estabelecesse a relação que quisesse com os fios recebidos. À medida que os participantes se iam apropriando das práticas artísticas como estratégia não só de refletir, como de comunicar essa reflexão, tomaram iniciativa de utilizar este recurso, como foi o caso da participante B.

A sugestão deixada ao grupo foi a de cada um coser ao terreno, à terra ali disposta e representada em tecido, o seu conjunto de fios e, que depois, outro pegasse na agulha e com o mesmo fio cosesse o seu conjunto de fios e assim sucessivamente. “Isto até parecem acidentes de terreno” referiu uma das participantes, tirando uma fotografia com o telemóvel. A participante H começou por referir o tema da comunicação em termos gerais, referentes ao encontro de perspetivas diferentes e como isso constitui uma dificuldade de compreensão, no contexto de um projeto de intervenção comunitária. A participante B completou esta reflexão concretizando a questão da comunicação, agora enquadrada no conceito de escuta como aspeto fundante da compreensão (Morin, 2005). É interessante considerar como decorrente da reflexão inicial da participante H, a participante B se referiu às oportunidades que emergem da diversidade: “fomos percebendo que havendo pessoas tão diferentes, com pontos de partida e formações tão diferentes, tínhamos de estar muito mais sensíveis e abertos a acolher essas diferentes opiniões e diferentes. Fez uma grande mudança” (Anexo 6).

Mais uma vez, vimos acontecer a articulação entre exposições, o que conferiu a este tempo de diálogo uma noção de ideias articuladas, construídas em relação umas com as outras. E fomos assistindo a um processo de aproximação dos problemas concretos do Aterra. A participante D, relacionando-se às partilhas anteriores integrou a “tensão vivida na relação com a comunidade e em específico com o grupo de participantes” (Anexo 6). Referiu ainda mais especificamente:

“tenho aqui esta tensão de potenciar este trabalho em efetiva relação porque o que fizemos foi pôr em relação o que já cá estava, e depois, acho que foi uma grande oportunidade, e é uma grande oportunidade não querer ser protagonista: querer ser a relação, querer ser o canal que liga” (Anexo 6).

Fazendo a ponte com a Associação Casa Velha a participante D voltou a recordar a ideia que, inicialmente, na primeira sessão dialógica surgiu, relativamente à expressão de “pôr a roda a andar” constatando agora que “a grande tensão de manter a roda a andar por si! Acompanhar, mas não sendo a força motriz”. Esta consideração, neste momento, já extrapolava o contexto do projeto Aterra, referindo-se à própria Associação Casa Velha que tem reconhecido como sua missão:

“ser pequeno, mas chamado ao grande. É sempre a dificuldade. E o que acontece é que queremos grandes projetos... claro que o Aterra também teve coisas desproporcionadas, mas, lá está, que sobretudo deram dignidade às pessoas, fizeram crescer as pessoas e isso já é muito, muito bom uma grande transformação, uma grande mudança” (Anexo 6)

Nota-se a intenção de fazer uma sistematização relacionando os vários aspetos que tinham sido referidos até então, para que, não só se pudessem registar no tecido, como fossem tecendo a construção da reflexão. Referimo-nos assim ao aspeto da comunicação e escuta, abordado anteriormente (“ouvir e não ir só a partir da nossa visão ou do nosso sonho, mas entrar aqui num diálogo que permitir chegar com outros”) e ainda à relação entre os participantes (“dificuldade que é transversal a todos os projetos que é a dificuldade de realmente trabalhar em conjunto com as pessoas”).

Esta síntese provocou reação na participante H que referiu: “disseste algumas das tensões que eu também vivi” (Anexo 6). Foi então que a participante H, retomando a sua reflexão inicial, a concretizou, relacionando as dificuldades referidas de forma genérica sobre comunicação, para a questão da educação para o desenvolvimento, onde o tema da ecologia integral surge de forma cada vez mais complexa e integrada.

É interessante considerar como as reflexões que se seguiram foram progressivamente mais direcionadas para pessoas e situações específicas. Assistimos a um movimento de aprofundamento da reflexão acompanhado pela sua relação com situações concretas. Este é um aspeto importante de valorizar, uma vez que ao falar de dificuldades com tanto tempo de distância não seja fácil especificá-las. O facto de serem acompanhadas pelas oportunidades permitiu um olhar positivo sobre as tensões e dificuldades.

Foi então o momento de preparar o terreno para a última sessão, projetada para a reflexão em torno da possível construção em conjunto orientada para o futuro. No final

desta sessão foi abandonada a ideia de construir um livro de memórias do Aterra como produto final das sessões dialógicas, uma vez que o próprio processo foi entendido por todos como produto final com valor em si mesmo.

3.4.4. Quarta sessão dialógica: Aterra fala hoje de ecologia integral

À volta de uma mesa, mas desta vez retangular, cada elemento recebeu novamente uma roda, desta vez em tecido branco e 4 folhas de papel recortadas em forma de folha de uma planta, e mais uma vez, a estrutura inicialmente planeada foi redefinida de acordo com o espaço disponível, com as sugestões do grupo e com o próprio curso da discussão.

Recorrendo a uma chuva de ideias, o grupo identificou quatro áreas com as quais é necessário que a Ecologia Integral entre em diálogo. Como referimos no início da sessão “o projeto Aterra nunca falou sobre ecologia integral assim desta maneira muito explícita, mas, entretanto, tudo o que foi acontecendo a seguir de projetos relacionados com o projeto aterra começou a trazer esta questão da ecologia integral” (Anexo 7).

Partindo da pergunta que tinha ficado de ser aprofundada “o que é que a ecologia integral tem hoje a dizer às diferentes áreas do desenvolvimento comunitário?” levou a que o início da sessão fosse marcado pela escolha das áreas sobre as quais nos debruçaríamos. Esta proposta vai ao encontro do que Gonçalves (2019) propõe quando refere que a contemporaneidade carece “urgentemente de uma ética universal e solidária que oriente o agir humano, cujo poder foi consideravelmente ampliado pelo desenvolvimento da ciência e da técnica”, acrescentando que a par disso precisa de “uma orientação ético-política que evite pôr em risco o futuro em nome do presente” (p. 73). Propomo-nos analisar, à luz destas considerações, o processo dialógico de construção destes tópicos, nas suas diferentes fases:

1. **Ideias:** numa primeira fase foram dadas algumas ideias, de forma espontânea (“Começámos a sugerir algumas áreas de forma espontânea. Cada um ia participando. Surgiram expressões como: “educação”, “arte”, “desenvolvimento”, “espiritualidade”, “desenvolvimento rural”, “território”, “economia”, “consumo”, “políticas públicas”, “cidadania”, Anexo 7);
2. **Organização de ideias:** seguiu-se uma fase em que foi necessário começar a agrupar algumas das ideias, definindo quantas áreas seriam escolhidas (“e depois algumas agrupam-se e dá para fazer um tema maior, e depois agrupam-se e dá

para fazer um tema maior... e depois escolhemos, se fizer sentido 4, se fizer sentido 6”, Anexo 7);

3. **Discussão de conceitos:** o grupo sentiu necessidade de definir as áreas que representavam a organização das ideias, esclarecendo cada um a sua conceção, para chegarem a um conceito comum (“Porque dentro do ambiente se calhar chegas ao espaço público”; “quando falo em espaço público e comunitário é um pouco um chapéu a partir do qual tudo o resto se interliga”, Anexo 7)
4. **Definição de plano comum:** na última fase de discussão o grupo foi definindo o seu plano comum, acordando em escolher 4 áreas do desenvolvimento comunitário (“até definirmos 4 áreas do desenvolvimento comunitário - educação, económico-social, território e cultura”, Anexo 7).

Esta primeira parte da quarta sessão foi marcada por um longo processo participativo onde todos os participantes tiveram voz, articulando ativamente as suas sugestões com os restantes. Esta metodologia reflexiva vai ao encontro do que Caetano (2016) analisa numa das atividades do projeto Fronteiras Urbanas, referindo-se à construção conjunta de poemas: “a partir destas palavras, que eram lidas e transcritas para o quadro, foi possível reconstruir novos textos”⁶ (p. 50). Consideramos que o processo de ir escrevendo numa folha à vista de todos as ideias dadas individualmente, ajudou a construir uma proposta comum. Enquanto que noutras sessões se notava menos intervenções em alguns participantes, neste momento, destacou-se a participação homogénea e horizontal entre todos.

Depois de um tempo em grupo, seguiu-se uma proposta de reflexão a pares. Em cada uma das 4 folhas entregues, optou-se por escrever os aspetos em que a ecologia integral pode trazer uma abordagem mais complexa, integrada e participativa.

O tempo a pares pretendia uma discussão mais aprofundada dos temas propostos, principalmente por terem partido de sugestões do grupo. Depois de um momento em que todos tinham participado em conjunto, foi interessante promover um tempo em que poderiam ter mais tempo de expressão oral por estarem a pares. Todos os participantes foram convidados a registar o que o seu par dizia sobre cada uma das áreas em cada uma das 4 folhas em papel.

⁶ “a partir de estas palavras, que eran leídas y transcritas para el cuadro, fue posible reconstruir nuevos textos” (Caetano, 2016, p. 50)

Seguiu-se um tempo de reflexão individual à semelhança da que tinha sido realizada na segunda sessão. Cada membro do grupo segurou na roda de pano e foi convidado a representar aí, com recurso a qualquer material e técnica possível, como é que a Ecologia Integral se manifesta na sua vida e que interpelações lhe faz. A responsabilidade, o cuidado, a compreensão e as virtudes que fomos relacionando ao longo deste estudo levam-nos a considerar com Oliveira (2019) que

“cabe agora, à ética, uma tarefa cósmica: impor freios voluntários à vontade de poder, não em sentido tecnofóbico, para impedir os seus avanços, mas (p. 9) a fim de resgatar as garantias de que as consequências das ações não coloquem em risco a vida das gerações futuras” (p. 10).

As folhas entretanto recolhidas foram dispostas num cartão, de forma a recordar o logotipo do Aterra. A intenção era não só recordar o sentido do logotipo inicial do Aterra, mas agora analisar como se multiplicaram os seus focos de ação, concretizados em projetos que, com outros nomes, continuaram o trabalho de diagnóstico do Aterra e como a vida de cada um foi sendo transformada e é hoje lugar de transmissão às diferentes áreas da comunidade os valores da Ecologia Integral (“a ideia é que o aterra se multiplica” e continua presente hoje nos diálogos que pretendemos estabelecer”, Anexo 7).

Depois de um tempo de reflexão individual com recurso a práticas artísticas não só para articular ideias, como para exprimir o produto da sua reflexão, os participantes voltaram a reunir-se, seguindo-se um tempo em que cada um, individualmente, ia montando num painel o seu logotipo com a rodela de pano e as 4 folhas onde o seu par tinha registado as ideias dadas.

Relativamente aos aspetos discutidos a pares sobre transformações necessárias nas diferentes áreas do desenvolvimento comunitário à luz da ecologia integral foram apresentadas de forma isolada umas das outras. O facto de ser uma apresentação de um produto final não permitiu a construção e reconstrução que se tinha conseguido noutros momentos. Apresentamos na tabela 8 uma visão global dos aspetos descritos a partir da transcrição da sessão 4 (Anexo 11). No entanto, como se pode ver, muitos deles estão relacionados, sem que isso tivesse sido referido durante a sessão.

A explicação dos tópicos identificados como aspetos que precisam de transformação à luz da ecologia integral foi acompanhada da exposição das rodela de pano revestidas artisticamente de simbolismo, que também foi explicado. Destacamos

aqui alguns dos aspetos referidos pelos participantes relativamente à integração da ecologia integral como um valor de referência nas suas vidas.

Tabela 9 - Aspetos referentes à vivência da ecologia integral

Ligações	<p><i>“olhar para os nós, olhar para todas as ligações, as mais frágeis, as mais fortalecidas, e procurar também uma vida mais integrada”</i> – participante F</p> <p><i>“está tudo relacionado”</i> – participante A</p> <p><i>“fala muito de mim, de beleza, de cruzamento, de mãos na terra e de às vezes muita confusão, mas de harmonia, ao mesmo tempo”</i> – participante D</p> <p><i>“este coser acabou por gerar aqui uma ligação de vários processos, e então esta ideia de que tudo está ligado, tudo está interligado”</i> – participante G</p>
Responsabilidade e Cuidado	<p><i>“tratemos bem uns dos outros para que as gerações seguintes tenham acesso àquilo que nós temos”</i> – participante A</p> <p><i>“a ideia de cuidar das pessoas para que possam cuidar da criação”</i> – participante B</p> <p><i>“o grito forte é cuidar e saber e sentir-me parte”</i> – participante H</p> <p><i>“Eu não fui agredir nada, não fui fazer mal à natureza”</i> – participante G</p>
Contextualização / “partir da realidade”	<p><i>“partir da terra, e com as mãos bem medidas nessa terra”</i> – participante D</p> <p><i>“fui buscar a terra, que também é de onde parte a relação com a terra”</i> – participante H</p> <p><i>“Esfreguei no chão e na terra. E depois disto comecei...”</i> – participante G</p>
Complementaridade	<p><i>“vejo a beleza e o sentido que tiramos desta forma de olhar a realidade a partir da sua diversidade, respeitando os ritmos, que se pode de facto sobrepor dimensões tão diferentes, mas que se tornam complementares”</i> – participante D</p>

O resultado das exposições e explicações dadas associado ao painel de logotipos do Aterra distinguiu-se como momento icónico destas sessões dialógicas, pela força da expressão de um passado que, não apenas se multiplicava no presente, como implicava ativamente cada um dos participantes a entrar também em diálogo com estas diferentes áreas na sua atividade profissional e de dia-a-dia. O debate que se gerou levantou muitas questões, tendo-se atingido, consensualmente, o momento de provocar esta experiência de reflexão ética num âmbito mais alargado, construindo uma sessão única a um grupo mais alargado do projeto.

Tal como Mónica Mesquita (2014) refere, a partir de uma reflexão ontológica que a Educação tem em si “uma importante ferramenta política, inteiramente relacionada com os processos socioeconómicos, e intrinsecamente ligada com o significado cultural e

afetivo que fundamentam a maneira como as sociedades trabalham em si” (p. 20). Foi nesta interseção de componentes de um projeto, de uma associação e da vida de uma comunidade que se constituiu em torno de um objetivo comum (ecologia integral), que desenvolvemos este estudo. Consideramos que os seus benefícios são, primeiramente, recolhidos por todos os que pudemos participar neste processo. As interações conduziram a aprendizagens informais (Cavaco, 2019) apoiadas na reflexão conjunta.

No entanto, este estudo apresenta diferentes e variadas limitações que procuraremos discutir de seguida, assim como perspectivas de aprofundamento e estudos futuros.

CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre a crise pós moderna, Estrela (2010), não deixa de referir, tal como o faz também MacIntyre que, entre os vários críticos da modernidade, há um crescente abalo na crença de que a razão é dotada de capacidade de “atingir verdades universais, deixando-nos sós e desorientados face a um mundo caótico, fragmentado, e efêmero que acentuou tendências hedonistas e individualistas” (p. 10). No entanto, a mesma autora, destaca que o pensamento pós-moderno tem permitido também uma crescente valorização da afetividade e espontaneidade e que é inegável o caminho que tem aberto à multi e interculturalidade. Foi neste sentido que pretendemos utilizar as práticas artísticas como instrumento de reflexão, num contexto formativo em comunidade.

Neste capítulo, começaremos por abordar os contributos da reflexão ética para o desenvolvimento comunitário, considerando como a valorização deste processo enquanto lugar de transformação pessoal, social e global se constitui um aspeto basilar durante a implementação e avaliação de projetos de desenvolvimento comunitário. Consideramos ainda o papel que as práticas artísticas podem ter na reflexão sobre a comunidade, à luz do processo analisado das sessões de reflexão ética. Destacamos também as principais limitações deste estudo, referindo, por fim, aspetos que merecem ser aprofundados futuramente, para maior benefício dos processos de intervenção e desenvolvimento comunitário em contexto educativo e formativo.

4.1. Contributos da reflexão ética no desenvolvimento comunitário

Segundo Macedo (2018), a ética é um “campo científico porque possui um objeto de estudo próprio, que é a vida relacional de cada ser humano nos âmbitos do ‘consigo’, do ‘com o outro’ e do ‘com a humanidade’” (p. 48). Foi nestes diferentes níveis de ação e de ‘inter-ação’ que analisámos as transformações com dimensão ética e processos reflexivos de uma comunidade que se constituiu no âmbito desta investigação.

A reflexão, por vezes subestimada, numa cultura onde se contabilizam os resultados mensuráveis e se esquece por vezes o valor do processo (NC 3), constitui um instrumento que integra os aspetos passados com os acontecimentos presentes e com as intenções de futuro.

Tal como refere Jonas (1994) “o sacrifício do futuro pelo presente, não é logicamente mais passível do que o sacrifício do presente pelo futuro. A diferença está

apenas em que num caso a série continua e no outro não” (Jonas, 1994, p. 45). A sustentabilidade que vai para além das preocupações ambientais, mas que se coloca no cerne das relações interpessoais e de responsabilidade com a natureza de forma holística (ecologia integral), leva-nos a considerar a pertinência da responsabilização de todos os atores comunitários na promoção da cidadania global. A cidadania relacionada com a responsabilidade que a democracia e a liberdade impõem (Gohn, 1992), leva à inevitabilidade de tomadas de decisão. Recuperamos o pensamento de Aristóteles que se interroga sobre o que é a decisão, considerando que “uma decisão parece tratar-se de um ato voluntário, mas nem todo o ato voluntário parece ter de resultar de uma decisão (...), na verdade, uma decisão implica um sentido orientador e um processo de pensamento” (Aristóteles, 2004, p. 71).

Ao longo deste estudo fomos vendo como a reflexão permite a conscientização (Freire, 2018) para o exercício da cidadania, pelo que consideramos que deve ser promovida na sua vertente coletiva, integrando momentos dedicados à reflexão individual, outros em pequenos grupos e outros em plenário e debate, como propusemos ao longo do percurso formativo das sessões dialógicas de reflexão ética (NC 3).

Compreende-se assim a importância de ir construindo e reconstruindo uma linha orientadora num contexto de intervenção comunitária, pois a responsabilidade com os outros e com o seu bem-estar (Gilligan, 1997), pede de toda a comunidade cuidado com a forma de intervir, para minimizar os níveis de frustração, descrença e desacompanhamento das comunidades. Esta reflexão enquadra-se na história de um projeto, como fomos descrevendo ao longo deste estudo. MacIntyre (1998), na sua obra *A Short History of Ethics*, refere-se à passagem de valores através de histórias, como acontecia nas sociedades heroicas da Grécia e Roma antigas. Numas das sessões dialógicas uma das participantes, pela sua íntima relação com a Associação Casa Velha recorda em tom de partilha: “Estamos numa fase geral de contar histórias como ferramenta: histórias de mudança. (...) e faz todo o sentido de ser uma história do Aterra (...) porque é um processo que todos podemos experimentar” (NC 2, I8, Anexo 3).

A reflexão sobre valores e processos de transformação, por outro lado, reforça os laços comunitários ao orientar a prática dos seus membros em ordem ao Bem Comum (Aristóteles, 2004). Tal como Aristóteles, referido por MacIntyre (2016), a comunidade constituiu-se lugar de desenvolvimento ético, pelo que deve ser preservada uma vivência comunitária, onde se valorize a história e tradições e se partilhem práticas sustentáveis

orientadas para o futuro de outras gerações (Jonas, 1994). Também Gilligan (1997) estuda a tomada de decisão, afirma que “a essência da decisão moral é a prática da escolha e a vontade de aceitar a responsabilidade por essa escolha” (p. 110).

Enquanto que Jonas põe uma grande ênfase no conhecimento, Morin (2005) fá-lo no âmbito da compreensão. No entanto podemos afirmar que em ambos, a reflexão sobre as suas próprias ações é um aspeto central, sendo que na linha jonasiana teríamos uma reflexão mais centrada nas consequências das ações e na linha da complexidade uma reflexão centrada na abrangência das diferentes componentes em relação entre si e com o contexto de ação. MacIntyre traria a importância de um enquadramento comunitário e discernimento ajustado à situação, tendo em conta a intenção e a hierarquia de virtudes estabelecidas.

Pretendemos por fim destacar como a reflexão ética sustenta a decisão e como a ação apoiada em valores como o cuidado e a sustentabilidade pode ser uma práxis onde a dimensão racional e afetiva se interligam. A reflexão surge assim como lugar que permite o renovar constante da vitalidade comunitária, tal como acontece nos tecidos orgânicos. Como referem Freire e Caetano (2014), “é preciso deixar “respirar” as dinâmicas locais” (p. 10), e nesse sentido, promover encontros orientados para a monitorização não só de parâmetros mensuráveis como dados estatísticos, mas também de componentes transformadoras como os valores, as tensões éticas e processo de transformação comunitária com impacto pessoal e global.

Não poderíamos deixar de recordar o pensamento de Ivan Illich (1976) que propõe a “austeridade convivial” como alavanca para a mudança de valores, que considera imprescindível de acontecer. Assim, “em vez dos bens de consumo e dos serviços profissionalizados, o elemento central da nossa sociedade deveria ser constituído pelos valores de uso criados e pessoalmente apreciados pelas pessoas” (Illich, 1976, p.192). Neste estudo de caso, fomos vendo como a tomada de consciência de valores de forma criativa, conduziu a uma maior apropriação pela parte dos participantes da investigação. Consideramos por isso, as práticas artísticas como instrumento interessante e relevante de reflexão ética.

4.2. O papel das práticas artísticas na reflexão sobre o desenvolvimento comunitário

Tal como a poesia analisada como espaço de mediação cultural por Caetano e Afonso (2014), também as práticas artísticas durante as sessões de reflexão ética se constituíram como “processo dialógico” (p. 66), facilitador da consciencialização, e como “construção coletiva” (p. 67).

Através do recurso a objetos da natureza para expressar valores e transformações pessoais e comunitárias, os participantes fortaleceram laços de pertença, comunicaram de uma forma integrada e complexa a relação entre diferentes componentes de um projeto muito abrangente, e ainda relacionaram aspetos a nível pessoal e outros que se atravessavam na vivência da Associação Casa Velha. Recordando como em *Antígona* (Sófocles, 2018), o Coro exalta a natureza, dando primazia ao homem, proclamando que “muitos prodígios há; porém nenhum / maior do que o homem” (p. 63), a proposta ao longo das sessões dialógicas foi aproximar o ‘Homem’ da ‘natureza’, integrando nos processos racionais e reflexivos a comunicação através de objetos da natureza (NC2).

Como refere Macedo (2018) “é necessário, entretanto, descobrir o “desenho” de si, ainda que seja a partir da construção do olhar desse outro, pois quando alguém diz que “somos” isto ou aquilo (...) eis aí um “desafio” de cunho ético” (p. 51). Desta forma, o processo de reflexão integrou sempre momentos dedicados ao trabalho individual, com outros a pares ou em grupo. Foi notória a forma como o processo de reflexão se foi construindo pela interação e exposição que ia sendo feita pelos diferentes participantes. Isto vai ao encontro do que Caetano (2016) considera relativamente à complexidade como compreensão dialógica que integra a “dinâmica das relações com um pensamento conjuntivo, contextualizado, multidimensional, holográfico, consciente do carácter sempre inacabado do conhecimento”⁷ (p. 45). Consideramos que foi nesta linha de investigação que este projeto se inseriu, pela primazia dada à dinâmica de relações e interações entre diferentes componentes e níveis de transformação. As práticas artísticas permitiram simultaneamente a contextualização e a multidimensionalidade pela confluência de diferentes aspetos numa mesma representação.

⁷ “*dinâmica de las relaciones como un pensamiento conjuntivo, contextualizado, multidimensional, holográfico, consciente del carácter siempre inacabado del conocimiento*” (Caetano, 2016, p. 45)

As práticas artísticas, neste estudo trouxeram ainda a intenção de provocar uma reflexão prospetiva que despertasse o desejo de reinventar as relações comunitárias, fortalecendo as atividades da Associação Casa Velha. Tal como Rui Canário encontra num movimento neo-rural, de implementação de hortas urbanas uma forma de arte popular, ligada ao artesanato, através do qual “os indivíduos e as coletividades se voltam a ligar à natureza, ao mesmo tempo que reinventam as relações sociais ao nível da comunidade” (Canário, 2005), também as propostas das sessões dialógicas pretendiam religar os participantes à natureza e fortalecer os seus laços comunitários.

4.3. Limitações e continuidade do estudo

Tal como refere Amado (2014) o trabalho com comunidades, implica sempre uma perda de protagonismo do investigador, que confere ao grupo com quem trabalha capacidade de decisão e por isso de participação. Há que referir que, com todas as exigências e por vezes contrariedades que isso possa implicar, não poderíamos conceber este estudo de outra forma. Acrescentamos ainda, que seria nossa intenção aumentar a participação dos participantes com recurso a um percurso mais prolongado de sessões formativas e de complementaridade entre dados qualitativos e dados quantitativos que poderiam ser recolhidos recorrendo, por exemplo, a um questionário. A limitação temporal e desenho de investigação que ia sendo construído em conjunto com os participantes, não permitiu prolongar mais o aprofundamento de alguns aspetos como a conceção que os participantes têm da importância e do papel da reflexão ética a num projeto de intervenção comunitária e na vivência de uma associação orientada para o desenvolvimento pessoal, comunitário e global como é o caso da Casa Velha.

A complementaridade entre a análise de dados a partir de entrevistas e inquéritos, assim como a comparação entre diferentes projetos de intervenção comunitária com características semelhantes permitiria uma análise mais sistemática e conclusiva sobre o papel da reflexão ética nestes projetos. O mesmo consideramos relativamente ao papel das práticas artísticas.

A possibilidade de dar seguimento a este estudo alargando o seu contexto e integrando-o numa investigação-ação, permitirá refletir e debater sobre o valor do processo na transformação pessoal, comunitária e global. A introdução de parâmetros de monitorização e orientação da reflexão ética ao longo da implementação dos projetos de intervenção comunitária poderá ser um instrumento que detete aspetos que ficam por

vezes invisíveis nos relatórios e dados mensuráveis das avaliações. Assumimos conscientemente estas limitações, tendo em conta os constrangimentos temporais e pessoais e considerando que há sempre limitações nos estudos deste cariz que nos estimulam a desenvolver aprofundamentos renovados e debates mais inclusivos. Consideramos assim, que esta investigação abre um campo de análise do interesse não só da educação e filosofia, como da psicologia social e intervenção comunitária.

4.4. Perspetivas e linhas de investigação no horizonte

Considerando a componente sempre inacabada do conhecimento (Caetano, 2016), este estudo reforça a reflexão e aprofundamento de algumas das questões relacionadas com questões éticas enquadradas no desenvolvimento comunitário. Neste sentido, consideramos que um estudo comparativo sobre o desenvolvimento de um percurso formativo de reflexão ética entre diferentes projetos de desenvolvimento comunitário, com características semelhantes poderia enriquecer esta discussão. Assumindo a “reflexividade como retrocesso e distanciamento sobre nós mesmos, como motor de responsabilidade do que fazemos e suas consequências”⁸ (Caetano, 2016, p. 49) reconhecemos o seu papel transformador a nível pessoal e comunitário, promovendo a cidadania ativa. Acrescentamos por isso, a pertinência da integração das práticas artísticas nos processos reflexivos como meios complementares de diagnóstico e avaliação dos projetos de desenvolvimento comunitário.

Sabemos ainda que o desenvolvimento de uma sociedade inclusiva, ecológica e crítica, profundamente ligada entre si, à natureza e ao futuro, requer um contínuo aprofundamento e reflexão, num debate que atravesse diferentes níveis e sistemas de intervenção e de ação. Recordamos a pele humana, suas camadas e componentes interativos, apelando ao constante renovar da vitalidade de cada comunidade que precisa do diálogo, encontro e confiança como plataformas para fazer crescer valores basilares como a responsabilidade, o cuidado e a sustentabilidade. Como referem alguns participantes do Aterra “o pensamento crítico, a participação, a ligação à realidade e a disposição para agir são dimensões incontornáveis na capacitação em prol de um

⁸ “*reflexividad como retroceso y distanciamiento sobre nosotros mismos, como motor de responsabilidad de lo que hacemos y sus consecuencias*” (Caetano, 2016, p. 49).

desenvolvimento rural sustentável numa perspectiva de cidadania global” (Alvim, Neves, Martins, & Pereira, 2016, p. 15).

Terminamos por fim, recordando como na tragédia grega de Sófocles (2019) convergem questões éticas na vida comunitária, desejando que a fraternidade que Morin (2019) propõe nos permita fortalecer a compreensão, o cuidado e a responsabilidade nas relações interpessoais e modo a afirmar como Antígona o faz: “não foi um escravo que morreu; foi um irmão” (Sófocles, 2019, p. 71).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alvim, M., Neves, E., Martins, F., & Pereira, S. (2016). *Recursos Pedagógicos para o Desenvolvimento Rural Sustentável numa perspetiva de Cidadania Global*. Lisboa: FEC.
- Amado, J. (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Anscombe, E. (1958). Modern moral philosophy. *Philosophy*. v.33, n. 124.
DOI:<https://doi.org/10.1017/S0031819100037943> acedido a 10/3/2019
- Antunes, T. (2012). A Actualidade das Virtudes. Em C. P. Beckert, *Ética: teoria e prática* (pp. 175 - 192). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- Aristóteles. (2004). *Ética a Nicómaco*. Lisboa: Quetzal.
- Aurélio, D. (2012). MacIntyre, o último dos peregrinos. Em F. Mota, *Da Catástrofe às Virtudes* (pp. 7-25). Lisboa: Principia.
- Bahia, S. (2007). Psicologia da Criatividade. Manual de Apoio para a disciplina de Psicologia da Criatividade. Mestrado em Teatro e Comunidade da ESTC/IPL
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Beckert, C. (2012). *Ética*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- Beckert, C. (2012). Natureza e fundamento da ética. Em C. P. Beckert, *Ética: Teoria e Prática* (pp. 19-34). Lisboa: Centro de Estudos de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- Boff, L. (1996). *Ecologia: grito de la tierra, grito de los pobres*. Madrid: Editorial Trotta.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Caetano, A. (2003). *Processos participativos e investigativos na mudança dos professores e da escola*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Caetano, A. (2008). Complexidade e Mediação socioeducativa nas assembleias de turma. *Revista Diálogo Educacional*. v. 7, n. 22, pp. 67-68.

- Caetano, A. (2015). A modelização sistemática de dilemas profissionais na formação ética de professores . Cur. Em M. & Brehrens, *Complexidade e Transdisciplinaridade: novas perspectivas teóricas e práticas para a formação de professores*. Curitiba: Editora Appris.
- Caetano, A.P. (2017). Ética y complejidades en la mediación comunitaria. *Devenir. Revista de Estudios culturales e Regionales*, n.32. Enero-junio, Año X. pp. 41-58
- Caetano, A. (2017). Ética e complexidade na formação de professores. *Revista Diálogo Educacional*. v. 17 n.52, pp. 797-821. DOI: <http://dx.doi.org/10.7213/1981-416X.17.052.AO05> acedido a 12/10/2019
- Caetano, A. P., & Afonso, J. C. (2014). Trans-inter-multi culturalidade: a poesia como lugar de mediação. Em M. Mesquita, *Fronteiras Urbanas: ensaios sobre a humanização do espaço*. Lisboa: Anonymage.
- Canário, R. (1999). *Educação de adultos: um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa.
- Canário, R. (2005). Post Scriptum Crítica da Escola: Razões para (re)ler Ivan Illich. Em R. Canário, *O que é a Escola? Um olhar sociológico* (pp. 183-197). Porto: Porto Editora.
- Canário, R. (2012). *Poderá o decrescimento ser uma boa notícia?* Lisboa: Casa da Achada.
- Cascais, A. F. (1994). Salvar que natureza e que homem. Em H. Jonas, *Ética, medicina e técnica* (pp. 5-25). Lisboa: Passagens.
- Cavaco, C. (2002). *Aprender fora da escola: percursos de formação experiencial*. Lisboa: Educa.
- Cavaco, C. (2009). Adultos pouco escolarizados : diversidade e interdependência de lógicas de formação. (F. d. Universidade de Lisboa, Ed.) *Tese de doutoramento, Ciências da Educação (Formação de Adultos)*. URL: <http://hdl.handle.net/10451/972> acedido a 30/12/2017

- Cotrim, H. (2011). Da escola para o exercício : atitudes éticas dos estudantes de enfermagem e dos enfermeiros no cuidar do doente em fase paliativa. Tese de Mestrado em Bioética. Faculdade de Medicina. Universidade de Lisboa.
- Educação, S. P. (10 de 3 de 2014). *Instrumento de Regulação Ético-Deontológica: Carta Ética*. Lisboa: SPCE. URL:
<http://www.spce.org.pt/PDF/CARTAETICA.pdf> acedido em 3/4/2019
- Ellis, C. & Adams, T. E. (2011). Autoethnography: an overview. *Historical Social Research*, n. 36 v. 4, pp. 273-290. DOI:
<https://doi.org/10.12759/hsr.36.2011.4.273-290> acedido em 3/5/2019
- Estrela, M. T., & Caetano, A. (2012). Reflexões sobre a formação ética inicial de professores. *Revista Interações*, pp. 219-230. URL:
<http://hdl.handle.net/10451/12312> acedido em 10/5/2019
- Estrela, M. T., & Caetano, A. P. (2010). *Ética profissional docente: do pensamento dos professores à sua formação*. Lisboa: Educa.
- Fernandez, X. (2009). Intervenção comunitária e práticas de inclusão. *Cadernos de Estudo* v. 14. DOI: [doi:http://dx.doi.org/10.17346/se.vol14.131](http://dx.doi.org/10.17346/se.vol14.131)
- Fiori, W. (1967). Introdução. Em P. Freire, *Pedagogia do Oprimido*. Porto: Edições Afrontamento.
- Foot, P. (2001). *Natural goodness*. Oxford: Clarendon Press.
- Francisco. (2015). *Laudato Si*. Lisboa: Paulus.
- Franco, P. (07 de 2018). *Alasdair MacIntyre. 2016. Ethics in the conflicts of modernity. Cambridge: Cambridge Press*. Obtido de Forma de Vida:
<https://formadevida.org/recensoes/152-alasdair-macintyre-2016-ethics-in-the-conflicts-of-modernity-pedro-franco> acedido em 19/06/2019
- Franco, P. (2018). *Da auto-redefinição à conversão*. Tese de Mestrado em Teoria da Literatura. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. URL:
<http://hdl.handle.net/10451/35580> acedido em 4/6/2019

- Freire, I. & Caetano, A. P. (2014). Mediação em contexto comunitário. Etnografia crítica de um caso. *La Trama: Revista interdisciplinaria de mediación y resolución de conflictos*. pp. 1-12
- Freire, I. (2014). Da etnografia à etnografia crítica: movimentos emancipatórios na construção de comunidades. Mesquita, M. (org.), *Fronteiras Urbanas: ensaios sobre a humanização do espaço* (pp. 81-87). Viseu: Anonymage.
doi:<http://repositorio.ul.pt/> acedido em 30/4/2018
- Freire, I., Cavaco, C., & Freitas, F. (2019). As ruas da art contemporânea. Em A. P. Caetano, A. L. Paz, I. Freire, & C. Carvalho, *Processos participativos e artísticos em contextos de diversidade*. Lisboa: Edições Colibri.
- Freire, P. (1977). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Freire, P. (1978). *Cartas à Guiné-Bissau: registo de uma experiência em processo*. Lisboa: Moraes Editores.
- Freire, P. (2018). *Pedagogia do Oprimido*. Porto: Edições Afrontamento.
- Freitas, M. (2015). Desafios éticos na prática em comunidade: (des)encontros entre a pesquisa e a intervenção. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 10(2).
- Gilligan, C. (1982). In *A Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*. (H. U. Press, Ed.) pp. 24-39.
https://www.researchgate.net/publication/275714106_In_A_Different_Voice_Psychological_Theory_and_Women's_Development acedido em 3/5/2019
- Gilligan, C. (1997). *Teoria psicológica e desenvolvimento da mulher*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gohn, G. (1992). *Movimentos sociais e educação*. São Paulo: Cortez Editora.
- Gonçalves, F. (2019). *Desafios da ética na ciência: uma abordagem com fundamento no princípio Responsabilidade de Hans Jonas*. Porto: Juruá Editorial.
- Gonçalves, J. (2007). *O horizonte da justiça em Alasdair MacIntyre*. Braga: Societas Coleção de Estudos Sociais.

- Hamilton, M. L., Smith, L., & Worthington, K. (2008). Fitting the Methodology with the Research: An exploration of narrative, self-study and auto-ethnography. *Studying Teacher Education*, 4(1), pp. 17-28. doi:10.1080/17425960801976321
 acedido em 10/2/2020
- Hernandez, F. (2008). La investigación basada en las artes. *Propuestas para repensar la investigación en educación*, 10, pp. 85-118. Obtido em 4 de 12 de 2018
- Huybrechts, L. (2014). *Participation is risky: approaches to joint Creative processes*. Amesterdão: Coleção Antennae
- Illich, I. (1976). *A convivialidade*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Illich, I. (2005). *Oeuvres complètes Volume 2*. Paris: Fayard.
- Jacobi, P. (2007). Educar na sociedade de risco: o desafio de construir alternativas. *Educação Ambiental*. v. 2 n. 2, pp. 49-65.
- Jonas, H. (1984). *The imperative of responsibility: in search of na ethics for the technological age*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Jonas, H. (1994). *Ética, medicina e técnica*. Lisboa: Passagens.
- Jonas, H. (2000). *Puissance ou impuissance de la subjectivité? – Le problème psychophysique aux avant-postes du Principe responsabilité*. Paris: Les Éditions du Cerf.
- Kant, I. (1960). *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Coimbra: Atlântida.
- LeMoigne, J.-L. (1977). *La théorie du système général: théorie de la modélisation*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Instituto de Educação (2017). *Carta Ética e Regulamento da Comissão de Ética*. Obtido de <http://www.ie.ulisboa.pt/download/carta-etica-e-regulamento-da-comissao-de-etica>
- Macedo, S. (2018). *A ética, a ética profissional e a educação*. Curitiba: CRV.
- MacIntyre, A. (1998). *A short history of ethics*. Reino Unido: Routledge.
- MacIntyre, A. (2011). *After Virtue*. Londres: Bloomsbury Academy.
- MacIntyre, A. (2016). *Modern Conflicts of Morality*. Cambridge: Cambridge Press.

- Magalhães, V., & Trigueiros, A. (Julho de 2019). O mundo é a nossa casa. *Brotéria*, pp. 9-13.
- Marinho, A. (2009). Círculo de cultura origem histórica e perspectivas epistemológicas. Faculdade de Educação. São Paulo. URL: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-24092009-155120/pt-br.php> acessado a 4/8/2019
- Mesquita, M. (2014). Fronteiras urbanas: sobre a humanização do espaço. Mesquita, M. *Fronteiras urbanas: Ensaio sobre a humanização do espaço*. pp. 19-32. Lisboa: Anonymage.
- Morgado, A. (2019). Fronteiras participativas na educação artística: ação e reflexão. Em A. Caetano, A. Paz, I. Freire, C. Cavaco, & C. Carvalho, *Processos participativos e artísticos em contextos de diversidade* (pp. 61-68). Lisboa: Edições Colibri.
- Morin, E. (1983). *O Problema Epistemológico da complexidade*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Morin, E. (1990). *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Morin, E. (2005). *O Método VI: Ética*. Mem Martins: Publicações Europa-América,.
- Morin, E. (2019). *La Fraternité: pourquoi?* Paris: Actes Sud.
- Mota, F. (2012). *Da Catástrofe às virtudes: a crítica de Alasdair MacIntyre ao liberalismo emotivista*. Lisboa: Principia.
- Nussbaum, M. (1999). Virtue Ethics: A Misleading Category? *The Journal of Ethics*, 3(3).
- Nussbaum, M. (2014). *Educação e justiça social*. Ramada: Edições Pedagogo.
- Oliveira, J. (2019). Prefácio. Em F. Gonçalves, *Desafios da ética na ciência: uma abordagem com fundamento no princípio Responsabilidade de Hans Jonas* (pp. 9-12). Porto: Juruá Editorial.
- Morais, P. (2010). Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. *EccoS – Revista Científica*. v. 36, pp. 199-

202. URL: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71541061013> acessado em 10 de 5 de 2018, de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71541061013>
- Pereira, M. H. (2018). Introdução, versão do grego e notas. Em Sófocles, *Antígona* (pp. 9 - 42). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pintassilgo, M. L. (2005). Palavras Dadas de Maria de Lurdes Pintassilgo. *Centro de Documentação Fundação Cuidar o Futuro*. URL: <http://www.arquivopintasilgo.pt/MLP/Livros/palavra/palavra.htm> acessado a 5/5/2018
- Quivy, R.& Campenhoudt, L.V. (1992).Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva.
- Rocha, A. (2019). O lugar da experiência do livro na mediação educativa e na reflexão epistemológica. Em A. Caetano, A. L. Paz, I. Freire, C. Cavaco, & C. Carvalho, *Processos participativos e artísticos em contextos de diversidade*. Lisboa: Edições Colibri.
- Rosas, J. C. (2019). Seres humanos, animais ou natureza? *Brotéria*. Lisboa: IHS. pp. 13-25.
- Santos, A. (2008). *Mediações arteducacionais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Santos, L. R., Beckert, M. C., & Correia, C. J. (1992). *Introdução à Filosofia*. Lisboa: O Livro.
- Silva, M. (2019). Laudato Si: um texto profético para crentes e não crentes. *Brotéria*, pp. 26-36.
- Silva, M. M. (1963). Bases de um processo de desenvolvimento comunitário. *Análise Social*, v.1, n.4, pp. 538-558. URL: <http://hdl.handle.net/10400.5/1402> acessado em 3/1/2020
- Sófocles. (2018). *Antígona*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vaz, S. G. (2016). *Ambiente em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Yin, R.. (2001). Estudo de caso: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman

ANEXOS

ANEXO 1 – GUIÃO DE ENTREVISTA

Apresentação da investigação

Questões de investigação:

- Como é que a reflexão ética interfere no processo de intervenção comunitária e no desenvolvimento pessoal e social dos participantes?
- Quais as dimensões éticas do projeto Aterra?

Objetivos da investigação:

- Conhecer as dimensões éticas do projeto Aterra;
- Identificar dilemas e tensões éticas durante a implementação do projeto Aterra;
- Compreender como é que a reflexão ética interfere nas tomadas de decisão ao longo do projeto Aterra;
- Compreender as transformações decorrentes da reflexão ética a nível pessoal, comunitário, social e global nos participantes do projeto Aterra;

GUIÃO DE ENTREVISTA

Compreender os processos de tomada de decisão e a sua relação com as motivações dos participantes;

Objetivos da entrevista: Compreender a importância atribuída à reflexão ética e avaliação ao longo do projeto;

Identificar os momentos relevantes e as principais dúvidas, dilemas e tensões do projeto Aterra;

Compreender as transformações decorrentes da reflexão ética a nível pessoal e comunitário.

Blocos	Objetivos específicos do Bloco	Questões orientadoras	Tópicos orientadores / perguntas de aferição
A – Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> · Agradecer a disponibilidade; · Recordar os objetivos do estudo e os objetivos da entrevista; · Reafirmar o papel do entrevistado como colaborador no estudo; · Expor os principais temas a serem abordados e a duração da entrevista; 	<p>Obrigada pela sua disponibilidade.</p> <p>Reforçar a relevância do estudo e a importância da colaboração do entrevistado;</p> <p>Durante esta entrevista vamos abordar vivências e o processo do projeto Aterra. A entrevista terá duração de cerca de uma hora.</p> <p>Podemos contar com a sua colaboração?</p>	Contexto de mestrado

	<ul style="list-style-type: none"> · Informar que o nome será substituído por uma letra; · Confirmar o interesse e adesão do entrevistado em participar; · Garantir a confidencialidade dos dados; · Pedir autorização para gravar a entrevista; 	<p>Esta entrevista é anónima e será utilizada para fins académicos.</p> <p>Dá autorização para que a entrevista seja gravada em áudio? Depois de transcrita, enviaremos o texto para que o possa autorizar e, sem acrescentar informações, retirar algum aspecto que não queira manter na investigação.</p>	<p>Contacto</p>
<p>B - Caracterização pessoal, comunitária e papel no projeto Aterra</p>	<ul style="list-style-type: none"> · Recolher dados sobre pessoa entrevistada; · Caracterização da vivência em comunidade; 	<p>Qual a sua idade e profissão?</p> <p>Qual a sua relação com o projeto Aterra?</p> <p>Como caracteriza a vivência em comunidade na região em que se desenvolveu o projeto Aterra?</p>	<p>Sentimentos de pertença/memória/emoções</p>

	<ul style="list-style-type: none"> · Compreender a conceção de comunidade; · Compreender a importância atribuída à vivência em comunidade; · Compreender o papel do entrevistado no projeto Aterra; · Identificar momentos relevantes do projeto Aterra para o entrevistado; 	<p>Na sua opinião, o que deve ser uma comunidade?</p> <p>E quais os valores e princípios que orientam a vivência em comunidade?</p> <p>Na sua opinião, o que é que o projeto Aterra tem a ver com a vivência em comunidade?</p> <p>Como descreve o seu papel no projeto Aterra?</p> <p>Pode identificar e descrever momentos importantes para si do projeto Aterra?</p>	<p>Motivações/ condições</p> <p>Atividades/ iniciativas</p> <p>Memórias/ emoções</p>
C – Processos de reflexão, tomada	<ul style="list-style-type: none"> · Identificar dilemas e tensões éticas ao longo do projeto Aterra; 	<p>Ao longo do projeto Aterra, quais os momentos que caracteriza como de tensão entre valores? Houve aspetos que tenham suscitado dúvidas</p>	

<p>de decisão e trabalho em rede</p>	<ul style="list-style-type: none"> · Caracterizar envolvimento dos participantes na construção do projeto; · Identificar momentos decisivos no projeto; · Compreender a importância atribuída ao processo de reflexão ética; 	<p>ao longo do projeto? Pode recordar essas situações? E recorda-se ainda de dilemas ao longo do projeto e daquilo que os desencadeou?</p> <p>Como descreve o envolvimento e participação de todos os intervenientes do projeto Aterra? Ao longo das atividades, quantas pessoas participavam ativamente? Como descreve a participação da comunidade?</p> <p>Quais os momentos que levaram a processos de tomada de decisão em conjunto? Como descreve esses momentos?</p> <p>Houve momentos de reflexão ao longo do projeto? Como era proposta a reflexão? Na sua opinião, qual a importância da reflexão no decurso de um projeto de intervenção comunitária?</p> <p>Na sua opinião, o que motivou a participação dos diferentes atores do projeto? E o que motivou as tomadas de decisão?</p> <p>Na sua opinião, quais são os valores do projeto Aterra? De que forma foram vividos ao longo do projeto pelos diferentes atores? Parece-lhe</p>	<p>Cooperação/ adesão da comunidade</p> <p>Dúvidas/ tensões</p> <p>Questões de aprofundamento/ relatório</p> <p>Participação</p>
--------------------------------------	---	---	---

	<ul style="list-style-type: none"> · Compreender as motivações que orientaram as tomadas de decisão ao longo do projeto · Compreender os processos de diálogo estabelecidos ao longo do projeto; · Identificar expectativas e resultados relativamente ao trabalho em rede e colaborativo ao longo do projeto. 	<p>coerente o processo e a construção deste projeto com os valores que propunha?</p> <p>Recorda-se de como é que foram sendo tomadas as decisões ao longo do projeto? Qual o nível de participação e colaboração dos diferentes atores?</p> <p>Na sua opinião, em que consiste o trabalho em rede? E como define o trabalho em rede e colaborativo ao longo do projeto? Que plataformas foram criadas para facilitar e promover o trabalho em rede?</p>	<p>Processo de envolvimento e de escuta</p> <p>Diálogo entre atores e cooperação</p>
--	---	---	---

<p>E transformações pessoais e comunitárias</p>	<ul style="list-style-type: none"> · Compreender o impacto que o projeto Aterra teve a nível pessoal; · Compreender os aspetos mais importantes e transformadores do projeto Aterra; · Compreender o impacto que o projeto Aterra teve a nível comunitário; · Compreender a relevância atribuída à reflexão sobre o projeto Aterra; 	<p>Como descreve o impacto que o projeto Aterra teve no seu dia-a-dia? Que transformações considera que foram influenciadas pela participação no projeto? Como define os aspetos mais importantes e transformadores do Aterra a nível pessoal? Na sua opinião, este projeto teve impacto na comunidade? Como avalia esses efeitos? Mantém-se ao longo do tempo? Que aspetos foram desencadeados a partir do projeto Aterra? O que pensa sobre a reflexão em torno do Aterra?</p>	<p>Valores e critérios Viver bem/ vida boa/ felicidade Bem comum</p>

F - Finalização da entrevista. Agradecimentos	<ul style="list-style-type: none"> · Identificar alguma questão ou aspeto que o entrevistado pretenda acrescentar · Compreender o sentido que o entrevistado atribui à entrevista realizada · Agradecer a disponibilidade e colaboração. 	<p>Tem alguma questão que gostasse de pôr?</p> <p>Há algum aspeto que queira acrescentar?</p> <p>Como foi para si recordar e contar a sua experiência? O que leva desta entrevista?</p> <p>Obrigada pela sua disponibilidade para colaborar!</p>	

ANEXO 2 - ANÁLISE DE DOCUMENTOS

Legenda:

D1 – Formulário de Candidatura do Projeto Aterra

D2 – Recursos Pedagógicos para o Desenvolvimento Rural Sustentável numa perspetiva de Cidadania Global

D3 – Memória da Escola de Verão Aterra 1ª Edição

D4 – Candidatura ao *Green Awards* 2016

D5 – Estatutos da Associação Casa Velha

D6 – Folheto Casa Velha

A – DOCUMENTOS RELATIVOS AO PROJETO ATERRA
1- Participantes
Parceiros: “FEC – Fundação Fé e Cooperação; ACTUAR – ONGD; Ourem Viva – Empresa municipal da Câmara de Ourém; Associação Casa Velha”
D1 - Responsabilidades da ACV: “Casa Velha – Componente 2 e 3: dinamização das ações de voluntariado, campanhas de sensibilização, oficinas pedagógicas, encontros entre os diferentes atores, disponibilização de espaços para atividades (nomeadamente oficinas de Horta Biológica, Almoço do Mundo, Escola de Verão Residencial), participação na produção de recursos e sistematização de resultados”
D2 – “O papel da equipa de coordenação do projeto aTerra foi sobretudo o de acompanhar, unir e facilitar o encontro e a integração dos diferentes eixos da Roda. E a Roda começou de facto a andar.”
2 - Objetivos
D1 – “Promoção dos valores democráticos, incluindo a defesa dos Direitos Humanos, dos direitos das minorias e da luta contra as discriminações”

D1 – áreas-chave do projeto: “Combate contra desigualdades sociais, pobreza e exclusão, especialmente em zonas rurais”

D1 – “Outros resultados a alcançar pelo projeto (...) Juntas de Freguesia e Comunidades locais testam e partilham Boas Práticas de Sustentabilidade; Produtores integram redes locais e participam em processos de decisão política; jovens sensibilizados para voluntariado e estilos de vida mais sustentáveis”

D1 – O projeto contribui para: “Boa Governação: Promove a aproximação dos cidadãos aos órgãos de soberania, potenciando políticas públicas mais aderentes e participadas. Desenvolvimento Sustentável: Intervém ao nível da sustentabilidade rural, refletindo e promovendo uma visão integrada do desenvolvimento”

D1 – “A interligação produtores-jovens promove o diálogo intergeracional e a compreensão entre diferentes paradigmas de sociedade. A integração da dimensão global na perspetiva do Direito à Alimentação (especificamente no Almoço do Mundo e Simulação Cimeira da FAO), promove a interculturalidade e tolerância, a partir da compreensão da temática desde diferentes realidades. No workshop de participação cívica, será apresentada a Campanha “Ódio Não!” trabalhando especificamente a Democracia Local.”

D2 – “o projeto aTerra procurou combinar uma intervenção local de capacitação e integração de pequenos agricultores do concelho de Ourém com uma intervenção de Educação para o Desenvolvimento junto das escolas deste concelho.”

D2 – “tendo como enfoque o Desenvolvimento Rural no quadro do Direito Humano a uma Alimentação Sustentável, o projeto promoveu a interligação das políticas para o desenvolvimento sustentável com a realidade das pessoas e dos territórios, avaliando a especificidade das zonas rurais de minifúndio do país em articulação com os movimentos e desafios globais de mudanças para estilos de vida mais sustentáveis”

D2 – “Autonomizar as comunidades a nível local para que possam identificar os obstáculos com que se defrontam e as soluções que melhor lhes convêm, é um primeiro

passo. Passo esse que deve ser complementado por políticas de apoio a nível nacional que garantam o sequenciamento adequado entre as várias reformas políticas que são necessárias, em todos os setores relevantes, incluindo agricultura, desenvolvimento rural, saúde, educação e proteção social.”

3 - Características

D1 – “Tendo como enfoque o Desenvolvimento Rural no quadro do Direito Humano a uma Alimentação sustentável, o projeto tem como objetivo contribuir para uma maior interligação entre as políticas para o desenvolvimento sustentável e a realidade das pessoas e dos territórios, avaliando a especificidade das zonas rurais de minifúndio do nosso país (a partir do estudo caso do Concelho de Ourém), em articulação com os movimentos e desafios globais de mudança para estilos de vida mais sustentáveis.”

D2 – “projeto foi desenvolvido no concelho de Ourém entre fevereiro de 2014 e fevereiro de 2016 no âmbito do programa Cidadania Ativa, cofinanciado pelo Mecanismo Financeiro *EEA Grants* e gerido em Portugal pela Fundação Calouste Gulbenkian”

D2 – “Para a FEC, o aTerra foi um grande laboratório experimental na busca de uma nova forma de intervenção na promoção do desenvolvimento, centrado nas pessoas e comunidades, sobretudo nas mais vulneráveis. Como o nome quer dar a entender, trata-se de “aterrar” num território concreto, e ao longo de 2 anos conhecer melhor estes desafios do impacto (ou omissão) de políticas globais cada vez mais verdes e sustentáveis, que muitas vezes esquecem realidades “menos interessantes” e “pouco relevantes” do ponto de vista económico, como são estes territórios, e não encaixam nelas. A experiência do aTerra permite-nos agora sistematizar um modelo de intervenção que cruza Desenvolvimento Sustentável e sistema alimentar e que tem inspirado outras organizações e territórios.”

D4 – “Educação para a Ecologia (de integração no espaço e no tempo, e equilíbrio de relações e no uso dos bens, devolvendo referências/raízes e criando sentido de pertença e responsabilidade”

D4 – “Educação para a Simplicidade, que quebra barreiras e é inclusiva e alavanca novas iniciativas”

D4 – “Educação para as virtudes da Paciência, Perseverança, Esperança, enraizando outra noção do tempo, o saber esperar, o ser tolerante e aberto ao outro e ao futuro. Experiências fortes de Comunidade (vida e responsabilidade partilhadas), que inspiram a participação, o serviço, o empreendedorismo – educação para o Bem Comum (todos são precisos)”

4 - Eixos de intervenção

D1 – “Componentes e atividades do projeto/ ano:

A - Capacitação e Integração de Pequenos Produtores em redes locais já estruturadas pelo Município (Mercados Eco Rurais, Prove, Hortas Sociais), mas com pouca adesão, através de formação *on going* (192h de consultoria agrícola-proposta Consulai);

B - Sensibilização e Mobilização de Jovens:

2 Edições de 5 workshops temáticos (70h): Hortas Biológicas, Colheitas e Conservas
Consumo Responsável, Participação Cívica, Desperdício e Reciclagem
Ações de voluntariado em iniciativas de sensibilização da comunidade

C - Dinamização de Redes Locais para o Desenvolvimento Sustentável:

2 Workshops Alimentação Sustentável (14h)

6 Encontros À conversa com...

4 Oficinas intergeracionais (16h): Produção e Receitas Sustentáveis

1 Almoço do Mundo (workshops de 1 dia com migrantes do Concelho)

1 Escola de Verão de Desenvolvimento Sustentável (5 dias)

1 Seminário Nacional”

D2 – “Como eixos principais desta Roda do desenvolvimento sustentável tomaram-se as instituições autárquicas locais (Câmara Municipal de Ourém e Juntas de Freguesia do concelho), os agricultores e produtores locais (identificados e mobilizados com o apoio das Juntas de Freguesia e associações locais) e as escolas do concelho. Todos estes atores foram envolvidos num processo participativo e de proximidade que procurou representar toda a comunidade no diagnóstico dos desafios locais e na identificação das

mudanças desejadas e dos caminhos a seguir, assumindo-se a comunidade como principal protagonista do seu modelo de desenvolvimento e sustentabilidade.”

5 - Resultados esperados

D1 – “Resultados:

- 9 Juntas de Freguesia do Concelho de Ourém aderem ao projeto
- 20 Agricultores integrados em rede de produtores locais
- 100 Jovens sensibilizados e 19 mobilizados para ações de voluntariado
- Estudo de caso sistematizado
- Plataforma online criada e dinamizada
- Livro “Histórias de Vida e Receitas Sustentáveis” editado
- Recursos do projeto disponibilizados online

Impactos:

- Jovens, produtores locais e suas famílias mais integrados no território
- Aumento da área com gestão rural ativa
- Redes locais reforçadas e ampliadas, com maior articulação organismos públicos - cidadãos
- Maior articulação entre os Municípios da Região Centro potenciando estratégia de desenvolvimento regional
- 5. Atores locais refletem sobre sustentabilidade do território, conscientes das interdependências local-global”

6 - Atividades do Eixo de Redes

D3 - “Objetivo Geral da Escola: Através de uma abordagem teórico-prática em regime residencial , propõe-se um tempo e um espaço para analisar estratégias integradas de sustentabilidade rural, em articulação com os desafios globais de desenvolvimento sustentável, avaliando a realidade das zonas rurais de minifúndio do nosso país em relação com outros territórios (nomeadamente CPLP), com as perspectivas de diferentes atores (pequenos agricultores e produtores, decisores políticos, peritos, organizações da sociedade civil).”

7 - Metodologia

D1 – “Serão utilizadas metodologias de aprendizagem contínua, com a dinâmica conhecer/ refletir/ agir, abordando dicotomias que expressam as interdependências local/global, rural/urbano, eficiência/ suficiência, adaptação/ mitigação, com sistematização de recursos utilizados e produzidos em todas as atividades, permitindo reflexão crítica e partilha de resultados (com suporte online). Atuando nos três pilares da sustentabilidade - económico, social e ambiental - cada componente terá em conta: diagnóstico inicial, delineamento de estratégia de ação, sensibilização através de Juntas F. e Escolas, constituição de grupo alvo, plano de formação (com workshops e dinâmicas participativas), diálogo entre grupos envolvidos e atores locais, sistematização e partilha de resultados. Conta-se com prestação de serviços de empresa de consultoria agrícola com experiência na área da sustentabilidade rural e agricultura biológica, bem como empresa de consultoria SROI – monitorização e avaliação do projeto”

D2 – “a estratégia do aTerra nunca poderia ter sido a de inventar a Roda, ou seja, de importar estratégias de sustentabilidade externas para o território em questão. Pelo seu enraizamento comunitário, a abordagem do projeto foi antes a de pôr (ou contribuir para pôr) a Roda do desenvolvimento local a rodar com os atores locais, percebendo bloqueios e alavancando sinergias. Para isso, foi essencial a dinamização de redes inter-institucionais locais e a tentativa de integração dos pequenos produtores nas estratégias locais de comercialização (através de reflexão crítica destas estratégias, momentos de formação e discussão de alternativas). Paralelamente, e porque de sustentabilidade se tratava, assumiu-se também como essencial “religar” à Terra as novas gerações (por vezes já demasiado urbanizadas, mesmo quando vivem em meios rurais) e sensibilizar e mobilizar os jovens para uma maior participação cívica e reflexão crítica sobre a sua comunidade, a realidade das zonas rurais e a sustentabilidade. É justamente desta dimensão educativa do aTerra, realizada através de diversos formatos e em diferentes contextos escolares locais, que resulta o conjunto de recursos pedagógicos, que agora partilhamos e pretendemos potenciar.”

8 - Processo de implementação do projeto

D2 – “Ao longo da implementação do projeto aTerra, a imagem que foi surgindo como representativa do processo em curso foi a de uma Roda. Uma Roda composta pelos diferentes eixos necessários para que ande, ou seja, no caso do projeto, para que o

território se desenvolva de modo integrado e sustentável. (...) Não se trata de inventar a Roda, mas sim de pôr a Roda a andar.”

D2 – “Este processo, ao associar o desenvolvimento sustentável ao sistema alimentar local e global, proporcionou uma forma muito concreta de conseguir uma tomada de consciência e a mobilização dos diferentes agentes locais.”

9 - Avaliação

D1 – “A supervisão e monitorização do projeto serão feitas pela coordenadora, em estreita colaboração com a consultora 4Change, de forma a garantir a incorporação de lições aprendidas e a correção de desvios nos objetivos e impactos esperados. Na fase inicial do projeto será desenvolvida, pela 4Change, o modelo de avaliação SROI (*Social Return On Investment*), com o objetivo de desenvolver e adaptar os indicadores do projeto desde o início, criando as ferramentas de acompanhamento e apoiando a evolução dinâmica do projeto. Nesta fase, será traçado o quadro de impactos esperados, comparado e atualizado a cada 6 meses, e sempre que seja concluída uma fase ou ação do projeto, com os dados da implementação e a métrica da aprendizagem contínua. No final do projeto, será realizado, pela 4Change, um SROI avaliativo, com o objetivo de mensurar o impacto produzido pelo projeto, o retorno social sobre o investimento realizado e a sustentabilidade do projeto. Informação complementar sobre SROI em anexo.”

D2 – “O número de consumidores de produtos locais aumentou e as escolas envolvidas querem iniciar um consumo regular de hortícolas e frutícolas locais. Além disso, também percebemos que a Roda voltou a parar ao fim de 2 anos de implementação do projeto, nesta fase, por falta de produtores envolvidos, havendo já mais procura que oferta. Esta paragem, apesar de aparentemente negativa, revela que algo se pôs em movimento no que toca ao desenvolvimento sustentável local, e aquilo que agora bloqueia a Roda talvez aponte já para os próximos passos deste processo de aprendizagem...”

10 - Testemunhos

D2 - “É um modelo exemplar de que é possível integrar pessoas de áreas muito diferentes, ajudando-as a encontrar o que têm em comum, para que em conjunto, com a sua experiência, conhecimento e saber fazer, contribuam para um projeto que enriquece a comunidade. A escola é o eixo ideal para esta roda, é um local de aprendizagem para todos: lá é possível aprender, ensinar e pôr em prática o modelo. (Jovem Agricultora)”

D3 - “[a escola de verão] Superou as expectativas! Foi uma experiência muito enriquecedora, a nível de conhecimento e pessoal (...) Superou as expectativas porque levantou novas questões, despertou interesses e mostrou formas de fazer muito úteis, novas e diferentes soluções para tentar solucionar diferentes problemas”

11 - Continuidade do Projeto

D2 - “O presente conjunto de recursos pedagógicos é resultado do percurso realizado pelo projeto aTerra, protagonizado por diversos atores locais que, em conjunto, realizaram experiências e aprendizagens, imaginaram alternativas e construíram ações e projetos de mudança. No final, a riqueza de todo este percurso não poderia permanecer apenas junto dos seus protagonistas diretos. É por isso que surgem estes recursos pedagógicos, partilhando ao mesmo tempo o registo de um caminho e a proposta educativa, de reflexão e de ação, que lhe foi dando forma e sentido.”

D2 - “a disposição para ação é o objetivo último desta proposta de capacitação, são apresentadas dicas para outras ações nas quais os grupos se podem inspirar para possíveis iniciativas na sua comunidade”

12 - Valores

D2 - “O pensamento crítico, a participação, a ligação à realidade e a disposição para agir são dimensões incontornáveis na capacitação em prol de um desenvolvimento rural sustentável numa perspetiva de cidadania global”

D4 - “A questão ecológica é um dos grandes desafios do nosso tempo, ponto de discussão e preocupação quer de líderes políticos, quer da sociedade civil (...) A procura de estilos de vida mais equilibrados e de modelos de desenvolvimento mais sustentáveis,

são preocupação e procura de muitos cidadãos a nível local e global, que muitas vezes levam a caminhos vazios”

D4 – “Promover uma forma ecológica de vida, com vista ao desenvolvimento sustentável a nível pessoal, comunitário, local e global numa lógica de alterar mentalidades e estilos de vida;

- Trabalhar a identidade, a responsabilidade e o sentido de pertença, a nível individual e comunitário, numa lógica de redescobrir com outros olhos e com o coração a (T)terra em que vivemos, através da relação, da reflexão e do desenvolvimento de atividades. Ativar na população, nas várias faixas etárias, a vontade de “conhecer” a terra e a com ela interagir de forma sustentável – só podemos amar o que conhecemos e assim cuidamos o que amamos.”

B – DOCUMENTOS RELATIVOS À ASSOCIAÇÃO CASA VELHA

1 - Características

D4 – “A Quinta da Casa Velha fica localizada no Vale Travesso, aldeia pertencente à Freguesia de Nossa Senhora da Piedade, Ourém. Segundo os Censos de 2011, 19% da população da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade não possuem qualquer grau de escolaridade, 15% são analfabetos, entre os quais 60% são mulheres; apenas 15% da população possui o ensino secundário e 13% possuem uma formação pós-secundária ou universitária.

No caso particular do Vale Travesso, a população jovem envereda pelo Ensino Profissional, sobretudo em Ourém e Fátima, o que confere equivalência ao 12º ano, correspondente ao fim do ciclo secundário. Para prosseguir estudos superiores, os jovens concorrem para o Instituto Politécnico de Leiria, ou a universidades públicas ou privadas de Lisboa e Coimbra. Apesar de integrada numa zona mais rural, a geração dos mais novos cresceu num contexto laboral de serviços e pequenas indústria, muito marcada por fortes vagas de emigração nos anos 70 e 80, que ainda hoje a caracterizam. A ligação à terra está nas mãos dos mais idosos, que mantiveram sempre a sua atividade na agricultura e florestas. O desemprego é muito marcado, com consequências nefastas nas famílias (muitos casos têm pelo menos um membro do agregado desempregado). A Fábrica Irmade (produtora de portas), que emprega mais de 80 pessoas do Vale Travesso, encontra-se numa situação frágil, com períodos recorrentes de *layoff*.”

D5 – “Através do acolhimento em ambiente familiar, experimentando uma vida simples de cariz comunitário em espaço rural, privilegiando momentos de silêncio e de partilha, através do trabalho no campo, de espaços de criatividade, de formação e da reflexão/oração, a Casa Velha pretende ser um espaço aberto a todos, proporcionando uma experiência forte do essencial da Vida, de casa Pessoa, da Comunidade e assim contribuindo para o Desenvolvimento Humano Integral, nas suas diferentes dimensões: pessoal, comunitária, local, em comunhão com toda a Terra e com a Humanidade”

2 - Valores

D4 – “O projeto Casa Velha teve o seu início em 2008, a partir de atividades que se foram desenvolvendo, sempre com uma forte componente de ligação à natureza e ao trabalho no campo. Algumas marcas destas atividades foram-se repetindo e cada vez mais pessoas e

grupos começaram a procurar a Casa Velha. Essas marcas foram apontando um caminho e reforçando as dimensões a que a Associação Casa Velha, constituída em 2012, se sente hoje chamada a trabalhar:

Experiência de um estilo de vida simples e mais sustentável;	SIMPLICIDADE/ SUSTENTABILIDADE
Experiência de uma vida quotidiana partilhada;	PARTILHA/ RELAÇÃO
Contacto com a natureza e a possibilidade de intervir em trabalhos rurais, próprios de cada estação;	RESPONSABILIDADE
Possibilidade de participar e colaborar num projeto comum;	PARTICIPAÇÃO
Experiência de sentirem em casa;	PERTENÇA

D4 – 8 intuições para a Ecologia Humana: Viver com pouca tralha; viver abertos e disponíveis; viver agradecidos; viver com verdade; viver com alegria; viver a universalidade;

D5 – Atenta a cada tempo, a “Casa Velha” quer constituir um sinal profético de fraternidade, simplicidade e solidariedade na sociedade onde se insere”

3 - Missão

D4 – “A ação insere-se na Missão da **Associação Casa Velha- Ecologia e Espiritualidade** constituída em 2012. Atenta às necessidades e desafios do nosso tempo, marcado por uma crise de múltiplas dimensões - ambiental, alimentar, financeira, que tem na sua raiz uma crise de valores - a Casa Velha sente-se convocada a contribuir para a procura de caminhos alternativos de sustentabilidade, através do despertar para a Ecologia como experiência interior, motor de ações coerentes e responsáveis no cuidado dos outros, do Planeta, de cada um. Ainda em fase de consolidação e procura da sua identidade e Missão, a Casa Velha tem hoje a seguinte Visão: Que todas as pessoas em qualquer espaço e tempo se possam sentir em Casa, encontrando a paz na natureza e comunidade que integram, desenvolvendo-se plenamente através do aprofundamento de uma identidade comum e de partilha de vida. E Missão: Contribuir para o Desenvolvimento Humano

Integral em espaço rural, através da hospitalidade, da experiência de vida simples, do contato com a natureza, do trabalho comunitário e da meditação.

D5 – A ‘Casa Velha’ procura o desenvolvimento humano e tem por objeto a promoção da cultura, defesa do património histórico, rural, regional e do ambiente através da realização de atividades de formação, de reflexão, e acompanhamento espiritual, de conhecimento e integração na natureza, ecologia, animação cultural e de encontro para crianças, jovens e adultos de forma individual ou em grupo”

ANEXO 3 – ANÁLISE DE CONTEÚDO

Eixos de análise	Categorias
Dimensões éticas	Valores Dilemas e tensões éticas Processos de reflexão ao longo do projeto
Transformações pessoais e comunitárias	Transformações valorizadas individualmente Processos de transformação comunitária Frustrações identificadas Processos relacionais

Dimensões Éticas	
Categorias	Indicadores
Valores	Diálogo Cuidado Responsabilidade Sustentabilidade
Dilemas e tensões éticas	Dependência de financiamento Descrença da comunidade local por experiências anteriores negativas Condicionamento de tempo e prazos
Processos de reflexão ao longo do projeto	Momentos coletivos de reflexão ética ao longo do projeto Avaliação das atividades Processos de tomada de decisão coletiva

Transformações pessoais e comunitárias

Categorias	Indicadores
Transformações valorizadas individualmente	Valorização da relação entre dimensão pessoal, comunitária e social Mudança de estilos de vida
Processos de transformação comunitária	Promoção do encontro entre atores locais Construção de processos de confiança Partilha de experiências Desenvolvimento de redes locais de colaboração Participação ativa no desenvolvimento das atividades
Frustrações identificadas	Tempo de implementação do projeto Envolvimento dos participantes Governança partilhada Continuidade do projeto

ANÁLISE DE CONTEÚDO			
EIXO DE ANÁLISE	CATEGORIAS	INDICADORES	
Dimensões éticas	Valores	Diálogo	I1
		Cuidado	I2
		Responsabilidade	I3
		Sustentabilidade	I4
	Dilemas e Tensões éticas	Dependência de financiamento	I5
		Descrença da comunidade local por experiências anteriores negativas	I6
		Condicionamento de tempo e prazos	I7
	Processo de reflexão	Momentos coletivos de reflexão ética ao longo do projeto	I8
		Avaliação das atividades sem dimensão ética	I9
		Processos de tomada de decisão coletiva	I10
Transformações pessoais e comunitárias	Transformações valorizadas individualmente	Valorização da relação entre dimensão pessoal, comunitária e social	I11
		Mudança de estilos de vida	I12
	Processos de transformação comunitária	Promoção do encontro entre atores locais	I13
		Construção de processos de confiança	I14
		Partilha de experiências	I15
		Desenvolvimento de redes locais de colaboração	I16
		Participação ativa no desenvolvimento das atividades	I17
	Frustrações identificadas	Tempo de implementação do projeto	I18
		Envolvimento dos participantes	I19
		Governança partilhada	I20
		Continuidade do projeto	I21

Legenda:

I (seguido de nº) – Indicador

Participantes - A, B, C, D, E

R – Registo autobiográfico

NC – Notas de campo das sessões dialógicas

I1	
Eixo de Análise	Dimensões Éticas
Categoria	Valores
Indicador	Diálogo

PARTICIPANTE A: Nos diversos encontros realizados, o diálogo e a reflexão promoveram a tomada de consciência coletiva acerca da necessidade premente e urgente de se proteger a nossa casa comum, mobilizando cada um dos grupos para práticas de uma verdadeira conversão ecológica.

PARTICIPANTE A: Em cada uma das pequenas ações e das grandes decisões do projeto, imperaram sempre a honestidade e a transparência, os objetivos preconizados pelo Aterra, o respeito pelos ideais políticos, socioculturais e outros dos participantes, e o fortalecimento de valores importantes para todos, o que facilitou a comunicação e proporcionou uma excelente cooperação entre os diversos atores

PARTICIPANTE B: Pegando no que dizia em relação à diversidade, diria que é o respeito pela diferença dos outros, mas não só respeito, mas ver nessa diferença uma contribuição positiva para esse objetivo comum do grupo. Também acho muito importante uma coisa que se diz muito na casa velha que é não tratar todos por igual, não achar que tudo tem de ser igual para todos. Estou sempre a pegar na diversidade, mas acho que é muito por aí, respeitar os tempos de cada um, ouvir, o diálogo sobretudo. O diálogo diria que é dos valores mais importantes também. Abertura a que outras pessoas entrem e pertençam à comunidade, não ser uma comunidade fechada e simplicidade. Acho que simplicidade associada à ideia de saber ceder – um bocado como em todas as relações – o que leva a uma vida mais simples e descomplicada.

I2	
Eixo de Análise	Dimensões Éticas
Categoria	Valores
Indicador	Cuidado

PARTICIPANTE A: a empatia, ao colocarmo-nos constantemente “no lugar” dos atores do Aterra (pequenos produtores, decisores locais, alunos, professores, jovens agricultores) e percebermos os seus sonhos, as suas fragilidades;

PARTICIPANTE A: Penso que ética não tem só a ver com responsabilidade: ela é sobretudo cuidado. Se em cada concelho do nosso país este projeto for replicado, as pessoas de cada uma dessas comunidades enriquecer-se-ão mutuamente e transformarão a comunidade onde estão integradas, cuidando e aproveitando da melhor forma os seus recursos naturais e humanos pelo Bem Comum. Por extensão, transformaremos o nosso país e contribuiremos para um mundo melhor.

PARTICIPANTE C: Solidariedade e disponibilidade. Os jovens que lá estão disponibilizam-se sempre e vê-se a atenção que eles dão à terceira idade. Tenho andado atenta a ver como os jovens interagem. Alguns retraem-se, outros aproximam-se, uns vão ter com um grupo, outros ficam só com um idoso à conversa.

NC 2: E esta coisa do pequeno: O coração do Aterra é uma pequena semente é uma pequena roda que se mexe e que gera e que tem um processo... Muitas vezes não aproveitamos e ao mesmo tempo vai gerando processos a outros níveis, mas que também tem de viver a cada ponto em cada ponto tem uma pequenina roda que tem de gerar este valor da pequenez, seja ao nível onde se esteja ser comunidade de pôr as pessoas em ligação tem de ser aqui tem de ser repetível aqui, mas tem de ser o mesmo global Por isso são as dimensões éticas

I3	
Eixo de Análise	Dimensões Éticas
Categoria	Valores
Indicador	Responsabilidade

PARTICIPANTE A: O Homem só é verdadeiramente Homem quando integrado em comunidade, vivendo, não fechado em si, mas procurando, com atitudes concretas e coerentes, contribuir para o bem comum, para a justiça social, para a responsabilidade ecológica, para a liberdade e igualdade, enfim, para a conservação da vida nesta nossa casa comum. Infelizmente, nos dias de hoje, verificamos até em decisores políticos, que tudo deveriam fazer pela sua comunidade e pelo seu país, o aproveitamento do seu cargo para benefício próprio. Cada um de nós e, de um modo particular, quem se encontra com funções de governança, quer a nível local, quer a nível nacional, deve comprometer-se com a sua comunidade e, por extensão, com esta casa comum, que é de todos nós, no tempo presente e no futuro, e não há mais nenhuma.

PARTICIPANTE C: [O que é que é para si a Ética?] Acho que nunca ninguém me pôs essa questão. Diria que é a maneira como nós desempenhamos as funções da nossa responsabilidade. A ética é saber o que quero, para onde vou e como vou.

R1: O meu papel no Aterra não foi logo fácil de definir ou compreender. Lembro-me que só passados algumas semanas, quando a X veio comigo Às Finanças para percebermos como ficaria a minha situação fiscal e como emitiria recibos verdes, compreendi o que é que eu era ali: dinamizadora de atividades educativas. Este era o contrato e o acordo, responsabilizar-me pelas atividades educativas, principalmente aquelas que se pretendiam realizar nas escolas. No entanto, a X foi-me fazendo ver mais uma vez como tudo está ligado, e que quando integramos um projeto, quando nos responsabilizamos não com um papel mas com uma comunidade, quando nos relacionamos com pessoas e nos ligamos a elas, então o nosso papel entra e diálogo com outros papéis no cenário de fundo, que era o desejo de aterrar, de aproximar as políticas da realidade e de levar as pessoas reais à participação política e ativa e comprometida.

NC2: Acho que me senti muito responsável por uma coisa maior que eu e, lá está, da qual não fiz parte diretamente o projeto aterra, portanto, ser-me confiado uma coisa tão especial foi assustador, mas depois lá fomos construindo em conjunto. Senti-me responsável pelas crianças, mas depois também me senti jardineira que tem de cuidar deste lugar e destas pessoas. Uma imagem que me fala muito deste lugar é que não temos de ser xpto, mas à medida que me fui sentindo em casa, também percebi a minha responsabilidade. Por isso, a minha preocupação de tentar perceber o meu lugar no mundo, nesta terra, em todas as suas vertentes e dimensões, parece que é mais fácil integrar o mundo, a história e o espaço e dar-lhes o tamanho certo das coisas e confiar, sabendo que as coisas não são minhas, mas aqui o convite é ser parte. E ser parte é muito giro, porque aqui há vários papéis, porque se pode ser muito ativo e presente, ou ter uma presença mais discreta. É o que a LF dizia da coragem de se deixar tocar pela realidade e acho que são assim as grandes novidades e revoluções, esta é a mudança e este deixar-me transformar, independentemente de haver grandes evoluções e coisas que em projeto ficam em números. Acho que de facto, a terra aqui é mexida e o que vem é sempre bom, mesmo que não seja obvio nem imediato e isso é assim das maiores coisas. E também me aproximou muito da terra, do mundo mais rural que é tão bonito e tão forte e tão necessário. E é isto que o PJ dizia: os lugares pareciam das pessoas, porque a tendência é saírem, mas de facto, a Casa Velha também é um sítio onde fica muito claro que é responsabilidade, mas é uma responsabilidade boa, não levada com peso e custo desmedido, mas que se faz com gosto. A terra de facto é onde começa tudo e tudo o que nos chega vem da terra. E para mim, que sou da cidade, percebo agora, como era ignorante. Desenhei umas mãos, porque de facto é um símbolo muito simples do nosso corpo: integrar a natureza é por as mãos na terra, seja ir para a horta, seja conversar, seja estar em silêncio a contemplar, seja ir lavar a loiça, seja integrar um projeto.

I4	
Eixo de Análise	Dimensões Éticas
Categoria	Valores
Indicador	Sustentabilidade

PARTICIPANTE A: sentido de justiça, pois, por meio deste projeto, quisemos contribuir para um mundo mais justo e sustentável, onde todos temos lugar;

PARTICIPANTE E: [pensa que seria importante voltar ao modo antigo de viver em comunidade?] Se calhar nem é por aí, mas sobretudo poder ler a realidade, porque é importante voltar às raízes, perceber quais são as nossas raízes, de onde vimos, o que nos caracteriza, as marcas que ficam e o que nos trouxe até aqui. E depois usar essa informação não para manter tipo museu, mas para, perante o hoje e os desafios que temos hoje, pensar como podemos reinventar novas soluções que o sejam de uma forma ligada. Não estar a inventar a roda a partir de nada, porque isso não gera sentido, transformação nem comunidade. E conhecer melhor a identidade para poder responder aos dias de hoje.

PARTICIPANTE E: Na verdade, foi o Juntos pela Mudança que me trouxe aqui, porque já que o que se quer promover estilos de vida sustentáveis, ligar estas diferentes realidades rurais e citadinas, pôr o centro nestas questões que para nós são importantes da alimentação, da energia que, no fundo, é uma porta por onde se pode começar a fazer estas mudanças. É importante para perceber, de facto, a importância do nosso papel como indivíduos depois para este papel como comunidade e como coletivo também a nível político. Este projeto fez-me, de facto, confirmar esse desejo é necessário de estar aqui e estar com os pés na terra.

NC4: Em relação ao território a importância da responsabilização das pessoas com a sua própria área circundante, planear bem e acompanhar as pessoas investimentos que são feitos no território, passar pelas Juntas de freguesia, mas também ir muito mais além e que cada um vá desenvolvendo esta cultura de cuidado e responsabilidade, divulgar as características do local e faz com que as pessoas vistam as camisolas do seu local

NC 4: Em relação à educação educar para o respeito de ritmos diferentes, abrandar promover a criatividade para uma lógica diferente da lógica economicista ir

desenvolvendo formas de pensar as coisas de outra maneira promover uma educação no sentido do acompanhamento das pessoas que haja mais dentro das escolas experiência de tutoria, experiência de apadrinhamento responsabilizar e cuidar de outras pessoas e valorizar os estilos de vida sustentáveis.

NC 4: Em relação à económica social ajudar a acompanhar pessoas e famílias na gestão que fazem não só do seu rendimento mensal, mas também do tempo das relações com a família, das relações com a vida, reduzir o consumo, fortalecer as freguesias, cuidar das pessoas, reinventar os projetos encontrar formas de partilhar em pequenas comunidades, recursos que eu tenha em casa e já não preciso dentro do meu bairro poder haver muito mais partilha, seja carrinhos de bebés, seja uma panela grande que já não preciso porque a minha casa agora tem menos pessoas Partilhar boas práticas

NC 4: Por último na cultura promover o olhar para a diferença numa forma integrada e agradecida, dar espaço e tempo ao aparentemente inútil ajudar as pessoas a auto encontrarem-se pela arte e promover uma cultura de profunda reconciliação através da expressão artística Aterra a partir da ecologia integral e da minha realidade hoje e acho que neste momento da minha vida a ecologia integral olhar para os nós olhar para todas as ligações as mais frágeis as mais fortalecidas e procurar também a vida mais integrada.

NC 4: Eu preciso de uma flor, mas eu não vou arrancar a flor não ia arrancar nada. A ideia de que tudo isto me foi dado não foi o que não foi só o que surgindo foi o que foi sendo revelado ao longo do percurso deixar que as coisas fossem processando, mas também nada disto foi arrancado ao que estava, tudo isto me foi dado, foi encontrado, estava disponível para mim eu não fui agredir nada fazer mal à natureza e depois a última parte foi como é que eu aprendia isto. Vou utilizar uma linha e tentei coser as coisas. Só que coser acabou por gerar aqui uma ligação de vários processos e então esta ideia de que tudo está ligado tudo está interligado.

R1: Lembro-me que demorei algum tempo a familiarizar-me com a linguagem e procedimentos técnicos, inclusive com o próprio título do projeto. Na altura, a minha sensibilidade para questões ambientais e de sustentabilidade era apenas uma noção longínqua de que era preciso ter cuidado, mas ainda não uma preocupação diária que me levasse a pôr em prática mudanças concretas de estilo de vida. Tenho memórias que me surgem tipo flash, de alguns momentos marcantes.

I5	
Eixo de Análise	Dimensões Éticas
Categoria	Dilemas e tensões éticas
Indicador	Dependência de financiamento

PARTICIPANTE A: O financiamento é crucial para o desenvolvimento de projetos como o Aterra. No entanto, a curta duração deste apoio pode limitar transformações significativas a nível do desenvolvimento sustentável. A mudança requer tempo. Penso que, para o desenvolvimento de uma missão que tem em vista o bem comum, deveria haver uma discriminação positiva capaz de compensar a vida nos territórios de minifúndio, claramente valorizáveis pelas suas gentes, espécies autóctones, biodiversidade, entre outros. Percebendo finalmente os governantes que é com as pessoas, os proprietários e os resistentes destes territórios que se fará a mudança necessária e urgente, o investimento público poderá, com justiça, chegar e, assim, inspirar também o investimento de particulares para esta causa que é de interesse coletivo.

PARTICIPANTE E: Bem, e depois acontece muito que os modelos de desenvolvimento de base comunitária são os apoios que existem para as regiões rurais a partir de fundos europeus que apoiam pequenos investimentos agrícolas, a transformação de quinta em agroturismo, lar de idosos, ... mas se por um lado a política é boa, mais uma vez, quando há distribuição do orçamento a fatia destinada a atividades deste género é pouca. Mesmo assim, ainda há pouco tomei conhecimento que quando abrem os concursos, eles não conseguem gastar o dinheiro todo. Porquê? Porque as pessoas não conseguem aceder. É como haver um prato cheio onde é impossível chegar. E isto alimenta muito pouco a coesão territorial, muito enfraquecida no nosso país. Quem consegue aceder aos recursos e apoios é quem naturalmente já está uma etapa à frente

I6	
Eixo de Análise	Dimensões Éticas
Categoria	Dilemas e tensões éticas
Indicador	Descrença da comunidade local por experiências anteriores negativas

PARTICIPANTE C: As pessoas perguntam muito o porquê dos jovens se interessarem por fazer visitas ao lar. Lá vamos um pequeno número, é verdade que muitos dos que vão é porque lancham melhor, porque saem daqui. São boas causas, são as causas importantes para eles. Depois as pessoas perguntam porque é que hão de ir ajudar uma Associação que nem sabem bem o que é. Mas eu, quando percebi melhor o que é a Associação Casa Velha foi na internet. É uma Associação estupenda.

PARTICIPANTE D: Por exemplo, o Aterra trabalhou a questão da exclusão das zonas rurais, que é uma situação transversal e que acontece em todo o mundo, mas aqui está muito relacionada com os proprietários de pequenas propriedades e o nosso país é um país pequeno e mais de metade da área, centro e norte tem essa característica das micro propriedades que a nível económico, em termos agrícolas, tem pouca viabilidade, por isso o impacto trazido pelas políticas europeias para o desenvolvimento rural, desde que Portugal entrou na União Europeia (ainda bem que entrou e não é nada disso que está em causa), teve um impacto muito concreto na nossa agricultura, nomeadamente no Concelho de Ourém, que é onde o Aterra aterrou esta questão. As consequências das políticas europeias revelaram-se num progressivo deixar para trás uma série de territórios que se tornaram difíceis de suportar por comunidades e famílias, por isso tem aumentado um êxodo para cidades e é todo um campo que tem vindo a ser abandonado nas últimas décadas. Isso teve um resultado concreto, como vemos com esta questão dos incêndios. Por isso, uma preocupação do Aterra foi olhar para essas pequenas propriedades, porque nas estatísticas as comunidades abaixo de 1 hectare não são contabilizadas e no concelho de Ourém a média mal chega a 1 hectare. Só por isto, já podemos ver que a questão da participação cívica está em causa, porque só participamos quando existimos, e se não existimos, aos olhos da sociedade, as coisas começam tortas à partida, é difícil participar, representar esta realidade que precisa de soluções diferentes de outras regiões do nosso país e do mundo, onde a agricultura pode ser uma grande saída. Neste caso e neste território, não é a agricultura tal qual mas um desenvolvimento rural integrado de várias

atividades que se complementam mas onde é necessário descobrir essa diversidade nas respostas de desenvolvimento local.

I7	
Eixo de Análise	Dimensões Éticas
Categoria	Dilemas e tensões éticas
Indicador	Condicionamento de tempo e prazo do projeto

PARTICIPANTE B: Estamos sempre dependentes de financiamento e a questão também do limite temporal, porque muitas vezes isso reduz os objetivos. por exemplo no nosso caso temos muita dificuldade em chegar à fase de implementação e de avaliação dos resultados. Isto também se aplica um bocado no caso do aterra e outros projetos do género. começa-se a desbravar terrenos, fazer ligações e a experimentar algumas mudanças, mas depois em ter mais tempo e financiamento é difícil chegar a uma fase em que se consiga implementar o que permite depois avaliar. É a questão não só do dinheiro, mas também do limite temporal que os projetos têm sempre.

I8	
Eixo de Análise	Dimensões Éticas
Categoria	Processo de reflexão
Indicador	Momentos coletivos de reflexão ética ao longo do projecto

PARTICIPANTE A: o respeito pela diferença: qualquer um dos participantes tem a sua forma de viver e de pensar e foi a partir dessas diferentes perceções que, nos encontros e outras atividades do projeto, se proporcionaram profundas e interessantes reflexões, que, por sua vez, resultaram em diretrizes substanciais com espaço para a sua efetiva concretização;

PARTICIPANTE A: Na verdade, a proteção do planeta em que vivemos passa não só pela discussão sobre os problemas ambientais, mas também pelos diversos contextos inerentes aos seres humanos: a sociedade, a política, a educação, a cultura, a economia. Assim, por exemplo, nos jantares “Aterra”, que se realizaram na Escola de Hotelaria de Fátima e que contemplaram a presença e diálogo entre produtores, consumidores, decisores políticos e profissionais de cozinha, proporcionaram-se oportunidades para se refletir em conjunto sobre a realidade da produção local e o papel dos consumidores no desenvolvimento sustentável. Além disso, reforçou-se o estreitamento das ligações já existentes entre atores locais, atores estes que cada vez mais se foram encontrando afetiva e efetivamente integrados na roda da sustentabilidade do concelho de Ourém.

PARTICIPANTE A: Ao longo do projeto, a reflexão ética foi de extrema importância, pois o foco da nossa ação foram as pessoas e a sua realidade, assumindo a equipa de dinamizadores e voluntários um compromisso para a melhoria de vida do concelho de Ourém e, por contágio, de outros concelhos.

PARTICIPANTE B: [como descreves o teu papel no projeto?] foi um bocadinho de tudo. por um lado, acompanhar e depois como participante, acho que ajudar a pensar. uma coisa boa do aterra acho que foi todos sentirmos que podíamos ajudar a pensar o projeto e isso foi uma coisa que me entusiasmou muito. depois acho que um papel mais pratico a ajudar a organizar a escola de verão e jornadas tive um papel mais ativo, também escrevia alguns artigos para o site do aterra e acho que é mais nessa logica de ajudar na reflexão.

PARTICIPANTE E: sistematizar o que está a acontecer é mesmo importante e este mestrado é certo neste aspeto. É importante escrever e sistematizar para que isto possa contribuir e que possamos ler juntos o que está aqui a acontecer e que possa influenciar processos educativos com mais tempo e espaço para este outro tipo de indicadores e valores. Os valores éticos que nos programas educativos vão acontecendo, a estratégia de educação para cidadania, estratégia de educação ambiental onde tudo isto vai aparecendo, a educação com base na experiência, mas o próprio sistema depois não deixa aplicar e a própria escola precisa de ser acompanhada para aplicar esta nova visão, porque os professores continuam a ter de corresponder uma série de questões curriculares, por isso é preciso acompanhar os professores a questionarem-se a reencontrar novos espaços de reflexão. E isso continua nos projetos seguintes, para os próprios professores tem sido vivido como experiência que lhes dá força. Sentirem-se acompanhados. Os professores desejam fazer coisas novas, mas precisam de tempo e acompanhamento para encarar tudo isso com confiança e comunitariamente. A comunidade precisa de um espaço

PARTICIPANTE E: Tal como para viver em comunidade é preciso respeitar essas diferenças e diversidade, para gerir o território é preciso conhecer e o Aterra teve essa preocupação através do trabalho com 3 públicos concretos. E foi por isso que o Aterra ajudou na reflexão porque pegou em 3 grupos concretos da comunidade: a) produtores e decisores locais; b) escolas; c) redes locais e membros da comunidade. Houve uma primeira fase de os conhecer, visitar todas as juntas de freguesia (JF), pedir às JF apoio para identificar todos os produtores, trabalhar com as escolas locais, etc... É engraçado como nas primeiras reuniões as respostas são normalmente “ah! isso agora já não se faz cá nada, não se produz nada!”, mas depois com tempo e com a relação que se vai criando percebemos todos que sim, cada um tem a sua horta de subsistência, e mais uma vez foi um percurso de ajudar a valorizar uma coisa que era totalmente desvalorizada e até quase que não mostrada publicamente, e ao fim de dois anos o olhar ficou mais positivo para esta realidade. E depois desta primeira fase de conhecer estes grupos, o projeto passou muito por ligá-los. Foi ser ponte e ligar as pessoas, ligar as pessoas à terra e aí a Associação Casa Velha serviu como espaço de encontro para aprender juntos e partilhar. Muitas vezes há a sensação, em atitude de defesa de pensar “eu que sou agricultor, tenho a minha horta há anos, não vou aprender nada de novo”. Ao fim do segundo encontro havia um entusiasmo crescente.

NC 1: Estamos numa fase geral de contar histórias como ferramenta, histórias de mudança e estamos no tempo de contar a história e estamos num tempo de escrever da casa velha, é como se contasse esta história que não se pode perder que está viva de muitas maneiras e que se está a espalhar e faz todo o sentido de ser uma história do Aterra como se pode contar a história quer a crianças que cá vêm, pessoas de todas as idades porque é um processo que todos podemos experimentar seja a partir do ponto em que estamos, seja geográfico, temporal e acho que, obrigada por me teres e já estavas metida e acho que para o próximo encontro também é importante onde queremos chegar com os 3 encontros para ti não fazer isto não pesar nem para ti nem para ninguém e depois também é isto ser engraçado poder apresentar ser um mote para convidar pessoas como o Oliveira Baptista para cá vir que nunca cá veio o fim do último encontro ser um encontro.

I9	
Eixo de Análise	Dimensões Éticas
Categoria	Processo de reflexão
Indicador	Avaliação das atividades

PARTICIPANTE A: Saliente-se que, para apoio à avaliação, no fim de cada e determinada atividade, os participantes respondiam a uma ficha de avaliação, havendo sempre espaço para que fossem apresentados comentários livres e sugeridas ideias para subseqüentes sessões.

PARTICIPANTE E: É importante ajudar a ler o que está a acontecer e não desistir quando a primeira coisa corre mal. O lado fatalista que vem logo ao de cima com facilidade nestes projetos é o que mata qualquer processo. Seria muito importante um trabalho de assistência comunitária que faria toda a diferença. É fundamental um acompanhamento também nesta leitura: o que é que as políticas concretas globais oferecem, por exemplo, para as cadeias de circuito curto que é uma coisa para a qual vai havendo apoios a nível regional? Existem os apoios mas ninguém os vai buscar porque por um lado não sabem que existem, por outro, sabem, mas é impossível lá chegar. Por isso há aqui, qualquer coisa que tem de mudar e como são coisas pequeninas e que não pertencem à nova estratégia anual, bianual ou para os próximos anos... não são coisas valorizadas. É importante contrariar esta lógica, criando condições para alimentar processos de encontro, reflexão e construção conjunta, de fazer pontes e ligar redes locais. São coisas invisíveis muito pouco valorizadas como instrumento de desenvolvimento social.

PARTICIPANTE E: O projeto aterra foram 2 anos de um grande exercício de conhecer melhor com as próprias pessoas esta nossa realidade, de acompanhar e fazermos juntos um caminho. Mas nesse processo tem de haver alguém que guia e o nosso papel foi orientar esse caminho, começando por conhecer melhor a realidade, não apenas o que hoje vemos, mas também o que não é visível. Digo isto, porque muitas vezes nos diagnósticos que fazemos e se formos a estatísticas e relatórios mais oficiais, há toda uma parte da realidade que por ser mais frágil e menos importante economicamente, escapa aos diagnósticos. Por isso, o projeto Aterra tinha intenção de fazer uma leitura representativa da realidade de desenvolvimento rural sustentável, olhando com olhos de ver para o que já sabemos que existe e, que sabendo que existe, não aparece em dados estatísticos.

I10	
Eixo de Análise	Dimensões Éticas
Categoria	Processo de reflexão
Indicador	Processos de tomada de decisão coletiva

PARTICIPANTE A: As decisões foram sendo tomadas sempre com critérios assentes na realidade observada. Frequentemente se concertaram novas direções, tendo em conta a auscultação das necessidades e sensibilidades dos diferentes atores locais.

PARTICIPANTE E: A comunidade acho que tem de passar pela simplicidade. Um apelo que não passa só pelo que temos ou não temos, mas que começa no acolher o outro como ele é e em abertura à diversidade, por isso, saber viver juntos não é fácil. É complexo, logo, o facto de termos alguma responsabilidade juntos ajuda-nos a ser comunidade e a mudar coisas que sozinhos não mudaríamos, tais como ser mais simples, porque a comunidade traz muito esta experiência de partilha: partilha de saberes, partilha de experiências, partilha de tempo, de tarefas e o poder experimentar isso, realmente leva-me a poder aproveitar mais um bem comum e tornar-me a mim menos cheia dos meus próprios bens. Por isso acho que a comunidade é isto: um tempo e um espaço de relação entre pessoas e entre pessoas com o território, com a história, com a cultura. E é muito importante que haja tempo e acompanhamento para ler essa história e cultura. Normalmente isso acontece nestas comunidades locais porque todo esse lar cultural é muito aceso, nas festas culturais, nas danças, no folclore, mas depois falta este outro lado de cultura cívica e comunitária. Até porque relativamente ao caminho de educação ainda há um longo caminho a percorrer. Há uma diferença de gerações muito grande. Muita coisa mudou nos últimos 50 anos. Temos por exemplo, avós completamente rurais, muitos que nem sequer acabaram a escola primária, com netos que já cumprem a escolaridade obrigatória – também interessa pensar como é que isso acontece, como é que lá vão parar, porque muitos empatam ou querem despachar a escola para poderem ir trabalhar. Por isso, também me parece que é preciso dar tempo para ir ligando mundos, gerações tão diferentes num mundo que mudou muito, porque esta nova geração apesar de ser rural, está muito urbana e muito desligada da terra e até da própria comunidade. Mas é natural que assim seja, porque os avós passaram muitas dificuldades, conseguiram que os filhos tivessem melhores condições de vida, e é natural e compreensível que não se queira voltar à dureza de vida antiga, mas continuar a ter melhores condições de vida.

Mas essa é a questão que é preciso pensar, o que é que quer dizer ter melhores condições de vida. Materialmente sim, mas penso muito de que maneira é que isso nos foi afastando de melhores condições de vida de forma integral e humana que acho que fomos perdendo neste sentido de ligação e responsabilidade que os nossos avós tinham muito mais do que nós, ou do que a próxima geração tem. Agora estamos na fase de recuperar muito isso. E isso vai aparecendo nos projetos educativos

R3: Não era a primeira vez que construía recursos pedagógicos de raiz. Em muitas situações de voluntariado já tinha tido esta necessidade e gozo. Aqui a dificuldade agora era adequar à realidade, para mim ainda pouco conhecida, esboçando as linhas condutoras sem fechar todas as oportunidades de adequação e flexibilidade para que cada momento fosse educativo. Era nossa intenção que cada momento educativo e revestisse de uma intencionalidade muito específica: sustentabilidade.

Este era o valor por excelência que funcionava como capa de uma grande tenda de encontro. Mas tal como qualquer tenda, esta era uma capa frágil, dependente da vontade e decisão individuais, mas também condicionada pelas medidas adotadas a nível de governação. E isso tornou-se claro mais tarde, levando a outras necessidades de intervenção, colaboração e participação.

R1: Recordo ainda os vários desenhos que iam surgindo, como brincadeira de crianças na escola e de como a certa altura, foi a ideia de aterrar que começou a preencher a nossa conversa. Aterrar neste local específico e arriscar conhecer, diagnostica, procurar o que está oculto por injustiça do olhar que as políticas, pela forma como se foram estruturando provocam; aterrar e enterrar as mãos na terra, para voltar a aprender o valor daquilo que é manual, moroso, suscetível às intempéries e trabalhado em conjunto; aterrar com os pés, sem fugir para outras lógicas de produtividade, aceleração e individualismo; aterrar vindos de um mundo globalizado, onde nos atrai o instantâneo, as informações ligadas e aquilo que se consome facilmente. Depois de um esboço aprovado pela X, que acabou por ser enviado ao responsável pela imagem e comunicação do projeto e se manteve como logotipo, lembro-me de olhar para aquele círculo de onde saía como que uma planta com quatro folhas e de lhe dar diferentes interpretações (um fruto, o mundo, a ligação em rede com os 4 continentes, os 4 grandes eixos do projeto) e de hoje reconhecer isso na expressão que tem acompanhado os últimos tempos da casa velha: tudo está ligado. Este percurso de reflexão, terminou com uma explicação da X sobre o sentido do projeto. Na

verdade, o que se pretendia durante 2 anos era aterrar as políticas globais no local de Ourém e em conjunto com os diferentes atores locais, encontrar estratégias locais orientadas para o desenvolvimento rural sustentável. No entanto, tenho a certeza de que estas reflexões e viagens através de um lápis embalado por uma conversa no fim de dia cheias de pontos de interrogação sobre sustentável, políticas, atores, entre outros, foi o que permitiu uma reflexão sobre os valores que acompanhariam todas as atividades do projeto. E isto foi feito de forma informal, no cenário de uma lareira na Casa Velha.

NC 1: então eu escrevi esta frase: a realidade é maior do que as ideias e fiz o desenho do encontro das jornadas do ordenamento do território em que aterrámos todos no meio do eucaliptal. Acho que para mim isto foi o que mais me marcou do aterra e trouxe para a minha vida e para o meu doutoramento. Por um lado, o que mais me marcou do Aterra foi a parte de não ter medo de sonhar e de ter ideias e lembro-me da escola de verão da quantidade de coisas que discutimos e de ideias para o mundo. Lembro-me de nesse ano me sentir muito inspirada e com muita vontade de fazer coisas. Mas por outro lado, foi esta lição de perceber que só a partir da realidade é que podemos construir algo. É isso que a MA estava a dizer, que é simplesmente, mas que não é simplesmente, escutar a realidade. E depois disso para o meu doutoramento foi sempre muito importante, porque por um lado escutar a realidade, sinto que exige muita coragem, pessoalmente acho que parece sempre mais bonito e mais fácil fiar por uma ideia romântica destes projetos, e escutar a realidade é ousado, porque a realidade tem muitas tensões e muitas dificuldades. Por isso é esse não ter medo de atravessar a realidade e ir avançando mesmo que não se saiba tudo e não se tenham os planos todos, ir avançando, falando com as pessoas, pedir ajuda. Isto aprendi com o Aterra e com a Casa Velha.

I11	
Eixo de Análise	Transformações pessoais e comunitárias
Categoria	Transformações valorizadas individualmente
Indicador	Valorização da relação entre dimensão pessoal, comunitária e social

PARTICIPANTE A: Na verdade, com o Aterra, criaram-se e reforçaram-se redes entre pessoas de diferentes gerações, culturas, áreas e sensibilidades, alavancando sinergias que edificaram, cremos, pilares de bem-estar e felicidade, e promoveram, a nível local, uma maior integração dos atores locais na roda da sustentabilidade do concelho de Ourém.

PARTICIPANTE A: Comunidade é união na diversidade, por um mundo melhor (assim deveria ser sempre), começando pela nossa família, rua, freguesia, concelho. O Aterra valorizou a comunidade começando por conhecer e valorizar cada uma das pessoas e grupos que dela fazem parte, neste caso, que fazem parte do concelho de Ourém.

PARTICIPANTE A: Percebi o que é de facto estar inserida numa comunidade. Na verdade, sabia muito pouco das dinâmicas do meu concelho, bem como das suas potencialidades. Conheci diversas pessoas que mostram como territórios mais desfavorecidos poderão deixar de sê-lo se trabalharmos em comunidade, se partilharmos as nossas fragilidades e as nossas qualidades e, juntos, procurarmos fazer do nosso lugar o melhor lugar do mundo para se viver. Se todas as comunidades, por todo o mundo, pensassem e agissem assim, como o nosso planeta seria mais sustentável e um lugar mais fraterno para se viver! No entanto, o egocentrismo, os interesses individuais ainda se encontram exacerbados: basta olharmos para os governantes de diversos países. Quantos deles trabalham pelo bem comum, pela nossa casa comum? Com o projeto Aterra, sei que tenho e devo colocar a minha voz ao serviço de todos, de um modo especial, ao serviço de quem mais precisa. Sei que cada um de nós tem um lugar que está à espera da nossa participação na procura do bem comum. Às vezes, não é preciso muito: basta juntar a nossa voz a outras vozes, contagiar outros que estão à nossa volta e fazer chegar aos decisores políticos a realidade, a verdade, que muitas vezes eles desconhecem.

PARTICIPANTE B: No geral, na minha vida, a comunidade começa pela minha família, mas a vivência de comunidade continua na minha experiência de voluntariado e de vários

projetos dos quais fiz parte. para mim é um fator muito importante e participar no aterra foi muito importante para o meu autoconhecimento das minhas capacidades e como posso contribuir para o mundo. por isso a vivencia em comunidade fora da família foi sempre importante para descobrir outras facetas minhas que não se desenvolvem na família. E no meu trabalho também tenho essa experiência de comunidade. Tenho a sorte de ter uma equipa que tem um sentido de grupo forte onde nos complementamos bem. Somo todo muito diferentes, mas é engraçado porque é uma comunidade muito diferente das comunidades de voluntariado.

É uma comunidade de investigação? Sim, não lhe chamamos comunidade, mas trabalhamos juntos na faculdade e o aterra ajudou a reafirmar ainda mais este sentido de comunidade e muito nesta lógica de perceber o que é que cada um pode contribuir para o mundo. Foi uma experiência muito forte.

PARTICIPANTE B: Antes de entrarmos na história do aterra, qual é a tua conceção de comunidade? como definirias comunidade? acho que é para além de um grupo de pessoas que se reúne, é um grupo que tem alguma coisa em comum. Nunca pensei nisto, mas pensando por alto, acho que é isso, um grupo com um objetivo comum que se orientam nesse sentido apesar de serem pessoas diferentes, mas que aproveitam essa diversidade para construir um objetivo comum. sobretudo isso

PARTICIPANTE B: O Aterra surgiu por ter conhecido a casa valha. conheci a casa velha em 2011 e entrei no grupo de voluntariado dos atravessados e em 2014 surgiu a oportunidade de ser voluntária também do aterra a partir da escola de verão. estive na organização da escola, preparação do programa, das atividades e foi das coisas que mais me marcou do aterra. Marcou-me muito estar como parte da equipa de organização que puxou muito por mim nesse aspeto. depois fui participando. Como gostei muito e me entusiasmei este projeto fui participando noutras atividades. Algumas atividades com os produtores locais, formações em agricultura biológica, seminários e a organização de uma conferencia sobre ordenamento do território em Ourém. Isto foi muito na lógica do aterra de ligar as políticas globais ao local. participei no almoço do mundo, por isso houve atividades onde fui mais como participante e outras que ajudei a organizar. não me lembro de todas...

PARTICIPANTE C: O que é para si a Comunidade? Pois... o que devia ser. Digo isso, porque imediatamente me lembro de tantos sítios onde as pessoas até podem viver juntas, como é o caso aqui do lar, mas onde cada pessoa sabe qual é o seu lugar, o que tem de fazer, como deve tratar, as pessoas, os espaços e os bens, como deve estar atento aos outros. Viver em comunidade para mim é isso. Senão for assim e se viver no meu canto, a fazer o que me apetece, sem atenção às outras pessoas, isso é viver em conjunto, mas não em comunidade. E isso pode acontecer tanto num lar, como numa Junta de Freguesia, como numa Escola ou numa Associação. Há por isso uma grande diferença entre viver juntos ou viver em comunidade

PARTICIPANTE E: [como caracteriza a vivência em comunidade na região em que se desenvolve o projeto?] diria que é talvez uma comunidade existente, de facto, ou seja que é apoio para cada um que faz parte dela, embora não haja consciência do valor intrínseco que é ser uma comunidade. resumindo, é comunidade, embora seja importante, e o Aterra ajudou a isso, a perceber o que é ser comunidade e que valor é que isso traz quando temos consciência disso. Parece que há pouco caminho de leitura da própria realidade pessoal e comunitária e sem isso há parte do valor que poderia ser maior e ser mais consenciente que se perde. Penso que essa leitura da própria realidade ajudaria a atalhar coisas menos boas que nestas comunidades existem. [poderia dar um exemplo?] por exemplo, a ideia individualista que cada um tem de ter os seus recursos, os seus equipamentos e os quintalinhos numa terra tão pequena, em vez de haver maior partilha de recursos. Por exemplo, porque é que cada um tem de ter o seu trator e não há um trator que serve por exemplo para 15 pessoas? Mas é quase um instinto de defesa cada um ter as suas coisas, quando todos ganhariam se reconhecessem o valor de poder partilhar na comunidade algo que todos vão precisar. Pegando num exemplo menos bom e num exemplo muito bom. Por exemplo, pegando na ligação entre os mais velhos e os mais novos, que existe naturalmente, entre avós e netos que vamos tanto falando na preocupação intergeracional e aqui isso é tão natural e tão simples: se houvesse uma consciência maior do bem que isto traz não apenas a cada família mas também à comunidade, também haveria uma maior capacidade de organização comunitária, para, por exemplo a escola não ter fechado. Seria esta participação cívica que ganharia lugar se houvesse uma leitura crítica e reflexiva obre a realidade

PARTICIPANTE E: É claro que queria trabalhar com pessoas, neste contacto com o outro e de fascínio por poder caminhar com o outro, mas não sabia qual é que seria a melhor abordagem naquela em que me sentiria mais inteira. Se seria o trabalho individualizado, um a um ou se seria com esta abordagem mais de comunidade, mais de grupo, mais humanitário. E isso é que me fez estudar serviço social e não psicologia, por exemplo. Porque achei que não queria tanto de trabalho individualizado, mas que queria chegar a mais pessoas, queria trabalhar com grupos, queria trabalhar com comunidades, queria estar com elas, enraizar-me nelas e a partir dali poder dar o meu contributo porque, lá está, olho sempre para esta lógica da comunidade como uma pequena humanidade, que tá ali representada e sinto que o meu caminho passa muito por este este contributo à humanidade.

R1: Recordo bem, um fim de dia na lareira da Casa Velha a esboçar possibilidades para o logotipo do projeto e de como esse exercício, me ajudou a aprofundar melhor o que queria dizer Aterra. A primeira noção de terra-planeta que me tinha ocorrido ia sendo preenchida de outras matizes, tais como a terra-região local, de onde partimos e cujo território se pretende valorizar num mundo global; terra-mundo artilhado por diferentes culturas e onde uns sofrem com as opções insustentáveis de outros; terra-mãe que é natureza e fonte de alimentação e sustento, que não podemos ignorar, ou seria como declarar-nos órfãos e autossuficientes.

I12	
Eixo de Análise	Transformações pessoais e comunitárias
Categoria	Transformações valorizadas individualmente
Indicador	Mudança de estilos de vida

PARTICIPANTE A: Quanto aos valores que o Aterra me trouxe foram sobretudo a empatia, a justiça social e a solidariedade os valores que vi trabalhados e reforçados em mim nos dois anos de projeto, que foram uma verdadeira bênção na minha vida. Momentos, aprendizagens, situações, pessoas inesquecíveis alargaram o espaço da minha tenda e mobilizaram-me para uma ação cada vez mais consciente, mais integrada e mais transformadora, a nível local e global.

PARTICIPANTE A: Considero que a minha participação no Aterra constituiu um prolongamento da missão que realizei em Angola, de setembro de 2012 a julho de 2013. Na verdade, com o Aterra aprofundi a consciência de que, em qualquer lugar, seja, por exemplo, em África, seja cá, e esteja com quem estiver e com que recursos, posso contribuir sempre para a construção de um mundo mais justo e sustentável, onde todos temos lugar

PARTICIPANTE B: [Que valores e processos de tomada de decisão continuam presentes na tua vida depois do Aterra?] Diria que o principal é partir da realidade, ver o que existe na realidade, sobretudo na minha investigação. Tenho de dizer que o meu doutoramento ganhou muito com a experiência do Aterra, que antes de partir para um estudo é importante é ir lá, ouvir as pessoas, e fazer sempre uma ponte de equilíbrio entre aquilo que é o ideal e aquilo que existe. Para a minha vida também me trouxe muito isso. O diálogo é sempre uma coisa que exige algum esforço, sair de si, vencer resistências, mas por outro lado o aterra mostrou-me que vale a pena vencer essas barreiras e ter coragem para tentar ir ao encontro do outro e da realidade, escutar a realidade e perceber o que é que ela traz àquilo que são as nossas ideias. É muito ousar o diálogo. Isso é importante para tudo, mas na investigação é fundamental porque podemos cair no erro de ficar presos só às ideias que queremos transmitir. o aterra entusiasma-me muito.

PARTICIPANTE C: Eu de natureza sou introvertida e aqui estou mais com as pessoas. Tenho estado mais, brinco, salto, digo uns disparates e sinto que estou mais aberta às pessoas.

R5: Lembro-me muito bem da entrada e chegada à escola. Era agora a altura de ultrapassar barreiras, de me apresentar de falar sobre o projeto, de escutar, olhar à volta, aprender e apreender mais do que o lugar, as pessoas que ali passavam o dia. O professor que me encaminhou para as suas aulas deu-me total liberdade, confiando-me o seu tempo de aula disponível. Já nos tínhamos reunido anteriormente, mas não estava à espera de ter tanto espaço e atenção. E foi uma boa oportunidade. Começámos por uma pergunta que atravessasse todos os participantes, o professor e a mim própria. O que é mais importante na vida? E começaram a surgir sonhos, ideais, desejos profundos, desejos mais superficiais, inquietações e medos. Pesar de não termos conseguido dispor o primeiro grupo de alunos em roda, a conversa que se gerou, a dinâmica que já existia entre eles, permitiu que nos situássemos como num círculo, com igual oportunidade de participação, com acesso às mesmas perguntas, com a mesma responsabilidade.

R2: E foi entrando no meu dicionário pessoal uma nova palavra “integral” que mais tarde se encontrou com a “ecologia”. Discutíamos muitas vezes que não bastava falar de separação de lixo ou reciclagem, mas que teríamos sempre de abordar estes conceitos numa perspetiva integral e integrada, para que as ações de reciclagem fossem consequentes com uma atitude de reciclagem e um estilo de vida de reciclagem. E com isto falávamos sobre a reutilização de oportunidades, a renovação de capacidades pessoais, a reconciliação de relações interpessoais, a revalorização do nosso local de origem. Fizemos o mesmo exercício com outros temas como o Desperdício Alimentar, ajudando a refletir nas possibilidades, que por ignorância ou individualismo, desperdiçamos, tomar consciência da existência de uma rede ou cadeia de produção que ultrapassa fronteiras e que por isso nos liga a outros sítios do mundo, e, uma vez ligando-nos, também nos responsabiliza. Pensar se somos pessoas de reciclagem vai mais além de cumprir regras dos “R” (reciclar, reutilizar, reduzir, renovar), mas de integrá-los como princípios que orientam as nossas ações, opções e forma de conceber a vida e o mundo. Passará então por reciclar capacidades, por nos renovarmos diariamente, por reduzir o consumo e o individualismo com gestos de humanização e solidariedade, de reutilizar recursos e experiências, fazendo memória viva de tudo o que vai sendo a nossa história,

contrariando a cultura do descartável, do temporário e da inovação desenfreada tão presente nos projetos de intervenção comunitária. Lembro-me que tudo isto ia surgindo como reflexões tanto espontâneas quanto ponderadas e que o grande resultado, esse sim, mensurável, visível e com consequências práticas na vida de grupos de alunos e professores, foram os recursos pedagógicos, os encontros nas escolas, as atividades preparadas e implementadas na Casa Velha, os encontros “à mesa com..” as atividades intergeracionais e interculturais. O projeto foi crescendo muito para além do que estava inicialmente confinado. Foi crescendo, porque foram as pessoas que o construíram e não se pode prever a capacidade de potenciar o que existe antes de provocar o encontro, de facilitar o diálogo, de mediar discussões, de gerir tensões e de reencontrar caminhos novos, porque desenhados por muitos.

NC 1: eu sou uma pessoa complicada, nota-se aqui nesta representação. Mas estou melhor graças à Casa Velha. A simplicidade! A lógica é a simplicidade [risos]. Então o que pus aqui... qual o meu lugar e também o que é que isso me transformou, porque eu não fiquei igual. Eu já fazia isto, mas passei a fazer mais: manter o foco nas pessoas. Eu como professora às vezes quero que todos os alunos tenham boas notas, mas eu tenho é de me focar naquele aluno, naquela pessoa e ver o que é que ele vai conseguir evoluir, passo a passo, pouco a pouco, mas o que interessa é que ele vá evoluindo. E foi isso que aconteceu também aqui no aterra. Fomos pouco a pouco, fomos passo a passo, nem sempre houve evolução em alguns aspetos, mas aquilo que foi acontecendo, mesmo que tenha sido pouco, fez a diferença e depois, as pessoas foram-se contagiando umas às outras, houve muito contágio, essa motivação, e por isso pus aqui estes corações, porque as pessoas vão-se contagiando neste processo. e assim vamos todos chegando onde almejamos, mesmo que não seja a meta que tanto almejamos, mas vamos chegando todos juntos. Houve evolução, houve comunidade, houve este pensarmos juntos, refletirmos juntos, houve mudança, transformação, mesmo que não tenha sido aquela que almejamos, mas aconteceu. E sempre com foco na pessoa que é o mais importante, não tanto nos objetivos cumpridos, mas ver cada pessoa e em quê que cada pessoa foi transformada e como é que essa pessoa pode transformar outras e em conjunto então transformarmos o mundo. Transformar o mundo por transformarmos a nossa comunidade, a nossa família, a nossa cidade, o nosso concelho.

NC 1: na linha do que estava a ser dito, a mim também o Aterra me ajudou a aterrar. Não numa lógica de me instalar, mas de ter um lugar. Ter um lugar no mundo, porque foi numa altura da minha vida em que estava mesmo à procura do meu lugar não só no mundo, mas na vida. E o Aterra ajudou-me a perceber que o meu lugar no mundo se concretiza num projeto concreto, e através de bases sólidas. Estas 4 pernas da cadeira que lembram a comunidade que é estrutura.

NC 4: Cultura económico social não é uma questão de utilizar ou reaproveitar acho que a situação de evitar o desperdício usar da melhor forma os bens que temos à nossa disposição, em vez de comprar telemóveis todos os anos comprar um telemóvel, como eu faço que dê para 8-9 anos às vezes o viver com pouco que é o suficiente e que faz com que o nosso impacto na nossa comunidade e em todo o mundo s

Simplicidade a nível social das relações de uns com os outros mas ajuda também a crescer nesta nossa relação com a ecologia

NC 4: Olhar para é uma grande inspiração grande confirmação do grande trabalho que o Aterra e a casa velha têm vindo a fazer ao longo deste tempo e continuará a fazer, de fato estas cores todas este arco-íris todo foi o que a ecologia integral e o a terra trazem à minha vida. Nós temos muitas missões todos nós e é tão bom ver aqui que uma das nossas missões é a ecologia integral. Acho que podemos ensinar alguma coisa aos nossos políticos porque de facto é isso tratemos bem uns dos outros para que as gerações seguintes tenham acesso àquilo que nós paz e amor de vida.

I13	
Eixo de Análise	Transformações pessoais e comunitárias
Categoria	Processos de transformação comunitária
Indicador	Promoção do encontro entre atores locais

PARTICIPANTE A: Com a dinamização de várias atividades que promoveram o encontro entre atores diversos, o projeto Aterra preocupou-se com a garantia dos direitos de todos, abarcando os mais fragilizados, desprotegidos, desprovidos de apoio. O foco não está somente na resolução de um ou determinados problemas, inerentes a um determinado grupo, mas no bem-estar de toda a comunidade/concelho. Daí o Aterra ter procurado ouvir os diversos atores locais para entender melhor as suas dificuldades e, assim, com mais segurança e ética promover a transformação. Foi um projeto que acreditou na dignidade da sua ação e, por isso, perseverou e ainda foi além, mesmo depois do término do financiamento.

PARTICIPANTE A: Antes de mais, o projeto Aterra procurou sensibilizar os decisores políticos do poder central para uma realidade que, não raras vezes, é ignorada pelos sucessivos governos. Para tal, foram organizados vários eventos com a participação desses políticos, *in loco*, isto é, em territórios de minifúndio subaproveitados a nível económico e social, como é o caso de Ourém, onde se centrou o projeto, e Alcútem. Nesse contexto, destaco a Jornada Aterra, sobre o ordenamento do território, que levou a algumas zonas de pinhal e eucaliptal desordenadas, atores locais e responsáveis nacionais, que ficaram visivelmente impressionados e, talvez só assim, motivados para fazer algo, para agir, para mudar e dar esperança a estes territórios abandonados pelo sistema político central.

PARTICIPANTE A: Fora da escola de verão também acho que conseguiu fazer isso, por exemplo nas atividades intergeracionais. Entre os locais aconteceu a noção de comunidade mais abrangente também com os políticos que participaram nos seminários e onde se conseguiu promover o diálogo e fazer perceber que fazemos todos parte desta comunidade mais alargada. por isso o princípio que associo ao aterra é o da abertura e do diálogo entre pessoas muito diferentes e ver isso como a única maneira de se conseguir chegar a um objetivo comum.

PARTICIPANTE B: jovens, alunos de várias faculdades, desde agronomia, economia, das ciências sociais e humanas, agricultores de Ourém, pessoas do lar de Ourém, secretário de estado de agricultura que participou numa atividade, presidentes de JF, produtores locais, professores, escola de hotelaria ...

fui a um almoço numa escola com produtos locais e aí também tomei conhecimento dessa parte do projeto

PARTICIPANTE C: Lembro-me bem das nossas idas lá e das vossas vindas cá. É muito importante a vossa vinda cá. As pessoas aqui, e principalmente as pessoas acamadas valorizam muito a vinda dos jovens ao lar.

NC 4: A cultura é muito importante também fomentar exercício de memória das nossas raízes na comunidade, nos lugares também promover um olhar positivo e regenerativo dessa realidade que nos envolve e promover a intervenção, no fundo que o olhar para o nosso trabalho intervenção e participação na comunidade a partir de uma perspetiva não apenas de produção ou de sobrevivência ou subsistência de criação e de criatividade por isso promover ter esse olhar criativo a partir da cultura

I14	
Eixo de Análise	Transformações pessoais e comunitárias
Categoria	Processos de transformação comunitária
Indicador	Construção de processos de confiança

PARTICIPANTE A: solidariedade, que existiu ao longo do projeto entre os diferentes participantes e que mitigou a frágil cooperação entre atores locais anteriormente diagnosticada; com efeito, entre produtores, decisores políticos, consumidores, refletiu-se, tomaram-se decisões concretas sobre a realidade da produção local e o papel dos consumidores, e uniram-se esforços para o desenvolvimento local sustentável.

PARTICIPANTE A: A Pessoa e a Comunidade foi sempre o centro da ação do Aterra. Por exemplo, a identificação das oportunidades para a criação de um circuito curto alimentar local e, por extensão, para o desenvolvimento local sustentável, teve sempre como foco, naturalmente, o partir da comunidade e o servir a comunidade. Com efeito, a mudança que o projeto Aterra procurou realizar teve sempre transversalmente nas suas diretrizes a negociação entre os atores locais. Os recursos de um território são importantes, mas é essencial o uso que deles fazem os atores.

PARTICIPANTE E: Não, não é nada fácil, mas é o caminho. Não há outra forma, porque é preciso tempo e espaço porque é uma coisa que não existe hoje em dia, porque a nossa vida não está formatada para isso, porque estamos sempre a ter de corresponder, apresentar resultados, ter de ser eficientes com determinados parâmetros que não valorizam o que nos parece importante valorizar: este outro valor que não é da agricultura produtiva intensiva, mas de conservar a paisagem, de conservar a cultura local, de ser ambientalmente mais eficiente. Nada disto é contabilizado, mas mais uma vez, há que reconhecer os movimentos contrários que vão tornando que vá sendo pouco a pouco. Quando isso não é contabilizado nem valorizado e quando a grande contabilização é feita pela via económica e financeira tudo o que não é eficiente a esse nível fica para trás e, por isso, é complexo andar a trabalhar em redes que querem valorizar outro tipo de parâmetros. O grande desafio é o de acreditar que vale a pena dar esse tempo e esse espaço, sem querer ter logo as soluções, mas criar oportunidades das pessoas se encontrarem e pensarem juntas.

PARTICIPANTE E: a casa velha tem sido e é o espelho dessa humanidade e o espelho desse lugar onde eu gostava de poder contribuir nessa pequena comunidade que é espelho dessa grande humanidade. Cheguei aqui também com esse desejo de poder contribuir, a partir daqui, nesta lógica enraizada de viver aqui, de conhecer esta realidade, de conhecer as pessoas, os nomes das pessoas, os desejos das pessoas, os medos, as histórias e a partir daí fazermos história em comum. Estou agora aqui na casa velha. Comecei por estar primeiro como voluntária, estando esporadicamente, mas depois com a experiência que fui tendo de trabalho, percebi que de facto onde eu posso dar mais e onde para mim o desenvolvimento comunitário faz sentido, também com a minha experiência dos leigos para o desenvolvimento, foi perceber que queria estar enraizada num lugar. Não podia andar a saltar de um lado para o outro. É a partir desse lugar onde enraizamos onde se podem fazer pequenas e grandes coisas.

R1: Mas voltando aos recursos educativos e sua construção, sob a capa da sustentabilidade, lembro-me com muita alegria de vários almoços que fomos tendo, com pessoas diferentes e em torno de variados assuntos, na varanda da casa Velha. Este foi um lugar de encontro, que pela sua fragilidade positiva, de uma neutralidade fecunda, como a tem a terra, que apenas acolhe, se revelou lugar de aprofundamento, e enraizamento de uma nova noção de sustentabilidade

R5: A sustentabilidade pede outro ritmo, que sem descurar a qualidade e o rigor, inclua o tempo de criar e recriar, que não se meça em quantidade, mas em transformação positiva nos outros e nas relações que têm entre si e com a sociedade em que vivem. Foi nessas conversas diferentes que nos fomos apercebendo que falar de sustentabilidade implicava todas as dimensões da pessoa. E foi entrando no meu dicionário pessoal uma nova palavra “integral” que mais tarde se encontrou com a “ecologia”.

R2: E isso às vezes sai fora do papel. Sai fora do papel das finanças, e sai fora do papel do contrato, porque o extravasa, porque mais uma vez, há componentes como a relação interpessoal, como os tempos de reflexão, como o processo criativo, que não são mensuráveis em papel, que não encaixam em m´tricas, nem são avaliáveis por gráfico. É outra lógica, é a lógica da ligação potenciadora de capacidades intrínsecas. A capacidade da terra de produzir precisa do trabalho de produtores. A capacidade de pensar estratégias locais, à medida do território e na medida das pessoas que fazem parte dele precisa de

oportunidades de encontro e diálogo. A capacidade de questionar, de sensibilizar outros, de desenvolver uma participação cívica ativa e criativa precisa de caminhos novos de valores que se intrometam nas escolas e povoem os ambientes culturais. A capacidade de escolher o tipo de consumo que se tem, aquilo que entra dentro de minha casa, do meu armário, ou da minha boca precisa de informação e de um alargamento interno às questões gritantes de um planeta ameaçado pela sofreguidão humana em extrair para si todos os recursos e oportunidades.

I15	
Eixo de Análise	Transformações pessoais e comunitárias
Categoria	Processos de transformação comunitária
Indicador	Partilha de experiências

PARTICIPANTE B: O Aterra em termos de comunidade teve uma coisa muito bonita de ser uma comunidade aberta e muito heterogénea. Em todos os sentidos. Por exemplo, na escola de verão viu-se a riqueza de um grupo muito diversos de pessoas de vários sítios do país e até fora do país, de áreas muito diferentes, umas que já conheciam a casa velha , outras não. o aterra teve essa vantagem de promover o diálogo entre pessoas muito diferentes e com perspetivas distintas.

PARTICIPANTE C: Porquê? Por causa de vocês. Porque agarrar em pessoas jovens, vindas de todas as partes do país que formam uma comunidade que é transmissora de amor e carinho pelas pessoas é muito importante. E devem ter muitas formações, porque se nota, pela forma como se dão com as pessoas mais velhas e as pessoas mais novas.

PARTICIPANTE C: Mudanças? Sim, vão havendo. Muito lentamente mas vão mesmo havendo transformações. Por exemplo, a sardinhada que fazemos aqui aberta à comunidade é grátis e tem sempre muitas pessoas. E depois também fazemos uma quermesse e é uma animação. No dia dos avós também abrimos à comunidade. E depois fazemos vários dias abertos a toda a comunidade, por exemplo, no dia da mãe, no dia do pai. E a nossa diretora tem feito isto de abrir mais à comunidade.

Fazemos muitas coisas. Já estivemos a debulhar chá, já vimos um filme, já estivemos a conversar. E depois temos sempre o lanche.

PARTICIPANTE D: [Existem imigrantes?] Existem de leste, muitos, de Cuba também, africanos, não tantos, mas do Brasil e Paquistão vêm bastantes. E já há casamentos de locais com imigrantes. Mas mais uma vez potenciar uma coisa que já existe, muito mais facilmente a lemos e conceptualizamos em todas estas questões quando falamos em interculturalidade e políticas em relação com a realidade que existe. Mas outra coisa engraçada que aconteceu recuperando a pergunta se queremos recuperar o passado, é que há uma realidade concreta a nível rural e de agricultura que é a questão dos jovens

agricultores e de apoio a jovens agricultores que é uma iniciativa da União Europeia de já há muito tempo e que aqui neste concelho começa a ser expressiva, embora com muitos desafios. Embora haja já jovens agricultores, trabalhámos sobre qual o papel e a relação que se pretende estabelecer com a comunidade, como por a roda a andar, ligando jovens agricultores e outros atores locais. Trabalhámos com jovens com sentido forte de responsabilidade na comunidade e até responsabilidade política pelo amor que têm à comunidade. Identificámos pessoas que tinham esta consciência, preocupação e desejo de conseguir ser ponte e ligação entre estes tempos antigo e novo, pessoas do ontem e pessoas do hoje, políticas que existiram e políticas que existem. Por isso foi muito misturar e ligar.

PARTICIPANTE D: Tal como para viver em comunidade é preciso respeitar essas diferenças e diversidade, para gerir o território é preciso conhecer e o Aterra teve essa preocupação através do trabalho com 3 públicos concretos. E foi por isso que o Aterra ajudou na reflexão porque pegou em 3 grupos concretos da comunidade: a) produtores e decisores locais; b) escolas; c) redes locais e membros da comunidade. Houve uma primeira fase de os conhecer, visitar todas as juntas de freguesia (JF), pedir às JF apoio para identificar todos os produtores, trabalhar com as escolas locais, etc... É engraçado como nas primeiras reuniões as respostas são normalmente “ah! isso agora já não se faz cá nada, não se produz nada!”, mas depois com tempo e com a relação que se vai criando percebemos todos que sim, cada um tem a sua horta de subsistência, e mais uma vez foi um percurso de ajudar a valorizar uma coisa que era totalmente desvalorizada e até quase que não mostrada publicamente, e ao fim de dois anos o olhar ficou mais positivo para esta realidade. E depois desta primeira fase de conhecer estes grupos, o projeto passou muito por ligá-los. Foi ser ponte e ligar as pessoas, ligar as pessoas à terra e aí a Associação Casa Velha (ACV) serviu como espaço de encontro para aprender juntos e partilhar.

PARTICIPANTE D: Tínhamos encontros que chamámos pomposamente de formação mas o objetivo foi sobretudo a partilha, a ligação e o criar confiança. Porque o impacto de políticas públicas no território deixou marcas difíceis, porque nestas décadas de reação à política agrícola europeia, foram-se tentando várias coisas e muitas não correram bem. Pego no exemplo da criação de corporativas, que é uma experiência muito comunitária, mas que precisa de um acompanhamento que também não houve e que por isso criou

estragos nas relações comunitárias e quando falamos às pessoas de colaboração e de corporativa é meio caminho andado para ficarmos com as salas vazias. Por isso, foi necessário combater estes fantasmas e experimentar partilhar, contar uns com os outros, aprender uns com os outros e isso depois abre caminho

PARTICIPANTE E: Fui acompanhando assim muito longe, fui tendo um olhar de fora do Aterra, tendo muitos dos meus amigos envolvidos neste projeto, ia ouvindo assim vozes, ouvi muitas e muito boas e o que sinto é que é, de facto, um projeto que marcou esta a área e que confirmou a área da educação para o desenvolvimento aqui na Casa Velha e, de facto, mostrou que esta forma de conceber e trabalhar a educação para o desenvolvimento, assim como o próprio modo e estilo Casa Velha pode ser um bom contributo para o desenvolvimento sustentável. Eu acho que houve muito bons impactos e também em especial para as pessoas que estiveram envolvidas que sentiram que foi um projeto cheio de sentido e com muito envolvimento da comunidade local. Agora também vou percebendo, daquilo que vamos mobilizando, o impacto que teve na realidade local, nomeadamente com os produtores, com as escolas. E foi isso que permitiu e abriu portas para o início de outro tipo de medidas e outro tipo de preocupações, que agora se concretizam em novos projetos.

NC 4: A estas questões e que ficam apaixonadas por isso porque só uma pessoa com paixão é que também consegue cativar e sensibilizar os outros para tal e a direção das escolas esteja alertada para estas situações e que façam parcerias com a sua comunidade

I16	
Eixo de Análise	Transformações pessoais e comunitárias
Categoria	Processos de transformação comunitária
Indicador	Desenvolvimento de redes locais de colaboração

PARTICIPANTE A: Os participantes deste projeto foram diversos atores locais do concelho de Ourém, nomeadamente, pequenos produtores, decisores políticos e adolescentes/jovens. Na verdade, estes diferentes grupos constituem o foco de esperança na mudança a nível local para uma mudança a nível global.

PARTICIPANTE A: O próprio trabalho em rede que o Aterra promoveu entre pequenos produtores, escolas e decisores políticos provou, aos políticos locais e nacionais, que, deste modo, se consegue fazer muito pela sustentabilidade dos territórios de minifúndio, pelo direito à alimentação adequada, por sistemas alimentares mais sustentáveis. Como testemunho de uma das experiências desenvolvidas pelo projeto Aterra, foi registado um estudo de caso sobre compras públicas de alimentos no concelho de Ourém: nele se expõem várias razões para a necessidade de formulação de políticas públicas que promovam as cadeias curtas entre produtores e consumidores e, propiciem, assim, o desenvolvimento sustentável.

PARTICIPANTE B: uma das potencialidades foi o facto de haver logo ao início uma grande vontade de aderir de várias entidades, desde empresas municipais, aos executivos, e também muito graças à mobilização inicial, acho que isso foi um potencial, também com as escolas houve muita abertura para participar neste projeto, dinamizou-se atividades que já existiam, como os cabazes do PROVE que facilitou o fornecimento dos alimentos às escolas e foi um bom exemplo de como é possível trabalhar em rede.

PARTICIPANTE C: Aqui há muitas “comunidadezinhas”, como costumamos dizer. Por isso, diria que não há comunidade aqui. Por exemplo, para as festas da terra, todas as pessoas se juntavam, mas ultimamente, é muito difícil contar com a iniciativa das pessoas e já tem havido anos em que não se faz a festa, porque não há quem se junte e se organize para a preparar. É uma terra muito de serviços e por isso vem gente de todo o lado e cada um está no seu serviço e na sua casa.

PARTICIPANTE C: Não sei bem... isto de cada um vir, e quando chega, vem para a cidade, já com família constituída e já vem formatado lá dos lugares deles. Estou cá há mais de 50 anos, por isso, eu própria também já estou formatada, mas só vejo gente velha. Isso sim, gente velha há cá, agora, gente nova, não vejo (e considero gente nova até aos 40, 50 anos).

PARTICIPANTE C: Por exemplo, é muito importante na escola ir dando formações a pais, para que se encontrem e se conheçam e aí sim, talvez se possa começar uma comunidade familiar. E depois disso, fará com que sejam bons trabalhadores, porque têm laços mais fortes e sentem-se mais enraizados. Mas vai levar anos. Mas é preciso ter atenção, porque esta terra também já teve grupos de pessoas muito comprometidas e ativas, mas que tinham um líder, ou um animador, ou uma pessoa que dinamizava. E já aconteceu, que quando essas pessoas de referência morrem, as iniciativas também acabam. E digo isto também para vocês e para a Associação Casa Velha. Vocês têm de pensar que a X não existe para sempre e, para que aquilo continue a ser o centro que é, a irradiar para fora e à volta, é preciso que todos se responsabilizem. Por isso, não deixem morrer

I17	
Eixo de Análise	Transformações pessoais e comunitárias
Categoria	Processos de transformação comunitária
Indicador	Participação ativa no desenvolvimento das atividades

PARTICIPANTE B: Se calhar, o momento de mais fragilidade que senti foi na segunda escola de verão precisamente porque se sentiu muito pouco comunidade. Para além de ter havido pouca adesão, os participantes foram pouco constantes e acho que não se conseguiu muito bem esta mobilização para essa reflexão comum como se conseguiu na primeira escola. Acho que foi se calhar a atividade onde se mostrou mais a fragilidade que às vezes pode ter uma comunidade. é um bocado difícil fazer a avaliação de porque é que foi assim. A parte do trabalho com os produtores, falando de cabeça diria que uma dificuldade é manter a motivação quando há dificuldades maiores que impossibilitam, quando o resto da rede não corresponde é difícil manter a motivação dos participantes. Em relação aos voluntários tenho ideia que eramos sempre os mesmos, por um lado foi bom porque deu um sentido de grupo, mas por outro

PARTICIPANTE D: Exatamente, eram essas as três linhas principais do projeto: a sensibilização dos jovens com as escolas, o fortalecimento das redes locais de produção, e a dinamização das redes locais existentes que passou muito por fazer esta ligação entre um nível mais nacional e internacional e um nível local. No fundo, uma aterragem e ligação em momentos pontuais do projeto que foram também muito inspiradores como as duas escolas de verão, que o que fizeram foi trazer ao território políticos nacionais, por um lado, e de responsabilidade nacional, peritos nestas matérias que normalmente dão aulas, muito deles em faculdades de cidades grandes, e que no fundo, foram convidados a vir a este grupo concreto, numa adegas concreta, e isso foi muito importante também para o grupo universitário que cá esteve. Os participantes vinham de origens diferentes do país e PALOP (tivemos moçambicanos e angolanos). Estas experiências foram muito importantes para o grupo, mas tão ou mais importantes para quem veio cá participar um dia nesta escola de verão dar um dia de aulas e lembro-me de vários referirem esta questão de que o grande caminho que temos de trilhar é este da comunidade: de criar mais espaços comunitários, por isso foram uma grande mistura de públicos.

Sim, nos almoços do mundo foi possível trabalhar esta questão da interculturalidade que existe muito no território hoje e dia.

R2: Por isso, volto a recordar o meu papel, que sai do papel mas que se assume como papel. Fui durante 1 ano dinamizadora de atividades educativas, mas só ao fim de dois anos, quando já era voluntária, percebi o meu papel neste e em qualquer projeto. O facto de ter sido desafiada a participar em muito mais atividades do que as que o papel me daria acesso, posicionou-me num lugar privilegiado para compreender o processo de construção e implementação de um projeto. Acompanhei a gestora do projeto, em diversas reuniões com outros parceiros, com presidentes de Juntas de Freguesia, com diretores de escolas, com Associações Locais, rádio local e organizações empresariais e políticas. Porque tudo isto era “aterrar”: ir ter com as pessoas, falar de uns a outros, potenciando redes locais e valorizando o que está esquecido, trazendo à agenda do dia ou do ano problemas concretos da vida rural. Se durante alguns meses me posicionei como uma espécie de assistente ou secretária, hoje reconheço os passos interiores que ainda havia a dar, para valorizar também o papel da dinamização social.

R4: Hoje recordo a primeira vez que fui sozinha para o agrupamento de escolas que pertencia ao projeto. Ui sozinha, de mochila às costas e algumas cartolinas em branco debaixo do braço. Levava material disponível para o que surgisse. Levava também a vontade disponível para encontrar professores e alunos. Lembro-me muito bem mesmo de estar a subir a rampa da Casa Velha e de ir para a paragem de autocarro. Nestas terras rurais, o autocarro passa menos vezes, por isso, não podia perder. Isso fez-me tomar ainda mais consciência de onde estava e assustar-me também... o entusiasmo que me invadia, como sempre me acontece em novos desafios relacionados com o que acredito, não anulava o medo do desconhecido e de alguma inexperiência minha em contexto profissional. No entanto, a preparação estava bem sólida e o sentido com que avançava para a paragem de autocarro também: pensar em conjunto sobre sustentabilidade, um tema em 2014 ainda muito novo para a maioria das pessoas, eu incluída.

NC 4: O partir da terra e com as mãos metidas nessa terra a minha mão fica marcada na terra e depois aqui aparecem várias folhas diferentes, portanto uma trama folhas de diferentes tamanhos de diferentes cores, mas mais maduras e mais envelhecidas, outras muito pouco maduras. Vejo a beleza e o sentido de tirar que tirarmos desta forma de olhar

a realidade a partir da sua diversidade respeitando os ritmos e que pode de facto sobrepor dimensões tão diferentes de uma forma tão complementar, não ter medo de nos sujar e de arriscarmos e esta ecologia que me fala tanto fala muito de mim, de beleza, de cruzamento, de mãos na terra e de às vezes muita confusão mas de harmonia, ao mesmo tempo.

I18	
Eixo de Análise	Transformações pessoais e comunitárias
Categoria	Frustrações identificadas
Indicador	Tempo de implementação do projeto

PARTICIPANTE A: Chegando o projeto também aos políticos do governo central, percebi que a falta de continuidade do trabalho entre governos de cores partidárias oponentes, incisão essa provocada pela ideia pré-concebida de que o que foi feito anteriormente foi mal feito, impede a evolução no âmbito da gestão territorial.

PARTICIPANTE A: a humildade, quando percebemos que, por vezes, houve limitações e tivemos de reformular o que pareceria à partida resultar bem;

PARTICIPANTE D: O breve é que é o problema...! Recuperando a intuição do projeto de quando se escreveu a candidatura, estes projetos começam sempre desta forma dolorosa de ter pôr num papel intuições que temo e que temos de lhes dar forma com quadros lógicos muito concretos e indicadores muito concretos que nem sabemos bem se tem realmente a ver com a realidade. Mas esta intuição que tínhamos e que se confirmou por ter sido aprovada, foi este valor de trazer à claridade realidades de periferia e de exclusão, não querendo, e o projeto não quis, nem os indicadores que pudemos não o queriam, não queríamos milagres nem apontar soluções, mas sobretudo sabendo e ter consciência profunda que a solução para todos está na inclusão dessas realidades. Encontrámos uma alínea muito escondida da exclusão das zonas rurais, apesar de todas as outras mais na moda como os direitos humanos. Encontrámos esta alínea porque nós mesmos nos sentimos excluídos e isso cruza com a minha história. Quando algo tão forte experimentamos porque toca a nossa realidade e a comunidade a que pertencemos, isso dá-nos uma atenção que abre uma janela que nem sabíamos que tínhamos, mas que permite encontrar o canal certo que abre ao futuro. Foi engraçado perceber que algo que aparentemente não daria nada, mas por ter força interior forte, acabou por se materializar. Encontrar um título para um projeto é sempre difícil e hoje em dia é uma marca da ACV, continuamos a ter a colónia de férias para crianças da terra. e os valores do aterra continuam presentes e são marcas identitárias da ACV e minhas pessoalmente. Sinto que o meu papel é ser ponte e quando percebemos esse sentido de fundo a nível pessoal, e por isso estou a misturar as estórias, quando sentimos que faz sentido que eu posso ajudar que

o mundo seja mais para todos e em que todos nos sentimos parte. e isso foi muito confirmador para a Associação Casa Velha e para mim e essencialmente para esta comunidade: hoje em dia continua a haver abandono rural, os cabazes são muito ténues, mas há uma consciência que mudou e quando aparecem oportunidades concretas para salta, há aqui muito mais pessoas preparadas para saltar. foi uma terra lavrada que permitiu que muitas sementes vão ter capacidade de crescer. Há uma força intrínseca que mudou, de sentido de missão e responsabilidade nisto que é ser a mudança. o nosso bem e o bem da comunidade têm de vir da realidade concreta, por isso a capacidade de olhar para a realidade e trabalhar nessa realidade acho que é uma capacidade nova depois do aterra e é uma consciência muito mais forte, que havia apenas na intuição inicial e que se tornou uma coisa basilar, uma estaca forte: ser ponte, olhar positivo para a realidade e que é a partir daí que a roda anda. muitas vezes o que falta é ligar as pessoas nessa realidade. houve ligação porque houve tempo e espaço para ligar pessoas, não só neste território, porque existimos numa casa muito maior e isso é muito importante São coisas que parecem tão simples

R3: O grande contributo que podemos dar é sem dúvida lançar os temas, orientar o debate, ajudar a crescer e perspectivas e abordagens, mas depois, sair também das nossas certezas e posicionarmo-nos no lugar de aprendizes, situarmo-nos como quem busca e fazê-lo em conjunto com os outros. A pouco e pouco, ia deixando as minhas ideias fechadas e procurando abrir-me a outras. Mas também aí percebi que pode haver um grande engano, um autoengano. Se anulasse a minha voz e participação, também estaria a privar o grupo de uma perspectiva. Por isso, fui aprendendo, por tentativas sucessivas, a participar, a arriscar dar ideias, não como soluções, mas como contributos e hipóteses. De longas conversas a pensar atividades, normalmente surgiam ideias novas para todos, mas construídas com a partir do que cada um acrescentava. Levou tempo, levou a algumas frustrações, levou ainda a questionar o método e o processo. Será que faz assim tanta diferença a forma como se fazem as coisas? Será que alguém vai perceber se uma atividade foi planeada durante 2 horas por uma pessoas em diálogo consigo própria através de teclas de um computador, ou se foram precisas 5 horas de conversas, de silêncios, de entusiasmos espontâneos, de desânimo, de questionamentos e no fim, de uma proposta que será sempre tirada das nossas mãos e entregue a outros para que a possam voltar a transformar? Mais do que gostar de creditar que sim, parece-me a única maneira de ser coerente com os valores do projeto.

R3: Mas voltando aos recursos educativos e sua construção, sob a capa da sustentabilidade, lembro-me com muita alegria de vários almoços que fomos tendo, com pessoas diferentes e em torno de variados assuntos, na varanda da casa Velha. Este foi um lugar de encontro, que pela sua fragilidade positiva, de uma neutralidade fecunda, como a tem a terra, que apenas acolhe, se revelou lugar de aprofundamento, e enraizamento de uma nova noção de sustentabilidade. A X insistia muito em fazer-se uma *check-list* dos critérios e aspetos que cada recurso pedagógico deveria ter. Essa era a forma de criar ferramentas em vez de manuais, de apontar caminhos em vez de traçar um percurso pré-estabelecido. Sem dúvida, que hoje entendo que essa era a forma de garantir que cada professor, educador ou formador pudesse utilizar aquele recurso como um recurso e não como uma fórmula eficaz e comprovada. Tive bastante resistência a compreender e converter-me a essa lógica, que hoje em dia adotei totalmente na vida profissional e académica.

NC1: se calhar faria uma roda com a ideia do tempo e da terra. Isto do ponto de vista gráfico, do ponto de vista de conteúdo, podia ter uma parte de descrição das atividades e dos produtos gerados, e depois responder a um, duas, três perguntas de fundo que é: o que é que mudou com este projeto? E poderia haver a nível pessoal alguns testemunhos, a nível de uma abordagem mais teórica de professores universitários envolvidos, porque é que é uma boa prática, porque é que é considerado uma boa prática e depois perguntar porque é eu a roda encravou.

I19	
Eixo de Análise	Transformações pessoais e comunitárias
Categoria	Frustrações identificadas
Indicador	Envolvimento dos participantes

PARTICIPANTE A: Senti também alguma tristeza por ver que há jovens disponíveis para um regresso à terra, quer a nível geográfico, quer a nível de fonte de alimento e saúde, mas carecem de apoios para se estabelecerem em territórios rurais. Os governantes, não raras vezes, são indiferentes às realidades diferentes da sua.

PARTICIPANTE B: Pensando por exemplo na comunidade de voluntários isso sentiu-se sobretudo no início do projeto e depois se calhar foi esmorecendo. Não tanto a comunidade local das pessoas de Ourém, mas mais a comunidade das pessoas que gravitou á volta do projeto. Eu tive uma experiência de comunidade mesmo não sendo habitante de Ourém. Senti-me sempre muito parte de uma comunidade sempre que estive nessas atividades. O almoço do mundo foi um bom exemplo onde foi muito forte o sentimento de comunidade, mesmo com as pessoas de Ourém.

PARTICIPANTE B: Em termos de adesão às atividades por exemplo as formações com os agricultores acho que correu bem, em relação à escola de verão, na primeira houve grande adesão e na segunda já não houve tanto. Não sei muito bem porquê se foi uma questão de divulgação. Por exemplo as jornadas tiveram alguma adesão.

PARTICIPANTE D: E claro, a educação aqui é a grande chave: o trabalhar com as novas gerações, com jovens voluntários e alunos de escolas também permite, por um lado ir fazendo este caminho de releitura positiva da realidade, conhecer a comunidade, e ajudar os alunos e professores a perceber que têm um papel a tomar nesta realidade, porque só cuidamos do que conhecemos e do que gostamos. Portanto foi muito esse caminho que fizemos com as escolas: ligar as escolas aos agricultores e com isso, permitir que as escolas e alunos pudessem, no caminho de reflexão que fomos fazendo, terem intervenção na comunidade.

PARTICIPANTE D: As pessoas que estiveram mais envolvidas: estiveram estes 3 grupos que falei. Importa dizer que fomos parar ao concelho de Ourém porque o parceiro local,

AVC, está em Ourém e isso ajudaria a aterrar o projeto, mas porque também pretende ser e é uma realidade representativa do nosso país em termos de pequena propriedade. Por isso, escolhemos Ourém como representativo de uma realidade muito importante em Portugal. Em relação ao grupo dos pequenos produtores, não é fácil ter o mesmo grupo ao longo dos dois anos, o que é logo um desafio. Nós quando fazemos estas candidaturas temos de responder a uma série de métricas, matrizes, indicadores onde é tudo muito fácil num papel, mas é tudo muito mais complexo quando ganha vida 3D, três dimensões. E é muito exigente porque é sobretudo este tempo e espaço de relação e cuidado, de dar confiança às pessoas, de trazer as pessoas, de ir ao encontro das pessoas. Por isso, o grupo de produtores que tivemos posso dizer que foram mais ou menos 20 no total, mas foram 20 voláteis, tivemos aí uns 4 ou 5 ao longo dos 2 anos que se mantiveram e que foram muito importantes, assim com especial relevo para as mulheres porque são caracteristicamente mais resilientes e pacientes e todo este processo precisa de paciência e de resiliência. Isso do lado dos produtores que representaram mais ou menos 9 das 18 freguesias do Concelho. Do lado dos decisores locais, visitámos todas as 18 Juntas de Freguesia no início, tivemos o apoio da Câmara de Ourém que aliás era um dos parceiros do projeto, uma empresa municipal, mas foram reuniões muito positivas ao princípio, umas mais do que outras. Em algumas, os executivos mostravam-se completamente desanimados porque não é fácil viver nestas zonas rurais por isso olhavam para nós e nem sei o que pensaram ou acharam. Mas o facto de nós, associação local não aparecermos sozinhos, mas aparecermos com a Câmara faz toda a diferença. Havia aqui uma ligação institucional da rede local existente. Não partimos do satélite de repente “aí vamos nós mudar o mundo”, mas partimos do que já existia e concretamente a camara municipal já tinha em andamento bons projetos que tocam este tema, nomeadamente o programa PROVE que também já está espalhado pelo país, e que na altura em que começou o Aterra estava a começar em Ourém. É um compromisso semanal entre produtores e consumidores, por isso, mais uma vez, o Aterra não inventou nada, mas potenciou e ajudou a ampliar este programa. Tivemos 3 presidentes de JF que deram seguimento. Depois da parte das escolas, trabalhámos com 3 escolas do Concelho. Há mais escolas, mas tendo em conta os recursos que tínhamos, concentrámo-nos em escolas bastante representativas da realidade. Foram 3 escolas com características diferentes o que nem tínhamos consciência na altura mas que depois foi muito interessante: uma escola pública com secundário, outra de ensino profissional que toca mais explicitamente o mundo rural e aquilo que comemos e um colégio de ensino privado. Foi feito um trabalho de reflexão

em rede a todos os níveis: a partir do nosso prato, o que é que está por trás do nosso prato e a partir daí a missão e responsabilidade que tem, por exemplo, uma escola de hotelaria a este nível, que o nosso prato seja sustentável e responsável pelo desenvolvimento local. O caminho que fomos fazendo com o colégio privado facilitou muito a questão da contratação de pequenos produtores porque não tem de obedecer à contratação pública, por isso, hoje em dia, mantém a aquisição de produtos locais, regularmente.

PARTICIPANTE E: Também sinto, que pelo Aterra a Casa velha está muito mais aberta à comunidade local porque foi de fato espaço de encontro dessas várias realidades, foi também espaço de experimentação, foi espaço de esperança, na medida em que ajudou as pessoas a acreditar que é possível mudar, e por isso, agora já sinto que o caminho é facilitado com este projeto, que se abriram muitas portas e muitos caminhos com essa possibilidade que foi o Aterra. Agora o nosso desafio é pegar nessas relações que já foram estabelecidas, com esse trabalho que já foi feito, no fundo a base já foi construída, os alicerces desta casa já estão definidos e agora é tempo de dar continuidade a este trabalho com um bom sustento.

R4. Lembro-me bem de ter saído daquela primeira sessão, onde falámos sobre aquilo que os alunos e professor traziam para cima da mesa e nos fomos escutando e pensando em conjunto, com grande alegria. Na altura nem pensei sobre o possível impacto que teria tido nos alunos aquela conversa, onde partilharam tanto conhecimento e se puseram tantas questões. A única coisa que pensava era na alegria que sentia. Lembro-me, lá está, de sair da sala com o professor e de ele comentar algumas reações positivas de alunos que noutros contextos estariam menos participativos. Depois do intervalo passado com o professor, foi tempo de entrar numa outra sala e, apesar de já ter passado pela experiência de uma atividade que se repete com um grupo diferente ser sempre nova, tenho de admitir que ia bastante confiante com a experiência anterior, utilizando os mesmos recursos e estratégias, sem dar o mesmo tempo que tinha dado anteriormente a ser recebida pelo grupo, ser integrada, dando tempo a apresentações e expectativas para aquela sessão. E o resultado foi obviamente de uma sessão muito mais dificultada, no sentido em que foi sendo necessário constantemente reajustar as minhas próprias expectativas e sair de uma posição de oferta de uma experiência, para uma posição de construção em conjunto. Lembro-me que a alegria que transparecia nos meus gestos e reações ao sair daquela segunda sessão foi diferente. Foi a alegria de recordar os princípios que eu própria estava

a descurar, apressando-me em atingir resultados, o mesmo tipo de comportamentos de todos os grupos, relativizando o carácter único de cada situação. O resto do dia seguiu-se com muitas outras sessões e o dia ficou com a marca desta alegria, por ir compreendendo que o meu papel, antes de mais será sempre auscultar o grupo e a realidade e a partir daí desenvolver com cada grupo o seu próprio contributo para a realidade que é a sustentabilidade.

I20	
Eixo de Análise	Transformações pessoais e comunitárias
Categoria	Frustrações identificadas
Indicador	Cidadania Ativa

PARTICIPANTE A: Durante o projeto Aterra, percebi que não é fácil sensibilizarmos o sistema político central: os decisores locais querem agir, mas muitas vezes veem-se restringidos pelas leis, que, na sua maioria, são resultado de um desconhecimento das realidades locais.

PARTICIPANTE E: Muitas vezes há a sensação, em atitude de defesa de pensar “eu que sou agricultor, tenho a minha horta há anos, não vou aprender nada de novo”. Ao fim do segundo encontro havia um entusiasmo crescente. Tínhamos encontros que chamámos pomposamente de formação, mas o objetivo foi sobretudo a partilha, a ligação e o criar confiança. Porque o impacto de políticas públicas no território deixou marcas difíceis, porque nestas décadas de reação à política agrícola europeia, foram-se tentando várias coisas e muitas não correram bem. Pego no exemplo da criação de corporativas, que é uma experiência muito comunitária, mas que precisa de um acompanhamento que também não houve e que por isso criou estragos nas relações comunitárias e quando falamos às pessoas de colaboração e de corporativa é meio caminho andado para ficarmos com as salas vazias. Por isso, foi necessário combater estes fantasmas e experimentar partilhar, contar uns com os outros, aprender uns com os outros e isso depois abre caminho. E claro, a educação aqui é a grande chave: o trabalhar com as novas gerações, com jovens voluntários e alunos de escolas também permite, por um lado ir fazendo este caminho de releitura positiva da realidade, conhecer a comunidade, e ajudar os alunos e professores a perceber que têm um papel a tomar nesta realidade, porque só cuidamos do que conhecemos e do que gostamos. Portanto foi muito esse caminho que fizemos com as escolas: ligar as escolas aos agricultores e com isso, permitir que as escolas e alunos pudessem, no caminho de reflexão que fomos fazendo, terem intervenção na comunidade. Alguns exemplos disso foi a sensibilização feita pelo alunos à direção da escola para fazer refeições com produtos hortícolas locais e o facto de terem conseguido que isso acontecesse também põe a roda a andar, que era uma expressão que usávamos muito no Aterra: “não inventar a roda mas pôr a roda a andar”, e isso como processo educativo foi muito inspirador.

PARTICIPANTE E: o Aterra trabalhou a questão da exclusão das zonas rurais, que é uma situação transversal e que acontece em todo o mundo, mas aqui está muito relacionada com os proprietários de pequenas propriedades e o nosso país é um país pequeno e mais de metade da área, centro e norte tem essa característica das micro propriedades que a nível económico, em termos agrícolas, tem pouca viabilidade, por isso o impacto trazido pelas políticas europeias para o desenvolvimento rural, desde que Portugal entrou na União Europeia (ainda bem que entrou e não é nada disso que está em causa), teve um impacto muito concreto na nossa agricultura, nomeadamente no Concelho de Ourém, que é onde o Aterra aterrou esta questão. As consequências das políticas europeias revelaram-se num progressivo deixar para trás uma série de territórios que se tornaram difíceis de suportar por comunidades e famílias, por isso tem aumentado um êxodo para cidades e é todo um campo que tem vindo a ser abandonado nas últimas décadas. Isso teve um resultado concreto, como vemos com esta questão dos incêndios. Por isso, uma preocupação do Aterra foi olhar para essas pequenas propriedades, porque nas estatísticas as comunidades abaixo de 1 hectare não são contabilizadas e no concelho de Ourém a média mal chega a 1 hectare. Só por isto, já podemos ver que a questão da participação cívica está em causa, porque só participamos quando existimos, e se não existimos, aos olhos da sociedade, as coisas começam tortas à partida, é difícil participar, representar esta realidade que precisa de soluções diferentes de outras regiões do nosso país e do mundo, onde a agricultura pode ser uma grande saída. Neste caso e neste território, não é a agricultura tal qual, mas um desenvolvimento rural integrado de várias atividades que se complementam, mas onde é necessário descobrir essa diversidade nas respostas de desenvolvimento local.

PARTICIPANTE E: O poder das autarquias tem um papel muito importante, mas muitas vezes têm poucos recursos e pouca consciência do valor que podem ter neste sentido. Por exemplo, não é porque a Câmara anuncia que existe apoio, que os agricultores a 20 km sabem. Por isso é necessária a atenção personalizada, o ir ter com as pessoas, a descentralização dentro da própria comunidade local. As autarquias têm um papel chave porque são quem está mais próximo, porque são escolhidos localmente, por nós. Por exemplo, eu conheço quem é o presidente da JF o executivo da assembleia municipal, porque é cá da terra, e faz todo o sentido que sejam as pessoas daqui porque pode haver uma capacidade mesmo positiva e intrínseca de mudança se isso for tudo apoiado e canalizado. E por isso, penso que as autarquias a nível local têm um passo grande a dar

em termos de recursos humanos e financeiros às camaras para efetivamente lerem, agirem e intervirem no território com a comunidade local

NC 4: No território políticas que partam da realidade. Trabalhar em rede e ligar as pessoas, promover diálogo. Promover o conhecimento e práticas locais e também utilização de espécies e culturas locais e depois promover espaços que potenciem a convivência comunitária pensando no espaço urbano

Na cultura haver diálogo intercultural, ideia de cuidar das pessoas para que possam cuidar da criação, isto vem um bocado numa pergunta que no início fazia muita confusão a ecologia integral, porque é que incluía as pessoas e as relações que o P Vasco falava muito nisso

NC 4: Estava a pensar aqui um pouco de cada pessoa que está no seu que vive no espaço ... a própria comunidade a gerir o seu território, é ela que o conhece e que vive nele e que tem não só os recursos o conhecimento a capacidade para geri-lo e portanto isso é interfere em tudo é uma questão cultural é uma questão económica é uma questão de habitabilidade até de acesso às outras partes aos outros territórios portanto é onde tudo está ligado nesta questão, portanto a questão ser a comunidade a gerir o seu próprio território

I21	
Eixo de Análise	Transformações pessoais e comunitárias
Categoria	Frustrações identificadas
Indicador	Continuidade do projeto

PARTICIPANTE A: O projeto Aterra continua na comunidade, pois a sua base foi, em primeiro lugar, identificar as principais dificuldades no processo de desenvolvimento local e, conseqüentemente, não inventar a roda, mas motivar os diferentes atores locais para pôr a roda a andar interligando-se e encontrando juntos as melhores soluções para os obstáculos diagnosticados. Contudo, são cruciais para o desenvolvimento do processo o apoio financeiro para formações sobre produção biológica, ações de sensibilização dos consumidores, recursos humanos de facilitação de projetos, limpeza de pinhais e eucaliptais, entre outros, bem como a formulação de leis que apoiem as compras públicas e, no geral, estes territórios de minifúndio.

PARTICIPANTE B: sobretudo a questão da continuidade do projeto em si. uma das dependências é ter de arranjar sempre um projeto em consequência do que se fez para dar continuidade. isso requer mais recursos humanos, mais voluntários e é preciso ter essa estrutura e acho que no caso da casa velha, não é muito fácil. pensando na questão da relação entre produtores e escolas que acho que era um grande impacto que o projeto poderia ter, mas que sem continuidade é difícil. é um objetivo que requer muito tempo e muitas pessoas envolvidas. Acho que o que se conseguiu bem foi o trabalho com os miúdos das escolas e por um lado conseguiu-se dar continuidade através de outros projetos mas só se dá continuidade a alguns aspetos. Essa é a principal fragilidade que vejo, até porque o vivo isso na investigação.

PARTICIPANTE C: Enquanto houver interesse e disponibilidade, as idas mantêm-se, aqui todos gostamos muito. Estamos naturalmente dependentes da nossa animadora, que como está atualmente de licença de parto, sendo a grande dinamizadora deste tipo de atividades, dificulta mais a organização e logística para irmos até lá. Precisamos de transporte e de alguém que nos acompanhe. Muitas vezes as pessoas aqui no lar começam a ter muita dificuldade em ter interesse por fazer alguma coisa diferente. O sofá é uma coisa terrível. Entramos na sala e o que é que vemos? As pessoas nos sofás. Por isso, o trabalho das educadoras sociais é fundamental aqui e muito apreciado por todos

PARTICIPANTE D: [Até que ponto é que as comunidades não precisam de espaços de ligação?] Precisam sim! Espaço e tempo de encontro e a ACV, a seguir ao projeto Aterra continua a ser esse lugar. Há uma constante procura para continuar a por a roda a andar e a ideia seguinte é continuar a fazer da ACV uma incubadora agrícola. Tivemos uma horta onde os alunos e pessoas do lar puderam vir, juntámos escolas com agricultores. Por exemplo, foi muito engraçado perceber como foi bom ver os miúdos a voltar a sentir-se ligados à sua própria terra, à natureza e terra que os constitui. Só o facto de ter tempo e espaço para estar neste lugar que é tão especial de natureza foi logo algo que os abriu a ser comunidade e dar outro valor à comunidade. Por um lado com as escolas isso foi muito inspirador.

A nossa horta atualmente é muito humilde: é uma horta comum, porque cada grupo faz disto um laboratório de experiência, mas queremos dar um passo mais e ter um espaço para hortas comunitárias, onde o objetivo é que isso não seja só para produzir hortícolas, mas sobretudo para germinar confiança, compromisso que são necessários para depois, com responsabilidade dentro do sistema que temos hoje, poder comerciar a entidade locais, produtos locais. Isso também aconteceu, as escolas começaram a estar interessadas em ter produtos locais, mas não houve capacidade de resposta da parte dos produtores e isso não pode acontecer. Tem de haver um encontro e profissionalização à escala deste território.

A ACV tem sido muito inspiradora na parte da educação e ainda não na parte agrícola. Mas nós próprios, com tudo isto, vamos aprendendo a viver o que dizemos: ter paciência, dar tempo e espaço, estar atento e ir falando com os representantes locais. É preciso um lugar neutro sim e o que nos motiva é ser este ponto de encontro e portanto, estarmos atentos para as oportunidades que vão aparecendo e trazer cá os pontos que queremos ligar

PARTICIPANTE D: Não trouxemos nada de novo, de facto. Foi olhar para o que existe, olhar e pegar em todo o conhecimento que existe e depois também ficar com muitas dúvidas e não chegar a muitas soluções. Foi pôr a roda a andar. A roda depois encalhou. Passados dois anos a roda encalhou em várias coisas. Uma delas é “claro que faz todo o sentido as escolas locais consumirem produtos hortícolas locais, mas pela lei das contratações públicas também a nível da União Europeia, é quase impossível os pequenos agricultores tal como estamos organizados, acederem a esses concursos que as escolas têm de lançar”. É algo que, entretanto, mudou e está a mudar e em termos legislativos de

políticas públicas cada vez mais se olha para esta questão das economias locais e do desenvolvimento local, portanto, lentamente vai mudando. O que o Aterra nos mostrou também e o que tentámos demonstrar que é importante fazer é reconhecer que as políticas globais até estão realmente a mudar e a ir neste sentido da comunidade local, do desenvolvimento com base comunitária, mas houve aqui um grande património que se perdeu a nível local: seja de organização, seja de acesso, processo, uma produção mais planeada para responder às necessidades dos consumidores. Foram-se perdendo muitas coisas nestas últimas décadas e ganharam-se bloqueios e medos e agora realmente é preciso acompanhar as pessoas a fazer essa transposição das políticas globais e perceber a nível local o que é que isso quer dizer de nos organizarmos melhor e de comercializarmos juntos os nossos produtos e isso é uma coisa essencial e que se perdeu e que é preciso ver como recuperar. Antigamente, havia uma presença muito grande do Estado a nível local, o ministério da Agricultura tinha secções em todos os concelhos. Hoje em dia é impossível para um pequeno agricultor de Ourém ir a Abrantes a 80 km de distância, que é a zona agrária que nos dá apoio. Vão aparecendo empresas de consultoria agrícola, mas isso então é um diálogo de surdos-mudos. As mudanças vão acontecendo e vai-se mudando lentamente, mas é preciso que vão aparecendo pessoas que façam a ponte entre a realidade que está e como está e onde estamos a chegar. Já sabemos onde vamos chegando e onde podemos dar o próximo passo (vai havendo já alternativas concretas à vista que nos mostram o caminho), mas se não há quem ajude as comunidades a ir fazendo caminho podem-se inventar todas as soluções e plataformas *online* e tecnologias que a coisa parece que não muda. Ficamos sempre com a sensação de mais do mesmo nos vários projetos que aparecem, porque o que falta é investimento humano.

PARTICIPANTE E: O projeto Juntos pela Mudança é, no fundo, a continuidade de um projeto anterior, este é o Juntos pela Mudança II. Pretende promover estilos de vida sustentáveis. O Juntos pela Mudança I focou-se muito em histórias de vida de várias pessoas envolvidas com a casa e outros amigos e foi no fundo dar a conhecer alternativas, dar a conhecer testemunhos, dar a conhecer a inspiração a partir de pessoas que já estão a fazer este caminho de mudança de estilo de vida e que já fizeram passos nesse caminho de desenvolvimento sustentável, para uma vida mais ecológica. Esse primeiro projeto também abriu caminho de uma forma mais abrangente, não foi tão local não o Aterra mas de um olhar mais global e de tentar perceber o que é importante e como é que podemos começar a fazer estas estas mudanças individuais. Não só a nível de produção como era

uma das componentes do Aterra, a aproximação de diferentes escolas, produtores e agentes locais, com tónica na alimentação e intervenção local, a nível também de pares e de jovens. O Juntos pela Mudança II juntou toda essa base e trabalho feito e é agora passar da sensibilização e da inspiração para a ação. Pode-se dizer que é uma abordagem mais de ativismo, de estar ativo numa causa, e portanto passa também por consciência política, ao nível das nossas decisões, das nossas escolhas, do nosso consumo, e nesses aspetos relaciona-se muito com o Aterra. Volta a pegar e a dar valor ao consumo local e à produção local, para nos ajudar a perceber o poder e o impacto que tem nós escolhermos isso: optarmos no nosso dia-a-dia pelo consumo local e por consumir menos, pela ideia da suficiência. É um trabalho que já foi começado pelo Aterra e que agora queremos levar a outros e continuar a manter a presença nas esferas políticas.

PARTICIPANTE B: Quanto às dificuldades, o que me vem mais à cabeça tem a ver com a parte mais burocrática, o fornecimento de alimentos às cantinas.

NC 1: Acho que o Aterra foi muito, muito inspirador e há agora vários projetos que a partir de então são uma derivação. E eu fiz uma mesa, porque tomei mais consciência do meu papel no projeto como mesa. Não é por acaso, que tivemos vários encontros à mesa e é bom perceber como muitas coisas do Aterra agora são identitárias da Casa Velha, quando se apresenta a Associação. Por exemplo, esta frase que repetimos tantas vezes d Professor X, que a disse numa reunião: não inventar a roda, mas por a roda a andar. Dizemo-la e eu digo-a sempre que apresento e falo da Casa Velha. Na semana passada disse-a em inglês. [risos] e é engraçado como todas as pessoas sorriem e faz sentido, é uma frase que encaixa. E para mim este projeto também me alargou como uma mesa se alarga, para perceber que é importante que haja projetos que são simplesmente, não é simples, mas simplesmente ponto de encontro e de diálogo, que deixam o processo acontecer e que o processo em si, revela, e promove e aproveita a interdependência. Interdependência que é algo que existe, mas que pode não ser valorizado e pode não ser valorizado sequer como processo de desenvolvimento. Por isso, foi muito um projeto inspirador e que de facto deixou muito lastro. A seguir houve um projeto chamado Mundo à Mesa, que não foi por acaso. Aqui na parte de trás também escrevi elevador: esta consciência de que não inventámos a roda quer na realidade local em que temos os pés e esta consciência que temos lugar no mundo que se concretiza numa comunidade leva a perceber que a solução vem da própria realidade e da própria comunidade e não tanto de

coisas exteriores que se possa trazer para essa realidade, portanto foi muito por todas estas pessoas: escolas, produtores, decisores e depois tudo o que se juntou à volta. É engraçado perceber como isso ajuda a que os próprios reconheçam por um lado o que já fazem e por outro, o que podem fazer. E como houve aquela dimensão de juntar às políticas nacionais, à escola de verão com a participação de alguns políticos, as jornadas, os dois seminários nacionais. Tudo isso pôs em prática o que é o elevador. Levar por exemplo a camioneta de 50 ourienses até à Gulbenkian ao primeiro seminário nacional e serem eles a falar do projeto e do que aconteceu e ao contrário, no segundo ano virem alguns responsáveis nacionais ao liceu de Ourém para o encerramento do projeto. Por isso, este vaivém para cima e para baixo

NC1: Encravou. O que é que fez mudar a roda? Qual foi a mudança e o que é que bloqueou a roda? Se calhar responder a estas perguntas. E o que é que do aterra ficou aterrado: como terra. O que é que encravou? porque as escolas locais começaram a comprar produtos locais, mas a agricultura está abrandada e também há as questões das contratações públicas que bloqueiam o acesso dos pequenos agricultores. Tentámos novas candidaturas que dessem continuidade ao aterra que não foram para a frente, porque também precisavam de um esforço dos parceiros que aqui se encontraram que não foi possível. Nós não nos podíamos substituir aos outros. A Casa Velha candidatou-se como centro de incubadora agrícola e não passou e fizemos ainda uma candidatura ao programa de inovação social que não é fácil. Fomos a grandes organizações pedir apoio, mas não é fácil. Por isso, é perceber que nós vemos a roda, mas reconhecemos que em termos de redes locais, não há disponibilidade de apoiar um projeto que é roda, que não é uma atividade concreta, mas é apoiar uma realidade que tem várias dimensões. Mas já estou a dispersar. A memória ajuda-nos a ler e a perceber que passo dar em frente. Respondendo à pergunta sobre o que aconteceu, seria muito bom não perder a memória de como isto é marcante.

ANEXO 4 – NOTA DE CAMPO 1

Primeira Sessão Dialógica de Reflexão Ética: Memórias d'aTerra

Sentámo-nos então em círculo, rodeando uma mesa no alpendre da Casa Velha. Depois de apresentado o projeto de investigação e de ser recolhido consentimento de todos os elementos, estendemos papel de cenário que ficou preso no tampo da mesa. A participante F comentou: *“Faz todo o sentido podermos estar aqui em roda à volta desta mesa quase redonda, onde todos temos voz e a voz que temos é importante”*

Foi então que começámos a expor a ideia inicial destes encontros, baseados também na memória e reconstrução da memória conjunta do projeto. Para isso, levámos a ideia de construir um livro de memórias: *“não um livro apenas com fotografias e factos, mas um livro que represente as intuições de fundo, as transformações, os valores, os dilemas éticos. E isso faz sentido ser em conjunto, por isso espero falar bastante menos, do que que até aqui. Temos aqui vários materiais que podem usar livremente”*

Foi então que sugerimos: *“Ok, então talvez proponha uma alteração à ideia inicial, e começamos por onde estão a sugerir: quem somos nós no Aterra? E sem perder esta ideia de círculo, cada um até pode representar num círculo o seu lugar no Aterra, ou seja, o papel que teve ao longo do projeto. Aproveitemos também para representar com recursos a técnicas mais artísticas e materiais variados”*

Depois de algum tempo de conversas iniciais, em que as seis pessoas se reencontravam naquele contexto, entregámos a cada participante uma rodela de cartão, para que, cada um, pudesse representar como entendesse o seu papel no projeto.

A participante A perguntou *“pode ser com qualquer um destes materiais?”* *“Qualquer um”* respondemos.

Seguiu-se então um tempo de reflexão individual em que cada participante escolheu o lugar e a posição que mais o ajudaria a refletir. Dois participantes não se chegaram a sentar, passeando à volta da casa, em direções opostas. Percebia-se que procuravam objetos da natureza, tendo apenas levado um uma cola e outro uns fios. Outros três participantes permaneceram no alpendre, perto da caixa de materiais e com o olhar entre a mesa e a paisagem. Um outro participante optou pelo interior da casa, sentando-se numa mesa.

Ao fim de cerca de 20 minutos, voltamos a juntar o grupo à volta da mesa no alpendre. Esperamos que todos tivessem chegado, e foi aí que o participante B sugeriu espontaneamente: *“podemos ir colando na folha de papel de cenário, não?”* Respondemos: *“tenho aqui bostik e á medida que formos dizendo o nosso lugar e explica o que representámos, podemos ir colando num sítio qualquer do papel de cenário colado à mesa, e podemos fazer traços”*. A participante D acrescentou uma sugestão: *“podemos também ir escrevendo palavras, que é outra forma de traço”*. Respondemos afirmativamente acrescentando: *“assim vamos registando livremente aquilo que formos lembrando. Por causa do vento, sugiro prendermos mesmo com bostik, senão voa”*. *“Temos de aterrar”* disse em tom de trocadilho a participante B. Todos se riram. Depois de um tempo de silêncio, começaram as partilhas de cada participante.

A participante A começou por dizer: *“eu sou uma pessoa complicada, nota-se aqui nesta representação. Mas estou melhor graças à Casa Velha. A simplicidade! A lógica é a simplicidade [risos]. Então o que pus aqui... qual o meu lugar e também o que é que isso me transformou, porque eu não fiquei igual. Eu já fazia isto, mas passei a fazer mais: manter o foco nas pessoas. Eu como professora às vezes quero que todos os alunos tenham boas notas, mas eu tenho é de me focar naquele aluno, naquela pessoa e ver o que é que ele vai conseguir evoluir, passo a passo, pouco a pouco, mas o que interessa é que ele vá evoluindo. E foi isso que aconteceu também aqui no aterra. Fomos pouco a pouco, fomos passo a passo, nem sempre houve evolução em alguns aspetos, mas aquilo que foi acontecendo, mesmo que tenha sido pouco, fez a diferença e depois, as pessoas foram-se contagiando umas às outras, houve muito contágio, essa motivação, e por isso pus aqui estes corações, porque as pessoas vão-se contagiando neste processo. e assim vamos todos chegando onde almejamos, mesmo que não seja a meta que tanto almejamos, mas vamos chegando todos juntos. Houve evolução, houve comunidade, houve este pensarmos juntos, refletirmos juntos, houve mudança, transformação, mesmo que não tenha sido aquela que almejamos, mas aconteceu. E sempre com foco na pessoa que é o mais importante, não tanto nos objetivos cumpridos, mas ver cada pessoa e em quê que cada pessoa foi transformada e como é que essa pessoa pode transformar outras e em conjunto então transformarmos o mundo. Transformar o mundo por transformarmos a nossa comunidade, a nossa família, a nossa cidade, o nosso concelho.”*

Respondemos nesse momento: *“Posso continuar, porque me sinto muito ligada ao que disseste”*. Nesse momento o participante B perguntou se se poderia repetir o que

os participantes anteriores tinham dito. O participante G constatou: “*Isso será inevitável, acho que vamos encontrar muitos pontos em comum*”. Todos consentimos que seria relevante repetir os aspetos comuns e deixar isso registado.

Continuamos então a expor a nossa reflexão: “*na linha do que estava a ser dito, a mim também o Aterra me ajudou a aterrar. Não numa lógica de me instalar, mas de ter um lugar. Ter um lugar no mundo, porque foi numa altura da minha vida em que estava mesmo à procura do meu lugar não só no mundo, mas na vida. E o Aterra ajudou-me a perceber que o meu lugar no mundo se concretiza num projeto concreto, e através de bases sólidas. Estas 4 pernas da cadeira que lembram a comunidade que é estrutura*”

Houve um breve silêncio até que a participante D continuou a expor a sua reflexão: “*então da cadeira podemos ir para a mesa [risos]. É engraçado isto que estavam a dizer. Agora já se mistura tanta coisa. Acho que o Aterra foi muito muito inspirador e há agora vários projetos que a partir de então são uma derivação. E eu fiz uma mesa, porque tomei mais consciência do meu papel no projeto como mesa. Não é por acaso, que tivemos vários encontros à mesa e é bom perceber como muitas coisas do Aterra agora são identitárias da Casa Velha, quando se apresenta a Associação. Por exemplo, esta frase que repetimos tantas vezes d Professor X, que a disse numa reunião: não inventar a roda, mas por a roda a andar. Dizemo-la e eu digo-a sempre que apresento e falo da Casa Velha. Na semana passada disse-a em inglês. [risos] e é engraçado como todas as pessoas sorriem e faz sentido, é uma frase que encaixa. E para mim este projeto também me alargou como uma mesa se alarga, para perceber que é importante que haja projetos que são simplesmente, não é simples, mas simplesmente ponto de encontro e de diálogo, que deixam o processo acontecer e que o processo em si, revela, e promove e aproveita a interdependência. Interdependência que é algo que existe, mas que pode não ser valorizado e pode não ser valorizado sequer como processo de desenvolvimento. Por isso, foi muito um projeto inspirador e que de facto deixou muito lastro. A seguir houve um projeto chamado Mundo à Mesa, que não foi por acaso. Aqui na parte de trás também escrevi elevador: esta consciência de que não inventámos a roda quer na realidade local em que temos os pés e esta consciência que temos lugar no mundo que se concretiza numa comunidade leva a perceber que a solução vem da própria realidade e da própria comunidade e não tanto de coisas exteriores que se possa trazer para essa realidade, portanto foi muito por todas estas pessoas: escolas, produtores, decisores e depois tudo o que se juntou à volta. É engraçado perceber como isso ajuda a que os próprios*

reconheçam por um lado o que já fazem e por outro, o que podem fazer. E como houve aquela dimensão de juntar às políticas nacionais, à escola de verão com a participação de alguns políticos, as jornadas, os dois seminários nacionais. Tudo isso pôs em prática o que é o elevador. Levar por exemplo a camioneta de 50 ourienses até à Gulbenkian ao primeiro seminário nacional e serem eles a falar do projeto e do que aconteceu e ao contrário, no segundo ano virem alguns responsáveis nacionais ao liceu de Ourém para o encerramento do projeto. Por isso, este vaivém para cima e para baixo”

“Isso também elevou a realidade” comentámos, ao que a participante D respondeu “Sim, elevar a realidade e trazer quem está noutros níveis mais estratégicos e organizacionais a aterrar. Pronto, acho que para já...”

Houve um tempo em que todos se ligaram através do traço no papel de cenário. Foi então que a participante B continuou a explicar o seu momento de reflexão transposto para a rodela de papel: *“então eu escrevi esta frase: a realidade é maior do que as ideias e fiz o desenho do encontro das jornadas do ordenamento do território em que aterrámos todos no meio do eucaliptal. Acho que para mim isto foi o que mais me marcou do aterra e trouxe para a minha vida e para o meu doutoramento. Por um lado, o que mais me marcou do Aterra foi a parte de não ter medo de sonhar e de ter ideias e lembro-me da escola de verão da quantidade de coisas que discutimos e de ideias para o mundo. Lembro-me de nesse ano me sentir muito inspirada e com muita vontade de fazer coisas. Mas por outro lado, foi esta lição de perceber que só a partir da realidade é que podemos construir algo. É isso que a MA estava a dizer, que é simplesmente, mas que não é simplesmente! escutar a realidade. E depois isso para o meu doutoramento foi sempre muito importante, porque por um lado escutar a realidade, sinto que exige muita coragem, pessoalmente acho que parece sempre mais bonito e mais fácil fiar por uma ideia romântica destes projetos, e escutar a realidade é ousado, porque a realidade tem muitas tensões e muitas dificuldades. Por isso é esse não ter medo de atravessar a realidade e ir avançando mesmo que não se saiba tudo e não se tenham os planos todos, ir avançando, falando com as pessoas, pedir ajuda. Isto aprendi com o Aterra e com a Casa Velha.”*

Mais uma vez, todos se sentiram ligados à exposição da participante B, tendo o participante G continuado a exposição: *“é muito engraçado, porque estava a ouvir a MA e estava a pensar exatamente naquilo que a LF acabou o de desenhar. Porque de facto a escola de verão não foi a experiência mais intensa do Aterra, mas foi dos momentos mais*

marcantes que vivi aqui. E lembro-me bem das jornadas, daquele momento de debate em pleno terreno quando do nada e com uma multidão de pessoas à volta, dois senhores a discutir. Eu escolhi comunidade, reconhecer o outro, ir para além da autossuficiência. A minha experiência do Aterra começou na escola de verão e foi assim, diria que, eu nasci em 86 e a minha vida foi tomando um determinado percurso e a certa altura ela começou a subir e quando chega ao Aterra ela está ali. A partir daí foi sempre a descer e não teve nada a ver com o Aterra, teve a ver com a minha própria experiência pessoal, mas literalmente é uma das memórias mais felizes da minha vida, porque me sentia quase como se tivesse a voar. Tinha vivido uma experiência de profunda mudança interior, e no Aterra ali estou a dar-me com outras pessoas, estava aqui a lembrar-me deles enquanto esperava pelo início desta sessão. Não foi assim há tão pouco tempo, já passaram 5 anos e continuo a lembrar-me deles. E depois, a escola de verão ligou-me aos atravessados e isso é um processo de reconhecer o mundo à minha volta. E outra coisa que me lembrei já depois de escrever foi ligar-me ao campo. Eu sempre vivi no campo, onde as pessoas têm sotaque, vivem da agricultura, sempre tive uma horta, sempre tive agricultura em casa. Eu tenho um tio que é lavrador, daquelas coisas que já não existem. De alguma forma foi um tempo de me ligar interiormente quase que, não foi uma reconciliação total, mas ajudou-me a reconciliar um pouco com a história nos ascendentes, também ligar-me à minha terra, bastante longe daqui, mas o Aterra também falava disso: quem lá está quem faz parte, o que é que pode dar ali? A tendência das pessoas quando vivem nestas zonas é ir embora, ir para a cidade. Mas quem está o que é que pode fazer e dar ali, quais são as oportunidades que existem para atrair as pessoas ao seu território, ao local onde nasceram. Lembro-me também da importância de se valorizar a memória da própria cultura, do local com a identidade e isso ligou-me bastante a essa parte da minha vida, e com a qual hoje tenho uma relação muito mais pacífica. Acho que são as principais memórias que tenho. Depois tenho “mil e uma coisas” mais, em termos de factos é impressionante a quantidade de coisas que me vieram à memória. De facto, é um projeto pra agradecer... profundamente!”

Depois da exposição do participante G, todos voltaram a ligar com traços os seus lugares ao do participante G. Foi então que a participante H disse: “aquilo que me marcou começou por ser o impacto que o Aterra foi tendo nos meus amigos. O campo de férias começou muito frágil e de repente ficou uma cadeira e mesa claríssimas pelo encontro entre as pessoas. E isso viu-se logo na motivação para esta atividade, que não era o

projeto de ninguém, não inventar a roda, mas as pessoas pedem que a roda mexa. E isso também fala muito deste lugar, casa velha, que ouve as pessoas, que não é alheio à realidade e a escuta. Acho que me senti muito responsável por uma coisa maior que eu e, lá está, da qual não fiz parte diretamente o projeto aterra, portanto, ser-me confiado uma coisa tão especial foi assustador, mas depois lá fomos construindo em conjunto. Senti-me responsável pelas crianças, mas depois também me senti jardineira que tem de cuidar deste lugar e destas pessoas. Uma imagem que me fala muito deste lugar é que não temos de ser xpto, mas à medida que me fui sentindo em casa, também percebi a minha responsabilidade. Por isso, a minha preocupação de tentar perceber o meu lugar no mundo, nesta terra, em todas as suas vertentes e dimensões, parece que é mais fácil integrar o mundo, a história e o espaço e dar-lhes o tamanho certo das coisas e confiar, sabendo que as coisas não são minhas, mas aqui o convite é ser parte. E ser parte é muito giro, porque aqui há vários papéis, porque se pode ser muito ativo e presente, ou ter uma presença mais discreta. É o que a Participante B dizia da coragem de se deixar tocar pela realidade e acho que são assim as grandes novidades e revoluções, esta é a mudança e este deixar-me transformar, independentemente de haver grandes evoluções e coisas que em projeto ficam em números. Acho que de facto, a terra aqui é mexida e o que vem é sempre bom, mesmo que não seja obvio nem imediato e isso é assim das maiores coisas. E também me aproximou muito da terra, do mundo mais rural que é tão bonito e tão forte e tão necessário. E é isto que o Participante G dizia: os lugares pareciam das pessoas, porque a tendência é saírem, mas de facto, a Casa Velha também é um sitio onde fica muito claro que é responsabilidade, mas é uma responsabilidade boa, não levada com peso e custo desmedido, mas que se faz com gosto. A terra de facto é onde começa tudo e tudo o que nos chega vem da terra. E para mim, que sou da cidade, percebo agora, como era ignorante. Desenhei umas mãos, porque de facto é um símbolo muito simples do nosso corpo: integrar a natureza é por as mãos na terra, seja ir para a horta, seja conversar, seja estar em silêncio a contemplar, seja ir lavar a loiça, seja integrar um projeto.”

Todos fizeram traços de ligação entre risos, ao que a participante B comentou: “acho que vamos estar todos ligados a todos”

Comentário: a disposição em círculo levou alguns dos participantes a recordar uma que foi das principais frases repetidas neste projeto: “não queremos inventar

a roda, mas pô-la a girar”; cada um dos participantes tinha um lugar específico não só no projeto como nesta investigação.

Ao ouvir expressões como “pôr a roda a andar” e “lugar de cada um” surgiu a ideia de pôr mesmo a mesa a rodar sem que fosse preciso levantar-se. Então propusemos que se mantivesse o silêncio e que cada um escrevesse no papel em cima da mesa um aspeto do Aterra do qual se recordasse: poderia ser uma atividade, um valor, um sentimento, o nome de alguém, ... Ao mesmo tempo, escrevíamos cada um destes aspetos e ao fim de 10 segundos rodávamos a mesa.

Comentário: Foi um momento muito sereno e ao mesmo tempo dinâmico, onde as memórias foram surgindo pelo silêncio acompanhado pelos restantes participantes à volta da mesa, mas também por associar ao que líamos já registado no papel, que nos recordava um outro aspeto. Este exercício demorou ainda cerca de 15 minutos. O ambiente em torno da mesa também ajudou à reflexão, pois estávamos no exterior, ouvindo apenas os sons da natureza que habitam a Casa Velha.

Depois de terminar o momento de memória conjunta e registo no papel de cenário cada participante leu aqueles que estavam à sua frente. Começámos por referir: *“tenho aqui... inauguração do agroturismo, jornadas de ordenamento do território, visita e almoço em Vila Chã, visita à plantação da Brígida das ervas aromáticas, receitas sustentáveis, almoço do mundo, participação na feira dos produtos da terra, prove, reunião com pais dos CF, escola de verão”* A participante A tomou a palavra de seguida dizendo: *“posso continuar: jantares aterra na escola de hotelaria de Fátima, o seminário aterra na Gulbenkian, formação de animadores, sessões de apresentação nas JF, escolas e Camara Municipal”* O participante G continuou: *“aqui está: formação em agricultura biológica, rede com agricultores locais”* A participante B continuou de seguida: *“encontro à mesa no Museu de Ourém, escola de verão, workshop com escolas, mundo à mesa, atividades e sessões na terra”* e a participante H seguiu: *“primeiro campo de férias “Aterra no planeta do tesouro” segundo campo de férias “Aterra nesta Casa”, workshop alimentação sustentável, encontros com idosos na Casa Velha”* e por fim a participante D *“workshop da teoria da mudança, método de avaliação SEROI, visita à plantação, encontros com crianças da escola primária do Vale Travesso, 5 historias de vida, encontro de formação de voluntários e documentário Aterra”*. *“E também houve outra coisa na escola de Ourém”* acrescentou a participante B.

Comentário: No fim daquele momento, havia um sentimento de satisfação geral revelado nos sorrisos e nas posições confortáveis nas cadeiras à volta da mesa.

Depois de um breve momento de contemplação do resultado na nossa construção conjunta onde se cruzavam as nossas ligações, as marcas que o Aterra nos tinha deixado num pano de fundo de memórias, atividades e nomes. Foi então que constatámos: *“agora vem a grande pergunta. como é eu se faz um livro de memórias disto que possa ser útil, que possa guardar estas dimensões”*. Abriu-se um tempo de discussão, começando pela participante H que sugeriu: *“intuitivamente diria um harmónio que conserve a linha do tempo. Porque começa antes e no fim lança catapulta para próximos projetos e depois acho que também esteticamente fica bonito. Claro que pode ser álbum de fotografias, mas uma linha do tempo ajuda a explicar às pessoas a ideia de continuidade”* A participante D continuou a sugerir: *“se calhar faria uma roda com a ideia do tempo e da terra. Isto do ponto de vista gráfico, do ponto de vista de conteúdo, podia ter uma parte de descrição das atividades e dos produtos gerados, e depois responder a um, duas, três perguntas de fundo que é: o que é que mudou com este projeto? E poderia haver a nível pessoal alguns testemunhos, a nível de uma abordagem mais teórica de professores universitários envolvidos, porque é que é uma boa pratica, porque é que é considerado uma boa prática e depois perguntar porque é eu a roda encravou”*

Foi então que perguntámos: *“Mas a roda está encravada?”*

A participante D respondeu afirmativamente: *“Está. Encravou. O que é que fez mudar a roda? Qual foi a mudança e o que é que bloqueou a roda? Se calhar responder a estas perguntas. E o que é que do aterra ficou aterrado: como terra. O que é que encravou? porque as escolas locais começaram a comprar produtos locais, mas a agricultura está abrandada e também há a s questões das contratações públicas que bloqueiam o acesso dos pequenos agricultores. Tentámos novas candidaturas que dessem continuidade ao aterra que não foram para a frente, porque também precisavam de um esforço dos parceiros que aqui se encontraram que não foi possível. Nós não nos podíamos substituir aos outros. A Casa Velha candidatou-se como centro de incubadora agrícola e não passou e fizemos ainda uma candidatura ao programa de inovação social que não é fácil. Fomos a grandes organizações pedir apoio, mas não é fácil. Por isso, é perceber que nós vemos a roda, mas reconhecemos que em termos de redes locais, não há disponibilidade de apoiar um projeto que é roda, que não é uma atividade concreta, mas é apoiar uma realidade que tem várias dimensões. Mas já estou a dispersar. A*

memória ajuda-nos a ler e a perceber que passo dar em frente. Respondendo à pergunta sobre o que aconteceu, seria muito bom não perder a memória de como isto é marcante. E o Aterra foi apresentado na COP 21 como boa prática. e fizemos um cartaz que fomos usando várias vezes para falar do aterra”

A participante A perante aquela exposição comentou que “*quase que dava para fazermos um museu*”. A participante D continuou afirmando: “*mas isto de memórias é o ponto certo, porque museu dá um ar parado, mas a memória é viva*”

A participante B pediu a palavra acrescentando: “*posso acrescentar uma coisa? uma coisa que poderia ficar giro nesse livro seria ter de vez em quando uns apontamentos e desenhos de coisas muito específicas que associamos ao aterra, por exemplo, objetos, cheiros, pessoas, texturas*” A participante H mostrando entusiasmo com esta sugestão referiu: “*sim, o cheiro da terra molhada, da laranja acabada de apanhar, ... basta descrever que todos nós chegamos lá, não precisamos de sentir o cheiro, basta recordá-lo*” A participante B continuou dizendo: “*pois, é que a memória está sempre associada a uma coisa muito concreta, aquela mesa, aquele lugar, aquele cheiro*”

Em jeito de conclusão deixámos a sugestão em aberto: “*então ficamos com estes aspetos importantes para o livro: a linha da memória, a associação entre vários aspetos: a roda, a parte sensorial e a importância disso para a memória. E depois, como é que se passa num livro de memórias isto que falávamos das linhas de fundo. Porque nos relatórios nunca se consegue transmitir essa parte, o modus operandi. É difícil passar o valor do comum. Assim até podia ter 4 dimensões: a parte do livro, a parte da roda, a parte sensorial e a parte de testemunhos*”

A participante H rematou dizendo “*estou a perceber, não consigo desenhar, mas acho que podemos experimentar*”

Comentário: Houve sorrisos e mais uma vez uma sensação geral de satisfação com um projeto que a todos tinha deixado marcas de crescimento positivas. Pairava a dúvida de como integrar a construção deste livro de memórias e de como o fazer de uma forma inclusiva e participada por todos os participantes. Acima de tudo, um instrumento com utilidade para o futuro da Associação Casa Velha e da comunidade de Vale Travesso.

Antes de terminar o nosso encontro sugerimos: *“então e fazemos isso na próxima sessão? e vamos conversando sobre o livro de memórias e o seu formato”*

A participante D completou: *“e em jeito de avaliação, realmente os factos não podem ser ignorados, nós aqui em conjunto conseguimos lembrar muitas atividades e, principalmente, pessoas, que eu já não me lembraria se não tivéssemos conversado e posto a roda a andar, lá está!”*

Comentário: Se por um lado remetíamos para a noção de tempo, por outro tornávamos presente a intenção de pôr a roda a andar a partir do lugar que cada um ocupa e da contribuição que pode dar. Espontaneamente continuaram a surgir ligações e comentários escritos e rescritos sobre aquilo que tinham sido contributos de outros.

No fim deste tempo, houve ainda tempo de cada um destacar os momentos que para si tinham tido maior relevância. Antes de uma avaliação final desta sessão, olhámos em conjunto para a roda que tinha sido preenchida com diferentes atividades, nomes de pessoas, traços de ligação, e com esse papel de cenário como fundo da conversa que se foi desenvolvida, o grupo foi conduzido para o destaque dos principais valores éticos do projeto Aterra.

ANEXO 5 - NOTA DE CAMPO 2

Segunda Sessão Dialógica de Reflexão Ética: Aterra que nos transforma

Depois de reunir o grupo e de nos voltarmos a juntar em círculo, demos as boas vindas, recordámos a sessão anterior em torno das memórias de atividades, pessoas e impacto do Aterra, a par da tomada de consciência do lugar de cada um no projeto, e voltámos a pedir o consentimento dos participantes para que a sessão fosse gravada em áudio. Todos consentiram, pelo que foi lançado o desafio de refletir sobre as transformações a nível pessoal e comunitário, com dimensão ética, decorrentes do Aterra.

Os participantes foram convidados a escolher livremente a forma como queriam usar esse tempo de reflexão, sendo convidados a expressar através de recurso a objetos da natureza e materiais disponibilizados numa caixa de uso comum: “principalmente, expressar através de práticas artísticas, utilizando objetos da natureza, as transformações que o Aterra permitiu e potenciou” (Participante F). Este tempo de reflexão individual teria a duração de 1 hora aproximadamente.

Os participantes aderiram à proposta e levaram cada um uma folha branca. Um participante levou consigo fios e pioneses, outros três materiais de escrita (lápiz, canetas e lápis de cera) e outras duas participantes levaram cola. Todos dispersaram e regressaram ao fim de 1 hora.

Notava-se satisfação em quatro participantes e alguma frustração na expressão de dois participantes ao comparar a sua folha com as restantes, colando apressadamente objetos da natureza (flores e folhas).

Comentário: Foi muito interessante apreciar como os participantes que não tinham recorrido a outros recursos senão a escrita e palavra, sentiram necessidade de acrescentar algum elemento da natureza, depois de verem o resultado da reflexão dos restantes participantes. No entanto a diversidade de expressões utilizadas foi entendida por todos como muito positivo.

Cada folha foi disposta em cima da mesa para que os participantes pudessem circular e conhecer o trabalho uns dos outros. Todos olharam com satisfação e admiração para os trabalhos uns dos outros e houve um sentimento de pertença mais vincado.

Comentário: O facto de haver uma partilha, ainda que apenas visual, do resultado da reflexão de cada um permitiu que cada participante se aproximasse, de alguma forma, dos restantes. Através da arte não há certo ou errado, mas comunicação.

De pé, em volta de uma mesa, desta vez, retangular, os participantes foram espontaneamente explicando a intenção por trás da sua representação.

Comentário: é interessante como os participantes começaram a explicar e sentiram essa necessidade de descodificar, mas como, por outro lado o fizeram de formas tão breves. Se por um lado, parecia quererem dar uma chave de leitura, por outro deixavam a interpretação muito livre e para ser entendida pelos outros sem condicionalismos excessivos. Diria que foi essa reação natural que tornou esse momento de partilha próximo, mas também íntimo e profundo.

A Participante D começou por dizer: “trouxe esta representação do Aterra que foi como semente enraizada que se expandiu e irradiou para várias dimensões da comunidade”. A Participante F continuou explicando: “Eu trouxe estas duas dimensões que o Aterra despertou na minha vida. A aproximação ao global e a “aterragem” no concreto e quotidiano. Por isso representei com objetos da natureza estes dois movimentos que se interligam e simultaneamente se potenciam.”

A Participante H pegou na sua folha, como que a querer aproximá-la dos outros participantes e disse: “eu trouxe as minhas mãos, como se pode ver. Uma mão cheia de terra e com vontade de pôr as mãos na terra, de me envolver na Casa Velha e com as pessoas daqui, do lar, voluntários e quem passa por aqui. Mas tal como acontece nas fotografias, esta mão revela-se também com um outro lado onde a vida cresce, as oportunidades aparecem. O Aterra, e para mim, até mais, a Casa Velha são oportunidades de me sentir parte e participante, com responsabilidade.” O Participante G não sentiu necessidade de explicar, pois a sua representação era bastante objetiva. Com um sorriso disse “eu fiquei-me pelas palavras, e aqui está” e deu um tempo para que cada participante pudesse ler e acompanhar o seu processo de reflexão.

A Participante A, depois de um breve momento de silêncio disse: “para mim o Aterra foi este grande caminho de conversão ecológica, de mudança e de irradiar para os outros algo que tinha encontrado e descoberto.” A Participante B continuou explicando também aquilo que tinha representado na sua folha e a intenção dessa representação: “os pioneseses representam uns pontos no mapa, uns pontos em Ourém, que simboliza as

peessoas que estão no local e aquilo que já existe em termos de iniciativa, os agentes locais. Liguei os pontos com cordéis para representar o que foi o trabalho do aterra, que foi partir do local, perceber o que já existe, começar por estabelecer relações, a Associação Casa Velha e o grupo do Aterra teve muito esse papel de estabelecer pontes. E depois fiz uma terceira parte que é a continuação dessas ligações, onde as próprias pessoas reproduziram essas ligações”

Depois de todas as explicações, houve mais um momento de circulação em torno da mesa para ver e admirar o trabalho de cada um. Foi então que propusemos: “fica este desafio de construir memória daqui levo isto de importância de reconstruir memória em conjunto de construir importância da memória para o futuro. Fazer memória ajuda a fazer consciência do presente e abrir caminho do futuro. Por isso seria ótimo poder continuar a contar com este grupinho para um outro encontro e continuar se faz sentido e se vos faz sentido alargar a mais pessoas. Esta ideia do livro de memória não estava assim tão concreta. No fundo, a ideia desta tese era usar este material, construir uma ferramenta que pudesse inclusive ser usada por outras pessoas. O que vos parece?”

A Participante D, pela sua relação próxima com a Associação Casa Velha referiu: “estamos numa fase geral de contar histórias como ferramenta, histórias de mudança e estamos no tempo de contar a história e escrever da casa velha, é como se contasse esta história que não se pode perder que está viva de muitas maneiras e que se está a espalhar e faz todo o sentido de ser uma história de uma terra como se pode contar a história que é crianças que cá vêm, pessoas de todas as idades porque é um processo que todos podemos experimentar seja geográfico, temporal e acho que, obrigada por me teres e já estavas metida e acho que para o próximo encontro também é importante onde queremos chegar com os 3 encontros para ti não fazer isto não pesar nem para ti nem para ninguém e depois também é isto ser engraçado poder apresentar ser um mote para convidar pessoas como o X para cá vir que nunca cá veio o fim do último encontro ser um encontro.”

Depois de um breve momento de silêncio, acrescentou: “E não esquecer esta coisa do pequeno. O coração do Aterra é uma pequena semente, é uma pequena roda que se mexe e que gera e tem um processo... Muitas vezes não aproveitamos e ao mesmo tempo vai gerando processos a outros níveis, mas que também tem de viver a cada ponto em cada ponto tem uma pequenina roda que tem de gerar este valor da pequenez, seja ao

nível onde se esteja - ser comunidade - de pôr as pessoas em ligação e que tem de ser aqui tem de ser repetível, a nível global”

Já perto do final desta segunda sessão dialógica de reflexão ética foram definidos os seguintes temas, que partiram das interrogações iniciais: quais as principais dificuldades e tensões éticas ao longo do projeto? o que é que o Aterra tem a dizer hoje às diferentes áreas de desenvolvimento integral (educação, cultura, ambiente, economia, social, ordenamento do território, ...)?

Comentário: Foi-se construindo o processo de reflexão ao longo das sessões com o grupo e as sugestões foram emergindo espontaneamente dos participantes. A ideia de construir um livro de memórias começou a desvanecer. É necessário perceber se o grupo quer continuar com esta proposta de construção de um livro de memórias como resultado do processo de reflexão.

ANEXO 6 - NOTA DE CAMPO 3

Terceira Sessão Dialógica de Reflexão Ética: Dentro d'Aterra

A terceira sessão aconteceu na manhã de um dia de chuva, pelo que foi necessário irmos para uma sala. Começámos por pedir o consentimento de todos os participantes para que a sessão fosse gravada. Todos consentiram e voltámos a recordar o percurso feito através das últimas duas sessões. Não foi feita referência à construção do livro de memórias.

Comentário: intencionalmente não havia interesse em insistir numa sugestão que tinha partido de mim e que não estava a ser assumida nesse momento pelo grupo, pelo que foi ficando definido que o produto destas sessões seria o próprio processo de reflexão conjunta.

O som da chuva acompanhava o ritmo das conversas iniciais, tendo sido integrado na reflexão como elemento facilitador: “mas pode ser que isso até nos ajude a mergulhar mais fundo nas dificuldades e tensões que foram surgindo ao longo do projeto, como tinha sido a sugestão deixada na última sessão” (Participante F).

Comentário: as propostas desta sessão iam assumindo cada vez mais um carácter sensorial.

Nesta fase do estudo já havia material que permitisse a interligação entre o processo a ser feito na recolha de dados, com o percurso das sessões dialógicas, pelo que fez sentido relacioná-los também com os participantes: “Pegando na ideia do Aterra relacionado com as dificuldades e tensões, e também depois das entrevistas, fui-me apercebendo que poderia ajudar ter quase a experiência não só de aterrar, mas também de enterrar, de voltar a estar dentro da terra, não só dentro do projeto, mas também dentro da memória” (Participante F).

Sugerimos que cada participante pusesse uma venda nos olhos para que pudesse ter uma experiência de maior concentração e interioridade. Todos os participantes concordaram. Ajudámos a atar as vendas castanhas, que pretendiam recordar a própria terra e o processo de uma semente que se desenvolve numa terra solitária e silenciosa, contendo em si toda a potencialidade de uma planta ou árvore. Tudo isto foi relacionado com a memória: “Sabemos que a memória é um mistério, mas às vezes quando está escuro, as coisas também se sentem de outra maneira” (Participante F).

Convidou-se os participantes a recordar livremente tensões e dificuldades que tivessem experimentando ao longo do projeto.

Comentário: apesar de ter pensado naquele momento como propício para pôr uma música de fundo, isso foi desnecessário, uma vez que o som da chuva proporcionava os elementos facilitadores a um ambiente próximo da natureza. O facto de termos de ir para uma sala e de não estarmos ao ar livre também potenciou um maior recolhimento, utilizado como fator de ajuda na tomada de consciência de um momento mais interior.

Seguiu-se um tempo de silêncio de cerca de 15 minutos. A certa altura, interrompeu-se o silêncio, num tom de voz suave e com palavras articuladas sem grandes flutuações de volume, propondo que cada participante estendesse as mãos e recebesse um emaranhado de fios.

Comentário: cada participante recebeu um conjunto de 4 fios com as 4 cores do Aterra: vermelho, azul, verde e amarelo.

Enquanto íamos distribuindo os fios, íamos comentando, mantendo o tom de voz que “muitas vezes as tensões e dificuldades são como um emaranhado de fios, são linhas e redes que se baralham e confundem” (Participante F). Todos foram convidados a sentir e mexer nos fios, enquanto recordavam cada dificuldade e tensão vivida ao longo do projeto, sendo incentivados a tentar dar nome, concretizar e especificar.

Nesse momento a participante B perguntou se poderiam escrever, apesar de ainda estar de venda.

Comentário: essa não era a intenção inicial, mas a expressão nos restantes participantes levou a consentir, respondendo à sugestão dada.

A participante B perguntou ainda: “podemos também usar materiais para representar os dilemas e dificuldades?”, ideia que foi bem recebida pelo grupo. Nesse momento, os participantes foram retirando as vendas, calmamente e em ritmos diferentes. Nesse momento em que se abriam de novo os olhos referimos, espontaneamente que com as dificuldades surgem oportunidades e abrem-se horizontes.

Comentário: alguns tecidos que ali estavam como material de apoio pareceriam indicados para representar as oportunidades. Não sabia como se integraria isso na nossa sessão, mas arrisquei propor.

Propusemos então ao grupo: “Temos na mão o emaranhado e estas etiquetas, mas também temos no chão este terreno, a terra que se foi lavrando e cultivando – de forma metafórica, claro! – representada nestes tecidos”. Foi então que a participante D sugeriu que poderíamos ir registrando no tecido as reflexões de todos.

Começou por ser referida a “dificuldade das pessoas nem sempre estarem em sintonia na forma de conceber o projeto, dos interesses individuais que se sobrepõem aos comuns e como isso exige que se escute, que as pessoas se reúnam”. A participante H espontaneamente acrescentou que “o essencial que é a comunicação” centrado na forma como se comunica: “mais perceber como é que como é que se comunica e como se diz o que se quer dizer, e se quer dizer o que se diz”. A esta consideração a participante B acrescentou ainda a ideia de “uma comunicação com entendimento muito profundo”, remetendo para as dificuldades de encontro de perspetivas quando se aborda um tema comum. A participante H retomou a palavra afirmando: “mas isso é que acho que é difícil acontecer... sobretudo em projetos que saem de nós, por exemplo o Aterra está dentro da tua cabeça e as outras pessoas não estão na tua cabeça”, referindo-se ainda à questão da dificuldade de comunicação.

A participante B expôs então o seu tempo de reflexão, relativamente às dificuldades:

“primeiro a gestão de expectativas e na gestão dos voluntários com os participantes. As diferentes expectativas com que vieram e como as gerimos. E também sensibilidades perante o tema da ecologia, e também vi pessoas mais otimistas e outras mais pessimistas ao que podemos fazer. Outra dificuldade que tive foi agarrá-los, mantê-los motivados. Isto foi muito diferente nos dois anos

Quando a participante B começou a falar sobre oportunidades decorrentes das dificuldades que referiu, começámos a registar nos tecidos estendidos no chão:

“oportunidades, eu ia dizer também, que tem a ver um bocado com isto da escuta: fomos percebendo que havendo pessoas tão diferentes, com pontos de partida e formações tão diferentes, tínhamos de estar muito mais sensíveis e abertos a acolher essas diferentes opiniões e diferentes. Fez uma grande mudança”

A participante D disse seguir a sua exposição “um bocado na continuação do que a participante B disse”, referiu então a tensão vivida na relação com a comunidade e em

específico com o grupo de participantes como “a tensão de mostrar-lhes a solução, mas de não conseguirmos mantê-la, ou seja, por um lado porque não nos cabe a nós manter e por outro porque ainda não conseguem crescer sozinhos”. Sentindo necessidade de esclarecer a sua ideia, acrescentou: “o caminho é por aí, mas cuidado para não abrir coisas que ainda não estão em tempo de andar, ou pelo menos esta responsabilidade de ir acertando o caminho que se abre com a possibilidade de caminho de quem está fazê-lo consegue fazer”. Referiu-se então a questão temporal como “ritmo lento que é preciso respeitar”, mas que “não é o ritmo de um projeto”.

A participante D começou a estabelecer relações mais articuladas entre as dificuldades e as oportunidades afirmando: “tenho aqui esta tensão de potenciar este trabalho em efetiva relação porque o que fizemos foi pôr em relação o que já cá estava, e depois, acho que foi uma grande oportunidade, e é uma grande oportunidade não querer ser protagonista: querer ser a relação, querer ser o canal que liga”. Referiu ainda uma terceira tensão ética: “a grande tensão de manter a roda a andar por si! Acompanhar, mas não sendo a força motriz”, integrando isso na missão e objetivos da Associação Casa Velha: “ser pequeno, mas chamado ao grande. É sempre a dificuldade. E o que acontece é que queremos grandes projetos... claro que o Aterra também teve coisas desproporcionadas, mas, lá está, que sobretudo deram dignidade às pessoas, fizeram crescer as pessoas e isso já é muito, muito bom uma grande transformação, uma grande mudança”

Acrescentámos de seguida que uma “boa oportunidade foi a adaptação às realidades diferentes das escolas e do ouvir e não ir só a partir da nossa visão ou do nosso sonho, mas entrar aqui num diálogo que permitir chegar com outros” destacando ainda uma outra “dificuldade que é transversal a todos os projetos que é a dificuldade de realmente trabalhar em conjunto com as pessoas”. Perante esta afirmação, a participante H concordou, referindo: “disseste algumas das tensões que eu também vivi”.

Comentário: o facto de ter feito uma síntese a meio do processo, retomando alguns aspetos que tinham sido referidos pela participante H, talvez tenha despertado novamente a sua intenção e reflexão. É interessante ainda ver como há uma relação muito próxima entre o projeto Aterra e sua memória e a Casa Velha.

A participante H estabeleceu a relação entre o projeto e a associação recordando que para além da reciclagem “queremos mostrar o que é a ecologia integral, uma coisa

muito mais completa” e como a Casa Velha foi lugar para os participantes “perceberem e conhecerem o que é mexer e cuidar da terra” (NC 3, Anexo).

Decorrente da exposição da participante H, o participante referiu “há um conjunto de coisas que me vieram à cabeça”, acabando por trazer não só exemplos de participantes concretos do projeto, como ainda da sua vida pessoal, o pai e a mãe.

ANEXO 7 - NOTA DE CAMPO 4

Quarta Sessão Dialógica de Reflexão Ética: Aterra fala hoje de ecologia integral

A última sessão dialógica de reflexão ética tinha uma intenção inicial diferente das anteriores, uma vez que nessas sessões se tinha referido a importância de aprofundar o tema da ecologia integral, que sendo um conceito basilar no projeto Aterra, não era empregue nessa altura no contexto da Casa Velha.

Juntámo-nos numa das salas da Casa Velha à volta de uma mesa com lugar para todos. Começámos uma vez mais por dar as boas vindas a todo o grupo que se mantinha fiel a estes encontros e de pedir o seu consentimento para que a sessão fosse gravada via áudio. Todos consentiram e enquadrámos a intenção partilhada e construída por todos de falar sobre ecologia integral no âmbito do estudo: “O projeto Aterra nunca falou sobre ecologia integral assim desta maneira muito explícita, mas, entretanto, tudo o que foi acontecendo a seguir de projetos relacionados com o projeto aterra começou a trazer esta questão da ecologia integral”.

A ideia sugerida pelos participantes era a de aprofundar a questão “Como é que a ecologia integral pode falar a diferentes áreas [do desenvolvimento comunitário]?”

Era necessário decidir com o grupo quais as áreas do desenvolvimento comunitário que pretendíamos abordar e quantas.

Comentário: começámos por fazer um brainstorming. Era necessário compreender os interesses dos participantes, para poder posteriormente circunscrever a um número mais reduzido. Já o tínhamos feito noutras sessões e parecia oportuno fazê-lo também agora.

Começámos a sugerir algumas áreas de forma espontânea. Cada um ia participando. Surgiram expressões como: “educação”, “arte”, “desenvolvimento”, “espiritualidade”, “desenvolvimento rural”, “território”, “economia”, “consumo”, “políticas públicas”, “cidadania”. Sugerimos então que escolhêssemos 4 ou 6 áreas, ao que a participante H sugeriu se melhor “chutar as palavras e depois algumas agrupam-se e dá para fazer um tema maior, e depois agrupam-se e dá para fazer um tema maior... e depois escolhemos, se fizer sentido 4, se fizer sentido 6”. Continuámos todos a dar sugestões, registando-as numa folha.

Durante bastante tempo, discutiu-se a organização entre as diferentes áreas, tendo sido apresentados critérios diferentes, pelos participantes.

Comentário: É interessante como os participantes iam completando as intervenções uns dos outros.

A cada uma das áreas considerava-se a possibilidade e pertinência de diálogo com a ecologia integral. Algumas discussões remetiam para as perspectivas de cada um sobre os conceitos como vemos na expressão da participante B que refere que o Ambiente é uma área vasta e pouco concreta, ao que a participante H responde “não, mas é que tem que ser concreto e amplo o suficiente, não é? Porque dentro do ambiente se calhar chegas ao espaço público”, ao que o participante G completa dizendo: “eu quando falo em espaço público e comunitário é um pouco um chapéu a partir do qual tudo o resto se interliga, porque depois cada um tem a sua área específica... mas todos criam uma comunidade mais integrada, não é?”

A discussão estendeu-se cerca de 30 minutos, até definirmos 4 áreas do desenvolvimento comunitário - educação, económico-social, território e cultura - às quais o Aterra tem hoje algo a dizer sobre ecologia integral.

Comentário: foi muito interessante o processo participativo na escolha das 4 áreas sobre as quais nos debruçaríamos de seguida.

Seguiu-se uma proposta de construção a pares, onde em cada uma das 4 folhas recebidas (recorte de uma folha de árvore), os participantes escutariam a proposta do seu par, relativamente “ao que o Aterra tem a dizer sobre ecologia integral a essa área”.

Deram-se cerca de 20 minutos para este tempo a pares e depois fizemos um breve intervalo com chá da Casa Velha e bolachas.

Quando o grupo se voltou a reunir, foi lançado um desafio individual. Cada participante recebeu um pedaço de tecido redondo onde poderia representar, mais uma vez, através de práticas artísticas, como é que vive atualmente a ecologia integral na sua vida. Para isso recordou-se mais uma vez o projeto Aterra, mas desta vez a partir do logotipo. A participante A começou a explicar o logotipo referindo que tinha 4 folhas ao que acrescentámos que “o logotipo do Aterra claro que tem imensos sentidos, mas à primeira vista parece um fruto, e estes frutos, no fundo, traduzem-se em ecologia integral”, referindo-se ainda que “a ideia é que o aterra se multiplica” e continua presente

hoje nos diálogos que pretendemos estabelecer. Foi então que cada participante, fixou as 4 folhas referentes às 4 áreas do desenvolvimento comunitário com a disposição que tinham as 4 folhas do logotipo do Aterra.

À medida que os participantes colavam as suas folhas, completavam a circunferência do logotipo do Aterra com a sua representação artística, respondendo à questão: “como é que vivo hoje a ecologia integral?”

Comentário: o efeito que se conseguiu com a multiplicação dos logotipos foi bastante visual: o Aterra que era apenas um presente, está hoje disseminado não só pela Casa Velha, mas em outras iniciativas da comunidade local que se mantêm. Os frutos, representados nos logotipos continuam presentes e a multiplicar-se.

Começámos por expor a nossa representação: “E tenho aqui o meu Aterra: a partir da ecologia integral e da minha realidade hoje e acho que neste momento da minha vida a ecologia integral está neste olhar para os nós, olhar para todas as ligações, as mais frágeis, as mais fortalecidas, e procurar também uma vida mais integrada. Agora passo a palavra...”

A participante A construiu uma bandeira, cujo sentido explicou: Isto é a minha bandeira porquê? A ecologia integral começou a fazer parte da minha vida, a ser uma bandeiras que eu elevo. Depois tenho aqui o Sol, que é a luz. Este projeto aterra ecologia integral ilumina-me em cada dia. Isto é uma das minhas bandeiras, tal como a missão, está tudo relacionado. A nossa grande inspiração, grande confirmação do grande trabalho que o aterra e a casa velha têm vindo a fazer ao longo deste tempo e continuará a fazer, e de fato estas cores todas este arco-íris todo foi o que a ecologia integral e o aterra trazem à minha vida. Nós temos muitas missões, todos nós, e é tão bom ver aqui que uma das nossas missões é a ecologia integral. Acho que podemos ensinar umas coisas aos nossos políticos, porque de facto... é isso, tratemos bem uns dos outros para que as gerações seguintes tenham acesso àquilo que nós temos, e muito bem.

A participante D, depois de explicar os aspetos importantes para o desenvolvimento comunitário também explicou o seu desenho: “O que me lembrei foi muito este partir da terra, e com as mãos bem metidas nessa terra; portanto, a minha mão fica marcada na terra. Depois aqui aparecem várias folhas diferentes, portanto uma trama de folhas de diferentes tamanhos, de diferentes cores, umas mais maduras e mais envelhecidas, outras ainda muito pouco maduras. Por isso vejo a beleza e o sentido que

tiramos desta forma de olhar a realidade a partir da sua diversidade, respeitando os ritmos, que se pode de facto sobrepor dimensões tão diferentes, mas que se tornam complementares, não ter medo de nos sujarmos e de arriscarmos, e esta ecologia que me fala tanto, e que me fala muito de mim, de beleza, de cruzamento, de mãos na terra e de às vezes muita confusão, mas de harmonia, ao mesmo tempo”.

A participante B esclareceu a sua representação que simbolizava “a ideia de cuidar das pessoas para que possam cuidar da criação... isto vem um bocado duma pergunta que no início fazia muita confusão, a ideia de ecologia integral, porque raio é que incluía as pessoas e as relações”

A participante H continuou montando o seu logotipo, e depois de ler as linhas de diálogo com as diferentes áreas do desenvolvimento comunitário explicou o que tinha feito na roda de pano: “Depois, a minha roda... estava a pensar, e vi a participante D que estava na altura cheia de folhas verdes (eu estava a pintar uma coisa encarnada, só tinha isto), e estava a pensar... acho que faria um bocadinho a mesma onda, mas que se já existe... pronto, posso ir por outro lado. E depois fui arrancar mais este e percebi logo que não fazia sentido estar a arrancar se nós estamos aqui a promover a contemplação e o cuidado pelas coisas. Então fui buscar a terra, que também é de onde parte a relação com a terra, que eu devo muito à casa velha que não tinha de todo. Isto é o que a ecologia integral me dá agora. Sinto-me muito privilegiada e muito rica por tudo o que recebo sobretudo da natureza e, portanto, acho que o grito forte é cuidar e saber e sentir-me parte, por isso é que sinto tudo como dádiva e quero tanto cuidar. E também gosta que haja branco e coisas que vão muito para além dessa aliança ou muito para além da minha visão, um bocadinho aquela imagem que a participante F gosta muito e que eu também gosto, que é a natureza a impor-se ao humano, estamos no fundo só cuidar e a abrir mão, de mãos abertas, portanto estamos só a cuidar. Não inventar a roda, no fundo é pô-la a girar”

O participante G seguindo o mesmo processo dos participantes anteriores, foi fixando o logotipo enquanto explicava cada uma das folhas e no fim a sua representação artística: “Isto é giro. É giro no sentido de revelação, porque eu não sabia o que fazer, imaginava... e cheguei lá, e a primeira que pensei foi “vou esfregar isto no chão” e, portanto, esfreguei no chão. Não, a primeira coisa que eu pensei foi “vou molhar com a chuva”, portanto pus e molhou com a chuva. Depois “vou esfregar no chão, na terra”. Esfreguei no chão e na terra. E depois disto comecei... vi um bocado de uma árvore, mais assim uns bocados... “vou pôr isto também aqui, já agora...”. Depois comecei a pensar...

tenho chuva, tenho água, tenho terra... então e uma folha? Depois pensei, então se calhar podia pôr um fruto e a primeira coisa que vi foi uma bolota de árvore (não sei se é um fruto, mas pronto). Depois pensei... “a gravilha ali do lado esquerdo à saída do portão”, uma pedra, pronto. Depois pensei que faltava uma flor, então... uma flor. E depois pensei, como não tinha a certeza que a bolota era um fruto faltava um fruto, na mesma, e fui ali à zona das árvores à procura e vi lá que havia muitas maçãs, que estavam cheias de formigas e depois vi esta laranja (que eu pensava que era um limão) no meio lá das folhas e encontrei. E pegando no que a participante H disse no fim quando estava a explicar, por causa do arrancar... Eu preciso de uma flor, mas eu não vou arrancar a flor, portanto eu não ia arrancar nada. A ideia de que tudo isto me foi dado, tudo isto não só foi o que foi surgindo, foi o que foi sendo revelado ao longo do percurso - deixar que as coisas se fossem processando - mas também nada disto foi arrancado ao que estava, tudo isto me foi dado, ou foi encontrado, estava disponível para mim. Eu não fui agredir nada, não fui fazer mal à natureza. E depois, a última parte foi “como é que eu prendia isto?”. Portanto, vou utilizar uma linha e tentei coser as coisas. Só que este coser acabou por gerar aqui uma ligação de vários processos, e então esta ideia de que tudo está ligado, tudo está interligado. E que estando tudo interligado, por exemplo, este pedaço de madeira... supostamente, ele não é suposto cair se eu levantar isto, porque ele está preso pelas linhas, portanto ele não está preso com a linha, mas está preso às linhas. Estando tudo interligado há coisas que são sustentáveis sem verdadeiramente estarem envolvidas, sem verdadeiramente ter intervenção. É sustentado na mesma por tudo isso. É uma revelação, basicamente. Tudo isto me foi dado, eu não fui à procura de nada”

Foi então o momento de agradecer e de nos despedirmos. Combinámos que faríamos um encontro alargado a todos os participantes do Aterra e a todas as pessoas que têm colaborado com outras iniciativas decorrentes do Aterra.

ANEXO 8 – Transcrição da Primeira Sessão Dialógica de Reflexão Ética

Memórias d’Aterra

PARTICIPANTE F: Boa tarde a todos. Já nos conhecemos e já se viu como é bom voltar a estarmos juntos neste contexto. Já vos apresentei individualmente o projeto, mas faço-o aqui de forma resumida para todos. Este estudo surge como proposta de investigação para uma dissertação de mestrado em Educação e Formação, especialização em Desenvolvimento Social e Cultural e tem como tema principal o estudo de caso de um eixo do projeto Aterra – o de fortalecimento das redes locais – à luz da Ética e da Comunidade. Para compreender melhor quais as dimensões éticas deste eixo do projeto e o papel e processo de reflexão ética, surgiu numa entrevista à Participante D, a possibilidade de fazermos estes encontros de reflexão em conjunto em torno de valores, transformações pessoais e comunitárias com caráter ético e ainda dificuldades e tensões. Estes têm sido os eixos orientadores das entrevistas e também da análise de documentos. Seria interessante acompanhar a análise desses dados com o processo de reflexão ética. A razão de sermos estes que aqui estamos tem a ver não só com a vossa adesão e prontidão a participar, mas também por sermos participantes com disponibilidade e um grau elevado de compromisso não só com este projeto enquanto durou, mas com a Associação Casa Velha e prolongamento que tem feito do Aterra. Depois desta breve apresentação, peço o vosso consentimento para gravar via áudio estas sessões. Os nomes serão mantidos anónimos, mas é importante ressaltar que podem vir a ser identificados pelo contexto e descrições. Por isso, enviarei as transcrições das sessões e depois a interpretação de dados que será feita para que possam validar. Parece-vos bem?

TODOS: sim

PARTICIPANTE F: Em relação à reflexão ética, a ideia é baseada no modelo de Paulo Freire, que encontrou um método de alfabetização, os círculos de cultura. É um método que assenta na conscientização e desenvolvimento de sentido crítico, fora da sala de aula e em círculo. Esta metodologia tem muitos pontos em comum com o estilo de atividades educativas desenvolvidas aqui na Casa Velha. Nestes círculos de cultura é importante que todos estejam em roda e isso é um princípio que marcou também muito as reuniões do Aterra, algumas desenvolvidas exatamente nesta mesa onde estamos. Faz todo o sentido podermos estar aqui em roda à volta desta mesa quase redonda, onde todos temos voz e a voz que temos é importante. Aquilo que tinha pensado propor era a construção de um livro de memórias do Aterra, mas não um livro apenas com fotografias e factos, mas um

livro que represente as intuições de fundo, as transformações, os valores, os dilemas éticos. E isso faz sentido ser em conjunto, por isso espero falar bastante menos, do que que até aqui. Temos aqui vários materiais que podem usar livremente. Antes de mais gostaria de perguntar como gostariam que fosse esta sessão e como podemos recordar o Aterra?

PARTICIPANTE H: Mas isso é melhor irmo-nos ouvindo porque já não nos lembramos bem.

PARTICIPANTE B: E há pessoas que não estiveram em tudo, outras que conhecem melhor o projeto.

PARTICIPANTE F: então começamos com uma apresentação de cada um, será melhor?

PARTICIPANTE D: Sim, fazer memória também do papel que cada um teve no projeto.

PARTICIPANTE F: Ok, então talvez proponha uma alteração à ideia inicial, e começamos por onde estão a sugerir: quem somos nós no Aterra? E sem perder esta ideia de círculo, cada um até pode representar num círculo o seu lugar no Aterra, ou seja, o papel que teve ao longo do projeto. Aproveitemos também para representar com recursos a técnicas mais artísticas e materiais variados.

PARTICIPANTE A: pode ser com qualquer um destes materiais?

PARTICIPANTE F: Qualquer um.

[tempo de trabalho individual]

PARTICIPANTE F: À medida que formos acabando, podemos voltar todos aqui para a mesa.

PARTICIPANTE G: e agora o que é que fazemos com isto?

PARTICIPANTE B: podemos ir colando na folha de papel de cenário, não?

PARTICIPANTE F: tenho aqui bostik e á medida que formos dizendo o nosso lugar e explica o que representámos, podemos ir colando num sítio qualquer do papel de cenário colado à mesa, e podemos fazer traços.

PARTICIPANTE D: podemos também ir escrevendo palavras, que é outra forma de traço.

PARTICIPANTE F: Sim! Assim vamos registando livremente aquilo que formos lembrando. Por causa do vento, sugiro prendermos mesmo com bostik, senão voa.

PARTICIPANTE B: Temos de aterrar.

PARTICIPANTE F: Exatamente, aterrar. Quem quiser começar a explicar o seu...

[tempo de silêncio]

PARTICIPANTE A: eu sou uma pessoa complicada, nota-se aqui nesta representação. Mas estou melhor graças à Casa Velha. A simplicidade! A lógica é a simplicidade [risos]. Então o que pus aqui... qual o meu lugar e também o que é que isso me transformou, porque eu não fiquei igual. Eu já fazia isto, mas passei a fazer mais: manter o foco nas pessoas. Eu como professora às vezes quero que todos os alunos tenham boas notas, mas eu tenho é de me focar naquele aluno, naquela pessoa e ver o que é que ele vai conseguir evoluir, passo a passo, pouco a pouco, mas o que interessa é que ele vá evoluindo. E foi isso que aconteceu também aqui no aterra. Fomos pouco a pouco, fomos passo a passo, nem sempre houve evolução em alguns aspetos, mas aquilo que foi acontecendo, mesmo que tenha sido pouco, fez a diferença e depois, as pessoas foram-se contagiando umas às outras, houve muito contágio, essa motivação, e por isso pus aqui estes corações, porque as pessoas vão-se contagiando neste processo. e assim vamos todos chegando onde almejamos, mesmo que não seja a meta que tanto almejamos, mas vamos chegando todos juntos. Houve evolução, houve comunidade, houve este pensarmos juntos, refletirmos juntos, houve mudança, transformação, mesmo que não tenha sido aquela que almejamos, mas aconteceu. E sempre com foco na pessoa que é o mais importante, não tanto nos objetivos cumpridos, mas ver cada pessoa e em quê que cada pessoa foi transformada e como é que essa pessoa pode transformar outras e em conjunto então transformarmos o mundo. Transformar o mundo por transformarmos a nossa comunidade, a nossa família, a nossa cidade, o nosso concelho.

PARTICIPANTE F: Posso continuar, porque me sinto muito ligada ao que disseste.

PARTICIPANTE B: Posso só perguntar uma coisa? Podemos repetir o que outros disseram?

PARTICIPANTE G: Isso será inevitável, acho que vamos encontrar muitos pontos em comum.

PARTICIPANTE H: vamos escrevendo, com cuidado de não nos repetirmos também demais.

PARTICIPANTE F: na linha do que estava a ser dito, a mim também o Aterra me ajudou a aterrar. Não numa lógica de me instalar mas de ter um lugar. Ter um lugar no mundo, porque foi numa altura da minha vida em que estava mesmo à procura do meu lugar não só no mundo, mas na vida. E o Aterra ajudou-me a perceber que o meu lugar no mundo se concretiza num projeto concreto, e através de bases sólidas. Estas 4 pernas da cadeira que lembram a comunidade que é estrutura.

[breve silêncio]

PARTICIPANTE D: então da cadeira podemos ir para a mesa [risos]. É engraçado isto que estavam a dizer. Agora já se mistura tanta coisa. Acho que o Aterra foi muito muito inspirador e há agora vários projetos que a partir de então são uma derivação. E eu fiz uma mesa, porque tomei mais consciência do meu papel no projeto como mesa. Não é por acaso, que tivemos vários encontros à mesa e é bom perceber como muitas coisas do Aterra agora são identitárias da Casa Velha, quando se apresenta a Associação. Por exemplo, esta frase que repetimos tantas vezes d Professor X, que a disse numa reunião: não inventar a roda mas por a roda a andar. Dizemo-la e eu digo-a sempre que apresento e falo da Casa Velha. Na semana passada disse-a em inglês. [risos] e é engraçado como todas as pessoas sorriem e faz sentido, é uma frase que encaixa. E para mim este projeto também me alargou como uma mesa se alarga, para perceber que é importante que haja projetos que são simplesmente, não é simples, mas simplesmente ponto de encontro e de diálogo, que deixam o processo acontecer e que o processo em si, revela, e promove e aproveita a interdependência. Interdependência que é algo que existe, mas que pode não ser valorizado e pode não ser valorizado sequer como processo de desenvolvimento. Por isso, foi muito um projeto inspirador e que de facto deixou muito lastro. A seguir houve um projeto chamado Mundo à Mesa, que não foi por acaso. Aqui na parte de trás também escrevi elevador: esta consciência de que não inventámos a roda quer na realidade local em que temos os pés e esta consciência que temos lugar no mundo que se concretiza numa comunidade leva a perceber que a solução vem da própria realidade e da própria comunidade e não tanto de coisas exteriores que se possa trazer para essa realidade, portanto foi muito por todas estas pessoas: escolas, produtores, decisores e depois tudo o que se juntou à volta. É engraçado perceber como isso ajuda a que os próprios reconheçam por um lado o que já fazem e por outro, o que podem fazer. E como houve aquela dimensão de juntar às políticas nacionais, à escola de verão com a participação de alguns políticos, as jornadas, os dois seminários nacionais. Tudo isso pôs em prática o que é o elevador.

Levar por exemplo a camioneta de 50 ourienses até à Gulbenkian ao primeiro seminário nacional e serem eles a falar do projeto e do que aconteceu e ao contrário, no segundo ano virem alguns responsáveis nacionais ao liceu de Ourém para o encerramento do projeto. Por isso, este vaivém para cima e para baixo

PARTICIPANTE F: isso também elevou a realidade.

PARTICIPANTE D: Sim, elevar a realidade e trazer quem está noutros níveis mais estratégicos e organizacionais a aterrar. Pronto, acho que para já...

PARTICIPANTE A: posso-me ligar a esse

PARTICIPANTE F: eu também

PARTICIPANTE G: também me ligo

PARTICIPANTE H: também quero

PARTICIPANTE B: acho que vamos estar todos ligados a todos.

PARTICIPANTE H: mas temos de decidir já, isto pode-se cruzar tudo?

PARTICIPANTE D: diria que sim, porque estamos a ver como se dão as ligações entre nós.

PARTICIPANTE A: isso faz lembrar o logotipo

PARTICIPANTE D: nem me lembro bem como era o logo

PARTICIPANTE B: era um fruto

PARTICIPANTE F: sim, uma circunferência que lembrava o mundo com 4 folhas a recordar os 4 continentes, mas que também podia ser a localidade de Ourém com os 4 eixos de ação do projeto: produtores, escolas, redes locais e impacto global.

PARTICIPANTE D: era assim, mais ou menos, não era? Também tinha a ver com as cores da FEC.

PARTICIPANTE B: então eu escrevi esta frase: a realidade é maior do que as ideias e fiz o desenho do encontro das jornadas do ordenamento do território em que aterrámos todos no meio do eucaliptal. Acho que para mim isto foi o que mais me marcou do aterra e trouxe para a minha vida e para o meu doutoramento. Por um lado o que mais me marcou do Aterra foi a parte de não ter medo de sonhar e de ter ideias e lembro-me da escola de verão da quantidade de coisas que discutimos e de ideias para o mundo. Lembro-me de

nesse ano me sentir muito inspirada e com muita vontade de fazer coisas. Mas por outro lado, foi esta lição de perceber que só a partir da realidade é que podemos construir algo. É isso que a MA estava a dizer, que é simplesmente, mas que não é simplesmente! Escutar a realidade. E depois isso para o meu doutoramento foi sempre muito importante, porque por um lado escutar a realidade, sinto que exige muita coragem, pessoalmente acho que parece sempre mais bonito e mais fácil fiar por uma ideia romântica destes projetos, e escutar a realidade é ousado, porque a realidade tem muitas tensões e muitas dificuldades. Por isso é esse não ter medo de atravessar a realidade e ir avançando mesmo que não se saiba tudo e não se tenham os planos todos, ir avançando, falando com as pessoas, pedir ajuda. Isto aprendi com o Aterra e com a Casa Velha.

PARTICIPANTE H: então eu ligo-me a isso. Não tanto à parte das jornadas, porque não estive, mas à atitude de fundo que falavas.

PARTICIPANTE D: eu ligo-me totalmente.

PARTICIPANTE G: também me ligo, principalmente pela questão da coragem de sonhar.

PARTICIPANTE A: eu também me ligo às duas escolas de verão.

PARTICIPANTE F: eu ligo-me pela aprendizagem com este processo.

PARTICIPANTE G: é muito engraçado, porque estava a ouvir a Participante D e estava a pensar exatamente naquilo que a Participante B acabou o de desenhar. Porque de facto a escola de verão não foi a experiência mais intensa do Aterra, mas foi dos momentos mais marcantes que vivi aqui. E lembro-me bem das ornadas, daquele momento de debate em pleno terreno quando do nada e com uma multidão de pessoas à volta, dois senhores a discutir. Eu escolhi comunidade, reconhecer o outro, ir para além da autossuficiência. A minha experiência do Aterra começou na escola de verão e foi assim, diria que, eu nasci em 86 e a minha vida foi tomando um determinado percurso e a certa altura ela começou a subir e quando chega ao Aterra ela está ali. A partir daí foi sempre a descer e não teve nada a ver com o Aterra, teve a ver com a minha própria experiência pessoal, mas literalmente é uma das memórias mais felizes da minha vida, porque me sentia quase como se tivesse a voar. Tinha vivido uma experiência de profunda mudança interior, e no Aterra ali estou a dar-me com outras pessoas, estava aqui a lembrar-me deles enquanto esperava pelo início desta sessão. Não foi assim há tão pouco tempo, já passaram 5 anos e continuo a lembrar-me deles. E depois, a escola de verão ligou-me aos atravessados e isso é um processo de reconhecer o mundo à minha volta. E outra coisa que me lembrei

já depois de escrever foi ligar-me ao campo. Eu sempre vivi no campo, onde as pessoas têm sotaque, vivem da agricultura, sempre tive uma horta, sempre tive agricultura em casa. Eu tenho um tio que é lavrador, daquelas coisas que já não existem. De alguma forma foi um tempo de me ligar interiormente quase que, não foi uma reconciliação total, mas ajudou-me a reconciliar um pouco com a história nos ascendentes, também ligar-me à minha terra, bastante longe daqui, mas o Aterra também falava disso: quem lá está quem faz parte, o que é que pode dar ali? A tendência das pessoas quando vivem nestas zonas é ir embora, ir para a cidade. Mas quem está o que é que pode fazer e dar ali, quais são as oportunidades que existem para atrair as pessoas ao seu território, ao local onde nasceram. Lembro-me também da importância de se valorizar a memória da própria cultura, do local com a identidade e isso ligou-me bastante a essa parte da minha vida, e com a qual hoje tenho uma relação muito mais pacífica. Acho que são as principais memórias que tenho. Depois tenho “mil e uma coisas” mais, em termos de factos é impressionante a quantidade de coisas que me vieram à memória. De facto é um projeto pra agradecer... profundamente!

(todos se ligam em silêncio)

PARTICIPANTE G: depois, todas as pessoas que estão aqui, e que hoje fazem parte da minha vida, conheci no Aterra.

PARTICIPANTE H: eu acho que o campo de férias que fiz foi consequência do Aterra e a nossa preocupação era cuidar a raiz do projeto, mesmo sabendo que formalmente já não fazia parte da candidatura.

PARTICIPANTE D: e o campo de férias mantém-se e tem crescido muito desde o projeto.

PARTICIPANTE H: Sim. E aquilo que me marcou começou por ser o impacto que o Aterra foi tendo nos meus amigos. O campo de férias começou muito frágil e de repente ficou uma cadeira e mesa claríssimas pelo encontro entre as pessoas. E isso viu-se logo na motivação para esta atividade, que não era o projeto de ninguém, não inventar a roda, mas as pessoas pedem que a roda mexa. E isso também fala muito deste lugar, casa velha, que ouve as pessoas, que não é alheio à realidade e a escuta. Acho que me senti muito responsável por uma coisa maior que eu e, lá está, da qual não fiz parte diretamente o projeto aterra, portanto, ser-me confiado uma coisa tão especial foi assustador, mas depois lá fomos construindo em conjunto. Senti-me responsável pelas crianças, mas depois também me senti jardineira que tem de cuidar deste lugar e destas pessoas. Uma imagem

que me fala muito deste lugar é que não temos de ser *xpto*, mas à medida que me fui sentindo em casa, também percebi a minha responsabilidade. Por isso, a minha preocupação de tentar perceber o meu lugar no mundo, nesta terra, em todas as suas vertentes e dimensões, parece que é mais fácil integrar o mundo, a história e o espaço e dar-lhes o tamanho certo das coisas e confiar, sabendo que as coisas não são minhas, mas aqui o convite é ser parte. E ser parte é muito giro, porque aqui há vários papéis, porque se pode ser muito ativo e presente, ou ter uma presença mais discreta. É o que a LF dizia da coragem de se deixar tocar pela realidade e acho que são assim as grandes novidades e revoluções, esta é a mudança e este deixar-me transformar, independentemente de haver grandes evoluções e coisas que em projeto ficam em números. Acho que de facto, a terra aqui é mexida e o que vem é sempre bom, mesmo que não seja obvio nem imediato e isso é assim das maiores coisas. E também me aproximou muito da terra, do mundo mais rural que é tão bonito e tão forte e tão necessário. E é isto que o PJ dizia: os lugares pareciam das pessoas, porque a tendência é saírem, mas de facto, a Casa Velha também é um sítio onde fica muito claro que é responsabilidade, mas é uma responsabilidade boa, não levada com peso e custo desmedido, mas que se faz com gosto. A terra de facto é onde começa tudo e tudo o que nos chega vem da terra. E para mim, que sou da cidade, percebo agora, como era ignorante. Desenhei umas mãos, porque de facto é um símbolo muito simples do nosso corpo: integrar a natureza é por as mãos na terra, seja ir para a horta, seja conversar, seja estar em silêncio a contemplar, seja ir lavar a loiça, seja integrar um projeto.

(todos se ligam entre risos)

PARTICIPANTE F: se calhar houve alguma resistência ao início em fazer estas linhas de ligação, mas realmente forma uma rede. Fica confuso e difícil de destrinçar, mas forma um suporte. Pegando o eu o PJ dizia, há muitos factos e se calhar os factos são importantes para a memória. Isto passou-me agora pela cabeça, mas se calhar podíamos mesmo pôr a roda a andar e rodar a mesa uma vez para o lado e escrever uma atividade que nos lembramos do Aterra. Esperamos 30 segundos e voltamos a rodar e escrevemos outra, rodamos outra vez e escrevemos outra. Mas não sei... alinham nesta forma espontânea?

PARTICIPANTE B: acho muito boa ideia.

PARTICIPANTE G: então escrevemos cada um uma atividade e depois rodamos?

PARTICIPANTE F: parece-me bem. E se repetirmos, não há problema!

PARTICIPANTE B: bem, ainda não vi nenhum repetido.

PARTICIPANTE D: eu já...

PARTICIPANTE G: podemos escrever também nomes de pessoas que fizeram parte do projeto e que deram também vida ao projeto.

PARTICIPANTE H: bem, mais factual que isso não existe.

PARTICIPANTE D: Já escrevi aqui vários. Dos que fizeram parte das histórias de vida, dos que deram apoio à formação de voluntários,

PARTICIPANTE F: as receitas

PARTICIPANTE D: o documentário que é muito ilustrativo.

PARTICIPANTE B: estava a pensar escrever, não é uma atividade, mas o site.

PARTICIPANTE A: cada atividade tinha sempre uma notícia.

PARTICIPANTE D: os presidentes de junta

PARTICIPANTE G: os jovens agricultores

PARTICIPANTE H: os professores

PARTICIPANTE F: tenho aqui... inauguração do agroturismo, jornadas de ordenamento do território, visita e almoço em Vila Chã, visita à plantação da Brígida das ervas aromáticas, receitas sustentáveis, almoço do mundo, participação na feira dos produtos da terra, prove, reunião com pais dos CF, escola de verão

PARTICIPANTE A: posso continuar: jantares aterra na escola de hotelaria de Fátima, o seminário aterra na Gulbenkian, formação de animadores, sessões de apresentação nas JF, escolas e Camara Municipal

PARTICIPANTE G: aqui está: formação em agricultura biológica, rede com agricultores locais

PARTICIPANTE B: encontro à mesa no Museu de Ourém, escola de verão, workshop com escolas, mundo à mesa, atividades e sessões na terra

PARTICIPANTE H: primeiro campo de férias “Aterra no planeta do tesouro” segundo campo de férias “Aterra nesta Casa”, workshop alimentação sustentável, encontros com idosos na Casa Velha

PARTICIPANTE D: workshop da teoria da mudança, método de avaliação SEROI, visita à plantação, encontros com crianças da escola primária do Vale Travesso, 5 histórias de vida, encontro de formação de voluntários e documentário Aterra

PARTICIPANTE B: e também houve outra coisa na escola de Ourém

PARTICIPANTE D: isso foi o segundo seminário. E houve também o recurso pedagógico “Educação para a Cidadania Aterra”

PARTICIPANTE G: e também houve o *Green Awards*.

PARTICIPANTE D: pois foi! Havia 6 candidatos por categoria e nós vencemos na nossa categoria. Tive que descer e tentar não cair no meio das escadas e receber o prémio. Nos 100 projetos foi o 3º com mais potencial de impacto social.

PARTICIPANTE F: agora vem a grande pergunta. como é eu se faz um livro de memórias disto que possa ser útil, que possa guardar estas dimensões.

PARTICIPANTE H: intuitivamente diria um harmónio que conserve a linha do tempo. Porque começa antes e no fim lança catapulta para próximos projetos e depois acho que também esteticamente fica bonito. Claro que pode ser álbum de fotografias, mas uma linha do tempo ajuda a explicar às pessoas a ideia de continuidade.

PARTICIPANTE D: se calhar faria uma roda com a ideia do tempo e da terra. Isto do ponto de vista gráfico, do ponto de vista de conteúdo, podia ter uma parte de descrição das atividades e dos produtos gerados, e depois responder a um, duas, três perguntas de fundo que é: o que é que mudou com este projeto? E poderia haver a nível pessoal alguns testemunhos, a nível de uma abordagem mais teórica de professores universitários envolvidos, porque é que é uma boa prática, porque é que é considerado uma boa prática e depois perguntar porque é eu a roda encravou.

PARTICIPANTE F: Mas a roda está encravada?

PARTICIPANTE D: Está. Encravou. O que é que fez mudar a roda? Qual foi a mudança e o que é que bloqueou a roda? Se calhar responder a estas perguntas. E o que é que do aterra ficou aterrado: como terra. O que é que encravou? porque as escolas locais começaram a comprar produtos locais, mas a agricultura está abrandada e também há as questões das contratações públicas que bloqueiam o acesso dos pequenos agricultores. Tentámos novas candidaturas que dessem continuidade ao aterra que não foram para a frente, porque também precisavam de um esforço dos parceiros que aqui se encontraram

que não foi possível. Nós não nos podíamos substituir aos outros. A Casa Velha candidatou-se como centro de incubadora agrícola e não passou e fizemos ainda uma candidatura ao programa de inovação social que não é fácil. Fomos a grande organizações pedir apoio, mas não é fácil. Por isso, é perceber que nós vemos a roda, mas reconhecemos que em termos de redes locais, não há disponibilidade de apoiar um projeto que é roda, que não é uma atividade concreta, mas é apoiar uma realidade que tem várias dimensões. Mas já estou a dispersar. A memória ajuda-nos a ler e a perceber que passo dar em frente. Respondendo à pergunta sobre o que aconteceu, seria muito bom não perder a memória de como isto é marcante.

PARTICIPANTE F: e pode ser que reative a memória e o desejo. Em termos gráficos também pensei logo na roda, mas quando a MM falou no harmónio lembrei-me daqueles livros de forma circular, tipo queijinho, com várias rodas de níveis diferentes presas com *atache* em que a roa vai andando

PARTICIPANTE D: Ah, e o Aterra foi apresentado na COP 21 como boa prática. e fizemos um cartaz que fomos usando várias vezes para falar do aterra.

PARTICIPANTE A: quase que dava para fazermos um museu

PARTICIPANTE D: mas isto de memórias é o ponto certo, porque museu dá um ar parado, mas a memória é viva.

PARTICIPANTE A: vamos jogar ao disco nesse dia.

PARTICIPANTE F: mas têm alguma sugestão

PARTICIPANTE H: eu adoro a roda, dá para cruzar com cores diferentes

PARTICIPANTE B: eu não estou a perceber como são esses livros...

PARTICIPANTE H: daqueles de quando eramos pequenos. Mas continuo a achar que faz falta a linha do tempo

PARTICIPANTE D: a linha do tempo pode atravessar a roda.

PARTICIPANTE F: a ideia seria nós construirmos um livro de memórias

PARTICIPANTE D: um protótipo

PARTICIPANTE H: Mas pode ser um livro com harmónio de um lado, folhas com história e no fim a tal roda que ajude a integrar isso.

PARTICIPANTE D: ah, eu também acho isso. Um livro simples que tem estes símbolos fortes do harmónio e da roda

PARTICIPANTE H: pois é que o harmónio dá para esticar e dá para perceber que é um processo

PARTICIPANTE D: ou até pegar naquela atividade que criaste sobre o meu lugar no mundo na Terra.

PARTICIPANTE B: posso acrescentar uma coisa? uma coisa que poderia ficar giro nesse livro seria ter de vez em quando uns apontamentos e desenhos de coisas muito específicas que associamos ao aterra, por exemplo, objetos, cheiros, pessoas, texturas

PARTICIPANTE H: sim, o cheiro da terra molhada, da laranja acabada de apanhar, ... basta descrever que todos nós chegamos lá, não precisamos de sentir o cheiro, basta recordá-lo.

PARTICIPANTE B: pois, é que a memória está sempre associada a uma coisa muito concreta, aquela mesa, aquele lugar, aquele cheiro

PARTICIPANTE F: então ficamos com estes aspetos importantes para o livro: a linha da memória, a associação entre vários aspetos: a roda, a parte sensorial e a importância disso para a memória. E depois, como é que se passa num livro de memórias isto que falávamos das linhas de fundo. Porque nos relatórios nunca se consegue transmitir essa parte, o modus operandi. É difícil passar o valor do comum. Assim até podia ter 4 dimensões: a parte do livro, a parte da roda, a parte sensorial e a parte de testemunhos

PARTICIPANTE H: isso eu acho muito importante, se alguém escreveu um email, escritos

PARTICIPANTE A: há vídeos de testemunho e escritos de crianças e jovens

PARTICIPANTE H: nem que seja dar uma vista de olhos àquilo que foi escrito nas avaliações

PARTICIPANTE A: sim, tudo o que foi sendo dito no fim das sessões, em cada avaliação.

PARTICIPANTE D: mas acho que também faz falta uma parte de sementes. Que desperte para a importância de voltar à terra.

PARTICIPANTE F: então e cada um de nós poderia faer uma página desse livro? Porque aqui parece faltar também a dimensão da expressão das transformações e dos sentimentos.

E essa expressão pode estar representada através de uma colagem de folhas por exemplo, de uma forma artística.

PARTICIPANTE H: estou a perceber, não consigo desenhar, mas acho que podemos experimentar.

PARTICIPANTE F: então e fazemos isso na próxima sessão? e vamos conversando sobre o livro de memórias e o seu formato.

PARTICIPANTE D: e em jeito de avaliação, realmente os factos não podem ser ignorados, nós aqui em conjunto conseguimos relembrar muitas atividades e, principalmente, pessoas, que eu já não me lembraria se não tivéssemos conversado e posto a roda a andar, lá está!

PARTICIPANTE F: Então diria que na próxima sessão pegamos a partir daqui refletindo sobre transformações que o Aterra trouxe à vida e ao contexto de cada um. Muito obrigada por este tempo de memória em conjunto e por este nosso encontro com a vossa participação tão ativa.

ANEXO 9 – Transcrição da Segunda Sessão Dialógica de Reflexão Ética “Aterra que (nos) transforma”

PARTICIPANTE F: Boa tarde a todos. Obrigada por nos podermos juntar aqui mais uma vez. Das avaliações da última sessão vimos como foi positivo juntarmo-nos e recordar juntos um projeto que teve impacto nas nossas vidas a nível pessoal, mas também a nível comunitário, principalmente nas relações entre participantes e ação na comunidade local. Peço-vos mais uma vez o vosso consentimento para poder gravar a sessão, que depois de transcrita vos será dada a ler. Hoje a proposta é mais simples e de alguma forma individual. Com este material que aqui temos, será dada a possibilidade de cada um poder expressão através de práticas artísticas as transformações que o Aterra potenciou, principalmente a nível individual.

PARTICIPANTE D: então é tentar resumir a sessão anterior?

PARTICIPANTE F: principalmente, expressar através de práticas artísticas, utilizando objetos da natureza, as transformações que o Aterra permitiu e potenciou. Parece-vos bem?

PARTICIPANTE B: Sim

PARTICIPANTE G: Também acho bem

PARTICIPANTE H: Alinho

EN: Muito bem.

PARTICIPANTE D: Vamos a isso.

PARTICIPANTE F: proponho que escolham um lugar, posição, material, estilo que mais ajudar à reflexão. O mote para este tempo de reflexão será as transformações que o Aterra provocou. Voltamos a encontrar-nos aqui daqui a 1 hora. Boa reflexão a todos!

[tempo de reflexão individual]

PARTICIPANTE D: trouxe esta representação do Aterra que foi como semente enraizada que se expandiu e irradiou para várias dimensões da comunidade.

PARTICIPANTE F: Eu trouxe estas duas dimensões que o Aterra despertou na minha vida. A aproximação ao global e a “aterragem” no concreto e cotidiano. Por isso representei com objetos da natureza estes dois movimentos que se interligam e simultaneamente se potenciam.

PARTICIPANTE H: eu trouxe as minhas mãos, como se pode ver. Uma mão cheia de terra e com vontade de pôr as mãos na terra, de me envolver na Casa Velha e com as pessoas daqui, do lar, voluntários e quem passa por aqui. Mas tal como acontece nas fotografias, esta mão revela-se também com um outro lado onde a vida cresce, as oportunidades aparecem. O Aterra, e para mim, até mais, a Casa Velha são oportunidades de me sentir parte e participante, com responsabilidade.

PARTICIPANTE G: eu fiquei-me pelas palavras, e aqui está.

PARTICIPANTE A: Para mim o Aterra foi este grande caminho de conversão ecológica, de mudança e de irradiar para os outros algo que tinha encontrado e descoberto.

PARTICIPANTE B: os pionesezes representam uns pontos no apa, uns pontos em Ourém, que simboliza as pessoas que estão no local e aquilo que já existe em termos de iniciativa, os agentes locais. Liguei os pontos com cordéis para representar o que foi o trabalho do aterra, que foi partir do local, perceber o que já existe, começar por estabelecer relações, a ACV e o grupo do aterra teve muito esse papel de estabelecer pontes. E depois fiz uma terceira parte que é a continuação dessas ligações, onde as próprias pessoas reproduziram essas ligações.

PARTICIPANTE F: Fica este desafio de construir memória daqui levo isto de importância de reconstruir memória em conjunto de construir importância da memória para o futuro. Fazer memória ajuda a fazer consciência do presente e abrir caminho do futuro. Por isso seria ótimo poder continuar a contar com este grupinho para um outro encontro e continuar se faz sentido e se vos faz sentido alargar a mais pessoas. Esta ideia do livro de memória não estava assim tão concreta. No fundo, a ideia desta tese era usar este material, construir uma ferramenta que pudesse inclusive ser usada por outras pessoas. O que vos parece?

PARTICIPANTE D: Estamos numa fase geral de contar histórias como ferramenta, histórias de mudança e estamos no tempo de contar a história e escrever da casa velha, é

como se contasse esta história que não se pode perder que está viva de muitas maneiras e que se está a espalhar e faz todo o sentido de ser uma história de uma terra como se pode contar a história que é crianças que cá vêm, pessoas de todas as idades porque é um processo que todos podemos experimentar seja geográfico, temporal e acho que, obrigada por me teres e já estavas metida e acho que para o próximo encontro também é importante onde queremos chegar com os 3 encontros para ti não fazer isto não pesar nem para ti nem para ninguém e depois também é isto ser engraçado poder apresentar ser um mote para convidar pessoas como o X para cá vir que nunca cá veio o fim do último encontro ser um encontro.

PARTICIPANTE B: Seria muito bom poder juntar professores universitários, com os atores locais, os voluntários da Casa Velha num encontro.

PARTICIPANTE F: Tem sido muito gratificante juntar os documentos, entrevistas e registos autobiográficos neste processo de destacar os aspetos de transformação pessoal e os valores do projeto.

EN: Poderíamos também abordar algumas tensões e dificuldades

PARTICIPANTE F: se tivéssemos coragem de ir mais às tensões e às dificuldades se calhar também é um aspeto importante.

PARTICIPANTE D: Isso implica a aprendizagem dos pontos chave do processo.

MM: Isso liga um bocado com aquela questão de que tudo está ligado.

PARTICIPANTE G: No fundo teremos de pensar como é que isto é disseminável e pode ser aplicável que vemos que faz sentido, por várias razões faz sentido e também puxar por estas frases que fomos dizendo no último encontro e por estas reflexões que são a base a partir da realidade.

PARTICIPANTE D: E não esquecer esta coisa do pequeno. O coração do Aterra é uma pequena semente, é uma pequena roda que se mexe e que gera e tem um processo... Muitas vezes não aproveitamos e ao mesmo tempo vai gerando processos a outros níveis, mas que também tem de viver a cada ponto em cada ponto tem uma pequenina roda que tem de gerar este valor da pequenez, seja ao nível onde se esteja - ser comunidade - de pôr as pessoas em ligação e que tem de ser aqui tem de ser repetível, a nível global

PARTICIPANTE H: Podia ser interessante pensar o que é que isto tudo tem a dizer para a educação e para o desenvolvimento rural.

PARTICIPANTE G: Sim, isso são dimensões que o Aterra trabalhou e juntou.

PARTICIPANTE F: Então no próximo encontro debruçamo-nos sobre as dimensões éticas mais em torno das dificuldades e das tensões, e numa quarta sessão apontamos para o futuro refletindo sobre o Aterra a falar às diferentes realidades?

Todos: sim.

PARTICIPANTE F: Muito obrigada. Estas folhas ficam aqui expostas, para que possamos ver e contemplar também a expressão e reflexão de cada um e do nosso conjunto. Muito obrigada mais uma vez. Tem sido um bom processo. Encontramo-nos na próxima sessão.

ANEXO 10 – Transcrição da Terceira Sessão Dialógica de Reflexão Ética “Dentro d’Aterra”

PARTICIPANTE F: Bom dia a todos. Muito obrigada mais uma vez por podermos estar aqui, ainda por cima num dia de chuva. Mas pode ser que isso até nos ajude a mergulhar mais fundo nas dificuldades e tensões que foram surgindo ao longo do projeto, como tinha sido a sugestão deixada na última sessão. Volto a pedir se concordam que grave com este gravador a sessão de hoje, que será transcrita e enviada a cada um. Podem fazer as alterações que vos parecerem importantes nesse momento. Pode ser?

Todos: Sim.

PARTICIPANTE F: hoje trouxe aqui uma proposta de plano, que podemos ir adaptando e construindo. São apenas algumas linhas orientadoras, de acordo com as duas sessões anteriores. Pegando na ideia do Aterra relacionado com as dificuldades e tensões, e também depois das entrevistas, fui-me apercebendo que poderia ajudar ter quase a experiência não só de aterrar, mas também de enterrar, de voltar a estar dentro da terra, não só dentro do projeto, mas também dentro da memória. E aí também ir sentindo e fazendo memória do que foi mais difícil. Por isso, trouxe aqui umas vendas, que cada um será totalmente livre de optar por pôr ou não, para ajudar a fazer escuro e a facilitar a concentração. É importante deixar que a memória vá emergindo. Sabemos que a memória é um mistério, mas às vezes quando está escuro, as coisas também se sentem de outra maneira. Por isso queria saber a vossa opinião sobre esta proposta e se vos faz sentido começarmos assim esta sessão que tínhamos combinado que seria sobre dificuldades e tensões.

PARTICIPANTE D: parece-me muito bem.

PARTICIPANTE A. também não me importo

PARTICIPANTE B: por mim pode ser.

PARTICIPANTE G: sim.

PARTICIPANTE F: todos temos telemóveis e há aqui uma coluna, podemos por música de fundo se quiserem.

PARTICIPANTE A: a chuva lá fora também é uma boa música de fundo.

PARTICIPANTE B: sim, até ajuda a pensar nas dificuldades.

(risos)

- segue-se tempo de silêncio em que se ajuda a pôr a venda a cada um -

PARTICIPANTE F: para promover uma experiência mais sensorial, proponho que cada um estenda as mãos e eu vou passar e pousar nas vossas mãos um emaranhado de fios. Muitas vezes as tensões e dificuldades são como um emaranhado de fios, são linhas e redes que se baralham e confundem. Podem sentir, mexer e ir recordando cada dificuldade, cada tensão vivida ao longo e após o projeto. Será bom tentarmos dar nome, concretizar e especificar isso.

(tempo de silêncio. A pouco e pouco cada um foi tirando a venda dos olhos)

PARTICIPANTE B: podemos escrever?

PARTICIPANTE A: isso ajudava.

PARTICIPANTE F: podemos escrever nuns quadrados de tecido que estão aqui. Como podem ver, cada um tem quatro fios das quatro cores do Aterra. Talvez possamos prender cada quadrado de tecido aos fios e tentar liga-los de alguma forma?

PARTICIPANTE B: podemos também usar materiais para representar os dilemas e dificuldades?

PARTICIPANTE F: o que vos parece?

PARTICIPANTE D: acho que pode ser boa ideia.

PARTICIPANTE G: sim.

PARTICIPANTE F: bem, acho que todos nos vamos apercebendo disto, que ao longo da vida, independentemente daquilo que acreditamos ou não, quando há dificuldades, tensões e dilemas, normalmente também surgem com isso, oportunidades e também há horizonte que se abre. Por isso, a ideia desta proposta, ao estender estes três panos cosidos, pensarmos em conjunto em 3 oportunidades que foram surgindo também a par com as dificuldades. Temos na mão o emaranhado e estas etiquetas, mas também temos no chão este terreno, a terra que se foi lavrando e cultivando – de forma metafórica, claro! – representada nestes tecidos.

PARTICIPANTE D: podemos ir registando mesmo no tecido.

PARTICIPANTE F: boa! Lembrei-me também neste tempo da oportunidade de escuta, que surge da dificuldade das pessoas nem sempre estarem em sintonia na forma de conceber o projeto, dos interesses individuais que se sobrepõem aos comuns e como isso exige que se escute, que as pessoas se reúnam. E acerta altura, o projeto transformou o tempo em oportunidades de encontro e de escuta, todos nos lembramos disso.

PARTICIPANTE H: O essencial que é a comunicação, toda a comunicação não é à tua luz, à tua forma de comunicar e muito mais perceber como é que como é que se comunica e como se diz o que se quer dizer, e se quer dizer o que se diz...

PARTICIPANTE B: pois uma comunicação com entendimento muito profundo.

PARTICIPANTE H: sim, mas isso é que acho que é difícil acontecer... sobretudo em projetos que saem de nós, por exemplo o Aterra está dentro da tua cabeça e as outras pessoas não estão na tua cabeça e, numa criança isso é muito claro, tem de ser tudo muito b-a bá, e isso logo na 1ª instância é importantíssimo ser muito claro. quando há confusão, ou quando há tensão ou quando há discussão tem de haver a vontade de querer chegar lá, e que esse lá não seja teu, de querer de facto, comunicar e receber, de não querer ouvir o que tu queres ouvir, desligares-te disso não querer ter só razão. Essa liberdade de comunicar verdadeiramente e tu pões em causa a tua própria comunicação é como chegar lá, que nem tu próprio sabes onde é

PARTICIPANTE F: Quando há dificuldades, tensões e dilemas, normalmente também surgem com isso, oportunidades e renovação da intenções iniciais, desde que haja uma intenção boa de fundo. Estamos aqui a recolher algumas oportunidades e de integrar e partilhar as nossas oportunidades, integrando-as na nossa terra. (ver a oportunidade como partilha)

PARTICIPANTE B: Eu quando pensei nas dificuldades eu foquei-me muito na escola de verão, nas duas, é do que tenho mais memória, talvez por ter participado mais intensamente, e as dificuldades que pus, primeiro a gestão de expectativas e na gestão dos voluntários com os participantes. As diferentes expectativas com que vieram e como as gerimos. E também sensibilidades perante o tema da ecologia, e também vi pessoas mais otimistas e outras mais pessimistas ao que podemos fazer. Outra dificuldade que tive foi agarrá-los, mantê-los motivados. Isto foi muito diferente nos dois anos.

Em termos de oportunidades, eu ia dizer também, que tem a ver um bocado com isto da escuta, fomos percebendo que havendo pessoas tão diferentes, com pontos de partida e formações tão diferentes, tínhamos de estar muito mais sensíveis e abertos a acolher essas diferentes opiniões e diferentes. Fez uma grande mudança.

PARTICIPANTE D: Um bocado na continuação do que a participante B disse, identifico aqui oportunidades e dificuldades, a oportunidade que a realidade nos traz sempre de caminho e de transformação e acho que no Aterra em si, foi essa a oportunidade que foi ser terra. Esta realidade que encontrámos e encontramos.

A tensão de mostrar-lhes a solução mas de não conseguirmos mantê-la, ou seja, por um lado porque não nos cabe a nós manter e por outro porque ainda não de crescerem sozinhos. Por isso este projeto de agentes locais e que mostrou caminhos concretos e verdadeiros de desenvolvimento, de transformação, precisavam... abrimos uma janela que depois não é fácil de continuar se cada elo da cadeia não estiver também preparado para isso, com condições para isso por isso. Por isso esta tensão. Sim, o caminho é por aí, mas cuidado, não abrir coisas que ainda não estão em tempo de andar, ou pelo menos esta responsabilidade de ir acertando o caminho que se abre com a possibilidade de caminho de quem está fazê-lo consegue fazer. Não sei se estou a ser clara.

Acho que essa tensão existiu, o Aterra entusiasmou e continua a entusiasmar e continua a acreditar no fundo pusemos a roda a andar mas depois a roda parou e fomos tentando mexer, acertar o que estava a bloquear a roda, e uma coisa muito concreta é a organização da produção local e isso já é impossível de fazermos nós. É um bocadinho este ritmo lento que é preciso respeitar, que não é o ritmo de um projeto – outra tensão que eu tinha aqui – Resumindo: é uma oportunidade de mostrar nunca desistir de mostrar que a solução vem da realidade, e de quem lá está, e vem muito de acompanhar e de ler ajudar a dar passos, mas com a paciência de dar os passos possíveis em cada tempo; ter sempre presente já vimos o quadro mas ainda não estamos lá. Sermos responsáveis para não mostrar às pessoas com quem trabalhamos algo que não é possível ainda atingir.

Depois tenho aqui esta tensão de potenciar este trabalho em efetiva relação porque o que fizemos foi pôr em relação o que já cá estava, e depois, acho que foi uma grande oportunidade, e é uma grande oportunidade não querer ser protagonista: querer ser a relação, querer ser o canal que liga. Depois também alguns dos elos crescem começam a ganhar autonomia e os outros ficam para trás esta “tensão entre”, mas isso não é o caso

do Aterra, no Aterra não é o caso porque não houve grande autonomização. À medida que vamos andando com esta visão de corpo há umas partes crescem mais que outras há esta tensão de ir equilibrando, para não encravar a roda. Depois a grande tensão de manter a roda a andar por si! Acompanhar, mas não sendo a força motriz.

Como ser oportunidade e tensão ser pequeno, ou seja, isto tudo mostra o valor dos pequenos passos. Ser pequeno, mas chamado ao grande. É sempre a dificuldade. E o que acontece é que queremos grandes projetos... claro que o Aterra também teve coisas desproporcionadas, mas, lá está, que sobretudo deram dignidade às pessoas, fizeram crescer as pessoas e isso já é muito, muito bom uma grande transformação, uma grande mudança.

PARTICIPANTE F: Posso aproveitar a imagem da árvore que a Natureza também se transforma, integra, pôr as dificuldades em forma de árvore e ver que algumas dificuldades são muito pessoais, como o perceber no meio disto tudo qual é o meu papel como é que mantinha uma coerência com os valores que conversámos e levava para as atividades e vivia isso no dia a dia, a questão dos ritmos, a questão do respeito a questão do valor, depois uma das dificuldades que acabou por ser uma boa oportunidade foi a adaptação às realidades diferentes das escolas e do ouvir e não ir só a partir da nossa visão ou do nosso sonho mas entrar aqui num diálogo que permitir chegar com outros. Depois outra dificuldade que é transversal a todos os projetos que é a dificuldade de realmente trabalhar em conjunto com as pessoas, com os professores... como é que isso se faz? as coisas estão organizadas de forma que não é fácil, exigem mesmo criatividade e muito acerto e ainda outra dificuldade que causa um pouco de desanimadora é pouca adesão em termos numéricos. É pena estarmos tão agarrados a esse tipo de resultados é um bocado desanimador e depois olhando para trás percebe-se que é isso, é o valor do pequeno, não é a quantidade, mas o valor de cada um.

PARTICIPANTE H: disseste algumas das tensões que eu também vivi. O espaço Casa Velha e todas as aprendizagens e encontros. Pegando nas escolas, a comunicação é fundamental, um dos pontos que posso levantar é aquelas ideias pré-concebidas de que a ecologia é a reciclagem. Mas queremos mostrar o que é a ecologia integral, uma coisa muito mais completa. Como podemos conhecer a terra e a beleza que é, o que acabou por vir também da casa velha. Quando vêm de novo à casa velha apaixonam-se, por perceberem e conhecerem o que é mexer e cuidar da terra. Penso que deixamos a semente, com estes encontros na casa velha, este amor de cuidar da terra. E marcou-os o facto de

estarem fora da escola com os colegas, num espaço diferente. A casa velha foi o desbloqueador, o que me ajudou a fazer uma conversão em mim, a ser coerente e a passar esta paixão para os adolescentes e jovens, porque a casa velha facilitou-nos a vida.

PARTICIPANTE G: Há um conjunto de coisas que me vieram à cabeça. (descrição de uma visita com os miúdos). Lembro-me do sr. S que tinha uma visão muito integrada do seu negócio, porque vendia batata doce e como sabia que as pessoas não iam à banca comprar só isso, também pediu a mulher para fazer uns bolos e vendia uns morangos.

O meu pai sempre foi agricultor nas horas vagas E não percebo. A maneira como as pessoas aprenderam a produzir e foram introduzindo técnicas mais agressivas porque as pessoas querem produzir para poder vender e para elas é incompreensível uma agricultura mais desprovida de ajudas.

A mãe dizia “a minha avó fazia assim” e isso é muito engraçado. São técnicas que têm muitos anos e que a realidade dos últimos 50 anos foi aumentando a tensão nesses encontros e numa comunicação mais saudável.

ANEXO 11 –Transcrição da Quarta Sessão Dialógica de Reflexão Ética “Aterra fala hoje de Ecologia Integral”

PARTICIPANTE F: Boa tarde a todos. É mesmo bom sinal voltarmos a juntar aqui este grupo. Começo por recordar o nosso percurso: começámos por falar sobre o nosso lugar no Aterra e destacar algumas memórias. Falámos sobre como poderia ser construído um livro de memórias do Aterra, mas abandonámos essa ideia por enquanto. Tomará outros contornos, certamente. Na segunda sessão falámos sobre as transformações decorrentes do projeto Aterra e houve representações muito inspiradoras. Aliás, todas elas. Na última sessão experimentámos um “regresso à terra” fazendo memória das dificuldades, mas encarando-as também como oportunidades e hoje estamos aqui para falar sobre este grande tema que surgiu também nas entrevistas e que, cada vez mais é uma bandeira da Associação Casa Velha. O projeto Aterra nunca falou sobre ecologia integral assim desta maneira muito explícita, mas, entretanto, tudo o que foi acontecendo a seguir de projetos relacionados com o projeto aterra começou a trazer esta questão da ecologia integral. Quando ficou aquela ideia do último encontro de acabarmos com “atterra fala à educação, aterra fala...” pronto, essas diferentes áreas... estava agora a rever essa sessão e a pensar: “atterra fala” podia ser quase “a ecologia integral fala” estas diferentes áreas, esta maneira de tudo estar ligado, de partir da realidade, de entrar em diálogo e comunicação profundas, da escuta, da sensibilidade... tudo aquilo, no fundo, que nós fomos pondo ali, no fundo, atrás das dificuldades, o que também trouxemos das representações das outras sessões. E tudo isso hoje, para nós aqui os seis, é fácil legendar como ecologia integral, que na altura, se calhar, não tínhamos esse dicionário. Como é que a ecologia integral pode falar a diferentes áreas? Aquilo que eu tinha pensado para este momento, mas que mudamos, que estamos aqui à mesa... era estarmos em roda e termos um lugar no meio, a ecologia integral, e no fundo ir criando diálogos, e cada um dos outros 5 poder assumir uma área. Educação, arte...

PARTICIPANTE D: Desenvolvimento... Espiritualidade. Também tem a ver.

PARTICIPANTE F: Com que áreas é que vocês acham que era importante a ecologia integral entrar em diálogo? Falar, conversar?

PARTICIPANTE D: Desenvolvimento rural.

PARTICIPANTE B: Eu estava a pensar no território.

PARTICIPANTE D: Economia, nas artes... depois acho que na parte humana tem muitas dimensões.

PARTICIPANTE F: O consumo, também... não sei com que área tem a ver o consumo.

PARTICIPANTE H: É que é isso, é integrado, está mesmo tudo...

PARTICIPANTE B: Em educação tens as políticas públicas...

PARTICIPANTE H: Política, também.

PARTICIPANTE D: cidadania.

PARTICIPANTE F: então se nós escolhêssemos 4... ou 6...

PARTICIPANTE H: chutar as palavras e depois algumas agrupam-se e dá para fazer um tema maior, e depois agrupam-se e dá para fazer um tema maior... e depois escolhemos, se fizer sentido 4, se fizer sentido 6.

PARTICIPANTE D: pensando nos departamentos de uma câmara municipal, é a área de educação, a área da proteção civil, saúde, cultura, ambiente, urbanismo, desenvolvimento sustentável, social...

PARTICIPANTE H: pois, ordenamento do território, arquitetura...

PARTICIPANTE B: pois, mas há aí algumas que estão ligadas... ambiente, o ordenamento do território. O desenvolvimento rural também, e a agricultura...

PARTICIPANTE G: O ordenamento do território, ou ambiente social... na prática é o espaço público e comunitário.

PARTICIPANTE D: a cooperação.

PARTICIPANTE F: pois, mas depois também fica muito vago... ou seja, é difícil entrar em diálogo com o espaço público, é mais fácil entrar em diálogo com o ambiente, estás a ver?

PARTICIPANTE G: Sim.

PARTICIPANTE D: que depois se manifesta no espaço público.

PARTICIPANTE G: sim, sim.

PARTICIPANTE B: mas por acaso o ambiente eu também não acho que seja muito concreto.

PARTICIPANTE H: não, mas é que tem que ser concreto e amplo o suficiente, não é? Porque dentro do ambiente se calhar chegas ao espaço público

PARTICIPANTE G: eu quando falo em espaço público e comunitário é um pouco um chapéu a partir do qual tudo o resto se interliga, porque depois cada um tem a sua área específica... mas todos criam uma comunidade mais integrada, não é?

PARTICIPANTE B: agora estava-me a lembrar de uma coisa, é que o espaço privado também tem importância nestas coisas...

PARTICIPANTE G: ah sim, quando eu falo de público é a vida em sociedade, é o espaço, os lugares, as casas, a comunidade que vive à volta, o espaço verde, o que é que fazem, quais são as ações que tomam, tudo isso... porque uma comunidade em si é um espaço onde todas estas áreas se desenvolvem... mas se calhar é uma confusão

PARTICIPANTE F: mas eu se calhar eu até poria isso como grande mote: “A ecologia integral em diálogo com a comunidade”, sendo que a comunidade integra todas estas áreas, não é?

PARTICIPANTE D: pois, pensando nas 4 que estão na Laudato Si são a Economia Económico-Social era uma, Ambiental, da Vida Quotidiana e...

PARTICIPANTE F: e a educação?

PARTICIPANTE B: e havia a Cultura também, não era?

PARTICIPANTE D: a Cultura, acho que era a Cultura, quando se fala mesmo de ecologia integral.

PARTICIPANTE B: mas quando disseste vida quotidiana era essa?

PARTICIPANTE D: É.

PARTICIPANTE F: É estilo de vida, é cultura.

PARTICIPANTE H: E a espiritualidade, não? Porque às tantas eu acho que Educação...

PARTICIPANTE F: desenvolvimento espiritual...

PARTICIPANTE D: ou desenvolvimento pessoal, ou...

PARTICIPANTE H: Comunidade é mesmo uma coisa que eu tenho descoberto que não é nada óbvio o que é que isto quer dizer, sobretudo quem não experimenta, quem não vive, acho que é uma coisa superimportante para...

PARTICIPANTE D: mas ao mesmo tempo cada vez mais vais ouvindo como...

PARTICIPANTE F: ...alternativa...

PARTICIPANTE D: alternativa nas políticas, nas soluções que vão aparecendo é muito

PARTICIPANTE F: começar a partir do local, valorizar o local.

PARTICIPANTE H: sim, mas na prática as pessoas nem conhecem os vizinhos... porque até é uma palavra muito bonita e que toca as pessoas, mas depois na prática não há propriamente uma

expectativa porque não há uma realidade, nem sequer expectativa. Não sei se interessa muito, mas se calhar não poria... acho que é absolutamente... vais sempre tocar na comunidade, mas isso como resposta e se calhar não como ponto de partida.

PARTICIPANTE G: a comunidade existe sempre.

PARTICIPANTE F: e a comunidade é o espaço público.

PARTICIPANTE G: é a dinâmica que existe dentro da comunidade é que pode gerar perceções diferentes.

PARTICIPANTE H: eu acho que isto é só a nível de comunicação, eu estou a perceber o que vocês estão a dizer, não sei é se chega tanto como..., mas passamos, já vemos.

PARTICIPANTE F: e escolhemos 4?

Todos: sim.

PARTICIPANTE D: Educação

PARTICIPANTE H: Esse de certeza, sim.

PARTICIPANTE F: Económico-Social também, não é?

PARTICIPANTE D: ordenamento do território, se puder ir. Porque é tão importante, tem a ver com...

PARTICIPANTE H: com o espaço, não é?

PARTICIPANTE B: e tem a ver com a terra...

PARTICIPANTE D: e tem a ver com a exclusão social ou com a inclusão social... e, pois, desenvolvimento humano, ou... só que isso é...

PARTICIPANTE F: mas aí é dentro de social, não?

PARTICIPANTE D: pois, põe social.

PARTICIPANTE H: então... social, espiritual, cabem imensos, não?

PARTICIPANTE G: o desenvolvimento, se for o desenvolvimento humano, sim, pessoal, espiritual, é algo individual, não é?

PARTICIPANTE D: mas mesmo assim, escolhendo 4, escolheria o Social e trabalharia esse dentro do social, se calhar, dentro do económico-social, não sei... porque é uma etapa muito importante do social

PARTICIPANTE B: o ordenamento do território também está muito ligado com economia...

PARTICIPANTE D: sim, mas é mais um mapa de fundo, uma visão de integração, muito com esta questão urbana, rural.

PARTICIPANTE B: sim, sim.

PARTICIPANTE F: então... agora perdi-me. Tire o económico-social?

PARTICIPANTE D: (...) ou “económico-social” ou “social”, diria eu...

PARTICIPANTE F: a educação integra a vida quotidiana, não é?

PARTICIPANTE H: a saúde também, se calhar, não?

PARTICIPANTE F: a saúde tem a parte da alimentação...

PARTICIPANTE H: eu estava a pensar o que é que é mesmo essencial ao ser humano. Claro que é tudo, mas... a educação, claro. A Saúde, claro. O social, viver em comunidade. E o ordenamento do território toca nos recursos, também.

PARTICIPANTE B: sim.

PARTICIPANTE G: mas aí a cultura também é fundamental.

PARTICIPANTE H: pois, então se calhar esses 5.

PARTICIPANTE G: porque a cultura é identidade. A educação também, mas a cultura pode encaixar na educação.

PARTICIPANTE H: então sim, é uma mão cheia. Está bom.

PARTICIPANTE D: Pois, a cultura..., mas a parte do desenvolvimento espiritual também pode entrar na cultura.

PARTICIPANTE F: Não, mas só 4.

PARTICIPANTE H: só? Pois...

PARTICIPANTE D: Cultura, também poria cultura. Poria se calhar Educação, Económico-Social, Ordenamento do Território e Cultura. Ou então...

PARTICIPANTE H: e recursos? Não pode...?

PARTICIPANTE D: ... desenvolvimento sustentável. É um bocado...

PARTICIPANTE G: ...porque encaixa tudo.

PARTICIPANTE B: pois, eu não usava esse.

PARTICIPANTE H: eu também não.

PARTICIPANTE D: eu também não, mas...

PARTICIPANTE H: sobretudo se estamos a falar da ecologia integral, depois é só chave... Não é chavões, mas começa a ficar um bocado...

PARTICIPANTE D: então eu poria ordenamento do território.

PARTICIPANTE B: ou só território.

PARTICIPANTE D: ou só território.

PARTICIPANTE H: Território.

PARTICIPANTE B: porque implica recursos, e...

PARTICIPANTE G: Território faz mais sentido. E até pode incluir... não sei, depende de como olhamos para o conceito, mas... cultura.

PARTICIPANTE B: pois, sim, também estava a pensar nisso.

PARTICIPANTE F: Educação.... Social, não é? Ou Económico-Social?

PARTICIPANTE H: Social

PARTICIPANTE D: Económico-Social, eu prefiro, acho que é importante aparecer o económico.

PARTICIPANTE B: Económico, sim

PARTICIPANTE H: Eu também.

PARTICIPANTE F: Social, Território, e...

PARTICIPANTE B: Sócio Economia... isto é outra coisa, se calhar, não é?

PARTICIPANTE D: Território e...

PARTICIPANTE H: Cultura.

PARTICIPANTE D: Cultura.

PARTICIPANTE B: mas a cultura... pois, nós estávamos aqui a dizer que se calhar a cultura está dentro do ter...

PARTICIPANTE F: é que a cultura eu também acho... e a educação.

PARTICIPANTE G: o território também pode ser cultura, não é?

PARTICIPANTE D: então se calhar poria...

PARTICIPANTE G: porque é o espaço, não é?...

PARTICIPANTE B: ah, mas eu não...

PARTICIPANTE D: mas não é só

PARTICIPANTE B: eu só via dentro da cultura

PARTICIPANTE G: eu acho que há para lá.

PARTICIPANTE B: até porque não é só cultura.

PARTICIPANTE G: não, não é só cultura.

PARTICIPANTE D: eu até poria... comunidade, voltando à questão da comunidade.

PARTICIPANTE F: isso é aqui. Mas é que a comunidade é isto tudo. Eu punha era aqui o desenvolvimento...

PARTICIPANTE H: sim, a comunidade é a resposta a uma melhor educação...

PARTICIPANTE F: mas isso está dentro da educação. Vida quotidiana?

PARTICIPANTE D: eu poria cultura, porque acho que extravasa o... porque é que cultura e território não pode ficar?

PARTICIPANTE G: não, eu estou a dizer que território e cultura eu creio que podem de alguma forma... mais, eu diria até que a cultura pode-se inserir mais no território do que o contrário, não é?

PARTICIPANTE B: Ah, sim.

PARTICIPANTE D: sim.

PARTICIPANTE G: porque o território, pronto, é o espaço onde as pessoas vivem, não é?

PARTICIPANTE F: mas acho que assim está bem ou não? e se estamos numa de comunidade e de local e não sei quê, então o valor da própria cultura...

PARTICIPANTE D: eu acho que sim.

PARTICIPANTE F: acham bem fechar?

PARTICIPANTE D: eu fechava.

PARTICIPANTE A: mas aí (...) o território...

PARTICIPANTE D: o território muito como...

PARTICIPANTE A: organização de políticas... não?

PARTICIPANTE D: eu estava a ver como organização... como mapa de integração...

PARTICIPANTE G: de tudo

PARTICIPANTE D: de tudo, também, sim.

PARTICIPANTE B: estava a pensar nos recursos também, da terra... e a espiritualidade, onde é que se insere?

PARTICIPANTE D: pode entrar na cultura ou na parte social

PARTICIPANTE H: ou na cultura ou na educação, também

PARTICIPANTE D: ou na educação.

PARTICIPANTE F: território era... sim, cultura

PARTICIPANTE D: ...era o mapa de integração de tudo, não é?

PARTICIPANTE F: era sim... desenvolvimento espiritual, também.

PARTICIPANTE D: pois, é que tem a ver com a identidade, a cultura, também, não é?

PARTICIPANTE G: mas o território também.

PARTICIPANTE D: também, claro que tem a ver com a identidade.

PARTICIPANTE H: quase que identidade podia ser um, Educação, Identidade, não é?

PARTICIPANTE F: pois, é verdade, a cultura de uma região é a identidade dela, não é?

PARTICIPANTE F: então, a proposta... cada uma de nós tem 4 folhas. É poder entrar em diálogo com a pessoa que está á nossa frente e dar espaço em cada folha para cada uma destas áreas. Se calhar convém só identificar (educação, económico-social, território e cultura), e depois, da conversa que fomos tendo com a pessoa da frente, ir tomando notas como quisermos.

- TEMPO DE CONVERSAS E REGISTOS A PARES -

PARTICIPANTE F: Lembram-se do logotipo do aterra? Que era uma bola...

PARTICIPANTE A: está aqui, no meu coração.

PARTICIPANTE F: então... explicas? (risos)

PARTICIPANTE A: são 4 folhas, cada uma simboliza... sabes melhor do que ninguém!

PARTICIPANTE F: no fundo é o que temos aqui, e a ideia é que o aterra se multiplica. E a verdade é que depois do aterra houve muitos frutos. O logotipo do Aterra claro que tem imensos sentidos, mas à primeira vista parece um fruto, e estes frutos, no fundo, traduzem-se em ecologia

integral. Então, a proposta é assim muito simples. Naquilo em que os outros escreveram montarmos o nosso logotipo.

Só para explicar um bocadinho, começo eu com as notas que a Participante H foi tirando daquilo que eu disse. Em relação ao Território:

- a importância da responsabilização das pessoas com a sua própria área circundante;
- planejar bem e acompanhar as pessoas investimentos que são feitos no território;
- passar pelas Juntas de freguesia, mas também ir muito mais além, e que cada um vá desenvolvendo esta cultura de cuidado e responsabilidade;
- divulgar as características do local para fora, potenciando o que há no local (e isso faz com que as pessoas vistam as camisolas do seu local);

Em relação à Educação:

- educar para o respeito de ritmos diferentes; abrandar;
- promover a criatividade para uma lógica diferente da lógica economicista, ou seja, ir desenvolvendo formas de pensar as coisas de outra maneira como estão pensadas agora;
- promover também uma educação no sentido do acompanhamento das pessoas: que haja muito mais, dentro das escolas, experiência de tutoria, experiência de apadrinhamentos... responsabilizar-me realmente e cuidar de outras pessoas e valorizar os estilos de vida sustentáveis.;

Em relação à área Económico-Social:

- ajudar a acompanhar pessoas e famílias na gestão que fazem não só do seu rendimento mensal, mas também do tempo, das relações com a família, das relações com a vida, etc.
- reduzir o consumo, fortalecer as freguesias, cuidar das pessoas, reinventar os projetos;
- encontrar formas de partilhar em pequenas comunidades, ou seja, recursos que eu tenha em casa e já não preciso, dentro do meu bairro poder haver muito mais partilha, seja carrinhos de bebés, seja uma panela grande que já não preciso porque a minha casa agora tem menos pessoas, etc.;
- partilhar boas práticas ;

Por último na Cultura:

- promover o olhar para a diferença numa forma integrada e agradecida;
- dar espaço e tempo ao aparentemente inútil;

- ajudar as pessoas a auto encontrarem-se pela arte;
- promover uma cultura de profunda reconciliação através da expressão artística.

E tenho aqui o meu Aterra: a partir da ecologia integral e da minha realidade hoje e acho que neste momento da minha vida a ecologia integral está neste olhar para os nós, olhar para todas as ligações, as mais frágeis, as mais fortalecidas, e procurar também uma vida mais integrada. Agora passo a palavra...

PARTICIPANTE A:

Em relação à educação na ecologia integral deve ser transversal a todas as disciplinas. Esta geração de professores tem agora 50 anos, já não estão tão sensibilizadas para estas questões, portanto haver formação, mas mais do que formação se calhar também sensibilização; eles terem também experiências, como eu falei há bocado a experiência é bastante importante, para que eles depois também possam fazer uma boa formação dos alunos em relação a estas questões. E que se sintam apaixonadas por isso, porque só uma pessoa com paixão é que também consegue depois cativar e sensibilizar os outros para tal. E que a própria direção das escolas esteja sensibilizada para estas situações e que faça parcerias com a sua comunidade. Comunidade é uma palavra que apareceu ali muito na boca do participante G, que eu aproveito.

A nível económico-social não é tanto a questão de reutilizar ou reaproveitar, acho que é mais a questão de evitar o desperdício, usar da melhor forma os bens que nós temos à nossa disposição. Em vez de comprar telemóveis todos os anos, comprar um telemóvel, como eu faço, que dê para 8-9 anos, às vezes. De facto, é o viver com pouco que é o suficiente, e que faz com que o nosso impacto na nossa comunidade e em todo o mundo seja mais pequeno. Portanto a lógica é...

PARTICIPANTE D: é a simplicidade.

PARTICIPANTE A: simplicidade. O bem-estar e a felicidade encontram-se, a nível social, nas relações de uns com os outros, que nos ajuda também a crescer nesta nossa relação com a ecologia.

A nível do território, o território-espaco-relações... é importante aprofundar as relações que já existem. Pensando no Aterra, haver esta articulação entre os diferentes grupos. Os diferentes grupos sectores da sociedade encontrarem e diagnosticarem problemas comuns encontrarem soluções que possam ajudar em conjunto que haja um desenvolvimento sustentável, portanto a diversidade na unidade.

Depois, por fim a cultura. Pensei um bocado na cultura como utilitarista, mas de facto a cultura, a arte, a música, o cinema é tudo um meio de excelência para sensibilizar esta necessidade de cuidarmos uns dos outros, cuidarmos do ambiente, para que a sociedade seja cada vez mais justa, fraterna, sustentável, e para que as gerações seguintes que tenham acesso aquilo que nós temos

atualmente. Isto é a minha bandeira porquê? A ecologia integral começou a fazer parte da minha vida, a ser uma bandeiras que eu elevo. Depois tenho aqui o Sol, que é a luz. Este projeto aterra ecologia integral ilumina-me em cada dia. Isto é uma das minhas bandeiras, tal como a missão, está tudo relacionado. A nossa grande inspiração, grande confirmação do grande trabalho que o aterra e a casa velha têm vindo a fazer ao longo deste tempo e continuará a fazer, e de fato estas cores todas este arco-íris todo foi o que a ecologia integral e o aterra trazem à minha vida. Nós temos muitas missões, todos nós, e é tão bom ver aqui que uma das nossas missões é a ecologia integral. Acho que podemos ensinar umas coisas aos nossos políticos, porque de facto... é isso, tratemos bem uns dos outros para que as gerações seguintes tenham acesso àquilo que nós temos, e muito bem.

PARTICIPANTE D:

Território: fazer políticas que ouvem as pessoas e não apenas da representação da realidade, por melhor que essa representação seja. Depois, na educação, e que sentimos muito aqui na casa velha, que é criar lugares de maturação das virtudes e uma educação que promove a ligação à comunidade, sempre esta articulação com a comunidade.

Na cultura é muito importante também fomentar sempre este exercício de memória das nossas raízes, da comunidade, dos lugares; também promover um olhar positivo e regenerativo dessa realidade que nos envolve e promover a intervenção, no fundo que o olhar para o nosso trabalho, intervenção e participação na comunidade a partir de uma perspetiva não apenas de produção ou de sobrevivência e subsistência, mas de criação e de criatividade. Por isso também promover, ter esse olhar criativo a partir da cultura.

Depois, económico social...

PARTICIPANTE B: Queres que leia? “Maior relação e intervenção de cada sector da sociedade de forma a articular a intervenção de cada sector no sentido de bem comum.”

PARTICIPANTE D:

Exatamente, haver uma maior relação da atividade económica e social de maneira, por um lado, não apenas a ser polícia de bancos e de empresas interessadas no lucro mas também tenham este papel quase de maestro de ir articulando todos estes agentes no sentido do bem comum. Portanto esta visão económica e social que se foca no bem comum.

E também esta responsabilidade social das empresas que possa estar cada vez mais articulada com a realidade local, e ter mais projetos de base comunitária que alimentem a economia local e a participação dos locais.

PARTICIPANTE B: e a tua ecologia integral?

PARTICIPANTE F: O desenho.

PARTICIPANTE D: ah, o meu desenho! O que me lembrei foi muito este partir da terra, e com as mãos bem metidas nessa terra; portanto, a minha mão fica marcada na terra. Depois aqui aparecem várias folhas diferentes, portanto uma trama de folhas de diferentes tamanhos, de diferentes cores, umas mais maduras e mais envelhecidas, outras ainda muito pouco maduras. Por isso vejo a beleza e o sentido que tiramos desta forma de olhar a realidade a partir da sua diversidade, respeitando os ritmos, que se pode de facto sobrepor dimensões tão diferentes, mas que se tornam complementares, não ter medo de nos sujarmos e de arriscarmos, e esta ecologia que me fala tanto, e que me fala muito de mim, de beleza, de cruzamento, de mãos na terra e de às vezes muita confusão, mas de harmonia, ao mesmo tempo.

PARTICIPANTE B: Educação: promover uma educação para a vida comunitária, para o diálogo (no fundo é o mesmo que a maturação das virtudes) e promover a ligação entre universidade e empresas, e a aplicação à investigação.

Económico-social: converter o modelo económico atual para uma economia ambiental, que considera as externalidades positivas. No fundo, economia que discrimina positivamente...

PARTICIPANTE F: o que está aparentemente fora.

PARTICIPANTE D: sim, ou o que não é economicamente valorizável à partida, como a paisagem...

PARTICIPANTE B: e que também tem em conta as externalidades negativas, o impacto das empresas, de toda a atividade económica (por exemplo, a poluição, etc.). Depois, promover a aplicação da investigação do que já tem sido estudado dentro da economia ambiental, por exemplo o pagamento por serviço de ecossistemas.

Depois, no território, políticas que partam da realidade. Trabalhar em rede e ligar as pessoas, promover o diálogo. Promover o conhecimento e práticas locais e também utilização de espécies e culturas locais. Pensar e promover espaços que potenciem a convivência comunitária, isto também é pensar no espaço urbano.

E na cultura, promover um diálogo intercultural e espaços de contemplação e expressão do belo.

A ideia de cuidar das pessoas para que possam cuidar da criação... isto vem um bocado duma pergunta que no início fazia muita confusão, a ideia de ecologia integral, porque raio é que incluía as pessoas e as relações.

PARTICIPANTE H: Em relação ao território foi o mais difícil, mas acho que é muito importante conhecer de facto o território, não só o solo, mas também as pessoas com quem vivemos. Unirmo-nos e ter mais noção de comunidade e viver a comunidade. Solo, agricultura, minerais, pessoas,

instituições, conhecer e ter relação. Respeitar a natureza, o ritmo e a origem das coisas. Demos o exemplo dos abacates, que são modas que depois ficam um bocadinho em massa, não resultam.

Depois é preciso transparência e mais apoios para as pessoas se sentirem mais ouvidas e acompanhadas.

Económico social: reformular o conceito de sucesso, se passa só pelo dinheiro ou não, e porquê e como; sobretudo reduzir o consumo e repensar, reutilizar; recordar o que é o processo e não ter pressa de fazer as coisas. Isto é alarmante, quando mergulhamos na ecologia integral começamos a ver muitas coisas boas, e queremos ser muito radicais, mas não pode ser assim tão radical para não cairmos em... é isso, não é substituímos copos de plástico por outro material, se calhar é mesmo só reduzir, se calhar não é preciso mandar tudo fora de casa e comprar tudo novo, se já temos em casa faz mais sentido. Também respeitar o próprio processo.

A nível de educação, respeitar o tempo e sobretudo apostar e promover o equilíbrio entre o fazer e o ser. Acho que respeitar o tempo também passa para promover a espiritualidade muito para além da religião: a relação com o mundo. E a ecologia, para mim, começa por ser esse eco nosso no mundo, e da natureza em nós, e da relação; depois acho que é muito importante gerir a própria pessoa, os outros; saber-mos autogerir com o que somos e nos nossos tempos.

Depois também os outros e os recursos. Acho que isso é uma educação que... ninguém nos ensina a plantar, ninguém nos ensina a ouvirmo-nos, a parar, e são coisas quase tão importantes como matemática para mim. E depois valorizar e promover a vertente artística que, de facto, pode não ser super útil porque se calhar não vamos ser todos o Mozart, não vamos ser todos uns génios muito criativos, mas de facto é um rasgão profundo em todos e pode levar a mais coisas... ou não, mas integra-nos, de certeza.

Culturalmente é: a relação com o belo; a oportunidade da experiência sensorial; promover encontros entre arte, pessoas e comunidades; e criar oportunidades que promovam o gosto cultura, o sair de casa e conhecer. Estive agora pela europa e fez-me muito bem, foi muito bom perceber que fazemos parte duma coisa muito maior, que quase todos os países europeus têm museus gratuitos para toda a gente até aos 25 anos, que por norma os miúdos são super interessados, fazem imensas perguntas e leem, e têm imensas conversas com adultos e velhos, e estão interessadas... claro que é parcial, mas a mim inspirou-me imenso perceber que dá para integrar e é super atual não passar o dia com o telefone. Isso também acontece hoje em dia, há esse risco enorme e vemos muito disso à nossa volta pararmos para ver outras coisas também existem e são boas e são inspiração.

Depois, a minha roda... estava a pensar, e vi a participante D que estava na altura cheia de folhas verdes (eu estava a pintar uma coisa encarnada, só tinha isto), e estava a pensar... acho que faria

um bocadinho a mesma onda, mas que se já existe... pronto, posso ir por outro lado. E depois fui arrancar mais este e percebi logo que não fazia sentido estar a arrancar se nós estamos aqui a promover a contemplação e o cuidado pelas coisas. Então fui buscar a terra, que também é de onde parte a relação com a terra, que eu devo muito à casa velha que não tinha de todo, e acho que é muito importante cuidar desta aliança de Deus e do humano, e, portanto, a criação e de outro tipo de criação e das criaturas. Isto é o que a ecologia integral me dá agora. Sinto-me muito privilegiada e muito rica por tudo o que recebo sobretudo da natureza e, portanto, acho que o grito forte é cuidar e saber e sentir-me parte, por isso é que sinto tudo como dádiva e quero tanto cuidar. E também gosta que haja branco e coisas que vão muito para além dessa aliança ou muito para além da minha visão, um bocadinho aquela imagem que a participante F gosta muito e que eu também gosto, que é a natureza a impor-se ao humano, estamos no fundo só cuidar e a abrir mão, de mãos abertas, portanto estamos só a cuidar. Não inventar a roda, no fundo é pô-la a girar.

PARTICIPANTE G: Começámos pela educação. Relação da comunidade dentro da própria escola, pôr à frente do individualismo e da competição o sentido de pertença; caminhar junto e não separado.

É um pouco a ideia das escolas hoje em dia como espaço mais de... há objetivos a cumprir que são notas, que são projetos de vida, que são dos pais, que são dos alunos, dos professores e um pouco a ideia de que, com isso, quem não for capaz de estar ao nível do que é esperado é deixado para trás, os outros que estão permanentemente nesse... acabam por perder um pouco o contacto com a realidade, portanto... a ideia de ir junto como forma de criar pessoas mais equilibradas, mais saudáveis, que reconhecem o mundo à volta. É um pouco isso, acho eu, aqui numa ideia muito informal.

Depois falámos de económico-social. Eu creio que misturei aqui tudo, até porque estava ligado ao que tinha sido discutido antes. Sentido de pertença a uma comunidade; comunidade como espaço integrado das outras comunidades mais alargadas. Fui para o meu defeito de formação... é esta ideia de que... porque isto é cultura, e não económico-social, mas é económico-social, é cultura, é território, é tudo... que é a ideia de separação entre eu e o outro. As comunidades, hoje em dia, formam-se muito à volta de uma visão - pelo menos acho que é o sinal dos tempos -: “nós somos muito bons, os outros não são assim tão bons”. A ideia é um pouco de valorização do grupo contra e, no entanto, cada comunidade na qual vivemos -a nossa - está inserida numa que é maior, e que também é comunidade, e que há outra maior... estava a pensar, por exemplo, nós somos portugueses, e se calhar estamos inseridos numa comunidade maior se pensarmos nas pessoas que falam português, mas também estamos inseridos numa comunidade maior se pensarmos que somos europeus, portanto estamos inseridos na mesma comunidade dos espanhóis, mas também dos brasileiros. Isto é da língua, mas se for economicamente... os recursos são de todos, portanto

a terra é de todos e ... nós muitas vezes estamos a ir fora buscar os recursos que são dos outros estamos a usá-los para nós, mas os outros não podem vir buscar os nossos recursos. Então há aqui um pouco esta ideia da separação que eu creio que é pouco... a ecologia integral como diz a parte que tudo está ligado... então um pouco esta visão de integração também do sentimento, da forma como isto... eu queria para uma parte mais social. Mais atores a agir e ao mesmo tempo a convergir. Eu tentei explicar o assunto e falei de uma ideia de Teilhard de Chardin que depois um professor da minha faculdade, o Adriano Moreira, transformou numa teoria das relações internacionais, que é a ideia que há cada vez maior fragmentação dos atores, e dessa fragmentação depois há uma cada vez maior unidade ou convergência desses atores. Se há hoje cada vez mais atores a agir internacionalmente, depois estão muitos deles a unir-se de alguma forma e a criar organismos mais globais ou mais integrados. Aqui eu disse isto era no sentido da comunidade.

Os recursos são finitos, são de todos, não são meus e, portanto, distribuídos por outros.

Território: espaço de relações e de recursos económicos; espaço integrador que promove o bem-estar de cada um, que conhece o seu espaço, gere o seu espaço onde tem o seu rendimento.

Estava a pensar aqui um pouco... cada pessoa que vive no espaço ser ela que gere o espaço, portanto a própria comunidade a gerir o seu território: é ela que o conhece, é ela que vive nele e que tem não só os recursos, o conhecimento, a capacidade para geri-lo. Portanto isso interfere em tudo, é uma questão cultural, é uma questão económica, é uma questão de habitabilidade até de acesso às outras partes, aos outros territórios. Portanto, é onde tudo está um pouco ligado nesta questão, e portanto, a importância de ser a comunidade a gerir o seu próprio território.

A cultura é o que eu já tinha dito antes, portanto passando à frente...

Explicando aquilo nesta parte. Isto é giro. É giro no sentido de revelação, porque eu não sabia o que fazer, imaginava... e cheguei lá, e a primeira que pensei foi “vou esfregar isto no chão” e, portanto, esfreguei no chão. Não, a primeira coisa que eu pensei foi “vou molhar com a chuva”, portanto pus e molhou com a chuva. Depois “vou esfregar no chão, na terra”. Esfreguei no chão e na terra. E depois disto comecei... vi um bocado de uma árvore, mais assim uns bocados... “vou pôr isto também aqui, já agora...”. Depois comecei a pensar... tenho chuva, tenho água, tenho terra... então e uma folha? Depois pensei, então se calhar podia pôr um fruto e a primeira coisa que vi foi uma bolota de árvore (não sei se é um fruto, mas pronto). Depois pensei... “a gravilha ali do lado esquerdo à saída do portão”, uma pedra, pronto. Depois pensei que faltava uma flor, então... uma flor. E depois pensei, como não tinha a certeza que a bolota era um fruto faltava um fruto, na mesma, e fui ali à zona das árvores à procura e vi lá que havia muitas maçãs, que estavam cheias de formigas e depois vi esta laranja (que eu pensava que era um limão) no meio lá das folhas e encontrei. E pegando no que a Participante H disse no fim quando estava a explicar, por causa do arrancar... Eu preciso de uma flor, mas eu não vou arrancar a flor, portanto eu não ia

arrancar nada. A ideia de que tudo isto me foi dado, tudo isto não só foi o que foi surgindo, foi o que foi sendo revelado ao longo do percurso - deixar que as coisas se fossem processando - mas também nada disto foi arrancado ao que estava, tudo isto me foi dado, ou foi encontrado, estava disponível para mim. Eu não fui agredir nada, não fui fazer mal à natureza. E depois, a última parte foi “como é que eu prendia isto?”. Portanto, vou utilizar uma linha e tentei coser as coisas. Só que este coser acabou por gerar aqui uma ligação de vários processos, e então esta ideia de que tudo está ligado, tudo está interligado. E que estando tudo interligado, por exemplo, este pedaço de madeira... supostamente, ele não é suposto cair se eu levantar isto, porque ele está preso pelas linhas, portanto ele não está preso com a linha, mas está preso às linhas.

Estando tudo interligado há coisas que são sustentáveis sem verdadeiramente estarem envolvidas, sem verdadeiramente ter intervenção. É sustentado na mesma por tudo isso. É uma revelação, basicamente. Tudo isto me foi dado, eu não fui à procura de nada.

PARTICIPANTE F: reconhecemos isso, somos agradecidos, e eu estou muito agradecida também por esta oportunidade de pensar em conjunto. Uma coisa é andar a ler, outra coisa é ler na vida das outras pessoas, e por isso muito obrigado mais uma vez.

ANEXO 12 – ANEXO 12 – REGISTOS AUTOBIOGRÁFICOS

Registo 1

Lembro-me de ter sido desafiada a participar no projeto ATerra. Na altura, movia-me a ligação à Casa Velha, porque estava num tempo de reencontro comigo própria e desejava que isso se concretizasse numa dedicação profissional numa área em que acreditasse e me permitisse dar um contributo construtivo ao mundo, começando pela sociedade em que vivo. Por isso, o desafio da X, presidente da Associação Casa Velha e na altura membro da FEC – Fundação Fé e Cooperação, veio ao encontro dos meus desejos e ansias profundas. Sendo enfermeira, mas desde os 15 anos empenhada em voluntariados na área da educação e intervenção social, o projeto ATerra parecia ser uma boa plataforma para pôr em prática conhecimentos adquiridos de experiências formações, continuando a ser desafiada e a crescer com a colaboração neste projeto.

Lembro-me que demorei algum tempo a familiarizar-me com a linguagem e procedimentos técnicos, inclusive com o próprio título do projeto. Na altura, a minha sensibilidade para questões ambientais e de sustentabilidade era apenas uma noção longínqua de que era preciso ter cuidado, mas ainda não uma preocupação diária que me levasse a pôr em prática mudanças concretas de estilo de vida. Tenho memórias que me surgem tipo flash, de alguns momentos marcantes. Recordo bem, um fim de dia na lareira da Casa Velha a esboçar possibilidades para o logotipo do projeto e de como esse exercício, me ajudou a aprofundar melhor o que queria dizer aTerra. A primeira noção de terra-planeta que me tinha ocorrido ia sendo preenchida de outras matizes, tais como a terra-região local, de onde partimos e cujo território se pretende valorizar num mundo global; terra-mundo artilhado por diferentes culturas e onde uns sofrem com as opções insustentáveis de outros; terra-mãe que é natureza e fonte de alimentação e sustento, que não podemos ignorar, ou seria como declarar-nos órfãos e autossuficientes. Recordo ainda os vários desenhos que iam surgindo, como brincadeira de crianças na escola e de como a certa altura, foi a ideia de aterrar que começou a preencher a nossa conversa. Aterrar neste local específico e arriscar conhecer, diagnostica, procurar o que está oculto por injustiça do olhar que as políticas, pela forma como se foram estruturando provocam; aterrar e enterrar as mãos na terra, para voltar a aprender o valor daquilo que é manual, moroso, suscetível às intempéries e trabalhado em conjunto; aterrar com os pés, sem fugir para outras lógicas de produtividade, aceleração e individualismo; aterrar vindos de um mundo globalizado, onde nos atrai o instantâneo, as informações ligadas e aquilo que se consome facilmente. Depois de um esboço aprovado pela X, que acabou por ser enviado ao responsável pela imagem e comunicação do projeto e se manteve como logotipo, lembro-me de olhar para aquele círculo de onde saía como que uma planta com quatro folhas e de lhe dar diferentes interpretações (um fruto, o mundo, a ligação em rede com os

4 continentes, os 4 grandes eixos do projeto) e de hoje reconhecer isso na expressão que tem acompanhado os últimos tempos da casa velha: tudo está ligado. Este percurso de reflexão, terminou com uma explicação da X sobre o sentido do projeto. Na verdade, o que se pretendia durante 2 anos era aterrar as políticas globais no local de Ourém e em conjunto com os diferentes atores locais, encontrar estratégias locais orientadas para o desenvolvimento rural sustentável. No entanto, tenho a certeza de que estas reflexões e viagens através de um lápis embalado por uma conversa no fim de dia cheias de pontos de interrogação sobre sustentável, políticas, atores, entre outros, foi o que permitiu uma reflexão sobre os valores que acompanhariam todas as atividades do projeto. E isto foi feito de forma informal, no cenário de uma lareira na Casa Velha.

Registo 2

O meu papel no Aterra não foi logo fácil de definir ou compreender. Lembro-me que só passados algumas semanas, quando a X veio comigo Às Finanças para percebermos como ficaria a minha situação fiscal e como emitiria recibos verdes, compreendi o que é que eu era ali: dinamizadora de atividades educativas. Este era o contrato e o cordo, responsabilizar-me pelas atividades educativas, principalmente aquelas que se pretendiam realizar nas escolas. No entanto, a X foi-me fazendo ver mais uma vez como tudo está ligado, e que quando integramos um projeto, quando nos responsabilizamos não com um papel mas com uma comunidade, quando nos relacionamos com pessoas e nos ligamos a elas, então o nosso papel entra e diálogo com outros papéis no cenário de fundo, que era o desejo de aterrar, de aproximar as políticas da realidade e de levar as pessoas reais à participação política e ativa e comprometida. E isso às vezes sai fora do papel. Sai fora do papel das finanças, e sai fora do papel do contrato, porque o extravasa, porque mais uma vez, há componentes como a relação interpessoal, como os tempos de reflexão, como o processo criativo, que não são mensuráveis em papel, que não encaixam em m´tricas, nem são avaliáveis por gráfico. É outra lógica, é a lógica da ligação potenciadora de capacidades intrínsecas. A capacidade da terra de produzir precisa do trabalho de produtores. A capacidade de pensar estratégias locais, à medida do território e na medida das pessoas que fazem parte dele precisa de oportunidades de encontro e diálogo. A capacidade de questionar, de sensibilizar outros, de desenvolver uma participação cívica ativa e criativa precisa de caminhos novos de valores que se intrometam nas escolas e povoem os ambientes culturais. A capacidade de escolher o tipo de consumo que se tem, aquilo que entra dentro de minha casa, do meu armário, ou da minha boca precisa de informação e de um alargamento interno às questões gritantes de um planeta ameaçado pela sofreguidão humana em extrair para si todos os recursos e oportunidades.

Por isso, volto a recordar o meu papel, que sai do papel mas que se assume como papel. Fui durante 1 ano dinamizadora de atividades educativas, mas só ao fim de dois anos, quando já era

voluntária, percebi o meu papel neste e em qualquer projeto. O facto de ter sido desafiada a participar em muito mais atividades do que as que o papel me daria acesso, posicionou-me num lugar privilegiado para compreender o processo de construção e implementação de um projeto. Acompanhei a X, gestora do projeto, em diversas reuniões com outros parceiros, com presidentes de Juntas de Freguesia, com diretores de escolas, com Associações locais, rádio local e organizações empresariais e políticas. Porque tudo isto era Aterror: ir ter com as pessoas, falar de uns a outros, potenciando redes locais e valorizando o que está esquecido, trazendo à agenda do dia ou no ano os problemas concretos da vida rural. Se durante alguns meses me posicionei como uma espécie de assistente, hoje reconheço os passos interiores que ainda havia a dar, para valorizar também o papel da dinamização social.

Registo 3

Não era a primeira vez que construía recursos pedagógicos de raiz. Em muitas situações de voluntariado tinha tido já esta necessidade e gozo. Aqui a dificuldade agora era adequar à realidade, para mim ainda pouco conhecida, esboçando as linhas condutoras sem fechar todas as oportunidades de adequação e flexibilidade para cada momento educativo.

Era nossa intenção que cada momento educativo e revestisse de uma intencionalidade muito específica: sustentabilidade. Este era o valor por excelência que funcionava como capa de uma grande tenda de encontro. Mas tal como qualquer tenda, esta era uma capa frágil, dependente da vontade e decisão individuais, mas também condicionada pelas medidas adotadas a nível de governação. E isso tornou-se claro mais tarde, levando a outras necessidades de intervenção, colaboração e participação. Mas voltando aos recursos educativos e sua construção, sob a capa da sustentabilidade, lembro-me com muita alegria de vários almoços que fomos tendo, com pessoas diferentes e em torno de variados assuntos, na varanda da casa Velha. Este foi um lugar de encontro, que pela sua fragilidade positiva, de uma neutralidade fecunda, como a tem a terra, que apenas acolhe, se revelou lugar de aprofundamento, e enraizamento de uma nova noção de sustentabilidade. A X insistia muito em fazer-se uma check-list dos critérios e aspetos que cada recurso pedagógico deveria ter. Essa era a forma de criar ferramentas em vez de manuais, de apontar caminhos em vez de traçar um percurso pré-estabelecido. Sem dúvida, que hoje entendo que essa era a forma de garantir que cada professor, educador ou formador pudesse utilizar aquele recurso como um recurso e não como uma fórmula eficaz e comprovada. Tive bastante resistência a compreender e converter-me a essa lógica, que hoje em dia adotei totalmente na vida profissional e académica. O grande contributo que podemos dar é sem dúvida lançar os temas, orientar o debate, ajudar a crescer e perspetivas e abordagens, mas depois, sair também das nossas certezas e posicionarmo-nos no lugar de aprendizes, situarmo-nos como quem busca e fazê-lo em

conjunto com os outros. A pouco e pouco, ia deixando as minhas ideias fechadas e procurando abrir-me a outras. Mas também aí percebi que pode haver um grande engano, um autoengano. Se anulasse a minha voz e participação, também estaria a privar o grupo de uma perspectiva. Por isso, fui aprendendo, por tentativas sucessivas, a participar, a arriscar dar ideias, não como soluções, mas como contributos e hipóteses. De longas conversas a pensar atividades, normalmente surgiam ideias novas para todos, mas construídas com a partir do que cada um acrescentava. Levou tempo, levou a algumas frustrações, levou ainda a questionar o método e o processo. Será que faz assim tanta diferença a forma como se fazem as coisas? Será que alguém vai perceber se uma atividade foi planeada durante 2 horas por uma pessoas em diálogo consigo própria através de teclas de um computador, ou se foram precisas 5 horas de conversas, de silêncios, de entusiasmos espontâneos, de desânimo, de questionamentos e no fim, de uma proposta que será sempre tirada das nossas mãos e entregue a outros para que a possam voltar a transformar? Mais do que gostar de creditar que sim, parece-me a única maneira de ser coerente com os valores do projeto. A sustentabilidade pede outro ritmo, que sem descurar a qualidade e o rigor, inclua o tempo de criar e recriar, que não se meça em quantidade, mas em transformação positiva nos outros e nas relações que têm entre si e com a sociedade em que vivem. Foi nessas conversas diferentes que nos fomos apercebendo que falar de sustentabilidade implicava todas as dimensões da pessoa. E foi entrando no meu dicionário pessoal uma nova palavra “integral” que mais tarde se encontrou com a “ecologia”. Discutíamos muitas vezes que não bastava falar de separação de lixo ou reciclagem, mas que teríamos sempre de abordar estes conceitos numa perspectiva integral e integrada, para que as ações de reciclagem fossem consequentes com uma atitude de reciclagem e um estilo de vida de reciclagem. E com isto falávamos sobre a reutilização de oportunidades, a renovação de capacidades pessoais, a reconciliação de relações interpessoais, a revalorização do nosso local de origem. Fizemos o mesmo exercício com outros temas como o Desperdício Alimentar, ajudando a refletir nas possibilidades, que por ignorância ou individualismo, desperdiçamos, tomar consciência da existência de uma rede ou cadeia de produção que ultrapassa fronteiras e que por isso nos liga a outros sítios do mundo, e, uma vez ligando-nos, também nos responsabiliza. Pensar se somos pessoas de reciclagem vai mais além de cumprir regras dos “R” (reciclar, reutilizar, reduzir, renovar), mas de integrá-los como princípios que orientam as nossas ações, opções e forma de conceber a vida e o mundo. Passará então por reciclar capacidades, por nos renovarmos diariamente, por reduzir o consumo e o individualismo com gestos de humanização e solidariedade, de reutilizar recursos e experiências, fazendo memória viva de tudo o que vai sendo a nossa história, contrariando a cultura do descartável, do temporário e da inovação desenfreada tão presente nos projetos de intervenção comunitária. Lembro-me que tudo isto ia surgindo como reflexões tanto espontâneas quanto ponderadas e que o grande resultado, esse sim, mensurável, visível e com consequências práticas na vida de grupos de alunos e professores, foram os recursos pedagógicos, os encontros nas escolas, as atividades preparadas e implementadas na Casa Velha,

os encontros “à mesa com..” as atividades intergeracionais e interculturais. O projeto foi crescendo muito para além do que estava inicialmente confinado. Foi crescendo, porque foram as pessoas que o construíram e não se pode prever a capacidade de potenciar o que existe antes de provocar o encontro, de facilitar o diálogo, de mediar discussões, de gerir tensões e de reencontrar caminhos novos, porque desenhados por muitos.

Registo 4

Hoje recordo a primeira vez que fui sozinha para o agrupamento de escolas que pertencia ao projeto. Ui sozinha, de mochila às costas e algumas cartolinas em branco debaixo do braço. Levava material disponível para o que surgisse. Levava também a vontade disponível para encontrar professores e alunos. Lembro-me muito bem mesmo de estar a subir a rampa da Casa Velha e de ir para a paragem de autocarro. Nestas terras rurais, o autocarro passa menos vezes, por isso, não podia perder. Isso fez-me tomar ainda mais consciência de onde estava e assustar-me também... o entusiasmo que me invadia, como sempre me acontece em novos desafios relacionados com o que acredito, não anulava o medo do desconhecido e de alguma inexperiência minha em contexto profissional. No entanto, a preparação estava bem sólida e o sentido com que avançava para a paragem de autocarro também: pensar em conjunto sobre sustentabilidade, um tema em 2014 ainda muito novo para a maioria das pessoas, eu incluída.

Lembro-me muito bem da entrada e chegada à escola. Era agora a altura de ultrapassar barreiras, de me apresentar de falar sobre o projeto, de escutar, olhar à volta, aprender e apreender mais do que o lugar, as pessoas que ali passavam o dia. O professor que me encaminhou para as suas aulas deu-me total liberdade, confiando-me o seu tempo de aula disponível. Já nos tínhamos reunido anteriormente, mas não estava à espera de ter tanto espaço e atenção. E foi uma boa oportunidade. Começámos por uma pergunta que atravessasse todos os participantes, o professor e a mim própria. O que é mais importante na vida? E começaram a surgir sonhos, ideais, desejos profundos, desejos mais superficiais, inquietações e medos. Pesar de não termos conseguido dispor o primeiro grupo de alunos em roda, a conversa que se gerou, a dinâmica que já existia entre eles, permitiu que nos situássemos como num círculo, com igual oportunidade de participação, com acesso às mesmas perguntas, com a mesma responsabilidade.

Lembro-me bem de ter saído daquela primeira sessão, onde falámos sobre aquilo que os alunos e professor traziam para cima da mesa e nos fomos escutando e pensando em conjunto, com grande alegria. Na altura nem pensei sobre o possível impacto que teria tido nos alunos aquela conversa, onde partilharam tanto conhecimento e se puseram tantas questões. A única coisa que pensava era na alegria que sentia. Lembro-me, lá está, de sair da sala com o professor e de ele comentar algumas reações positivas de alunos que noutros contextos estariam menos participativos. Depois

do intervalo passado com o professor, foi tempo de entrar numa outra sala e, apesar de já ter passado pela experiência de uma atividade que se repete com um grupo diferente ser sempre nova, tenho de admitir que ia bastante confiante com a experiência anterior, utilizando os mesmos recursos e estratégias, sem dar o mesmo tempo que tinha dado anteriormente a ser recebida pelo grupo, ser integrada, dando tempo a apresentações e expectativas para aquela sessão. E o resultado foi obviamente de uma sessão muito mais dificultada, no sentido em que foi sendo necessário constantemente reajustar as minhas próprias expectativas e sair de uma posição de oferta de uma experiência, para uma posição de construção em conjunto. Lembro-me que a alegria que transparecia nos meus gestos e reações ao sair daquela segunda sessão foi diferente. Foi a alegria de recordar os princípios que eu própria estava a descurar, apressando-me em atingir resultados, o mesmo tipo de comportamentos de todos os grupos, relativizando o carácter único de cada situação. O resto do dia seguiu-se com muitas outras sessões e o dia ficou com a marca desta alegria, por ir compreendendo que o meu papel, antes de mais será sempre auscultar o grupo e a realidade e a partir daí desenvolver com cada grupo o seu próprio contributo para a realidade que é a sustentabilidade.

Registo 5

Uma outra memória que guardo da minha vivência enquanto dinamizadora do projeto aTerra foi a decisão de mudança de papel neste projeto. As viagens semanais de Lisboa-Ourém, a instabilidade interior que estava a viver na busca de uma carreira profissional,

ANEXO 13 – EXCERTO DE TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Antes de entrarmos na história do aterra, qual é a tua conceção de comunidade? como definirias comunidade?

acho que é para além de um grupo de pessoas que se reúne, é um grupo que tem alguma coisa em comum. Nunca pensei nisto, mas pensando por alto, acho que é isso, um grupo com um objetivo comum que se orientam nesse sentido apesar de serem pessoas diferentes, mas que aproveitam essa diversidade para construir um objetivo comum. sobretudo isso.

Aproveitando a conversa, que valores e princípios, para além do bem comum, é que na tua perspetiva deve ter uma comunidade e especificamente na comunidade do aterra?

Pegando no que dizia em relação à diversidade, diria que é o respeito pela diferença do outros, mas não só respeito mas ver nessa diferença uma contribuição positiva para esse objetivo comum do grupo. Também acho muito importante uma coisa que se diz muito na casa velha que é não tratar todos por igual, não achar que tudo tem de ser igual para todos. Estou sempre a pegar na diversidade mas acho que é muito por aí, respeitar os tempos de cada um, ouvir, o diálogo sobretudo. O diálogo diria que é dos valores mais importantes também. Abertura a que outras pessoas entrem e pertençam à comunidade, não ser uma comunidade fechada e simplicidade. Acho que simplicidade associada à ideia de saber ceder – um bocado como em todas as relações – o que leva a uma vida mais simples e descomplicada.

Como é que apareceu o aterra na tua vida e o teu papel no projeto?

O Aterra surgiu por ter conhecido a casa valha. conheci a casa velha em 2011 e entrei no grupo de voluntariado dos atravessados e em 2014 surgiu a oportunidade de ser voluntária também do aterra a partir da escola de verão. estive na organização da escola, preparação do programa, das atividades e foi das coisas que mais me marcou do aterra. marcou-me muito estar como parte da equipa de organização que puxou muito por mim nesse aspeto. depois fui participando. Como gostei muito e me entusiasmei este projeto fui participando noutras atividades. Algumas atividades com os produtores locais, formações em agricultura biológica, seminários e a organização de uma conferência sobre ordenamento do território em Ourém. Isto foi muito na lógica do aterra de ligar as políticas globais ao local. participei no almoço do mundo, por isso houve atividades onde fui mais como participante e outras que ajudei a organizar. não me lembro de todas...

como descreves o teu papel no projeto?

foi um bocadinho de tudo. por um lado acompanhar e depois como participante, acho que ajudar a pensar. uma coisa boa do aterra acho que foi todos sentirmos que podíamos ajudar a pensar o projeto e isso foi uma coisa eu me entusiasmei muito. depois acho que um papel mais pratico a ajudar a organizar a escola de verão e jornadas tive um papel mais ativo, também escrevia alguns artigos para o site do aterra e acho que é mai nessa logica de ajudar na reflexão.

que valores e que conceito de comunidade é que o projeto aterra também não só defendeu como promoveu?

O Aterra em termos de comunidade teve uma coisa muito bonita de ser uma comunidade aberta e muito heterogénea. Em todos os sentidos. Por exemplo, na escola de verão viu-se a riqueza de um grupo muito diversos de pessoas de vários sítios do país e até fora do país, de áreas muito diferentes, umas que já conheciam a casa velha, outras não. O Aterra teve essa vantagem de promover o diálogo entre pessoas muito diferentes e com perspetivas distintas. Fora da escola de verão também acho que conseguiu fazer isso, por exemplo nas atividades intergeracionais. Entre os locais aconteceu a noção de comunidade mais abrangente também com os políticos que participaram nos seminários e onde se conseguiu promover o diálogo e fazer perceber que fazemos todos parte desta comunidade mais alargada. Por isso o princípio que associa ao Aterra é o da abertura e do diálogo entre pessoas muito diferentes e ver isso como a única maneira de se conseguir chegar a um objetivo comum.

se tivesse que definir quem foram os participantes deste projeto?

Joventes, alunos de várias faculdades, desde agronomia, economia, das ciências sociais e humanas, agricultores de Ourém, pessoas do lar de Ourém, secretário de estado de agricultura que participou numa atividade, presidentes de JF, produtores locais, professores, escola de hotelaria ...

ANEXO 14 - Quadro de análise das propostas de transformação em diferentes áreas do desenvolvimento comunitário

	Participante A	Participante B	Participante D	Participante F	Participante G	Participante H
Educação	<p>transversal a todas as disciplinas; direção das escolas esteja sensibilizada para estas situações e que faça parcerias com a sua comunidade</p>	<p>educação para a vida comunitária, para o diálogo ; promover a ligação entre universidade e empresas, e a aplicação à investigação</p>	<p>criar lugares de maturação das virtudes e uma educação que promove a ligação à comunidade</p>	<p>respeito de ritmos diferentes; criatividade para uma lógica diferente da lógica economicista; acompanhamento das pessoas; valorizar os estilos de vida sustentáveis</p>	<p>pôr à frente do individualismo e da competição o sentido de pertença; caminhar junto e não separado</p>	<p>respeitar o tempo e sobretudo apostar e promover o equilíbrio entre o fazer e o ser; promover a espiritualidade muito para além da religião: a relação com o mundo</p>
Económico-Social	<p>evitar o desperdício relações de uns com os outros</p>	<p>converter o modelo económico atual para uma economia ambiental, que considera as externalidades positivas</p>	<p>Maior relação e intervenção de cada sector da sociedade de forma a articular a intervenção de cada sector no sentido de bem comum; mais projetos de base comunitária que alimentem a economia local e a participação dos locais</p>	<p>acompanhar pessoas e famílias na gestão; reduzir o consumo, fortalecer as freguesias; partilhar [recursos] em pequenas comunidades; partilhar boas práticas</p>	<p>mais atores a agir e ao mesmo tempo a convergir distribuição de recursos</p>	<p>reformular o conceito de sucesso reduzir o consumo</p>

Território	<p>diferentes grupos sectores da sociedade encontrarem e diagnosticarem problemas comuns</p>	<p>políticas que partam da realidade; trabalhar em rede e ligar as pessoas, promover o diálogo; promover o conhecimento e práticas locais; promover espaços que potenciem a convivência comunitária</p>	<p>políticas que ouvem as pessoas e não apenas da representação da realidade</p>	<p>responsabilização das pessoas com a sua própria área circundante; planear bem e acompanhar; potenciando o que há no local (e isso faz com que as pessoas vistam as camisolas do seu local)</p>	<p>própria comunidade a gerir o seu território</p>	<p>Respeitar a natureza, o ritmo e a origem das coisas</p> <p>transparência e mais apoios para as pessoas se sentirem mais ouvidas e acompanhadas</p>
Cultura	<p>necessidade de cuidarmos uns dos outros, cuidarmos do ambiente</p>	<p>promover um diálogo intercultural e espaços de contemplação e expressão do belo</p>	<p>fomentar sempre este exercício de memória das nossas raízes, da comunidade, dos lugares</p> <p>mover um olhar positivo e regenerativo dessa realidade que nos envolve e promover a intervenção</p>	<p>olhar para a diferença numa forma integrada e agradecida</p> <p>ajudar as pessoas a auto encontrarem-se pela arte</p> <p>promover uma cultura de profunda reconciliação através da expressão artística</p>	<p>relação com o belo</p> <p>a oportunidade da experiência sensorial</p> <p>promover encontros entre arte, pessoas e comunidades</p> <p>criar oportunidades que promovam o gosto cultura, o sair de casa e conhecer</p>	